

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

Cristine Kaufmann

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O PROJETO DE EXTENSÃO “ATUT:
RECICLANDO VIDAS COM INCLUSÃO SOCIAL”, EM PORTO ALEGRE.**

Porto Alegre, RS
2010

Cristine Kaufmann

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O PROJETO DE EXTENSÃO “ATUT:
RECICLANDO VIDAS COM INCLUSÃO SOCIAL”, EM PORTO ALEGRE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

Porto Alegre, RS
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O PROJETO DE EXTENSÃO “ATUT:
RECICLANDO VIDAS COM INCLUSÃO SOCIAL”, EM PORTO ALEGRE.**

elaborada por
Cristine Kaufmann

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre

COMISSÃO EXAMINADORA:

Valdir Jose Morigi, Prof. Dr. (UFRGS)
(Presidente/Orientador)

Rudimar Baldissera, Prof. Dr. (UFRGS)

Rosane Neves, Prof^ª. Dr^ª. (UFRGS)

Denise Cogo, Prof^ª. Dr^ª. (UNISINOS)

Porto Alegre, 06 de maio de 2010.

Esta pesquisa é dedicada “[...] ao homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável [...] A este oráculo que se confunde com o rumor da história, o que é que pedimos para nos fazer crer ou autorizar-nos a dizer quando lhe dedicamos a escrita que outrora se oferecia em homenagem aos deuses? Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. E todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público. Sociologização e antropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde *zooms* destacam detalhes metonímicos – partes tomadas pelo todo. Lentamente os representantes que ontem simbolizavam famílias, grupos e ordens, se apagam da cena onde reinavam quando era o tempo do nome. Vem então o número, o da democracia, da cidade grande, das administrações, da cibernética. Trata-se de uma multidão móvel e contínua, densamente aglomerada como pano inconsútil, uma multidão de heróis quantificados que perdem nomes e rostos tornando-se a linguagem móvel dos cálculos e racionalidades que não pertencem a ninguém. Rios cifrados da rua.” (CERTEAU, 1994, p. 57-58). Aqui, estes são heróis qualificados, em ação e expressão.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Valdir Jose Morigi, pela dedicação, paciência e competência em ensinar.

À Profª. Jane Mazzarino, precursora de toda esta caminhada, que entre disciplinas, projetos de pesquisa e mesas de bar me motivou a seguir no caminho da pesquisa, bem como sempre amenizou minhas aflições quando precisei.

Ao Leandro, pelo amor, compreensão, amizade e apoio incondicional. Se não fosse por isso eu não estaria finalizando esta etapa e me preparando às posteriores.

Aos meus pais que sempre me apoiaram nos momentos mais importantes da minha vida. Além disto, por serem exemplos de vida e de luta.

À Nina e Puca, minhas filhas de coração, companhias de todas as horas e exemplo de amor incondicional.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela possibilidade de realizar um ano de mestrado com toda dedicação necessária.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e ao professores pela acolhida e pelo crédito em meu trabalho.

Ao professores Rudimar Baldissera, Denise Cogo e Rosane Neves que gentilmente aceitaram participar da Banca de Defesa de Dissertação.

Ao pessoal da ATUT por terem proporcionado um verdadeiro encontro com a alteridade e a construção de laços afetivos que ultrapassaram a relação pesquisador-interlocutor.

À Martha, coordenadora do Projeto de Extensão, por ter aceito prontamente a realização da pesquisa e por ter acompanhado com dedicação e interesse todas as etapas do processo.

Às colegas do PPGCOM, Márcia, Natália, Stefanie, Adriana, Lourdes e Anna pelos momentos bons e ruins que compartilhamos juntas nesta caminhada.

Ao Alexandre Schultz Bier, eterno amigo, que dividiu comigo muitos momentos de aflição e diversão. Mesmo longe, não deixou de acompanhar esta caminhada. Contribuiu com seu olhar antropológico e seu senso de humor incomparável e irreparável.

E, ainda, a todos aqueles que acreditam que eu posso continuar percorrendo este caminho.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender quais as representações sociais dos associados da ATUT (Associação dos Trabalhadores da Unidade de Triagem do Hospital Psiquiátrico São Pedro) sobre as ações de comunicação desenvolvidas pelo Projeto de Extensão “ATUT: Reciclando Vidas com Inclusão Social”, vinculado à Agência Experimental de Relações Públicas (AGERP) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (FABICO). Para tanto foram priorizados os sentidos produzidos, ofertados e compartilhados sobre as ações de comunicação do Projeto de Extensão – pesquisadora, associados, coordenadora do Projeto de Extensão. Como referencial teórico, adotei as teorizações de Dominique Wolton sobre a comunicação que fervilha nas práticas cotidianas, nas relações face a face. A comunicação no contexto organizacional foi abordada a partir do resgate das teorizações de Rudimar Baldissera, Fábila Lima, Ivone L. Oliveira, Carine F. Paula, entre outros. A Teoria das Representações Sociais, proposta por Serge Moscovici em 1961, serviu de alicerce teórico-metodológico para o desenvolvimento da pesquisa. As escolhas metodológicas basearam-se no método qualitativo, evidenciado no viés etnográfico da pesquisa. As técnicas de coleta de dados foram a observação participante, a entrevista qualitativa e a pesquisa documental. A análise dos sentidos, inspirada em estudos das representações sociais, foi utilizada como caminho para encontrá-las, bem como identificar seu processo constitutivo. As atividades de comunicação e extensão foram discutidas a partir do resgate teórico dos conceitos de extensão, proposto por Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos e de comunicação comunitária, trabalhado por Denise Cogo, Raquel Paiva, entre outros. O processo constitutivo das representações sociais demonstrou que elas estavam ancoradas nas interações, nas trocas mútuas, alicerçadas no diálogo, na participação, na cooperação. Algumas divergências nos sentidos ressaltaram as condições sociais, econômicas e culturais em que vivem os associados da ATUT, fazendo com que uns estejam mais focados na geração de renda, na sobrevivência e menos nas atividades recreativas e/ou terapêuticas. As objetivações ganharam concretude através das falas, dos gestos, dos atos, ganharam vida no encontro afetivo com o outro. Os sentidos postos em circulação nesta pesquisa evidenciaram a importância das ações de comunicação comunitária em um grupo onde aparentemente elas poderiam ser dispensáveis. No processo de reorganização das ações, de se adaptar aos contextos, de buscar uma relação dialógica, todos saíram ganhando, pois compartilharam sentidos, abrindo caminho a novas formas de conhecimento e reconhecimento do Outro.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Representações Sociais; Extensão; Comunicação Comunitária

ABSTRACT

This research aims to understand what the social representations of members of ATUT (Workers Association of Psychiatric Hospital São Pedro) on communications activities developed by the Extension Project "ATUT: Recycling Lives with Social Inclusion", linked to Experimental Agency Public Relations (AGERP) School of Library and Communication UFRGS (UFRGS). Therefore, we prioritized the senses produced, provided and shared on the communications activities of the Extension Project - researcher, associates, coordinator of the Extension Project. The theoretical framework we adopted the theories of Dominique Wolton on the communication that thrives in the daily practices, relationships face to face. The communication within an organizational context has been addressed from the redemption of the theories of Rudimar Baldissera, Fábila Lima, Ivone L. Oliveira, Carine F. Paula, among others. The Social Representation Theory, proposed by social psychologist Serge Moscovici in 1961, served as the theoretical and methodological foundation for the development of research. The methodological choices were based on qualitative methodology, evidenced bias in ethnographic research. The techniques of data collection were participant observation, qualitative interviews and documentary research. The analysis of the senses, inspired by studies of social representations, was used as a way to find them and identify their process of incorporation. Communications activities and outreach were discussed from the theoretical survey of the concepts of extension, as proposed by Paulo Freire and Boaventura de Sousa Santos and community communication, worked for Denise Cogo, Raquel Paiva, among others. The process of incorporation of social representations has shown that they were anchored in interactions in trade with each other, grounded in dialogue, participation, cooperation. Some differences in the directions emphasized the social, economic and cultural living associates of ATUT, causing some to be more focused on income generation, survival and less on recreational activities and / or therapies. The concreteness objectivations gained through the words, gestures, acts, gained life in the affectionate encounter with the other. The meanings put into circulation in this study showed the importance of communication actions in a community group where apparently they could be expendable. In the process of reorganization of actions to adapt to the context of seeking a satisfactory relationship, all came out winning, because shared meanings, opening the way for new forms of knowledge and recognition of the Other.

KEYWORDS: Communication, Social Representations; Extension; Community Communication

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – MAPA DO GALPÃO DA ATUT.....	105
--	-----

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – Documento de Aprovação da Comissão de Pesquisa da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação FABICO/UFRGS.....	218
ANEXO 2 – Documento de Aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.....	219
ANEXO 3 – Documento de Aprovação do Comitê de Ética do Hospital Psiquiátrico São Pedro.....	220
ANEXO 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Grupo: Associados da ATUT.....	221
ANEXO 5 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Grupo: Participantes do Projeto de Extensão “ATUT: Reciclando Vidas com Inclusão Social” e Equipe Técnica da ATUT.....	223

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: LUGAR DE ONDE PARTIR; REFLEXOS DE UMA VIDA..	13
1.1 DANDO VIDA À TRAMA: JEITOS DE FAZER.....	16
1.2 TRILHANDO UM CAMINHO: AS ESCOLHAS.....	20
2 TRAMA TEÓRICA: ALGUNS DOS FIOS USADOS PARA TECER.....	27
2.1 A COMUNICAÇÃO COMO UM PROCESSO DE INTERAÇÃO: ALICERÇANDO AS PRÁTICAS COTIDIANAS.....	27
2.2 A COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO ORGANIZACIONAL: AS TESSITURAS DO PROCESSO INTERACIONAL.....	34
2.3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UMA TEORIA DOS SABERES SOCIAIS.....	39
2.4 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO ESTRUTURAS MEDIADORAS E COMUNICATIVAS.....	50
3 TRAMA METODOLÓGICA: DESENHANDO O ESPAÇO DE PESQUISA....	55
3.1 TRAÇOS DE UMA HISTÓRIA DE MUITAS ANDANÇAS: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE CAMPO.....	63
3.2 IDAS A CAMPO: AS TÉCNICAS DE COLETA POSTAS EM PRÁTICA.....	76
3.2.1 A Observação Participante.....	77
3.2.2 As Entrevistas Qualitativas.....	78
3.2.3 A Pesquisa Documental.....	82
4 ANÁLISE DOS SENTIDOS PRODUZIDOS NO COTIDIANO: EM BUSCA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	83
4.1 CONTEXTUALIZANDO O “MUNDO ATUT”: A URDIDURA DAS PRÁTICAS COTIDIANAS.....	87
4.1.1 A luta pela sobrevivência: a alternativa da triagem de resíduos sólidos.....	94
4.1.2 Vivendo do Lixo: os modos de trabalho no “Mundo ATUT”.....	100
4.1.3 “Sem os pacientes a ATUT não existiria”: os motivadores da criação da Associação.....	111

4.1.4 O outro lado da força de trabalho: o pessoal da Vila São Pedro.....	117
4.2 CONTEXTUALIZANDO O PROJETO DE EXTENSÃO: AÇÕES E ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO.....	122
5 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ASSOCIADOS SOBRE AS AÇÕES DE COMUNICAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO: ENCONTRO ENTRE SABERES.....	138
5.1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA EQUIPE TÉCNICA SOBRE AS AÇÕES DE COMUNICAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO.....	140
5.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS COORDENADORES SOBRE AS AÇÕES DE COMUNICAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO.....	156
5.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS DEMAIS ASSOCIADOS SOBRE AS AÇÕES DE COMUNICAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO.....	163
5.4 REENCONTRANDO AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: SUAS ANCORAGENS E OBJETIVAÇÕES.....	180
6 COMUNICAÇÃO E EXTENSÃO: REFLEXÕES SOBRE O VIVIDO E O EXPERIENCIADO.....	191
7 TECIDO FEITO E INACABADO: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	203
REFERÊNCIAS.....	210
ANEXOS.....	217

1 INTRODUÇÃO: LUGAR DE ONDE PARTIR; REFLEXOS DE UMA VIDA

Eu me interrogo sobre o que fabrico, pois o ‘sentido’ alí está, escondido no gesto, no ato de escrever (CERTEAU, 1994).

Meu pai é um alcoólatra em recuperação. Enfrentamos a doença a duras penas, que traz consigo transtornos emocionais ao doente e à família. Junto com todos estes anos de sofrimento e luta contra esta enfermidade, que já havia causado a morte de meu avô, vieram também as histórias de suicídio e casos graves de depressão e outros transtornos psíquicos que atormentavam gerações da família de meu pai. Ele mesmo me contou que uma vez sua tia se enforcou no paiol nos fundos da casa, acomodando o pescoço entre duas telhas quebradas. Meu avô, comentava meu pai, perdeu todo seu dinheiro com bebida e com mulheres. Minha mãe contou que um dia ele deu um tapa na cara do meu avô porque ele apareceu bêbado na frente dela, enquanto ainda eram namorados. Hoje faz 11 anos que ele não bebe; tornou-se um exemplo de superação. Mas, as lembranças sempre permanecem. Ainda lembro de suas crises emocionais que perduraram anos após ter parado de beber. Ele ficava dias depressivo, brigava com todos, ficava intolerante, xingava minha mãe. Chegava do trabalho e ia logo dormir, evitando contato.

As histórias sobre a dependência e a loucura marcaram meu imaginário. Os comentários de que estes sofrimentos eram hereditários também. Quando soube da existência da ATUT, estas questões ressurgiram instantaneamente. Motivo pelo qual fiquei tão inclinada a conhecer a Associação e desenvolver a pesquisa lá. Nádia Santos (2008), em um artigo em que analisou documentos e prontuários do Hospital Psiquiátrico São Pedro, entre as décadas de 1920 e 1950 constatou que existiam muitos diagnósticos de alcoolismo: “encontrado bêbado na rua” ou “foi encontrado bêbado instigando arruaças”. Então, em outros tempos, meu pai teria sido internado em um hospício como louco.

Em uma das conversas com o psicólogo da ATUT, contei um pouco de minha história. Ele me disse que mesmo conscientemente superadas, estas experiências trazem

marcas profundas para toda a vida. Foi aí que confirmei que esta era realmente uma das justificativas à escolha do espaço de pesquisa. Esta experiência vivida na prática despertou a curiosidade e a vontade de conhecer e vivenciar histórias semelhantes a minha.

E é por isso que acredito, também, que o interesse pela pesquisa qualitativa, construída no contato direto com o campo, com os outros, nasce das experiências vividas. Estas escolhas são como um reflexo da vida ordinária. Já ouvi dizer que estas escolhas sempre brotam de um lugar guardado na memória, nas lembranças. As problematizações feitas na pesquisa só são problematizações porque surgiram de questionamentos da vida prática, seja do pesquisador, seja do pesquisado, seja de ambos (MINAYO, 2007). Na minha opinião uma pesquisa fica muito mais interessante quando se pode contar histórias, desde as do campo até aquelas que levaram a ele. Escrevo, então, baseada em uma história de vida, fragmentos de um viver, que me trouxeram até aqui.

Mas, escrevo também, inspirada na prática dos homens e mulheres que ganham a vida em meio ao lixo descartado pela sociedade. Conheci e aprendi, parafraseando Certeau (1994), através das artes de fazer, das invenções do cotidiano. Fiz como eles que escolhem os sacos nas gaiolas, colocam em cima das mesas de trabalho, rasgam, espalham o material, separam cada tipo, colocam nas bombonas para serem despachados; alguns materiais são novidade, não se sabe bem o que fazer com eles, aí um grita para o colega: “isso é misto?”, e outro grito ecoa: “não, bota no branco!”. O que não presta vai para o lixo e, às vezes, é preciso ter coragem para matar os ratos e baratas que aparecem dentro dos sacos.

No final, está tudo pronto, enfardado, para ser entregue ao destinatário. E, os fardos são coloridos, numa mistura de inúmeros tipos de coisas, se entrelaçando como num *patchwork*, numa colcha de retalhos. Mas, a rotina ordinária continua, e nas mesas, o processo de triagem se desenrola, os ciclos de rasgar sacos e enfardar o material separado não cessam. Então, fabricar este texto foi uma tarefa de separar e unir materiais, recicláveis e descartáveis, numa tentativa de trair o mínimo possível as

práticas cotidianas, porque aqui se escreve não só para e pelos intelectuais, mas para e pelos homens e mulheres comuns, lutadores e lutadoras da vida cotidiana, driblando diariamente um sistema opressor e excludente. Estes são os protagonistas desta história. Porque lutar é resistir e, resistir é sobreviver. E, escrever, além de dizer, é comunicar o que se viu e o que se viveu.

Aprendi também – a pesquisa é um eterno aprendizado –, que a pesquisa qualitativa leva a sério o contexto, pois os pesquisadores qualitativos estão interessados em ter acesso às experiências, às interações, em seu contexto natural, de uma forma que as particularidades tenham espaço privilegiado no estudo (FLICK, 2009). Por isso, me dediquei ao máximo ao campo. Acredito que do ponto de vista de onde parto tudo o que descrevo aqui é indispensável à problemática proposta. A verdade é que pelo que foi vivido e experienciado, me pareceu que, se eu recortasse mais estaria traindo ainda mais a realidade, ou compartimentando-a, o que estaria em desacordo com toda caminhada em busca das representações sociais. Recortar, mais, seria como mutilar. Já basta a inevitável tradução que faço com o olhar, com o texto. Sendo assim, fui até onde podia ir como pesquisadora aprendiz, em função da quantidade de leituras e da capacidade de interpretá-las e utilizá-las na pesquisa, na capacidade de escolher o trajeto metodológico, de trabalhar com os dados colhidos, na forma de olhar para o campo, de fazer observações, questionamentos, anotações. Ter consciência das limitações é revestir-se da humildade de quem sabe que todo conhecimento é aproximado, é construído (MYNAIO, 2007). O importante é ter consciência do pouco que se sabe, pois o próprio saber começa com a consciência de saber pouco e, sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais (FREIRE, 1983).

Para compreender, cada pessoa percorre um caminho diferente. Os pesquisadores o percorrem a luz da ciência, dos seus métodos de pesquisa. Mas, ainda assim, a subjetividade fala alto, grita nos ouvidos. Ao decidir realizar a pesquisa em um contexto marcado pela especificidade e pela diferenciação, fiz escolhas que dessem conta de abarcar este lugar. Uma delas é o uso da primeira pessoa no ato de escrever. Esta pesquisa tem o apoio de muitos, principalmente, as orientações imprescindíveis do Prof. Dr. Valdir Jose Morigi. Porém, ao descrever, analisar, interpretar, compreender a

partir do vivido e do experienciado, das anotações de campo, das transcrições, posiciono meu jeito de olhar e interpretar e, portanto, me posiciono como responsável pelas observações, pelas escolhas, pelas falhas, pelos desvios. O que vivi não estendo aos outros, porque o que vivi, faz parte de mim.

1.1 DANDO VIDA À TRAMA: JEITOS DE FAZER

A vida, perguntamos pela vida. Os motivos são variados. O indivíduo se olha e olha os demais, se pergunta sobre suas ações, por suas inspirações, seus êxitos e fracassos. O pesquisador se observa e observa o mundo. Tudo se move; o tempo está estampado nos rostos, nas fachadas das casas, nas roupas dos filhos, na memória, no ouvido. E a pergunta volta a surgir com maior intensidade: O que é a vida? Qual o sentido da vida? Voltando aos amigos, vizinhos, a família, a pessoa amada, as próprias mãos, aparecem algumas respostas. E o pesquisador sente o ar fresco na rua, se move, segue seu caminho. Porém, há mais, entre todas as perguntas, há algo mais. Algo que une todas as perguntas e as coloca em uma ordem sutil e harmônica. Uma nova busca se inicia, as imagens se sucedem, o mundo passa em frente aos olhos e sentidos de quem pergunta: o pesquisador. Na busca dos sentidos, com o olhar no centro, a vida surge em seu movimento, agora observada com atenção (CÁCERES, 1990).

Esta tradução livre do texto de Jesús Galindo Cáceres demonstra o processo pelo qual passei como pesquisadora aprendiz. Enquanto pessoa, ser social, questiono o sentido da vida, como de uma forma ou de outra, todos fazem em algum momento no decurso da vida. Como pesquisadora aprendiz, observo esta vida e os outros que a vivem com mais atenção, com outros objetivos. Olho para estes movimentos pensando em problemáticas, objetivos, métodos, teorias, mas também com emoção, com paixão, pois a vida que se observa também é a vida que se vive. Segundo Cáceres (1990) o ofício do pesquisador é ordenar e problematizar o que vê nos percursos cotidianos. É uma forma diferente de olhar, mas que não rompe com as duas faces de uma pessoa que vive e que pesquisa e que vive enquanto pesquisa. Mas, quando se pesquisa uma vez, nunca mais se olha o mundo da mesma forma, parece que o olhar é sempre mais

questionador e interpretativo. O pesquisador realmente busca algo mais na vida ordinária.

Entre viver e pesquisar, observar com atenção a vida dos outros, viver esta vida com eles e questionar minha própria forma de viver é que permaneci 14 meses no campo. Este é o período em que estou na ATUT e, enquanto narro esta experiência e seus movimentos, lembro que ainda não me despedi formalmente deles. Passarei lá algumas vezes ainda, pois fiz amigos, uns que, inclusive, sofreram comigo os percalços da pesquisa. Isto torna mais difícil a despedida. O adeus é incômodo, pois esta é uma pesquisa apaixonada; apaixonada sob o verniz da objetividade (MOSCOVICI, 2005). Agora reflito, com uma montanha de informações em meu colo, que conheço pelo menos um pedacinho de cada uma daquelas pessoas¹. Isto porque não estive todo este tempo “no campo” apenas para fazer pesquisa, para ser pesquisadora. Muitas vezes estive lá como amiga, acompanhando, participando daquele mundo sem pretensão de analisá-lo; queria apenas participar, pois o constante imergir e submergir àquele mundo rendeu histórias que necessitei compartilhar. Aprendi sobre a vida e, principalmente, sobre o Outro no que chamo de “Mundo ATUT” – ATUT (Associação dos Trabalhadores da Unidade de Triagem do Hospital Psiquiátrico São Pedro).

Agora caminho da ficção apaixonada para uma metamorfose que dá vida à pesquisa. Busco transformar as experiências em um estudo capaz de deixar marcas relevantes para o Campo da Comunicação. Esta metamorfose não é uma ruptura, é um entrelace entre a paixão e a ciência; os traços da paixão permanecem no fazer científico. Com um contorno narrativo e etnográfico, quero contar aqui o que vivi e analisar essas vivências à luz do roteiro de pesquisa proposto adiante. Chega o momento de transformar essa história numa trama com base científica. Procuo manter a vivacidade que trouxe do campo, pois por serem os pesquisadores seres vivos e sociais, buscando

¹Decidi utilizar o conceito de pessoa que de acordo com Spink & Medrado (2004), busca enfatizar o foco no diálogo, em vez de privilegiar a individualidade ou condição de sujeito: “Essa postura não implica abandonar o *individuo* ou o *sujeito* [...] mas ressignificá-los [...], recuperando um tempo – *pessoa* – que, em última análise, pertence ao tempo longo da história.” Ainda de acordo com os autores, só é possível pensar em pessoas a partir da noção de relação. Portanto, “[...] essa definição nos remete, assim, ao próprio processo de produção de sentidos [...] no cotidiano. A pessoa, no jogo das relações sociais, está inserida num constante processo de negociação, desenvolvendo trocas simbólicas, num espaço de intersubjetividade ou, mais precisamente, de interpessoalidade.” (SPINK & MEDRADO, 2004, p. 55, grifos dos autores).

conhecimento nas pesquisas em ato, na interação com os outros, a ciência é, ela mesma, coisa viva (SANTAELLA, 2001).

Voltando ao princípio de tudo, a relação entre a Associação dos Trabalhadores da Unidade de Triagem do Hospital Psiquiátrico São Pedro (ATUT) e o do Projeto de Extensão “ATUT: reciclando vidas com inclusão social”, vinculado à Agência Experimental de Relações Públicas (AGERP) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (FABICO) foi conhecida em um bate papo numa das aulas do mestrado. Neste momento eu já tinha outro projeto de pesquisa em andamento. Porém, a peculiaridade do trabalho na Associação fez com que eu buscasse maiores informações. Ao conhecê-lo melhor, propus a troca ao meu orientador. Isto levou à desistência do antigo projeto e ao abraço de um novo desafio: desenvolver a pesquisa dentro da ATUT; refazer, recomeçar. O motivo: a paixão e a curiosidade imediatas pelo trabalho realizado na ATUT e o interesse em encontrar diferentes formas de pensar a comunicação nas práticas cotidianas.

Pressenti que as ações de comunicação² dentro de um espaço tão particular apresentariam traços igualmente peculiares, adaptados ao contexto de ação do grupo de extensão. Foi a partir disto que resolvi procurar a comunicação, suas tramas e entrelaces em um lugar diferente, peculiar, incomum e, pode-se dizer, muitas vezes esquecido. Procurei uma forma diferente e particular de pensar a comunicação no contexto organizacional. Além de um conceito, pensei na comunicação como um processo organizado e organizador pela/da vida cotidiana. E, primeiramente, questioneei: que relação é esta que acontece entre membros de um Projeto de Extensão e trabalhadores de um galpão de triagem de lixo? Esta pergunta me fez trilhar um longo caminho de idas e vindas, de surpresas, alegrias, decepções, escolhas, próprios do trabalho de campo. Os muitos rabiscos deram origem a esta versão do trabalho, considerada uma dentre muitas escolhas.

² Ao falar de ações de comunicação pratica-se certa redundância, já que a comunicação em si pressupõe ação. Faço isso para identificar as atividades realizadas pelo Projeto de Extensão dentro da ATUT, diferenciando-as do processo comunicacional que se desenrola nas interações entre as pessoas.

Muitas tessituras sobre o processo comunicacional são feitas ao longo deste trabalho. Procurou-se aqui, compreender a partir de um recorte específico, quais os sentidos e qual a importância destas ações de comunicação para a ATUT. Para tanto, a trama é tecida a partir de observações e conversas em meio aos fardos e pilhas de lixo que dão uma coloração única e múltipla à Associação. Entre papéis rasgados, plásticos amassados, materiais minuciosamente separados em mesas de trabalho, surgem as pautas, as conversas, as relações entre mim e os associados. Assim, a pesquisa foi ganhando rumo, tom, brilho e algumas considerações sobre o processo que se buscou compreender.

Nesta relação entre ATUT e Projeto de Extensão não deixei de citar as principais características do contexto organizacional, pois ele marca a forma como as ações são desenvolvidas e as relações sociais são firmadas. Este grupo desenrola-se de forma complexa e tensa, tecido a partir de múltiplas interações sociais. O processo comunicacional é à base da constituição do grupo, dá cor a ela, está presente nas tensões, nos conflitos, nas decisões, no planejamento, possibilitando a construção de um processo dialógico e cooperativo. E, as ações de comunicação acrescentaram outras cores a este processo, trazendo outras perspectivas, outras tonalidades para dentro da Associação.

Este contexto organizacional envolve questões socioambientais relacionadas ao lixo, aos problemas sociais, culturais, econômicos enfrentados pelos trabalhadores, como a pobreza, o sofrimento psíquico, o analfabetismo, a falta de acesso a serviços básicos de saúde e educação, etc. Estas questões permeiam constantemente esta pesquisa por alicerçarem a cultura daquele grupo e, conseqüentemente, as ações de comunicação do Projeto de Extensão. Estes traços estão intrinsecamente envolvidos nas ancoragens e objetivações das representações sociais dos associados sobre o Projeto de Extensão, além de definirem as formas como as ações de comunicação são pensadas e desenvolvidas dentro do grupo.

O que se tentou mostrar a partir das escolhas teórico-metodológicas (demonstradas a seguir) é que a comunicação apresentou-se de forma nova e travessa

neste período em que permaneci dentro da ATUT. Antes de buscar comprovações, esta pesquisa possibilitou visibilizar e discutir os contornos da comunicação dentro de uma associação de triagem de lixo, um contexto organizacional e cultural específico. O desenho é detalhado no decorrer do trabalho e justificado da forma que entendi ser mais conveniente, seguindo a lógica da realidade pesquisada. O trabalho foi árduo, os obstáculos duros, porém recompensadores, pois como pesquisadora da área da Comunicação me deparei com novos retratos e novas molduras deste campo.

1.2 TRILHANDO UM CAMINHO: AS ESCOLHAS

Esta comunicação da qual se fala aqui, vista como um processo interacional, pode ser pensada de formas distintas – popular, comunitária, cidadã, etc. Mas, antes de tudo uma comunicação pensada para colaborar com o desenvolvimento do trabalho de uma associação de triagem de resíduos sólidos, composta por um grupo particular de trabalhadores. Ao entrar na ATUT foi possível compreender o quão singulares são suas formas, pelo paradoxo impresso nos modos de trabalhar e conviver. Misturam-se trabalho e lazer, “loucura” e sanidade, brigas e reconciliações, chegadas e partidas, todas marcadas pelo esforço e vontade de sobreviver através do trabalho, seja financeiramente, seja socialmente. Inseridos nestes diferentes jeitos de fazer e de viver estão as pessoas que trabalham no desenvolvimento das ações de comunicação do Projeto de Extensão. Estas pessoas acabaram fazendo parte do contexto da Associação, conhecendo minuciosamente o “Mundo ATUT” para que dele pudessem compartilhar e com seus membros trabalhar num processo de interação e troca.

É neste contexto, desenhado de forma simplificada aqui, e que será detalhado posteriormente, que se centra nosso objeto de estudo. Ele foi forjado no bojo das interações entre o grupo de extensão e os trabalhadores da ATUT. A pesquisa possui um viés antropológico marcante, onde busquei compreender entendimentos diferentes dos meus, saberes locais, pensamentos corriqueiros, triviais (GEERTZ, 2007). Porém, o desenho foi feito para que as interações fossem problematizadas como objeto da comunicação.

Sendo assim, a problemática está envolta no interesse de compreender quais as representações sociais dos associados³ da ATUT sobre as ações de comunicação desenvolvidas pelo Projeto de Extensão “ATUT: reciclando vidas com inclusão social”, e, em que perspectivas estas representações estão ancoradas e objetivadas. Quero com isso, dar espaço aos saberes comuns da vida cotidiana, ao conhecimento produzido em espaços comunitários, espaços de luta de grupos tradicionalmente marginalizados e estigmatizados – os doentes mentais, os moradores de vilas, os separadores de lixo.

O recorte não dá conta do processo comunicacional como um todo (ou de modo geral), que acontece em cada troca, em cada momento dos traçados cotidianos daquele grupo de trabalho. Estes contornos priorizam a comunicação que acontece nas interações entre os associados da ATUT e um grupo “de fora”, o que envolve novos contatos, curiosidades, relações entre diferentes saberes, um processo de reconhecimento e tomada de perspectiva que produz sentidos próprios. Estas inter-relações são compreendidas como uma marcha de pessoas se comunicando com outras pessoas onde circulam e se entrecruzam diversas formas de comportamento que nada mais são que atos de comunicar.

Para compreender estas representações sociais, a base teórico-metodológica é a Teoria das Representações Sociais, oriunda da psicologia social. Esta teoria está ligada aos processos comunicacionais das pessoas; as representações sociais destas sobre o Outro e sobre o mundo são vistas como processos de comunicação (MOSCOVICI, 2007; JOVCHELOVITCH, 2008). As representações sociais são um processo simbólico e social que expressa mundos subjetivos, intersubjetivos e objetivos. Elas constituem a arquitetura dos sistemas de saber. Para compreender que saberes estão sendo produzidos é preciso entender a gênese das representações e as inter-relações Eu-Outro-Objeto que se realizam na vida cotidiana (JOVCHELOVITCH, 2008). As representações ganham vida no ato comunicativo, nos processos de interação – comunicação, por isso mesmo são um processo mediador entre diferentes saberes. De acordo com Jovchelovitch (2008), a compreensão do mundo é objetivada através das representações que medeiam as relações entre o Eu e o Outro. Esta trama está apoiada, principalmente, no estudo

³ Entre estes trabalhadores estão incluídos os membros da equipe técnica formada por um psicólogo, uma terapeuta ocupacional e uma contadora.

referencial de Serge Moscovici, criador do conceito Representações Sociais, na obra de Denise Jodelet, “Loucura e Representações Sociais” (2005) e, ainda, nas teorizações de Sandra Jovchelovitch, uma estudiosa contemporânea que segue a linha dos primeiros.

Se num primeiro momento as representações sociais parecem ser fáceis de estudar, pois de um modo geral elas circulam todos os nossos fazeres e práticas cotidianas, a Teoria das Representações Sociais mostra o contrário. É uma teoria densa, que busca o complexo da vida cotidiana, trabalhando em muitas vertentes. Muitos dos estudos que li trabalham com uma forma mais abrangente das representações sociais, conceitos incutidos na sociedade de um ponto de vista macro, criadas ao longo dos anos, transformadas ou cristalizadas, como as representações da loucura, expostas no estudo de Denise Jodelet (2005).⁴ Em seu estudo clássico de 1961, Serge Moscovici preocupou-se em compreender como as representações sociais da psicanálise, enquanto teoria, se relacionavam com o âmbito do senso comum, com as condutas e comunicações que ali se desenvolviam, ou seja, como o universo consensual interpretava teorias e conhecimentos oriundos do universo reificado – campo científico (MOSCOVICI, 2007). A partir destes estudos clássicos, o uso desta teoria foi adaptado a um contexto mais específico, com sentidos e representações sobre a comunicação que, desta forma, só acontecem lá. Acredito que a própria teoria, bem como sua aplicação no campo, sofre modificações conforme as imposições do contexto pesquisado, bem como a forma como os pesquisadores interpretam essas teorias.

Para pensar as representações sociais das ações de comunicação no contexto organizacional, são utilizadas algumas teorias da área da comunicação organizacional. Não aprofundei estas teorias, nem as suas ligações com o campo da administração, por exemplo. Apenas resgatei as teorizações de pesquisadores contemporâneos como Rudimar Baldissera, Ivone Lourdes de Oliveira, Carine Paula, Fábria Lima, etc., pois

⁴ Denise Jodelet centrou seu trabalho na questão da inserção social da loucura. Sua pesquisa, realizada na década de 70, analisou as representações sociais sobre a loucura em uma colônia familiar chamada Ainay-le-Château, localizada em uma pequena cidade da França, onde uma instituição psiquiátrica aberta alocava pacientes sob os cuidados das famílias locais. Neste contexto, a autora buscou compreender de que forma a comunidade recebia os pacientes e como funcionavam as representações sociais sobre a loucura. O que interessava no trabalho era a relação com a alteridade, a relação de grupo com grupo, de corpo com corpo (JODELET, 2005).

estes autores discutem a comunicação no contexto das organizações como um processo de interação. As representações sociais permitem mapear os significados produzidos pelos receptores/produtores das ações, dentro de um contexto específico onde se dá o processo comunicacional, tramado a partir de diferentes saberes. Estes saberes específicos só são entendidos a partir deste contexto específico, com suas próprias idiossincrasias. De acordo com Jovchelovitch (2008) estudar saberes significa estudar o conjunto de práticas, relações e contextos concretos em que o saber ocorre, e ser sensível àquilo que o conhecimento expressa e às inter-relações de uma forma de saber com outras.

Para pensar a comunicação em uma dimensão que vai além da técnica, enfatizando as interações face a face, tramadas nas práticas cotidianas, utilizei as teorias de Dominique Wolton como referência, pois para ele as técnicas não eliminaram as dificuldades da comunicação humana. Este autor foi motivo de inspiração, principalmente, depois de tê-lo ouvido falar no INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, de 2009, que aconteceu em Curitiba. Em sua palestra Wolton falou que viver é comunicar-se, que comunicar é conviver, que não somos computadores. Falou, também, da importância do respeito à diversidade cultural, que o desafio da comunicação é humano, e, finalizou dizendo que para salvar a comunicação é necessário escutar e respeitar o outro, exercitar a tolerância: “para mim, a comunicação é sublime, como o amor em si.” (WOLTON, 2009). Um teórico que dedicou boa parte de sua vida à teoria da comunicação atravessou o Oceano Atlântico para falar de amor, quando só se ouve falar em técnicas; foi como renovar minhas energias e esperanças.

O método qualitativo alicerça minhas escolhas. Portanto, foi desenhada uma trama metodológica necessária ao estudo das representações sociais. Ela engloba um retorno ao campo de estudo das representações sociais, a opção pelo traçado etnográfico que inclui algumas experiências de campo como as primeiras vezes que fui à ATUT e as burocracias envolvendo os Comitês de Ética e, ainda, as técnicas de coleta observação participante, entrevistas qualitativas e uso de fontes documentais postas em

prática, ou seja, como foram aplicadas no campo. Estes pontos são expostos no terceiro capítulo da dissertação.

O quarto capítulo trata de desembaraçar os sentidos produzidos, ofertados e compartilhados, como o intuito de chegar às representações sociais, suas ancoragens e objetivações. Esta análise dos sentidos é proposta por Mary Jane Spink, autora da área da psicologia social que trabalha com representações sociais, principalmente, com metodologias de pesquisa nesta área. Ela é complementada com alguns traços dos estudos de Eliséo Verón sobre produções de sentido. Compreendo, também, que este momento metodológico é um momento de interpretação – que na verdade existe durante todo o percurso de pesquisa – que se inicia no processo de contextualização do objeto e do campo estudado.

O objetivo geral desta dissertação é, portanto, compreender quais são as representações sociais dos associados da ATUT sobre as ações de comunicação do Projeto de Extensão “ATUT: Reciclando Vidas com Inclusão Social”. A fim de complementar esta compreensão, como primeiro objetivo específico busca-se analisar o contexto em que ocorrem as interações entre ATUT e membros do Projeto de Extensão, através da contextualização de ambos universos que se encontram no processo de interação.

O processo de contextualização é desenvolvido no quarto capítulo, alicerçando os sentidos postos em circulação. Nesta contextualização destaco a importância da atividade de triagem de resíduos para os associados da ATUT, além de revelar as características destes – moradores da vila São Pedro e portadores de sofrimento psíquico. Em relação ao Projeto de Extensão, além de contextualizar suas atividades, busco refletir sobre as estratégias de comunicação e extensão, a partir das falas da coordenadora Martha e do resgate de reflexões teóricas sobre comunicação comunitária e atividades de extensão que são entrelaçados às minhas observações e vivências no campo. O foco no Projeto de Extensão constitui o segundo objetivo específico, que busca refletir, a partir do encontro entre teoria e prática, quais as propostas e

características das ações de comunicação desenvolvidas pelo Projeto de Extensão dentro da ATUT.

Não busco analisar as estratégias técnicas, nem a constituição dos materiais midiáticos, mas sim aquelas utilizadas para lidar e interagir com o grupo da Associação. Para compreender os sentidos dos associados é preciso expor o processo de produção das atividades de comunicação. Ou seja, estudar as representações sociais compreende conhecer todos estes fios envolvidos no contexto estudado, já que os processos de produção e recepção estão em constante relação. A contextualização sobre o Projeto de Extensão é feita no quarto capítulo, porém as reflexões sobre Comunicação e Extensão são feitas no sexto e último capítulo, pois envolvem, também, um resgate dos sentidos postos em circulação durante todo o processo.

Considerando o processo constitutivo das representações sociais, o terceiro objetivo específico busca identificar em quais perspectivas estas representações sociais estão ancoradas e objetivadas. Este processo será apresentado no quinto capítulo da dissertação os discorro sobre as representações sociais dos associados sobre o Projeto de Extensão. Em seguida, faço uma costura nos diversos sentidos postos em circulação para reencontrar as representações sociais, bem como seu processo constitutivo.

O intuito ao “traduzir” o processo de construção social da realidade (BERGER & LUCKMANN, 1976) é evidenciar a forma como os saberes são construídos, entrelaçados, trocados na relação entre a ATUT e o grupo de extensão, pois estas interações são mediadas pelas representações sociais dos associados sobre o Projeto de Extensão. De acordo com Jovchelovitch (2008), as representações são sempre produzidas na ação comunicativa, que define as modalidades de representação e as formas e funções de um sistema de conhecimento. Sendo assim, representar, é também, estar em comunicação, pois quando as pessoas representam algo, elas objetivam as relações com os outros e com os objetos, produzindo sentidos, objetivando seus pensamentos através da fala, dos gestos, da ação.

Acredita-se que diferentes representações trazem a tona diferentes formas de saber, diferentes formas de conhecimento sobre o Projeto de Extensão e as características das interações firmadas com este. Estes conhecimentos são plurais e heterogêneos, compreendendo múltiplas formas de pensar diretamente ligadas ao contexto social em que os trabalhadores estão inseridos. De acordo com Jovchelovitch (2008), a diversidade do conhecimento expressa a diversidade dos mundos representados em suas diferentes formas. Esta coexistência de saberes responde a diferentes funções na vida social. Portanto, estes diferentes saberes se interligam na busca de um interesse comum: o funcionamento da Associação de Trabalhadores. Estes fios são utilizados para tecer uma pesquisa que pensa a comunicação como processo, como interação, mediado pelas representações sociais dos trabalhadores da ATUT.

2 TRAMA TEÓRICA: ALGUNS DOS FIOS USADOS PARA TECER

Estas tessituras são à base da construção do objeto de pesquisa, reforçam a problematização e contribuem à definição dos objetivos. Foi um caminho trilhado desde cedo, num processo de muitas idas e vindas. Esta trama teórica feita de muitos fios despertou as curiosidades de pesquisa, a vontade de compreender empiricamente determinados processos descritos nos ensinamentos teóricos. Esta construção iniciou-se no processo de elaboração do Estado da Arte, na pesquisa dos autores, de suas perspectivas, na busca de referenciais, de lugares de onde partir. Sendo fundamental à elaboração da pesquisa, este quadro teórico traça as linhas de estudo escolhidas, representando parte dos fios que tramam o tecido.

2.1 A COMUNICAÇÃO COMO UM PROCESSO DE INTERAÇÃO: ALICERÇANDO AS PRÁTICAS COTIDIANAS

Conseguir comunicar é a grande questão da nossa vida (WOLTON, 2006).

Apesar de ser um fenômeno recente, discutido acerca de meio século, a comunicação é polissêmica, sendo pensada e problematizada desde como transmissão, informação, notícia, até ligação, convivência, relação. Tornou-se um dos mais brilhantes e presentes símbolos do século XX na vida cotidiana (WOLTON, 2004). Ou seja, ela está presente em todas as esferas sociais, nas mais variadas discussões, seja no universo reificado ou consensual. Para Wolton (2004) o fenômeno da comunicação está colado na pele da sociedade contemporânea. Porém, quando se fala em comunicação, logo emergem pensamentos sobre os meios de comunicação, sobre as mídias, uma comunicação mediatizada, principalmente, devido aos avanços tecnológicos ofertados às sociedades.

Apesar das lentes normalmente voltarem-se aos estudos dos meios de comunicação, existem outros lugares onde a comunicação efervesce, se movimenta,

ganha vida: a vida cotidiana, nas interações entre as pessoas, nas organizações de diferentes tipos e formas. Esta comunicação que substancializa as interações entre os indivíduos é vista como um processo, onde se realizam as ações, onde se executam as práticas cotidianas através das marchas, das buscas, do convívio com os outros. Mesmo que haja determinadas técnicas, ações planejadas no contexto das organizações ou comunidades, esta comunicação não está apenas ligada aos *media*, e sim aos contextos específicos em que acontece. É através da comunicação que ocorre o diálogo com o outro, a comunicação face a face, a troca direta de experiências, onde as mediações não são os aparelhos técnico-eletrônicos e sim as significações produzidas pelas pessoas que participam deste processo. De acordo com Wolton (2006, p. 11), “[...] não há comunicação sem respeito ao outro [...]”, sem aceitação da importante presença do outro. Aí fica evidente a complexidade – e a dificuldade – desta forma de comunicação: as interações com o Outro, diretas, físicas, presenciais, pois “[...] nada há mais difícil do que reconhecer o outro como seu igual, sobretudo se não nos compreendemos.”

Para Wolton (2004, p. 82), “[...] quanto mais se aperfeiçoa a comunicação *mediatizada* [...] mais a comunicação direta, física, com o outro parece difícil.” A mediação facilita o diálogo entre diferentes partes do globo, o que acaba fazendo com que se engavete a dificuldade da comunicação cara a cara. As técnicas não resolveram os problemas da comunicação humana, pois nenhuma técnica alcançará o seu nível de complexidade, já que a comunicação é menos uma questão de racionalidade e mais uma questão de imaginário, de representação, de símbolos, e, definida, pela interação (WOLTON, 2004).

Wolton (2006) luta para que se olhe para o receptor como agente ativo do processo comunicacional, como alguém que recebe as mensagens, as aceita, recusa, negocia e constrói a relação; participa ativamente da construção da relação. O autor salienta que com o século XXI o problema principal se torna a questão do outro. Como coabitar com esse outro, igual a mim, em minha vida privada, pública, na sociedade, no mundo? Comunicar é descobrir o incomunicável, a alteridade radical e a obrigação de organizar a coabitação; é reconhecer que os seres são livres e iguais, e que a relação autêntica fundamenta suas trocas: comunicação, incomunicação, coabitação.

Revalorizar o conceito de comunicação é, portanto, a primeira etapa da revolução da coabitação e do diálogo. E, coabitar é reconhecer o outro (WOLTON, 2006).

É devido a estas reflexões que Wolton (2004) reforça que o progresso técnico somente não basta para fazer a comunicação, pois a autonomia e o senso crítico dos envolvidos nos processos comunicacionais no mundo obrigam a levar em conta a sua dimensão social e cultural. Ou seja, “[...] pensava-se que a comunicação, investida pela técnica e pela economia, simplificaria as escolhas; descobrem-se as desigualdades, a complexidade dos modelos cognitivos, a força das identidades culturais e uma reflexão crítica cada vez mais forte.” (WOLTON, 2004, p. 16). Desta forma fica claro que pensar a comunicação é pensar em suas várias dimensões; além da técnica, pensar as interações face a face que definem o viver das pessoas, as diferentes formas de se relacionar, de pensar o mundo e os outros indivíduos. O autor discute de maneira indelével a importância de se pensar e problematizar as formas de comunicação que vão além da técnica e dos meios de comunicação.

Se o mundo se tornou uma aldeia global de um ponto de vista técnico, não é o mesmo de um ponto de vista de compreensão e tolerância. É até o contrário. *O fim das distâncias físicas revela a extensão das distâncias culturais.* Percebe-se que, no fim das redes, não somente as sociedades, as culturas e as civilizações não são parecidas, mas pior, que a abundância de mensagens trocadas, em vez de aproximar os pontos de vista, ao revelar a extensão das diferenças, pode tornar-se um fato suplementar de conflito [...] *Na verdade, o desafio da comunicação não é a gestão das semelhanças, mas a gestão das diferenças.* A comunicação é organizar a coabitação entre pontos de vista culturais, sociais e filosóficos diversos. Isso requer um esforço bem diferente daquele que se faz para equipar os povos com técnicas de comunicação. [...] quanto mais rápidas as mensagens e eficazes as ferramentas, mais é preciso tempo, ao contrário, para entender-se, tolera-se apesar das diferenças, e conseguir coabitar (WOLTON, 2004, p. 17, grifos do autor).

A comunicação aqui evidenciada é a que ganha vida nas práticas cotidianas, no deslocar das pessoas, no agir, no falar, nas ações e lutas diárias. Essa comunicação não ignora a importância evolutiva da técnica, nem a força e o poder dos meios de comunicação para diminuir virtualmente as distâncias, alargando os horizontes das pessoas. Essa comunicação vai além quando se preocupa com o que acaba ficando “de lado”, quando todos os interesses estão voltados aos acontecimentos ligados aos

avanços tecnológicos. Ela reflete sobre o banal, o diário, o comum, o relegado, que são as interações cotidianas, tão densas e complexas nas suas formas e contornos, e que se tornam extraordinárias, também, pela sua fluidez, pelas mudanças e rupturas constantes. É neste cenário que encontramos o que a comunicação tem de mais rico: as relações diretas com os outros, com as diferenças, gerando conflitos e reconciliações, num processo de avanço e retorno, de constante ordem e desordem, equilíbrio e desequilíbrio, um processo de tomada de lugar e perspectiva, uma constante luta por espaço e por voz. Para Wolton (2006), em primeiro plano, a comunicação significa a busca do outro.

A comunicação é sempre a busca da relação e do compartilhamento com o outro. Atravessa todas as atividades: lazer, trabalho, educação, política; concerne a todos os meios sociais, a todas as classes sociais, a todas as idades e a todos os continentes, tanto aos ricos quanto aos pobres. É ao mesmo tempo símbolo de liberdade, de democracia, de abertura, de emancipação e de consumo, enfim, de modernidade (WOLTON, 2006, p. 13).

Comunicar e/ou pensar a comunicação implica, também, pensar na diversidade e nas diferenças implícitas nestas interações Eu-Outro, pois diariamente as pessoas se relacionam com o diferente, o estranho, o novo, o que exige o exercício da alteridade, o reconhecimento deste outro, que substancializa a existência do Eu. Para Jovchelovitch (2008, p. 252),

[...] o reconhecimento conjunto da diversidade, da expressividade e das limitações em todo conhecimento constitui as condições essenciais para a comunicação entre diferentes sistemas de conhecimento. A conscientização, isto é, a consciência gradual dos inúmeros determinantes das circunstâncias pessoais e sociais de uma pessoa ou comunidade provém da prática da comunicação. Subjacente a toda comunicação genuína está o compromisso implícito com a noção de igualdade, com o colocar entre parêntesis as diferenças e com a adoção de procedimentos que promovam e exijam diálogo e reciprocidade.

A interação com o outro, além de um exercício de alteridade, é também uma luta, por significados, traduções, compreensões, produções de sentidos, uma busca incessante por conhecer e compreender a si mesmo e aos outros. É assim que funciona o processo comunicacional que emana das atividades ordinárias, dos afazeres diários, das

práticas cotidianas. Para Melucci (2004) a relação com o outro também possibilita reconhecer a diferença.

Existe relação se e quando aquilo que no distingue dos outros é aceito e torna-se a base para a comunicação. Comunicar é sempre contar com os pontos em comum para descobrir e afirmar a diversidade. [...] Encontrar o outro significa expor-se ao abismo da diferença. Alteridade e comunicação colocam-nos à prova diariamente. A nossa necessidade de relação depara-se com o enorme campo das diferenças, representado pelos outros (MELUCCI, 2004, p. 127).

E, é neste contexto que se desenrola o que Wolton (2004) chama de “comunicação normativa”. Ela é a vontade de intercambiar para compartilhar algo em comum e compreender-se. Segundo o autor “[...] a palavra ‘norma’ não implica um imperativo, mas sim um ideal buscado pelos indivíduos. A vontade de compreensão mútua é, nesse caso, o horizonte dessa comunicação. E quem fala em compreensão mútua pressupõe também a existência de regras, códigos e símbolos.” (WOLTON, 2004, p. 32-33). De acordo com o autor, duas são as fontes desta dimensão normativa da comunicação.

De um lado, a comunicação está no centro da cultura ocidental, expressando a força da ligação com o outro, que é um dos elementos centrais dessa cultura. Encontramos aqui as raízes judaico-cristãs, europeias e ocidentais, em que o outro é o igual de si. Isso explica por que a cultura ocidental há quase dois séculos valoriza os indivíduos, sua liberdade e seu direito à palavra livre, condições de uma comunicação realmente intersubjetiva. Por outro lado, a comunicação está no centro da sociedade democrática. Ela é inseparável da sociedade individualista de massa, [...] modelo de nossa sociedade, no qual estão associados os dois valores fundamentais e contraditórios da democracia: a *liberdade* individual, na linha direta do século XVIII, a *igualdade* no espírito de luta do século seguinte [...]. Nos dois casos, não há liberdade nem igualdade sem comunicação autêntica (WOLTON, 2004, p. 50-51; grifos do autor).

Esta forma de comunicação, bem como suas duas dimensões, também pressupõe que “[...] não há comunicação sem mal-entendidos, sem ambiguidades, sem traduções e adaptações, sem perda de sentidos e surgimento de significados inesperados [...]” (WOLTON, 2004, p. 37). Esta comunicação permeia as relações sociais, ganhando

vida e sendo mediada pelos sentidos, pelas representações sociais produzidas pelos indivíduos.

A comunicação como aspiração remete ao fundamento de toda a experiência humana. Expressar-se, falar e compartilhar com os outros, eis o que define o ser humano. A comunicação é um meio de entrar em contato com o outro, que é o horizonte, aquilo que cada um deseja e teme ao mesmo tempo, porque abordar o outro nem sempre é tarefa fácil. Só a comunicação possibilita o gerenciamento dessa relação ambivalente entre eu e o outro [...] a comunicação sempre será a busca do outro e o desejo de compartilhar (WOLTON, 2004, p. 56, grifos do autor).

As pessoas, nas suas interações cotidianas, dão vida ao processo comunicacional. Os passos, os olhares, as falas, as relações dão conteúdo e forma a comunicação objetivando as representações sociais. Para Braga & Calazans (2001, p. 14), “[...] a comunicação é conatural ao ser humano. Não há sociedade, não há comunidade, sem comunicação entre os homens. Para agir em comum os seres humanos interagem.” Para França (2004), ser sujeito da/em comunicação significa, principalmente, estar enredado em uma teia de relações. E são estas relações que constituem as pessoas, pois quando elas interagem são produzidas nos e pelos laços criados no processo de interação. Estes laços unem-nas fortemente. De acordo com Baldissera (2008), as pessoas constroem e são construídas pelo processo de comunicação, principalmente, nas suas relações com o outro. Estas relações com os outros e com o mundo protagonizam o processo comunicacional complexo.

[...] a comunicação qualifica-se como lugar de sujeitos-força em relações dialógico-recursivas. Esses [...] caracterizam-se como os construtores e construções ‘do’ e ‘no’ processo. Pela/na comunicação, os sujeitos, como forças ativas, reativas, organizadoras, desorganizadoras, complementares e antagônicas, são tensionados e, em diferentes graus e formas, exercem-se para direcionar, de algum modo, os sentidos que desejam (consciente e/ou inconscientemente) ver internalizados e digeridos pelo outro (BALDISSERA, 2008, p. 36).

Estas considerações esclarecem a ideia de que a comunicação é o alicerce da vida humana, e que esta vida reciprocamente alicerça a comunicação. De acordo com Wolton (2004, p. 84), “[...] não se pode mais não comunicar.”

Comunicar é *ser*, isto é, buscar sua identidade e sua autonomia. É também *fazer*, ou seja, reconhecer a importância do outro, ir ao encontro dele. Comunicar é também *agir*. Mas é igualmente admitir a importância do outro, portanto, aceitar nossa dependência em relação a ele e a incerteza de ser compreendido por ele (WOLTON, 2006, p. 15, grifos do autor).

A comunicação, no andar agitado do mundo, da vida, trama os atos de viver, de ser, de se relacionar. Nas práticas e dizeres comuns a comunicação tem muitos nomes, muitas cores, muitas molduras, todos alicerçados no processo de interação entre as pessoas. A trama da vida é urdida pelo processo comunicacional, pelo ato de comunicar. Para Lima (2008), esta é a ideia de que a comunicação é um processo pelo qual um ambiente comum é criado e a partir de onde as pessoas produzem sentido através das trocas. O que significa também tornar comum, partilhar, repartir, associar, trocar opiniões, etc. (BAPTISTA, 1996, WOLTON, 2004).

Comunicar, portanto, implica participação em interação, pois o processo comunicacional não pode ser reduzido a um esquema; pelo contrário, é bastante complexo, processual e carregado de incertezas. A valorização do conceito de comunicação, em sua dimensão mais normativa (WOLTON, 2004), evoca o ideal de trocas, de compreensão e de partilhas mútuas e contínuas, típicas das interações cotidianas. As relações com os outros, o entendimento dos outros e da vida envolve o ato de comunicar. O mundo é construído na interação comunicacional entre as pessoas, e não individualmente/isoladamente, ou seja, se a realidade é construída socialmente é porque “[...] a realidade da vida cotidiana é partilhada com outros” (BERGER & LUCKMANN, 1976, p. 46).

Para França (2002), a comunicação é vista como um processo de troca, de ação partilhada, de interação, vai além da transmissão de mensagens. Neste processo é preciso dar atenção à presença de interlocutores, à intervenção de pessoas desempenhando papéis, envolvidas em processos de produção e interpretação de sentidos e não simples emissores e receptores. Sendo assim, “[...] a comunicação compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado por meio de uma materialidade simbólica (da produção de

discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos.” (FRANÇA, 2002, p. 26-27).

Estes contextos de interação se definem pelo engajamento e pela vida com os outros, através da comunicação e da cooperação, sem as quais a vida em grupo não seria possível. Também pressupõe o reconhecimento do Outro bem como o aprendizado de como levar em consideração a perspectiva deste (JOVCHELOVITCH, 2008). Isto reforça a ideia de que o processo de comunicação é forte e constantemente marcado pelo contexto em que acontece. O lugar – um grupo, uma comunidade, uma organização, etc. – faz parte do jogo de produzir significados no processo de interação. Este lugar alicerça o jogo de trocas, dá sentido a forma como as pessoas se relacionam, como uma força que direciona o ato de comunicar.

2.2 A COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO ORGANIZACIONAL: AS TESSITURAS DO PROCESSO INTERACIONAL

“A visão simplificada diria: a parte está no todo. A visão complexa diz: não só a parte está no todo; o todo está no interior da parte que está no interior do todo! Esta complexidade é algo diferente da confusão de que o todo está em tudo e reciprocamente.” (Morin, 2006, p. 88).

A comunicação, como processo de interação humana ocorre em circunstâncias e contextos diversos. As organizações são um destes muitos lugares. Morin (2006) destaca que uma organização vai além da ideia de que a parte esta no todo, de que os conhecimentos são somados.

Tomemos uma tapeçaria contemporânea. Ela comporta fios de linho, de seda, de algodão e de lã de várias cores. Para conhecer esta tapeçaria seria interessante conhecer as leis e os princípios relativos a cada um desses tipos de fios. Entretanto, a soma dos conhecimentos sobre cada um desses tipos de fio componentes da tapeçaria é insuficiente para se conhecer essa nova realidade que é o tecido, isto é, as qualidades e propriedades próprias desta textura, como, além disso,

é incapaz de nos ajudar a conhecer sua forma e sua configuração. [...] a tapeçaria é mais do que a soma dos fios que a constituem. *Um todo é mais do que a soma das partes que o constituem* (MORIN, 2006, 2006 p. 85, grifos do autor).

A metáfora da tapeçaria explicita o quão complexa é uma organização, composta de muitos fios que se entrelaçam, e não apenas se unem, somando-se uns aos outros. Segundo Oliveira & Paula (2008), do ponto de vista da comunicação, toda organização é uma complexa estrutura de relações, por onde perpassam vários poderes e interesses, que se manifestam em momentos distintos e são articulados por meio de dinâmicas interpretativas, para ordenar os sentidos e as intenções geridas pela lógica de cada negócio. O contexto organizacional desenrola-se de forma complexa e tensa, tecido a partir de interações sociais entre as pessoas que o compõem. A comunicação é à base da constituição de um grupo; está presente nas tensões, nos conflitos, nas decisões, no planejamento, possibilitando a construção de um processo dialógico e cooperativo. Segundo Schuler (2003), uma organização de qualquer espécie só é possível por meio da comunicação. Esta comunicação que acontece no contexto organizacional tem como base a relação, que é ao mesmo tempo conflito e cooperação (SILVA, 2008).

As organizações são lugar de vida e de luta, de fervura de múltiplos saberes que se cruzam dando origem a novas formas de ver e atuar no mundo. Segundo Jovchelovitch (2008), as pessoas que constituem um grupo constroem um repertório comum de saberes que dá a elas os referenciais a partir dos quais dão sentido as coisas a sua volta e relacionam suas histórias individuais a narrativas mais amplas de vida em grupo. As narrativas individuais e de grupo são entrelaçadas, estabelecendo relações comunicativas que permitem o desenvolvimento de laços de solidariedade, cooperação e pertença. Estas narrativas fundamentam o processo comunicacional. Neste contexto organizacional, interesses comuns do grupo ganham efervescência, sendo substancializados pelas contínuas representações sobre si mesmos, sobre os outros e sobre o mundo.

Os indivíduos que compõem a organização a constroem e são construídos por ela num processo recíproco, que fundamenta as interações sociais no interior deste contexto. De acordo com Oliveira & Paula (2008), na comunicação que ocorre no

contexto organizacional é possível estabelecer uma conexão entre produção de sentidos e ambiente organizacional, já que os sentidos existem na interação estabelecida, e as organizações são concebidas como agentes comunicativos nestes processos de interação. A troca compartilhada entre interlocutores se torna presente e se materializa nas ações de comunicação que promovem relações e, nestas práticas, conseqüentemente, as produções de sentidos ocorrem. Para Lima (2008), as interações entre as pessoas, em determinado contexto organizacional, as instituem e as posicionam frente aos outros, permitindo sua identificação, a produção e o compartilhamento de sentidos. Na interação, a organização e os interlocutores têm seus próprios objetivos e moldam suas ações de acordo com o posicionamento do Outro. É desta forma que, neste contexto, as interações são conformadas pelas ações das pessoas, pelo contexto e, principalmente, referenciadas no Outro. Toda esta complexidade que envolve a comunicação no contexto organizacional é destacada por Baldissera (2008, p. 32):

[...] para além do planejado, do organizado, do gerenciável, existem fluxos multidirecionais de significação/comunicação, de diferentes qualidades e intencionalidades, somente detectáveis/observáveis no acontecer. Fluxos esses que dialógica e recursivamente podem complementar, potencializar, qualificar, agilizar e/ou resistir, subverter, confundir, distorcer os processos formais/oficiais. Portanto, é na tensão ‘identidade-alteridade (organização-o outro/seus públicos)’, em seu contexto específico, que os sentidos que serão individuados pelos sujeitos em relação de comunicação são transacionados, disputados e/ou construídos.

Estas abordagens demonstram que a comunicação e as representações sociais devem ser pensadas e problematizadas sempre em relação aos diferentes contextos sociais e históricos em que ocorrem. Este contexto interfere nas formas como as pessoas se inter-relacionam, se comunicam. O contexto molda as interações e é moldado por elas, caracterizado por práticas comunicacionais específicas. De acordo com Lima (2008, p. 114, 115), “[...] na contemporaneidade, percebe-se que as organizações, a despeito do montante de capital simbólico e material que transacionam, são cada vez mais fluidas, porosas, virtuais e flexíveis”, demonstrando que as interações nas organizações são marcadas por um caráter híbrido. E é nestas organizações heterogêneas, marcadas pela fluidez, que as representações ganham forma, perspectivas, ancoragens e objetivações, através da comunicação entre os corpos. Estas

representações estão alicerçadas nas características organizacionais, mediando o complexo processo comunicacional.

As organizações são lugares de pertença, lugares onde se criam vínculos que direcionam as formas como os saberes são construídos e compartilhados. De acordo com Jovchelovitch (2008), antes mesmo de podermos pensar em conhecer nós pertencemos, pois partimos da pertença e não do conhecimento. Pertencemos a uma cultura, a uma sociedade, a uma família, a uma organização, a um tempo histórico, e esta pertença configura o conhecimento que construímos desde o início. A autora complementa que “[...] mesmo se pensarmos sobre o conhecimento como produzido pelo sujeito individual, precisamos pensar nesse sujeito como sendo ele próprio um contexto multidimensional, que compreende um corpo e uma constituição psicológica localizados no social, no cultural e no histórico” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 92). Ou seja, num contexto compartilhado com outros. Por isso que o contexto social é uma dimensão que deve ser levada em conta quando se fala em representações sociais das pessoas.

Ainda de acordo com Jovchelovitch (2008, p. 92), “[...] o contexto propicia o ponto de partida à compreensão de formas específicas de comunicação, de inter-relações, de práticas que formam e transformam os processos psicossociais que configuram as representações sociais e outros sistemas de conhecimento”. Todo saber surge a partir da pertença, depende de um contexto e está enraizado em um modo de vida. Por isso que os saberes não podem ser pensados de forma isolada. A vida e as interações que ela implica fervilham nos contextos sociais que alicerçam estas relações e aproximam os indivíduos, inclusive, na forma como constroem suas representações. De acordo com Wagner (2007), mesmo sendo diferentes, as pessoas se aproximam em função das características e necessidades organizacionais.

Mesmo que indivíduos pertencentes ao mesmo grupo social possam ser bastante diferentes em termos de suas personalidades, eles se aproximam uns dos outros no que diz respeito à estrutura básica de sua experiência social comum, de seu pensamento e de sua ação. Eles são similares com respeito ao *habitus* que incorporaram, bem como com respeito aos padrões de linguagem e racionalização que compartilham, isto é, com respeito às suas representações sociais.

Ainda que provavelmente diferentes em certos aspectos, essas disposições mentais são variações de um padrão comum subjacente, possível dentro de dadas condições sócio-culturais de vida. A relação estrutural entre condições mentais coletivamente compartilhadas e condições sociais é homo-lógica por causa de sua história comum e sua função social (WAGNER, 2007, p. 173, grifo do autor).

Estas aproximações em torno de interesses comuns pressupõem a existência de determinados padrões, regras, normas que permitem a interação em torno de objetivos comuns. Esta constituição de modelos, indispensáveis à sobrevivência do grupo, é definida como cultura organizacional por Pozzobon & Barichello (2004), pois possibilita o mapeamento das relações sociais, a definição de modelos de atitudes, regras sociais e subjetividades. Esta cultura começa a se formar no momento em que uma organização é fundada. Este processo de formação e evolução da cultura organizacional está relacionado com as características do fundador, o motivo da criação da organização, com as características dos primeiros colaboradores, “[...] com os elementos dos sistemas culturais predominantes do ambiente na época da fundação, com os elementos da cultura de origem, processo civilizatório e sua evolução e com a pressão modificada dos fatores de sobrevivência inicial como mercado, concorrência e administrações internas.” (POZZOBON & BARICHELO, 2004, p. 259).

Pode-se definir a cultura organizacional como um conjunto de valores implícitos que ajudam os indivíduos a entender quais ações são consideradas aceitáveis ou inaceitáveis. Estes valores são comunicados através de significados simbólicos. Assim, a cultura de uma empresa pode ser considerada como uma maneira usual de pensar e trabalhar, compartilhada em grau variado pelos seus membros, e que os novos membros devem assimilar, ao menos parcialmente, para serem aceitos no conceito da empresa. [...] Se a cultura de um grupo é caracterizada por um conjunto de interpretações ou significados compartilhados por um grupo de pessoas. Então, o que seriam essas interpretações e significados compartilhados? São os ritos, rituais, as cerimônias, mitos, histórias, valores, crenças, pressupostos, comunicações, normas e muitos outros elementos (POZZOBON & BARICHELO, 2004, p. 257-259).

As representações sociais dos integrantes do grupo também são influenciadas pelos elementos constituintes da cultura organizacional que veste a organização com uma indumentária própria. Sendo assim, o contexto organizacional aproxima as pessoas em torno de interesses comuns, o que acaba produzindo determinadas formas de

relações no processo comunicacional, com características próprias, e conseqüentemente, representações sociais urdidas a partir desta trama organizacional. De acordo com Wagner (2007), as condições sociais em que um grupo vive delimitam o espaço de experiência de seus membros. Ou seja, a estrutura social determina, em grande parte, o que e como os membros de um grupo pensam. O autor complementa afirmando que as organizações apresentam diversas condições sociais que se relacionam com a estrutura específica das crenças cotidianas que seus membros apresentam (WAGNER, 2007). Portanto, o contexto exerce constante influência sobre o processo comunicacional, mediado pelas representações sociais dos indivíduos. De acordo com Jovchelovitch (2008), os complexos sistemas administrativos, hierárquicos, de divisão do trabalho, de demarcação de espaços que ocorrem nos contextos organizacionais definem, em larga medida, a produção de representações sociais.

2.3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UMA TEORIA DOS SABERES SOCIAIS

O primeiro plano da violência desencadeada contra os sistemas de saber locais é não considerá-los um saber (SHIVA, 2003).

A Teoria das Representações Sociais é uma forma sociológica de psicologia social originada na Europa com a publicação de Moscovici, *La psychanalyse, son image et son public*, de 1961. Moscovici se inspirou na sociologia de Durkheim sobre representações individuais e coletivas, para quem as representações individuais estavam ligadas à psicologia e as coletivas à sociologia. Para Durkheim, a razão principal de se distinguir entre os dois níveis era uma crença de que as leis que explicavam os fenômenos coletivos eram diferentes do tipo de leis que explicavam os fenômenos em nível do indivíduo. Sendo assim, ele separou fenômenos sociológicos de psicológicos (MOSCOVICI, 2007).

Já para Moscovici (2007), os fenômenos sociais estão ligados aos fenômenos psicológicos. Por isso que, para o autor a Teoria das Representações Sociais é

psicossociológica e histórica. Durkheim tinha o interesse de conservar e preservar as estruturas sociais, diferentemente de Moscovici, que enfatizava as mudanças sociais (novidade e mudança, juntamente com conservação e preservação tornam-se parte da vida social). Devido a isso, Moscovici preferiu o termo “social” ao coletivo, porque queria reforçar a qualidade dinâmica das representações contra o caráter mais fixo, ou estático, que elas tinham na teoria de Durkheim (MOSCOVICI, 2007). Para o autor, as Representações Sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através de uma palavra, de um gesto, de uma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos: “[...] todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações. Na realidade, é isso que as caracteriza.” (MOSCOVICI, 2007, p. 40).

Para Jovchelovitch (2008) as representações sociais se referem tanto a uma teoria quanto a um fenômeno. Elas são uma teoria que oferece um conjunto de conceitos articulados que buscam explicar como saberes sociais são produzidos e transformados em processos de comunicação e interação social. E elas são um fenômeno que se refere a um conjunto de regularidades empíricas compreendendo ideias, valores e práticas de comunidades humanas sobre objetos específicos, bem como sobre os processos sociais e comunicativos que os produzem e reproduzem. A autora reforça que a teoria das representações sociais é, ainda, uma teoria sobre os saberes sociais. Ela se dirige à construção e transformação dos saberes sociais em relação a diferentes contextos sociais. Esta teoria está especialmente interessada no fenômeno das representações sociais que compreende os saberes produzidos na vida cotidiana, portanto, ela também deve ser entendida “[...] como uma teoria sobre como novos saberes são produzidos e acomodados no tecido social. Isto envolve teorizar o papel de inovadores e de minorias [...]” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 86).

Neste sentido, esta teoria, ligada aos conhecimentos comuns que as pessoas têm sobre os outros e sobre o mundo, ganha corpo no decorrer dos percursos cotidianos, em relação a diferentes contextos. Segundo Jovchelovitch (2008), a dinâmica da vida cotidiana é o lugar privilegiado para a produção de saberes. Sendo assim, esta teoria está

preocupada em compreender como pessoas comuns, comunidades e instituições produzem saberes sobre si mesmos, sobre os outros e sobre a multidão de objetos sociais que lhes são relevantes (JOVCHELOVITCH, 2008).

Os saberes esquecidos, abandonados, estereotipados, classificados como não científicos ou sem relevância social ganham espaço e valor de conhecimento nesta teoria que considera legítimos os saberes oriundos de todas as esferas sociais, seja do universo reificado, também carregado de senso comum, seja do universo consensual. Parte-se da premissa de que todo saber tem sua importância no tecido social, pois está sempre ligado ao contexto, a cultura, a história de uma pessoa ou de um grupo. Guareschi (2007) complementa afirmando que a teoria das representações sociais pretende, entre outros objetivos, examinar como se formam os conhecimentos, como as pessoas pensam e a partir do que pensam. Esta teoria concebe o pensar e a linguagem como capturados no senso comum, no discurso cotidiano. O autor reforça que o que a teoria das representações sociais faz é colocar em pauta o conhecimento popular, as maneiras de pensar e agir na vida cotidiana, o senso comum (GUARESCHI, 2007). De acordo com Jovchelovitch,

A teoria das representações sociais luta contra a ideia de que o conhecimento cotidiano é distorção e erro; pelo contrário, ela tenta recuperar o status epistemológico dos saberes ligados à vida cotidiana e ao senso comum e 'entender os entendimentos' que eles expressam [...] na leitura e saber de sujeitos sociais sobre o mundo estão contidos hábitos culturais, emoções e práticas de vários tipos. Todas estas dimensões penetram os sistemas de conhecimento e lhes permitem representar de uma só vez mundos objetivos, subjetivos e intersubjetivos (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 88).

A autora ainda reforça que todo saber é expressivo, correspondendo a uma relação entre pessoas e entre pessoas e seu ambiente. Neste sentido, os saberes são um fenômeno plural e heterogêneo, capaz de abranger diferentes racionalidades e formas de ser (JOVCHELOVITCH, 2008). Devido a esta diversidade de saberes que circula nos fazeres e práticas cotidianas, é possível afirmar que diferentes formas de saber podem viver lado a lado, desempenhando diferentes funções e respondendo a diferentes necessidades na vida.

Estas diversas representações sociais produzidas pelas pessoas são um modo de se relacionar com o mundo exterior, mas de acordo com Jovchelovitch (2008), elas estão longe de ser uma cópia ou reflexo deste mundo. Elas expressam construções ativas destas pessoas, em relação às consequências da vida social e a complexidade das inter-relações sociais. Neste sentido, o trabalho de representação é multifacetado, pois se move incessantemente do individual ao social e do social ao individual, privilegiando a compreensão dos fenômenos psicossociais (JOVCHELOVITCH, 2008).

As representações sociais são, portanto, um conjunto de conceitos, propostas e explicações que surgem na vida cotidiana, num processo de comunicação interpessoal (MOSCOVICI, 2007). Elas são, de modo geral, formas de interpretar o mundo e seus acontecimentos. Todas as pessoas representam tudo a sua volta, classificam e nomeiam tudo ao seu redor, construindo socialmente a realidade, dando cor ao que um dia será chamado de memórias, de histórias.

O homem, ao determinar o sentido para as coisas, constrói sua realidade e, ligando tudo a tudo, estabelece novos sentidos para novas relações criadas. Assim, foi se formando um legado cultural, uma espécie de expressão da história e da vida das sociedades, interpretada ao longo do tempo de diversas formas, dependendo do contexto, das experiências e do conhecimento dos homens. Criaram-se representações a partir de outras representações. O processo se repete, mas nunca da mesma maneira, pois os olhares sobre a realidade estão sempre relacionados à própria história de vida e às experiências dos sujeitos (RADDATZ & MORIGI, 2007, p. 99).

Portanto, as representações sociais são o material que constitui todo saber possível que as pessoas têm dos outros, do mundo e de si mesmas. De acordo com Jovchelovitch (2008), os processos representacionais são tanto simbólicos como sociais, expressando mundos subjetivos, intersubjetivos e objetivos. Sendo assim, viver a vida em todas as suas formas consiste em representar, pois sempre que as pessoas se relacionam – e nenhuma pessoa vive sozinha – elas representam.

A representação é um processo fundamental da vida humana; ele subjaz o desenvolvimento da mente, do Eu, da sociedade e da cultura. Representar, isto é, tornar presente aquilo o que está de fato ausente por meio do uso de símbolos [...] é crucial para o estabelecimento das inter-relações que constituem a ordem social e é o material que forma

e transforma as culturas, no tempo e espaço. A realidade do mundo humano é, em sua totalidade, feita de representação e não faz sentido falar de realidade em nosso mundo humano sem o trabalho da representação (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 33).

Representar os outros e o mundo têm uma finalidade principal, que de acordo com Moscovici (2007), é tornar familiar algo não-familiar. Jovchelovitch (2008) complementa ressaltando que as razões e funções das representações, que constituem a arquitetura de todos os sistemas de saber, são “quem”, “como”, “que”, “por que”, e “para que”.

No “quem”, “como”, “por que”, “que”, e “para que” dos contextos do saber encontramos não apenas os comportamentos dinâmicos dos processos representacionais, mas também categorias psicossociais centrais: identidade e estruturas intersubjetivas; comunicação e práticas; atribuição, justificativas e funções. A própria diversidade destes processos explica a diversidade dos saberes e oferece maneiras de discernir os diferentes “desejos de representar” subjacentes a um sistema de conhecimento (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 174).

Transformar algo não-familiar em familiar é para a autora o “para que” da representação, ou seja, a mais importante função de toda representação “[...] é lidar com o desconhecido e tornar o não-familiar familiar. As representações constroem a ponte que lida com a distância entre atores sociais e objeto-mundo criando sentidos, ferramentas e entendimentos que o domesticam e o tornam conhecido.” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 191).

As pessoas sentem a necessidade de encaixar, categorizar os objetos e os outros a sua volta, criando sempre uma tensão básica entre o familiar e o não-familiar. Para Moscovici (2007), as representações que fabricamos são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum. Segundo Spink (1993) as representações são, ainda, uma expressão da realidade intra-individual, ou seja, uma exteriorização do afeto. Conforme Spink (1993) apud Jodelet (1989a), as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que as afetam e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm.

De acordo com Spink (1993, p. 301), “[...] as representações constituem formas de conhecimento prático orientadas para a compreensão do mundo e para a comunicação.” Elas emergem como “[...] elaborações (construções de caráter expressivo) de sujeitos sociais a respeito de objetos socialmente valorizados.” As representações sociais são, portanto, construções sociais, pois não há produção independente, já que estas representações são sempre construções contextualizadas, resultado das condições em que surgem e circulam (SPINK, 1993).

Estes processos de constituição das representações sociais acontecem, principalmente, através da *Ancoragem* e da *Objetivação*. De acordo com Jodelet (2005) estes processos constitutivos têm relação com a formação e o funcionamento da representação social, que eles explicam a partir de suas condições de emergência e de circulação, que são as interações e as comunicações sociais. Para Moscovici (2007, p. 60), “[...] não é fácil transformar palavras não-familiares, ideias ou seres, em palavras usuais, próximas e atuais.” É necessário dar-lhes uma feição familiar, colocando em funcionamento “[...] os dois mecanismos de um processo de pensamento baseado na memória e em conclusões passadas.” (MOSCOVICI, 2007, p. 60).

O primeiro mecanismo tenta *ancorar* ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar. Assim, por exemplo, uma pessoa religiosa tenta relacionar uma nova teoria, ou o comportamento de um estranho, a uma escala religiosa de valores. O objetivo do segundo mecanismo é *objetivá-los*, isto é, transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico. [...] Esses mecanismos transformam o não-familiar em familiar, primeiramente transferindo-o a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo; e depois, reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar, e, conseqüentemente, controlar (MOSCOVICI, 2007, p. 60-61, grifos do autor).

Sendo assim, na ancoragem as pessoas classificam, dão nome as coisas, aos objetos, rotulam, colocam algo não familiar em algum lugar já existente, em alguma das muitas “caixinhas” usadas para guardar as interpretações sobre o mundo, pois “[...] coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras.” (MOSCOVICI, 2007, p. 61).

No momento em que nós podemos falar sobre algo, avaliá-lo e então comunicá-lo – mesmo vagamente, como quando dizemos de alguém que ele é inibido – então nós podemos representar o não usual em nosso mundo familiar, reproduzi-lo como uma réplica de um modelo familiar. Pela classificação do que é inclassificável, pelo fato de dar um nome ao que não tinha nome, nós somos capazes de imaginá-lo, de representá-lo. De fato, representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes (MOSCOVICI, 2007, p. 61).

Ainda, segundo o autor, “[...] na realidade, é dada uma identidade social ao que não estava identificado. É dado um sentido ao que antes não tinha. Com isso, os que falam e os de quem se fala são forçados a entrar em uma matriz de identidade que eles não escolheram e sobre a qual eles não possuem controle.” (MOSCOVICI, 2007, p. 63).

Esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. [...] Assim, para os aldeões do estudo de Denise Jodelet, os doentes mentais colocados em seu meio pela associação médica foram imediatamente julgados por padrões convencionais e comparados a idiotas, vagabundos, epiléticos, ou aos que, no dialeto local, eram chamados de ‘rogues’ (maloqueiro). No momento em que determinado objeto ou ideia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é reajustado para que se enquadre nela (MOSCOVICI, 2007, p. 61).

Para Jovchelovitch (2008) a ancoragem e a objetivação encontram-se no “que” das representações, referindo-se à construção do objeto, ao conteúdo a ele atribuído e à solidez dos ambientes simbólicos.

Compreender o ‘que’ das representações ajuda a entender que existe uma história e uma trajetória ligadas às questões com que nos engajamos e aos objetos que tentamos apreender e outras pessoas, antes de nós e ao nosso redor, também assim o fizeram. [...] O entendimento dos conteúdos e de sua importância na configuração de um sistema de conhecimento é outra dimensão relacionada ao ‘que’ das representações. O conteúdo interessa porque os temas, ideias e significações contidas nas representações revelam os elos simbólicos estabelecidos pelos atores sociais e os recursos que eles utilizam nas formulações que constroem sobre o mundo-objeto (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 188-190).

Sobre a ancoragem, Jovchelovitch (2008) destaca que as representações se fundam em conteúdos prévios por meio desta ancoragem, que liga os objetos representados ao passado e suas significações. “A ancoragem expressa a tendência de recuperar e de manter sentido, pois é um retorno a uma significação familiar que ajuda o não-familiar a se tornar familiar.” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 189). A autora traz a questão das representações sociais sobre a AIDS como exemplo dessa ligação.

O conteúdo das primeiras representações sobre a AIDS definiu o então novo fenômeno como uma peste, revelando em um único tema a gama de medos e práticas que se seguiriam ao aparecimento da doença. Dizer que a AIDS era uma peste foi um meio de ligá-la à história das epidemias e às práticas, ideias e sentimentos relacionados às suas trajetórias (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 189).

Já na objetivação as pessoas dão concretude à ancoragem através de gestos, palavras, atos, etc. “O que é incomum e imperceptível para uma geração, torna-se familiar e óbvio para a seguinte. [...] Essa domesticação é o resultado da objetivação.” (MOSCOVICI, 2007, p. 71). A objetivação acontece na ação, unindo a ideia de não-familiaridade com a de realidade, tornando-se a verdadeira essência da realidade. Por exemplo, no caso da AIDS, as pessoas objetivam a ancoragem através do preconceito, da exclusão, da segregação, etc., enquanto ação. Para Moscovici,

[...] objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância. Temos apenas que comparar Deus com um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes, como uma pessoa a que nós podemos responder como tal. Um enorme estoque de palavras, que se referem a objetos específicos, está em circulação em toda sociedade e nós estamos sob constante pressão para provê-los com sentidos concretos equivalentes. Desde que suponhamos que as palavras não falam sobre ‘nada’, somos obrigados a ligá-las a algo, a encontrar equivalentes não-verbais para elas. Assim como se acredita na maioria dos boatos por causa do provérbio: ‘Não há fumaça sem fogo’, assim uma coleção de imagens é criada pelo provérbio: ‘Ninguém fala sobre coisa alguma’ (MOSCOVICI, 2007, p. 71-72).

De acordo com Jovchelovitch (2008), cada um dos objetos representados, seja a AIDS, a paz, a guerra, o suicídio, a loucura, a pobreza, a comunicação, etc., por exemplo, tem uma realidade a revelar. E esta realidade é “[...] feita de saberes,

comunidades e práticas que vieram antes e que, gradualmente, se solidificam na estrutura e na realidade do objeto. É a isto que chamamos de objetivação.” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 189). A autora ainda reforça que a objetivação, além de expressar a solidez do mundo objetivo, também opera como uma plataforma a partir da qual novos pontos de partida são construídos e imaginados, pois sem o reconhecimento deste objeto, não há inovação. Ou seja, com o passar do tempo as objetivações vão mudando, se alterando, dando novos significados aos objetos, sem esquecer, claro, a história destas objetivações. Se antigamente a AIDS era vista de forma generalizada pelos indivíduos como uma peste com a qual não se podia conviver, hoje, o avanço da medicina, de informações sobre a doença, etc., faz com que se desenvolvam novas interpretações sobre a doença e novas formas de se conviver com ela. Sendo assim, para Moscovici (2007) a ancoragem e a objetivação são maneiras de lidar com a memória:

A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2007, p. 78).

Jovchelovitch (2008) ainda destaca as razões e funções “quem”, “como” e “por que” das representações sociais. Elas se entrelaçam ao processo constitutivo das representações sociais - ancoragem e objetivação. Elas demonstram como foi traçado este caminho de classificação, feito através da ancoragem, e de comparação, feito através da objetivação. Este enredo evidencia o quão complexa é a urdidura do tecido representacional. Jovchelovitch destaca que

[...] a representação emerge como um processo psicossocial complexo e rico, envolvendo atores sociais com identidades e vidas emocionais (que são, na verdade, construídas no ato de representar), que se engajam em relações com outros (cuja natureza modela o que e como eles veem a conhecer o mundo), que têm razões para fazer o que fazem e, ao assim agir, põem em prática os propósitos daquilo que fazem. A representação é uma prática que implica relação e comunicação e, deste modo, imprime no núcleo central dos saberes as mesmas estruturas relacionais e comunicativas que, originalmente, os constroem (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 174).

Neste processo psicossocial citado por Jovchelovitch (2008) o “quem” da representação diz respeito à identidade das pessoas que representam. Estas representações entrelaçam a identidade, a cultura e a história de um grupo de pessoas, se inscrevendo nas memórias sociais e nas narrativas e modelando os sentimentos de pertença que reafirmam os membros grupo. “Não há processo de conhecimento que não proteja a identidade e os projetos do sujeito do saber; esta é uma dimensão psicossocial central dos contextos de saber.” (p. 175). Este “quem” ao tratar das identidades, da cultura e da história de um grupo, conseqüentemente, trata do contexto onde as representações sociais são elaboradas, já que este ganha vida nos diferentes jeitos de fazer e caminhar das pessoas que o constituem.

A comunicação e a interação são o “como” dos processos representacionais. De acordo com Jovchelovitch (2008), estes processos modelam as representações e, o “como” informa sobre “[...] os diferentes modos de ação e comunicação em jogo na produção da representação em questão [...]” (p. 177). A autora afirma que diferentes padrões de comunicação e interação podem modelar determinada visão e conhecimento do mundo (JOVCHELOVITCH, 2008). Ela cita a cooperação, que “[...] implica mutualidade no diálogo e reciprocidade em perspectiva [...]” e a coerção social que implica “[...] comunicação unidirecional e imposição de perspectiva que podem, ou não, estar ligadas à falta de reconhecimento da posição do Outro.” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 179-180).

O “por que” das representações está ligado à razão destas, sua função simbólica. De acordo com Jovchelovitch (2008, p. 184), “[...] o porquê da representação vai muito além de sua função cognitiva para incluir a função simbólica e tudo o que ela permite em termos de representatividade”. Esta função “[...] representa a lógica da subjetividade e da intersubjetividade e, neste sentido, está sempre aberta à expressão de motivos e intenções governados por processos e afetos inconscientes e pela dinâmica entre parceiros em interação.” (p. 184). Estas razões e funções podem estar mais ou menos aparentes, mais ou menos focadas, devido a determinadas e diferentes formas de olhar para o processo representacional. Independentemente disto, de uma forma ou de outra, elas fazem parte do processo constitutivo das representações sociais, que dá

origem aos sistemas de saber, evidenciando a ideia de que o mundo “é um mundo de representações sociais.” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 214).

Estas representações sociais, que ganham determinados formatos desenhados através da ancoragem e da objetivação e das demais razões e funções que as constituem, são construídas e transformadas através de processos comunicacionais, ou seja, através das inter-relações Eu-Outro-objeto. Para Moscovici (2007, p. 21), “[...] as representações são sempre um produto da interação e da comunicação [...]”, pois as pessoas e os grupos criam e recriam representações através da comunicação, que implica ações interpessoais. Ou seja, estas representações não podem ser criadas de forma isolada pelos indivíduos, elas estão sempre ligadas a um contexto histórico-social. E assim, “[...] uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.” (MOSCOVICI, 2007, p. 21). Spink (1993) cita uma definição de Denise Jodelet (1985) que liga as representações à comunicação:

[...] as representações sociais, segundo definição clássica de Jodelet (1985), são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. São, conseqüentemente, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos – imagens, conceitos, categorias, teorias –, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais, que mesmo acessados a partir de seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção (SPINK, 1993, p. 300).

Sendo assim, as representações sociais são o que Jovchelovitch (2008) chama de estruturas mediadoras e comunicativas, pois elas tornam possível o processo de interação entre os indivíduos mediando estas relações através das diversas produções de sentido que dão vida ao processo comunicacional.

2.4 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO ESTRUTURAS MEDIADORAS E COMUNICATIVAS

É a ação comunicativa que cria as representações sociais, na medida em que constrói, no mesmo e único processo, os participantes do processo comunicativo (JOVCHELOVITCH, 2008).

Representações sociais, mediação e comunicação andam lado a lado, se alinham no processo de interação entre as pessoas e os objetos que as rodeiam, se entrecruzando constantemente nas relações sociais. Quando as representações sobre os outros e sobre o mundo são ancoradas e objetivadas em determinadas perspectivas, elas envolvem um processo de comunicação, um processo de interação com esse mundo, com esse outro, fazendo com que as pessoas se familiarizem com as novidades. As representações sociais medeiam este processo de comunicação que acontece no momento em que as pessoas interpretam o que acontece à sua volta no desenrolar das práticas cotidianas. Para Duveen (2007) as representações são sustentadas pelas influências sociais da comunicação, constituindo a realidade da vida cotidiana e servindo como principal meio para estabelecer as associações com as quais as pessoas se ligam umas as outras. Moscovici (2007) também coloca os processos de comunicação na origem das representações e de suas transformações, posicionando-as em uma perspectiva comunicativa e dialógica: “Existem diferentes modos de comunicação e interação nos processos representacionais; pode-se dizer que sem comunicação não há representação e os processos representacionais são uma conquista da comunicação” (MOSCOVICI, 2007, p. 177).

Para Jovchelovitch (2008, p. 89), as representações sociais são “[...] o resultado da tríade comunicativa Eu-Outro-Objeto em contextos e tempos definidos”. Elas medeiam o processo de reconhecimento e relacionamento do/com o outro e com o mundo, tornando a relação humana um processo de comunicação entre diferentes seres, diferentes contextos de saber. Por isso, segundo Jovchelovitch (2008), elas são estruturas mediadoras entre eu-outro-objeto. Estas relações são sempre emocionais, sociais, culturais, históricas, contextuais, por isso mesmo comunicacionais, abertas a

atividades produtoras de sentido. Representar é comunicar e vice-versa, pois quando as pessoas se inter-relacionam, elas se comunicam, e quando se comunicam, elas representam. A autora ainda salienta que as representações sociais são estruturas mediadoras que pertencem ao entre da comunicação humana e da ação social, não sendo produto de mentes individuais e fechadas em si mesmas (JOVCHELOVITCH, 2008).

Para Veronese & Guareschi (2007), o acesso das pessoas ao mundo é necessariamente mediado. É aí que são geradas as representações sociais, como modos de conhecimento prático, são matrizes geradoras de ações e comportamentos. Sendo assim, Veronese & Guareschi (2007), afirmam que as representações sociais são ferramentas de mediação entre o saber pregresso das pessoas e as ressignificações atribuídas a esses conhecimentos no cotidiano, a partir das interações com as instituições, com os meios de comunicação, com diferentes grupos, com os sistemas e campos sociais e todas as dimensões que constituem o mundo vivido.

O trabalho comunicativo das representações sociais produz símbolos cuja força reside em sua capacidade de produzir sentido, de significar (JOVCHELOVITCH, 2008). Sendo assim, elas são em si um processo de mediação, pois ligam as pessoas no ato de interagir, quando estas representam, e ainda refletem sobre suas formas de olhar o mundo a partir da interação com o outro. A mediação está presente no ato de comunicar, na ação, no processo de comunicação, onde ocorrem as representações sociais. Esta trama de fios enredados embrenha os processos de mediação e comunicação, tornando-os parte intrínseca do mesmo tecido. A questão, então, é que este trabalho da representação significa a inter-relação entre as pessoas, e o processo comunicativo circunscreve e configura estas relações na medida em que as pessoas se engajam no processo de dar sentido aos acontecimentos a sua volta (JOVCHELOVITCH, 2008). As representações são, portanto, construídas no processo de comunicação que se dá nas relações humanas, em um contexto – espaço-tempo – específico.

Os processos de comunicação situam os sujeitos sociais em uma relação concreta, amarrada ao contexto social, cultural e histórico em que elas se encontram e ativamente re(produzem). Por meio desses processos comunicativos é que elas reproduzem os meios simbólicos

para construir uma representação específica de um objeto – seja ele concreto ou abstrato – que entra na rede de outras representações de um determinado enquadre social, cultural e histórico (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 74).

O formato das representações sociais, com suas transformações e cristalizações, dá a elas um *status* polivalente (JOVCHELOVITCH, 2008), se constituindo em “[...] construções ontológicas, epistemológicas, psicológicas, sociais, culturais e históricas [...]” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 74-75). Isto as reafirma como estruturas mediadoras e comunicativas que se movem de formas diversas, conforme os lugares e o tempo em que as interações acontecem. De acordo com Jovchelovitch (2008), o mundo da vida é o espaço onde as pessoas se comunicam buscando entendimento, e, ao buscá-lo, elas se engajam em processos de comunicação que não desaparecem, “[...] mas se solidificam em estruturas simbólicas de sentido e compreensão que se tornam a matéria do mundo da vida” (p. 139). É neste mundo da vida que diferentes formas de saber efervescem, lutando por um lugar no espaço social, através dos processos comunicacionais. Para Jovchelovitch (2008, p. 184), “[...] por meio de diferentes modos de comunicação e interação as representações produzem diferentes sistemas de saber que expressam em sua forma as características da comunicação e interação Eu e Outro”; estas “[...] arquiteturas simétricas e assimétricas podem abrir e fechar sistemas de saber, definindo o conteúdo e as funções que eles desempenham na vida social.”

E, é por isso que a comunicação entre diferentes saberes é uma tarefa complexa e difícil, muitos diriam que ela é impossível. Mas, de acordo com Jovchelovitch (2008), mesmo que esta comunicação seja um processo árduo, totalmente aberto, cheio de energias contraditórias, com a possibilidade de produzir inúmeros resultados, ele também contém uma positividade sem a qual as pessoas não existiriam. Reconhecer o Outro, estabelecer uma relação com a alteridade que ele propõe como pessoa de pleno direito e aprender como levar em consideração a sua perspectiva, faz com que o indivíduo mantenha suas relações sociais, se mantenha como sujeito social, pois sem a capacidade de ver através de uma perspectiva descentrada, que é a perspectiva do Outro, o Eu não pode conceber sua própria posição. A autora ainda salienta que o Eu não está só; ele é um entre muitos outros, cujas diferentes perspectivas e posições na vida social

são tão legítimas quanto a sua própria (JOVCHELOVITCH, 2008). Este reconhecimento do Outro implica em reconhecer as diferenças. De acordo com Veronese & Guareschi,

[...] sem a alteridade que demarca a diferença, a atividade simbólica humana não se sustenta. E é através dessa atividade que o sujeito constrói a sua ação no mundo, conformando-a a realidade. São as artes de fazer, parafraseando De Certeau (1994). É impossível pensar, falar e agir fora de representações. O mundo epistemológico é constituído de pedaços de saberes, de crenças, de senso comum. Esses campos representacionais constituem, na expressão de Serge Moscovici, uma ‘antropologia da vida cotidiana’ (VERONESE & GUARESCHI, 2007, p. 10).

O exercício de lidar diariamente com as diferenças envolve muitos sentimentos e ações que formatam as representações. Estas estão ligadas a uma gama de outras tantas representações que percorrem o mundo como ondas de saber, de comportamento, de ação, que se desenrolam com o passar do tempo, surgindo, desaparecendo e ressurgindo. Estas são as cartografias da vida cotidiana que sempre envolvem o ato de representar, porque envolvem o ato de se relacionar. Para Raddatz & Morigi (2007, p. 99) “[...] os sentidos não são construídos do nada. Há sempre uma ou mais origens para uma ideia. Existem tantas representações quantos sujeitos existirem e é nesse domínio que reside a complexidade da construção de sentidos nas representações.”

Isto reforça que os saberes são construídos socialmente, através de processos de comunicação. De acordo com Veronese & Guareschi (2007, p. 9), “[...] não há saber que não seja construído socialmente, a partir das interações cotidianas”. Estes saberes, portanto, emergem do mundo onde as pessoas interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração (JOVCHELOVITCH, 2007). Estes circuitos mostram a intensa atividade das pessoas como produtoras de sentido, jogando o jogo das interações em busca da convivência social. Estas pessoas disseminam criações, fabricam sentidos através das interações. São maneiras de utilizar e fazer com pluralidade e criatividade no contexto social (CERTEAU, 1994). São as diversas formas que os indivíduos encontram para caminhar pelo cotidiano. É por isso que Moscovici (2007) salienta que as pessoas não são seres passivos diante dos acontecimentos sociais.

Pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam. Nas ruas, bares, escritórios, hospitais, laboratórios, etc. as pessoas analisam, comentam, formulam “filosofias espontâneas”, não oficiais, escolhas, na maneira como eles educam seus filhos, como planejam seu futuro, etc. (MOSCOVICI, 2007, p. 45).

Este passeio pelo significado das representações sociais, sua teoria e seu campo de estudos esclarece a ideia de que seu centro está focado na comunicação, na interação e na mediação. Este processo de representar alicerça as interações sociais. Portanto, finalizando os primeiros traços de um complexo desenho, dá-se força a crença de que a comunicação, fundida em um processo interacional, permite ampliar o conhecimento das pessoas em relação a si mesmas, aos outros e ao lugar onde vivem e convivem, através das representações sociais entendidas como estruturas mediadoras e comunicativas.

3 TRAMA METODOLÓGICA: DESENHANDO O ESPAÇO DE PESQUISA

A comunicação é exatamente esse lugar de observação do mundo em movimento (FRANÇA, 2004).

Mais do que descrever e justificar detalhadamente o método e as técnicas de pesquisa utilizadas, o que alicerça este processo são as histórias vividas no campo, a forma como se chegou a determinados lugares – ou não. Estes contos, este emaranhado de vida, preenchem e avivam o percurso de pesquisa, e ficam como marco de referência, como memorial. E desta experiência tenho muito a dizer, desde o encontro com o Outro, o portador de sofrimento psíquico, o morador da vila, o especialista, etc., até os dez meses de envolvimento com três Comitês de Ética para aprovação da pesquisa, dando um nó difícil de desatar no andamento do trabalho.

Dentro deste emaranhado de escolhas, reafirmo o alicerce teórico metodológico: a Teoria das Representações Sociais, que de acordo com Spink (1993) constitui um campo transdisciplinar, por envolver correntes da história, filosofia, sociologia, psicologia cognitiva, psicologia social. Acrescentam-se aqui as correntes da comunicação, muitas próximas do estudo das representações sociais: “pensando [...] na transversalidade das representações sociais, não há dúvida de que, estando situada na interface dos fenômenos individuais e coletivos, esta noção tem, como aponta Jodelet (1989a), a vocação de interessar a todas as ciências humanas” (SPINK, 1993, p. 300-301).

O conhecimento estudado através desta teoria é sempre um conhecimento prático. Sendo assim, Spink (1993), explica que além de uma teoria do conhecimento, é uma teoria da ação, pois envolve interpretação, negociação, interação social, onde estão implicadas questões práticas do estudo das representações sociais. Este conhecimento prático é o conhecimento do homem comum, muitas vezes esquecido, abafado. Mas, esta pesquisa este saber é legítimo, pois “[...] virar as costas para o cotidiano é abrir mão da possibilidade de uma inserção mais caótica no mundo das ações sociais; uma inserção ordinária e corriqueira – diferente daquela do especialista e do observador

imparcial [...]”. Neste sentido, foi preciso que eu me conectasse com “[...] os fluxos constantes de pessoas, falas, espaços, conversas e objetos [...]” (SPINK, 2008, p. 71). Estes fluxos evidenciaram as representações sociais sobre as ações de comunicação do Projeto de Extensão “ATUT: reciclando vidas com inclusão social”.

As vertentes de estudo das representações sociais que estudam os saberes da vida cotidiana, formalizados ou não, procuram “[...] superar a clivagem entre ciência e senso comum, tratando todas as manifestações como construções sociais sujeitas às determinações sócio-históricas de épocas específicas.” (SPINK, 1993, p. 302). De acordo com a autora, o estudo das representações sociais está inserido entre as correntes que estudam o conhecimento comum, portanto, integrado

[...] entre os esforços de desconstrução da retórica da verdade, componente intrínseco da Revolução Científica que inaugura a modernidade nas sociedades ocidentais. Esta contestação da retórica da verdade pode ser visualizada como um movimento em três tempos: da epistemologia clássica à incorporação do social, com a conseqüente relativização da objetividade, e no terceiro momento, à ampliação do olhar, de modo a ver o senso comum não mais como cidadão de segunda classe, mas como conhecimento legítimo e motor das transformações sociais (SPINK, 1993, p. 302).

O estudo das representações sociais se encontra neste terceiro movimento das teorias do conhecimento “[...] introduz uma nova perspectiva, ampliando o conhecimento-objeto de estudo para além da fronteira da história das ideias”, para abarcar, sobretudo, o conhecimento oriundo das pessoas comuns em suas marchas diárias (SPINK, 1993, p. 302-303). A autora reforça que este terceiro movimento

[...] teve, antes de mais nada, o efeito de liberar o poder de criação dos conhecimentos práticos, ou das teorias do senso comum, tão frequentemente aprisionados nos chavões de reprodução ou de (re)apresentação. Ou seja, não se trata, neste terceiro movimento das teorias do conhecimento, de reabilitar o senso comum enquanto forma válida de conhecimento; trata-se, sobretudo, de situá-lo como teia de significados capaz de criar efetivamente a realidade social (SPINK, 1993, p. 303).

A densidade do caminho percorrido por esta teoria requereu uma trama metodológica, um conjunto de técnicas de coleta e análise oriundas de diferentes

lugares: da Psicologia Social, da Antropologia, da Comunicação, pois o cotidiano não se adapta as metodologias de estudo prontas e estáticas, elas, sim devem ser flexibilizadas para apreender o processo estudado.

Na composição desta trama utilizam-se fios que se completam para melhor abarcar o problema de pesquisa, respeitando o método qualitativo, que se aprofunda no mundo dos significados. Mundo este que não é visível a olho nu; ele precisa ser observado com atenção, com interesse, precisa ser esmiuçado e interpretado pelo pesquisador que se interessa por ele a partir de um olhar particular e específico. Para isso, o pesquisador usa uma lente de aumento. O mundo que ele decide olhar através desta lente, requer observações que deem conta das singularidades contextuais, das nuances das interações sociais que produzem os significados.

A comunicação, por ser um campo novo de estudos, que problematiza os mais variados processos sociais envoltos nos atos de comunicação e interação, pede que se faça uso de diferentes formas de olhar.

A comunicação, com sua falta de tradição, nascida de uma dinâmica interdisciplinar, terreno transdisciplinar, representa muito bem a atmosfera atual, que estimula a diluição dos feudos, das demarcações rígidas de terreno, e chama os cruzamentos. Mas esse movimento de transgressão das fronteiras disciplinares não anula a existência de diferentes perspectivas; não significa que todos falam do mesmo lugar e a mesma coisa; não implica a pasteurização das análises – todas as áreas produzindo as mesmas leituras. Significa, ao contrário, a proliferação dos ‘pontos de vista’ (lugares de onde se vê e se analisa a realidade); a possibilidade de que as mesmas coisas sofram muitas e variadas leituras (FRANÇA, 2002, p. 23).

Esta trilha metodológica possibilita a improvisação que as pesquisas qualitativas exigem (BECKER, 1999). Este contorno qualitativo é preenchido por movimentos de pesquisa – ida a campo, organização das informações recolhidas, descrição, interpretação, análise, etc. – igualmente recheados de histórias, percalços, surpresas, labirintos, enfim, situações que evidenciam a heterogeneidade dos mundos, dos grupos, das pessoas. Estas vivências impedem que se busque exatidão, estatística, categorizações, quantidades, pois através destas só se encontra o que é homogêneo,

reproduzindo o sistema e deixando de fora a proliferação de histórias e operações heterogêneas que compõem os *patchworks* do cotidiano (CERTEAU, 1994).

Para abarcar a vida cotidiana, é preciso permanecer um bom tempo em contato com ela, para que se encontrem as peças procuradas no emaranhado complexo cotidiano. E ainda assim, mesmo quando encontrava algumas regularidades nas falas, nos comportamentos, estas, mudam de tom, não são iguais, são demarcadas pelos detalhes da vida de cada pessoa. As representações sociais nascem desta heterogeneidade. Mesmo sendo elas uma forma de um grupo social olhar e interpretar determinado objeto, demonstrando a existência de saberes comuns, compartilhados, as representações surgem a partir de diferentes formas de olhar e interpretar, evidenciando as idiossincrasias de cada pessoa.

Aí está a maravilha dos contextos: um composto denso e colorido, onde minha veste de pesquisadora aprendiz foi tecida, costurada e remendada com sentidos, sentidos meus, sentidos deles, sentidos entrelaçados pelo convívio e que permitem, depois no último nó, na última carreira a ser costurada, afirmar finalmente, o que é possível, a partir do que foi proposto e do que foi vivido. Esta, também, é a veste que liga dois mundos estranhos – o meu, de pesquisadora e o deles, de interlocutores. Fui à ATUT, confeccionei a veste da forma que consegui; ela foi forjada no processo de inter-relação com o outro lado, dando consistência ao tecido, transformando-a numa roupagem recheada de notas, histórias, memórias. A todo o momento lidei com uma infinidade de sentimentos e subjetividades que perpassaram o ato de pesquisar. Vesti a capa do pesquisador de Da Matta (1987), e, num processo contínuo de aprendizagem busquei “[...] transformar o exótico no familiar e/ou o familiar em exótico” (p. 157), recobrando constantemente a capa de novos fios, retalhos, adereços que deram a ela uma aparência especial e única.

As experiências de campo demonstraram que não existem observações objetivas, apenas as que se situam socialmente nos mundos do pesquisador e dos interlocutores – e entre esses mundos. Os sentidos muitas vezes se mostraram difusos – não por isso, menos importantes. O que as pessoas ofereceram foram relatos, muitas

vezes em pedaços, fragmentos sobre a relação com o grupo de extensão. Estes fragmentos foram aproximados a partir do entrelace das técnicas de coleta de informações escolhidas, que serão esmiuçadas adiante: observação participante, entrevistas qualitativas e pesquisa documental. Os sentidos que produzi e compartilhei no campo foram entrelaçados aos sentidos dos interlocutores em um processo de análise destes sentidos, proposto por autores que estudam as representações sociais – Sandra Jovchelovitch, Ângela Arruda, Mari Jane Spink – e complementado por alguns feixes da obra de Eliséo Verón sobre produções de sentido. Com estes processos de análise e interpretação de sentidos – que serão detalhados adiante – procurei manter o contorno qualitativo e o traçado etnográfico que priorizam as falas e ações dos interlocutores.

Escolhi técnicas que estivessem de acordo com o alicerce teórico-metodológico escolhido nesta pesquisa, vista como uma interação entre saberes com o objetivo de ampliar conhecimentos, tanto no universo científico, como no do senso comum, da vida cotidiana. Esta tecelagem é uma forma de cooperação e comunicação – interação entre pesquisador e interlocutores. Sem esta relação de troca que se estabeleceu no período de campo, a pesquisa não teria sido realizada nos moldes em que foi proposta.

A intenção, através das técnicas escolhidas, também foi fazer parte daquela realidade social, através do diálogo e da comunicação com as pessoas que formam a ATUT. Segundo Jovchelovitch (2008), é no diálogo e na comunicação entre diferentes saberes que reside o potencial para ampliar as fronteiras do conhecimento. Ou seja, as relações aqui descritas – grupo de Extensão e ATUT, pesquisador e interlocutores – são entendidas como interações entre diferentes saberes, todos entendidos como saberes relevantes. Portanto, com a trama metodológica busca-se a interconexão dos elementos que deram origem a determinados sentidos. O importante é ver que os elementos estão interconectados uns aos outros e interagindo para produzir algo, formando conexões de sentidos (GÓMEZ, 2000).

A forma como acredito que as pesquisas devem se desenrolar também permeia este fazer. Minhas especificidades marcam esta urdidura, já que me posiciono a partir de um lugar, de “[...] uma determinada perspectiva de classe, de gênero, de raça, de cultura

e de comunidade étnica [...]”, deixando claro que cada fase da pesquisa está marcada por minha biografia (DENZIN E LINCOLN, 2006, p. 32). E entre estas especificidades está a característica de compreender, concordando com os estudos de Jovchelovitch (2008), que a pesquisa deve ser um ato dialógico. Isto porque, esta pesquisa envolve, principalmente, o reconhecimento do Outro. Seja nas relações com o pessoal da ATUT ou do Projeto de Extensão, o trabalho envolveu, o tempo todo, o enfrentamento com o Outro e seu reconhecimento. A atitude dialógica é a forma como o pesquisador se posiciona no campo, como o compreende em relação a si mesmo, aos seus conhecimentos e as pessoas que lá estão (JOVCHELOVITCH, 2008).

A atitude dialógica implica intercâmbios baseados no mútuo reconhecimento entre interlocutores diferentes em que os parceiros lutam para estabelecer comunicação e para lidar com os muitos obstáculos frequentemente associados a este processo. A atitude dialógica na pesquisa está baseada tanto no ato de ouvir o Outro e permitir a expressão máxima do campo quanto na constante avaliação de como a realidade do campo abala e redefine a hipótese de trabalho, a teoria e os pressupostos do pesquisador. Por meio de um ato dialógico o saber e os pressupostos dos pesquisadores e a realidade do campo se confrontam, produzindo reajustamento, mudança e ampliação de fronteiras em todos os conhecimentos implicados (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 285-286).

O reconhecimento dos saberes dos outros, dos interlocutores, como saberes legítimos, não deve estar expresso apenas nos embasamentos teóricos. Esta luta deve ser travada no campo de pesquisa. Falo de luta, pois não é tarefa simples adentrar no campo do Outro, relacionar-se com ele, criar vínculos, assumindo que o conhecimento ordinário, não especializado, é um conhecimento válido. Nós, pesquisadores, aprendizes ou não, estamos sempre envolvidos em livros, teorias, métodos, artigos, nomenclaturas, posturas próprias do campo científico que pouco parecem ter a ver com a vida que se vive “lá fora”. Na ATUT exercitei o uso de uma linguagem o mais coloquial possível, que exigiu certo esforço. Estes movimentos aproximam mundos distantes, pois mesmo que nós pesquisadores sejamos originários deste mesmo mundo das práticas cotidianas, e o vivamos diariamente, o viver científico acaba nos carregando de trejeitos e posturas específicas, que incluem, muitas vezes – e eu diria, infelizmente – uma postura de superioridade e/ou de distanciamento frente ao Outro.

São estas as dificuldades de entrar no campo sem querer impor o “saber científico”. A atitude dialógica requer um exercício constante de relativização de posturas rígidas. Reconhecer o outro é uma tarefa árdua que requer exercício de alteridade. E, na pesquisa especificamente, reconhecê-lo é legitimar seus sentidos como parte imprescindível do processo. De acordo com Jovchelovitch (2008), faz-se pesquisa dialógica quando se dá preferência à linguagem dos interlocutores. Portanto, o que busco aqui é interpretar os sentidos a luz de entrelaces teórico-metodológicos que priorizam as interações cotidianas destas pessoas. Esta é uma forma de reconhecer outros saberes além dos tradicionalmente considerados legítimos.

Se assumirmos que há apenas um modo de conhecer, representado em nosso mundo contemporâneo pela ciência e conhecimento técnico, a pesquisa em representações sociais se torna um processo de descrição de conteúdo e da lógica de saberes sempre comparados a um padrão que é considerado o correto. Este pressuposto, ainda que muito difundido, ignora a complexidade dos saberes e a riqueza implícita nas estratégias construídas por sujeitos comuns para lidar com ambientes sociais e naturais. Suas consequências vão muito além da pobreza dos resultados em pesquisa. Eles também influenciam a maneira como o saber de comunidades locais é tratado e as práticas postas em ação para lidar com ele (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 263-264).

Estas formas de pensar e fazer pesquisa evidenciam um traço etnográfico, marcado por diversas experiências de campo que mereceram destaque, como parte inseparável da cartografia. Todas as costuras que foram feitas no decorrer do processo fazem parte do formato desta tecedura, recheada de histórias e comentários sobre estas andanças. Situações que me fizeram refletir sobre e como vi e ouvi e como estas observações refletiram no encontro das representações sociais.

O traçado etnográfico aproxima este estudo do movimento da sociologia/antropologia urbana da Escola de Chicago⁵, influenciada pelo interacionismo

⁵ A Universidade de Chicago surgiu em 1892 e, em 1910 o seu departamento de sociologia e antropologia tornou-se o principal centro de estudos e de pesquisas sociológicas dos EUA; em 1930, o termo Escola de Chicago foi utilizado pela primeira vez por Luther Bernard, em “*Schools of Sociology*”. Esta Escola é considerada o berço da sociologia; costuma ser designada como um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica realizados, entre 1915 e 1940, por professores e estudantes da Universidade de Chicago. A Escola de Chicago tem como foco a sociologia urbana, com estudos sobre os problemas que enfrentava a cidade de Chicago, principalmente, sobre a imigração e assimilação de milhões de imigrantes à sociedade americana (COULON, 1995; GOLDENBERG, 1998).

simbólico⁶, que também encontra seu espaço nesta pesquisa nas reflexões sobre as interações sociais. A trajetória da Escola de Chicago é considerada por Winkin (1998) como a segunda grande revolução da etnografia, pois os estudos começam a ser feitos “na casa” do pesquisador, na cidade, nas ruas, nos centros urbanos e não mais em sociedades distantes. Para Travancas (2005), esta forma de fazer pesquisa muda radicalmente a Antropologia e a Sociologia. Isto porque com uma perspectiva multidisciplinar, os pesquisadores da Escola de Chicago direcionavam suas pesquisas aos grandes centros urbanos, para os problemas da cidade. Esta pesquisa possibilitou o envolvimento com os problemas urbanos como a doença mental, a pobreza, o preconceito, a exclusão/inclusão social, ou seja, fui buscar formas de fazer comunicação em um espaço marcado por problemas socioambientais próprios dos centros urbanos.

Este encontro com a alteridade permitiu um deslocamento dentro da própria cidade para reconhecer o Outro e suas perspectivas. Inverti o binóculo e o que enxergava de longe, muitas vezes apenas no imaginário, agora pude ver de perto, com maior riqueza de detalhes. Este encontro com o outro, esta transição entre exótico e familiar é um encontro entre diferenças, que confirma a importância do traço etnográfico, já que a antropologia, ciência que dá origem a etnografia, tem, como nos diz Peirano (1992, p. 04), o projeto de formular uma ideia de humanidade construída pelas diferenças.

Winkin (1998) fala que para agarrar firme a comunicação é preciso procedimento etnográfico. De acordo com Cogo (2007, p. 158), “[...] da Antropologia, os pesquisadores da comunicação herdaram o trabalho de campo como postura científica

⁶ Essa expressão foi utilizada primeira vez por Herbert Blumer, em 1937, considerado seu mais destacado discípulo (COULON, 1995). Blumer (1986) iniciou seu pensamento sobre a interação simbólica com três premissas: a primeira é de que os seres humanos agem em relação às coisas na base dos significados que as coisas têm para eles; a segunda é de que o significado de tais coisas deriva, ou decorre da interação social que um indivíduo tem com os seus semelhantes; e a terceira premissa é de que esses significados são manipulados e modificados através de um processo interpretativo usado pela pessoa no trato com as coisas com que se defronta. Blumer ampliou a perspectiva interacionista, principalmente, quando adotou o termo, disseminando-o. Para o autor, o interacionismo simbólico vê a sociedade humana como pessoas engajadas em viver. Esse viver é um processo de contínua atividade no qual os participantes desenvolvem linhas de ação nas diferentes situações que encontram. Os indivíduos se encontram em um vasto processo de interação no qual precisam ajustar suas ações em desenvolvimento uns aos outros. Eles vivem em mundos de objetos e são guiados em suas orientações e ações pelo significado destes objetos. Seus objetos, incluindo aqueles formados por eles mesmos, são desenvolvidos, sustentados, enfraquecidos e transformados nas interações entre eles (BLUMER, 1986).

que se traduz na atitude de saída do gabinete e convivência com o universo do outro.” Arruda (2005) ressalta que o pesquisador precisa ter um olhar antropológico. Isso, segundo a autora, significa encarar as produções do grupo como próprias deste. E, por outro lado, é preciso saber que a coleção de dados que se obtêm e se processam ainda não são as representações sociais. Elas surgem da costura que só o olhar do pesquisador pode fazer. Esta costura é a interpretação (ARRUDA, 2005).

No decorrer da pesquisa não fiquei presa ao objeto como se este estivesse fechada em um tubo de ensaio. Percorri muitos lugares, que rechearam a pesquisa de histórias. Experiências carregadas de sentimentos, desejos, medos, que dão vivacidade à pesquisa. Através delas as interpretações e os sentidos vão se desenrolando até chegar às representações sociais. Estas histórias também revelam que nem sempre consegui manter a capa de pesquisadora abotoada; ouve momentos em que afrouxei a gola, outros a desabotoei por completo, e outros mais em que ela ficou por sobre uma cadeira no canto do galpão. Foram estes diversos usos que fiz da roupa é que no final coloriram e entremearam o processo de pesquisa.

3.1 TRAÇOS DE UMA HISTÓRIA DE MUITAS ANDANÇAS: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE CAMPO

“Felizmente os cientistas [pesquisadores] não são apenas cientistas. Eles tem vida dupla, tripla, são também cidadãos, pessoas privadas, cidadãos, seres de convicção metafísica ou religiosa. Em função disso, os cientistas sentem a pressão dos imperativos morais típicos dessas outras vidas, e esses imperativos morais interferem nas suas atividades científicas.” (Morin, 2005, p. 73).

Durante os 14 meses que estive na ATUT, ocorreram acontecimentos importantes, desde a inserção no campo, a evolução do relacionamento com os associados, com os membros do Projeto de Extensão, as escolhas teórico-metodológicas. São traços de um processo de pesquisa; um caminho sinuoso, porém

gratificante; um percurso importante que contribuiu para chegar a esta versão da pesquisa. Este trecho é um espaço onde conto uma parte da história, envolvida em experiências divertidas, estranhas, desafiadoras, “malucas” desta inserção no “Mundo ATUT”.

Estas andanças ganham corpo através de minhas observações entrelaçadas em momentos de total imersão no grupo, momentos de descontração, de amizade e de trabalho em que fui aceita como membro do “Mundo ATUT”. Aqui é importante frisar que, segundo a perspectiva interacionista o pesquisador só pode ter acesso aos fenômenos particulares – sentidos produzidos nas atividades interativas dos agentes – quando participa também como agente do mundo que se propõe estudar (COULON, 1995).

As experiências com um grupo que vive em um mundo tão diferente do meu tornaram-se mais ricas na medida em que nossos saberes foram colocados em contato, entrelaçados para formar novos saberes. A partir destas andanças, destes diferentes encontros é que a pesquisa foi construída, urdida no contexto de interações entre diferentes atores sociais – estudantes, professores, pesquisadora, portadores de sofrimento psíquico, psicólogos, moradores da vila, etc.

Estas interações formaram uma complexa teia que fundamentou as escolhas e recortes da pesquisa. Cabe ressaltar que esta vai além das paredes do pavilhão da ATUT. Entrando tantas vezes no Hospital Psiquiátrico São Pedro, transitando por suas ruelas, participando de confraternizações com os usuários e moradores do Hospital, encarei a alteridade de frente. Nestas andanças recebi abraços e xingamentos, olhares simpáticos e desconfiados, muitos abanos, “ois” e “tchau”, e até um convite para dançar ao som da gaita de boca de um morador que não falava, apenas “grunhia” e assoprava seu instrumento com muita satisfação, acreditando, no interior de seu mundo, que aquele barulho contínuo era sim uma música.

Reescrever estes caminhos trata-se, também, de uma forma de ir e vir da/na memória, uma forma de reviver as lembranças do processo. Voltar às primeiras

anotações de campo é um exercício de organização daqueles rabiscos cheios de entusiasmo e inspiração, de medo e dúvidas. Durante este percurso, deu vontade de rir e de chorar, e de voltar... Foi possível perceber o quanto é difícil vestir a capa do pesquisador, principalmente, ao adentrar cada vez mais no “Mundo ATUT”. Eu realmente quis vê-los além da relação pesquisador-interlocutores. Compreendi o quanto é importante para eles que as pessoas que vão até a ATUT reconheçam seu trabalho e, mais do que isso, os reconheçam como cidadãos atuantes na história da sociedade.

Neste período em que estive na ATUT, primeiramente, em novembro de 2008, visitei a Associação com a coordenadora do Projeto de Extensão, a Martha, pois foi com ela que conversei pela primeira vez na UFRGS, para falar do interesse em realizar a pesquisa. Neste dia não havia ninguém da equipe técnica no local para que eu pudesse expor as ideias da pesquisa e pedir autorização para realizá-la. Remarquei uma visita, e quando tive o primeiro contato com um dos coordenadores, fui informada de que o projeto de pesquisa teria que ser avaliado pelo Comitê de Ética do Hospital São Pedro⁷. Então, fui direcionada ao Departamento de Pesquisa do Hospital, onde fui orientada a, primeiramente, fazer o “Estágio de Familiarização”. Inscrevi-me no estágio que iniciou em 02/12/08. O estágio ocorreu por um período de vinte dias. É uma exigência do Hospital para que as pessoas conheçam melhor o funcionamento da instituição e/ou de alguma área específica de interesse antes de iniciar atividades de estágio, pesquisa ou voluntariado. O Estágio de Familiarização é aberto à comunidade, mas normalmente são alunos de psicologia, enfermagem, educação física e medicina e demais áreas da saúde que participam por interesse próprio ou por exigência curricular. Naquele estágio, eu era a única participante que não era da área da saúde.

No primeiro dia de estágio houve uma visita ao Hospital onde foi apresentada sua história, suas alas, formas de tratamento e atendimento, etc., até o contexto/cenário

⁷ A Resolução nº 196/96 discorre sobre a necessidade de todas as Pesquisas Envolvendo Seres Humanos serem avaliadas eticamente. A resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça e, visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado. Considera-se Pesquisa Envolvendo Seres Humanos toda pesquisa que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais. Informações extraídas da Resolução disponível no *site*: <http://www.propesq.ufrgs.br/comissoes/comitedeetica.php>. Acesso em Fevereiro de 2008.

de atendimento/tratamento atual. Depois fomos encaminhados para os setores de interesse – Recreação (atividades laborais e de educação física), Oficina de Criatividade (artesanato e pintura), Moradas⁸, Unidades de Tratamento. Neste dia a ATUT não estava entre as unidades indicadas, portanto, tive que pedir para fazer o estágio lá. Depois do pedido de autorização para a coordenação da ATUT (que na verdade já sabia da minha existência), fui encaminhada para a Associação. Durante este período de vinte dias me envolvi em diversas atividades, sob orientação do psicólogo da ATUT. Foi aí que comecei a conhecer melhor os associados e seu trabalho. Durante as conversas me apresentava como estagiária, mas também como pesquisadora, explicando que depois da avaliação do Comitê de Ética eu iniciaria as conversas/entrevistas com eles.⁹ Comecei há interagir cada dia mais com os associados, a contar o que estava fazendo ali, de onde vinha, para onde ia etc. Neste período comecei a escrever o projeto para avaliação do Comitê de Ética do São Pedro, que se reuniria em fevereiro de 2009, após o período de férias.

Como era um mês especial, de Natal, ajudei a montar um pinheirinho com garrafas *pet*. Recortamos as garrafas em formato de coração e em cada um deles colocamos o nome de cada associado e dos parceiros/colaboradores. Foi muito especial, porque os associados passavam pelo pinheiro e procuravam seus nomes; os que não sabiam ler pediam que eu mostrasse onde estava seu nome para que memorizassem. Num dia destes pediram que eu também colocasse meu nome, porque, nas palavras deles, eu já era parte da ATUT. Fiquei muito feliz, porque era o princípio de uma relação positiva com eles. Ao lado deste pinheirinho coloquei uma folha grande, branca, que tirei do meio do papel que estava sendo triado e pendurei em forma de cartaz, para que eles escrevessem mensagens de Natal e Ano Novo. Enquanto permaneci ali, poucos se arriscaram a escrever, outros não sabiam fazê-lo, ditaram-me as palavras e eu as repassei para o papel. No outro dia, quando retornei, havia muitas mensagens, e uma delas dizia algo mais ou menos assim: “Desejo um Feliz Natal e um próspero ano novo

⁸ São as residências localizadas dentro do Hospital onde vivem os pacientes permanentes, que no período de desinstitucionalização dos hospitais psiquiátricos não tiveram suas famílias e identidades encontradas e/ou não tinham condições de sair do hospital em função das características do sofrimento psíquico.

⁹ No período de familiarização combinei com a equipe técnica que não realizaria entrevistas, que precisavam da assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, um dos documentos que passam pela avaliação/aprovação dos Comitês de Ética.

a todos os colegas e peço que sempre tenhamos estagiárias simpáticas e bonitas como a Cristine. Ass.: Júlio”¹⁰.

O Júlio é o poeta/escritor da ATUT. Ele gosta de ler e escrever. Muitos de seus colegas, e mesmo o pessoal da equipe técnica, ressaltavam seu “dom” como um diferencial. Quando me falaram sobre ele, foram frases cheias de adjetivos. Foi aí que descobri que na Feira do Livro de Porto Alegre de 2008, ele havia participado com um texto intitulado “Eu e a ATUT”, em um livro chamado Histórias de Trabalho, resultado de um concurso promovido pela Secretaria de Cultura de Porto Alegre. Alguns associados me contaram que o Júlio “deu autógrafo na feira do livro”. Conversei com ele, agradei a dedicatória de Natal e pedi onde poderia comprar o livro. Ele me falou que tinha para vender, e disse: “Eu gostaria de ter dar um, mas não tenho condições.” Comprei o livro, que veio com outra dedicatória: “Para Cristine, para minha querida amiga que é muito inteligente e bonita, que também é uma jovem que se interessa pelas coisas boas da vida. Júlio.” Este gesto sinalizou a empatia que estava sendo criada.

Neste período comecei a auxiliar nas atividades de triagem. Aprendi a separar os tipos de papel em branco, pardo, misto e mistão. Passava as manhãs com eles entre as bombonas e pilhas de material. Quando não estava triando ficava nas mesas batendo papo com o pessoal. Descobri que eles gostavam de conversar, desde que não prejudicasse o andamento do serviço; eles não perdiam tempo, trabalhavam sem parar, porque quanto mais material triado, mais fardos vendidos e mais dinheiro entrando. Neste mesmo período fui surpreendida pelo convite para participar do passeio de final de ano. O passeio foi muito divertido, joguei futebol com eles e participei do amigo secreto, sendo surpreendida pelo meu presente.

Fiquei apalmando o pacote e de jeito nenhum conseguia imaginar o que era. Quando abri o presente, a inevitável surpresa em função do objeto inesperado: uma forma de gelo. Ainda bem que estavam todos concentrados demais em seus presentes para prestar atenção em mim e na minha primeira reação de surpresa. O associado que

¹⁰ Os nomes dos membros da ATUT citados na pesquisa são fictícios, respeitando uma das cláusulas do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”. Apenas a coordenadora do Projeto de Extensão autorizou que seu nome fosse mantido para não descaracterizar as falas dos associados.

me deu esse presente é muito quieto e acanhado. Ele apenas disse: “peguei a estagiária” e me abraçou timidamente.

Neste mesmo dia o psicólogo da ATUT me falou que se impressionou com a facilidade que tive de me entrosar com o grupo. Ainda em dezembro, também celebrei meu aniversário com eles, levei salgados e refrigerantes. Neste dia, vi a satisfação deles por terem um intervalo diferente. Além dos parabéns, ganhei uma caixa de chocolate de uma das associadas, que disse que resolveu me presentear com doces, porque em algumas de nossas conversas demonstramos o mesmo interesse por esta especiaria.

Depois do término do estágio de familiarização eu me inscrevi no estágio voluntário, para não ter que me afastar da ATUT durante o período de avaliação do Comitê de Ética. A partir disto, comecei a ir para a ATUT três vezes por semana. Nestas visitas continuei a trabalhar com eles na triagem, reforçando a interação, conhecendo mais as pessoas, despedindo-me dos que saíam e recepcionando os que entravam. Assim, trabalhando, colaborando fiz parte das rodas de conversa; fui aceita para ouvir sobre os “causos” da Associação, da vila, das famílias, etc. Quando ficava perambulando muito, alguém do logo perguntava: “Não vai trabalhar hoje?”.

Assim, com o tempo fui adentrando cada vez mais no “Mundo ATUT”. Minhas passagens pelo galpão eram sempre regadas a conversas e brincadeiras. Nas mesas, conversávamos sobre muitos assuntos, sobre mim, sobre eles, havia curiosidade nas conversas; eu queria saber mais sobre eles e eles sobre mim. Assim, conheci as histórias de muitos associados. O Mário contou sobre as dívidas que de vez em quando adquiria no “abrigo” onde morava porque quando fica “meio nervoso”, acabava quebrando algumas coisas. Sempre que chegava à ATUT ele apertava minha mão, me dava um abraço e perguntava: “tudo bem amiga?”. A Cláudia era uma senhora que gostava de bonecas, gostava de dormir com elas. Ela também estava sempre bonita, unhas pintadas, cabelo enfeitado, assim como sua irmã Maria. Eu e a Maria sempre conversávamos sobre comidas gostosas, e nessas conversas descobrimos gostos em comum, como batata-frita. Um dia cheguei à ATUT e ela me disse: “Domingo comi batata-frita e lembrei de ti”.

Em fevereiro de 2009 entreguei o projeto para avaliação do Comitê de Ética do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Quase dois meses depois, quando recebi o resultado (as reuniões foram sendo adiadas em função das férias), fiquei sabendo que tinha feito o processo inverso, e que deveria começar tudo de novo, passando primeiramente pelo Comitê de Pesquisa da minha Unidade (FABICO), depois pelo Comitê de Ética da UFRGS, para depois voltar para o Comitê de Ética do São Pedro. Eu realmente não esperava que as coisas acontecessem dessa forma. Eu desconhecia estes processos; fui surpreendida por esta obrigatoriedade. A inexperiência nesta área burocrática fez com que eu enrolasse o processo de campo/pesquisa. Também foi o motivo pelo qual atuei tanto tempo como “estagiária voluntária”, não podendo realizar “efetivamente” a pesquisa. O projeto passou pelo Comitê de Pesquisa da FABICO, pelo Comitê de Ética da UFRGS, de onde voltou com solicitação de alterações. O retorno final com a aprovação atrasou cerca de um mês em função da epidemia de Gripe A (Influenza A, H1N1) – período em que as pessoas evitaram manter-se em grupos, ou mesmo se aproximar de outros em locais fechados. Enviei o projeto ao Comitê de Ética do São Pedro, cerca de uma semana depois, no início de setembro 2009.

Uma representante do Comitê de Ética do Hospital Psiquiátrico São Pedro recebeu o envelope e avisou que eu deveria retornar para obter o resultado na última semana do mês de setembro. Quando retornei no prazo combinado, recebi a notícia de que eles haviam extraviado meu projeto; ele não chegou nem a passar pelas mãos dos integrantes do Comitê. Disseram que a responsável por protocolar os recebimentos de projetos estava de férias e que alguns deles haviam se perdido. Batendo picos de desespero em função dos prazos, encaminhei toda a papelada novamente. Com a ajuda do psicólogo da ATUT, consegui conversar diretamente com uma das avaliadoras, que reconheceu a particularidade da situação, dando preferência à avaliação do meu projeto. Após todo dilema, que já durava 10 meses, recebi a aprovação do Comitê de Ética do São Pedro quase no final de novembro de 2009.

Durante todo esse período continuei frequentando periodicamente a ATUT. Fiz observações, participei de reuniões realizadas entre o Projeto de Extensão e a ATUT,

conversei informalmente com os meus interlocutores, não ultrapassando o limite solicitado pela equipe técnica de aguardar a aprovação dos Comitês de Ética. Mas, apesar de o tempo estar passando, muitos deles falavam comigo sobre o assunto, mostraram-se interessados com o andamento da pesquisa, buscando informações.

Todo esse processo causou enorme desgaste na pesquisa, para seus avanços, escolhas. Causou, inclusive, um desconforto emocional, pois preocupada com o andamento destas aprovações, muitas vezes, não evoluía no desenho da dissertação. O recorte foi refeito em função destes prazos. Quando recebi a aprovação do Comitê e Ética do São Pedro, eu e o meu orientador avaliamos o que poderíamos fazer, em termos de entrevistas, no tempo que ainda tínhamos. Reconheço a importância da avaliação ética da pesquisa. Porém, as regras deles não foram compatíveis com minhas regras, de tempo, principalmente. E o despreparo de alguns envolvidos, como no caso do extravio no Departamento de Pesquisa do Hospital Psiquiátrico São Pedro, influenciaram negativamente no andamento da pesquisa, além de evidenciarem a necessidade de reforçar a seriedade e responsabilidade envolta nas avaliações éticas, que não pode ser perdida/abandonada quando funcionários se ausentam do trabalho ou entram em férias, por exemplo.

Contando algumas das experiências que tive na ATUT e falando da tranquilidade de entrar neste campo, parece que foi tudo realmente muito fácil. É bem verdade que, fora as muitas dúvidas de pesquisa e as questões envolvendo as avaliações éticas, a boa relação com os associados não foi difícil de criar e manter. A própria terapeuta ocupacional sempre me dizia que eles gostavam muito de mim e sentiam minha falta quando eu me ausentava. Porém, relendo minhas anotações, vi que, na primeira vez que estive na ATUT, com a Martha, no dia 06 de novembro de 2008, escrevi sobre a enorme expectativa de conhecer um lugar tão particular, com pessoas tão singulares e diferentes de mim. Apesar das experiências que vivenciei na minha família, não sabia o que iria encontrar em um hospital psiquiátrico.

Além das expectativas, havia o medo de cometer alguma gafe, falar alguma bobagem, transparecer algo que pudesse ofendê-los. Esta sociedade maniqueísta que

ensina/prega o que é bom ou mal, normal ou anormal, é que contribui para que se construa um imaginário totalmente errôneo sobre o Outro, o diferente. Desde os primeiros dias fui me relacionando com eles, percebi que aprendemos a ser preconceituosos, como parte do processo de segregação do outro. Os associados da ATUT são pessoas comuns, alguns com mais limitações, outros menos, mas mesmo assim, comuns, simples, lutando por um espaço nessa sociedade que os exclui, que os marginaliza, os estigmatiza, os classifica como anormais.

Esta questão da diferença culminou em mim um importante processo reflexivo. Eu sabia que era diferente deles, principalmente, nos que diz respeito às origens e possibilidades/oportunidades de acesso a saúde, educação, informação, etc., que eles não têm no mesmo nível. Eu achava que, para me aproximar deles, conquistar sua confiança, deveria tentar uma igualdade harmônica, deixar meu conteúdo cultural e social do lado de fora das portas do São Pedro. Eu achava que não seria aceita no grupo, que, ao invés de discriminar, seria discriminada. Ledo engano. Durante o período de convivência fui compreendendo que o objetivo não deveria ser o de me igualar a eles, querer ser como eles, esquecer do lugar de onde eu vim. Primeiro, porque isso é impossível; as marcas de uma vida não podem ser apagadas; existem diferenças entre nós que não podem e não devem ser esquecidas. Segundo, porque não precisei desse mascaramento para me aproximar deles e conquistar sua confiança. Eu os aceitei e fui aceita, com respeito à diversidade, num processo de troca e aprendizado mútuos.

Compreendi que o desafio da alteridade reside na capacidade de adentrar no mundo dos outros sem abandonar meu próprio mundo, pois a experiência cotidiana é sempre um entrelaçar de diferentes perspectivas. Sem a capacidade de permanecer ancorados em nós mesmos não existe encontro (MELUCCI, 2004). Eu fui à ATUT para trocar experiências e saberes. Esta foi uma das coisas mais importantes que aprendi no trabalho de campo: os saberes devem ser compartilhados, não divididos e/ou neutralizados/esquecidos. Uma vez fui profundamente tocada pelo comentário de uma associada: “tu tá aqui e a gente gosta de ti porque tu tem o coração humilde”.

Até hoje eu carrego comigo os muitos adjetivos que fui recebendo ao andar pelo galpão: “_ é uma princesinha, não pode fazer força, é uma patricinha.”; “não pega no lixo que tu vai sujar as mãozinhas”; “é tão magrinha, come maçã porque faz dieta...”. No começo eu me incomodava com isso e queria tentar desfazer estes que eu chamava de mal entendidos. Eu queria desfazer este estereótipo, assim como estava me esforçando para desfazer os estereótipos sobre eles. Depois fui compreendendo que estas denotações são formas fossilizadas de representar o outro, oriundo de um espaço social diferente. Os estereótipos fazem parte de nossas muitas significações sobre as cores e formas do mundo. Os associados da ATUT são pessoas que cresceram às margens da sociedade, por serem muito pobres e/ou doentes mentais. Eles carregam consigo estigmas, preconceito, discriminação. Estas ancoragens sobre o Outro, objetivadas em palavras como “patricinha”, “magrinha”, “branquinha”, “princesinha”, etc. são suas formas de significar um mundo diferente. Não havia como negar que minha aparência causasse estas reações. Um amigo antropólogo um dia me disse que os dentes brancos e saudáveis denunciam o lugar de onde viemos. O fato de vir da UFRGS, da Pós-Graduação, também causava neles uma sensação de superioridade, felizmente esvaziada no decorrer das relações. Não há como negar que há tensões entre os universos reificado e consensual. Além de ficarem evidentes no processo de reconhecimento do Outro, elas ficaram evidentes no momento em que precisei transcrever para o papel os eventos de campo. Parece-me que muitas situações são demasiados ordinárias tornando difícil o respeito ao linguajar científico.

De qualquer forma, estas tensões e diferenças não foram motivo de negação e distanciamento. Elas evidenciaram o processo de reconhecimento e tomada de perspectiva do Outro. Além das “brincadeiras”, também recebi declarações de que era “muito legal”, “prestativa”, que “gosta de conversar”. Um dia uma associada estava triste por um problema particular e me disse que se sentia muito melhor depois do nosso papo descontraído. Eles também me faziam perguntas sobre a faculdade, sobre o mercado de trabalho, sobre vestibular, etc., ou seja, também buscavam em mim e no mundo de onde eu vinha informações que lhes interessavam.

Então, eu fui percebendo que os apelidos tinham um fundo de verdade, mas não eram de todo maliciosos, muitos traziam consigo uma grande cota de carinho e surpresa pelo fato de que alguém com origens tão diferentes das deles, tivesse conseguido adentrar tão bem no grupo. O próprio psicólogo, membro da equipe técnica, disse para mim que não imaginava que eu ia me adaptar tão rapidamente. Contou-me que muitos estagiários passaram pela ATUT de forma negativa, tratando os associados como inferiores, deixando que o jaleco branco – muitos deles fazem questão de usar para se diferenciarem dos “loucos” e para objetivarem seu poder de especialistas – os transformassem em seres superiores. E, numa reunião periódica o psicólogo agradeceu perante o grupo a minha participação positiva dentro da Associação. Fiquei muito emocionada neste dia. Eu realmente havia entrado na ATUT da forma mais “aberta” possível, me esforçando para deixar os preconceitos naturalizados do lado de fora. Hoje eles sabem que sou amiga deles, me aceitaram como integrante do grupo. Todas as vezes que cheguei à ATUT fui recebida com carinho. Teve um período em que precisei ficar duas semanas sem ir, avisei a coordenação, mas eles não avisaram os associados. Quando retornei corria o boato de que eu havia ido embora. Uma associada me falou: “Que bom que tu voltou, nós pensamos que tu tinha ido embora.”

Acredito que o fato de ter sido “estagiária” – sempre me chamaram assim – de ter auxiliado nas atividades, de ter “posto a mão na massa”, facilitou meu contato com eles, tornou a relação menos tensa. A atividade de estágio era familiar para eles. Apesar de algumas experiências negativas, muitos associados lembravam-se de estagiários “legais”, amigos”, que “mexiam no lixo com eles”. Claro que muitas vezes questionei meu comportamento, minha excessiva proximidade com eles, os presentes, as doações (agasalhos), as festas, os bate-papos, etc. Alguns me falaram sobre os limites da pesquisa, mas eu realmente não conseguiria “seguir rigorosamente o protocolo”. A relação de afetividade facilitou a execução dos processos de pesquisa; as falas, as interações ocorreram de forma gradativa e “natural”.

Mas, apesar da aproximação, fixei alguns limites éticos: não me metia em nenhum assunto, decisão, reclamação, confusão entre eles. Muitos pediam opinião, principalmente dentre os pacientes, queriam falar em particular, pedir ajuda, reclamar

uns dos outros, pedir que eu fizesse telefonemas, conversasse com a equipe técnica sobre determinados assuntos, etc. Eles me enxergavam como uma pessoa autorizada a tomar certas decisões. Muitos até acreditavam que eu fazia parte da equipe técnica. Alguns associados, pelas características do sofrimento psíquico, não firmavam uma ideia real, objetiva do meu papel dentro da Associação. Eu fui amiga, estagiária, estudante da UFRGS, e até psicóloga na cabeça deles. A memória muitas vezes falhava. Eles me conheciam, me reconheciam, mas não com uma função específica: a de pesquisadora. Eu também não tive a obsessão de reforçar esse papel cada vez que eles se confundiam. Então, pacientemente, e muitas vezes, expliquei que não podia me envolver em determinados assuntos. Num misto de decepção e compreensão eles aceitavam naquele momento. Mas, passavam os dias e logo vinha alguém e dizia: “Vem cá que eu preciso falar contigo”. Aí eu já sabia do que se tratava.

Eu não me envolvi nas questões técnicas da psiquiatria, da psicologia, da doença mental, por desconhecimento e por escolha, pois não teria fundamentos para fazê-lo. Nem mesmo ficava questionando os associados sobre o motivo de estarem lá, fossem eles pacientes ou não. Vi uma estagiária que passou por lá fazendo isso e percebi que muitos associados se sentiam incomodados. Alguns me contaram conforme iam criando confiança, sobre outros descobri nas falas da equipe técnica, quando tinham alguma crise, ou por algum motivo, se afastavam por algum tempo. O espaço destinado a falar sobre os portadores de sofrimento psíquico não tem pretensão de discutir as muitas dimensões teóricas envolvidas nos conceitos de loucura e doença mental. Descrevo e interpreto a partir do que vivi neste encontro com os portadores de sofrimento psíquico e, como acredito que esta questão deve ser pensada, no que tange ao reconhecimento do outro e não ao tratamento da doença mental. Não poderia deixar de citá-lo sendo que desenvolvi a pesquisa em um galpão de triagem localizada dentro de uma instituição psiquiátrica, onde a maioria dos associados são portadores de sofrimento psíquico. Entender os saberes deles também faz parte da teia de sentidos que dão origem às representações sociais.

O psicólogo tinha uma grande e, às vezes, até excessiva, preocupação com minha segurança dentro do Hospital. Sempre me pedia que eu estivesse em dia com os

documentos de estágio para que, se acontecesse algo, ele não fosse responsabilizado. Apesar de nunca ter vivido um momento perigoso, eu entendia sua preocupação, pois presenciei algumas situações delicadas. Teve um dia em que um usuário do hospital teve uma crise, ficou muito nervoso, o psicólogo tentou falar com ele e foi agredido, sendo necessária a intervenção de outros associados. Minutos depois o psicólogo veio me dizer para eu não me envolver neste tipo de acontecimento. Precaução.

Este posicionamento de não envolvimento com estas questões também foi um aprendizado oriundo das relações com a Martha, coordenadora do Projeto de Extensão. E, realmente, talvez esse seja um dos motivos pelo qual fui bem aceita na ATUT: não fico dando opinião ou me metendo em assuntos que não me dizem respeito. O contato direto com os associados me fez enxergá-los, todos, como trabalhadores que lutam pela sobrevivência e por um espaço na sociedade, independentemente de suas limitações físicas e psíquicas.

Em outro momento, tive a comprovação de como é comum – e desastroso – falar com os doentes mentais como se fossem incapazes de compreender o que falamos. Um dia desses um grupo de pessoas veio visitar a ATUT. Eu estava separando material sigiloso em meios aos outros, bem na entrada da Associação. A Tânia, coordenadora, estava mostrando o galpão para elas, quando, de repente, uma delas começou a tirar fotos. Eu fui até ela para perguntar quem eram, de onde eram, o que estavam fazendo. Eu estava interessada como pesquisadora naquele momento. A moça com quem falei olhou para mim e começou a responder minhas perguntas pausadamente, falando um pouco mais alto, um comportamento visivelmente estranho. Quando eu disse quem eu era, a forma de contato mudou completamente. Senti até um sentimento de vergonha nela. Ela reproduziu em seu comportamento as representações que a sociedade construiu sobre os portadores de limitações físicas e psíquicas. Este é um exemplo de que as representações sociais que segregam e mutilam o outro estão presentes em todos os níveis sociais.

Obviamente, não foi sempre fácil me tornar amiga de todos. Apesar de sempre buscar contato com todos, tive mais facilidade e afinidade com uns do que com outros.

Isto porque cada pessoa tem suas limitações, suas crenças, suas características. Uns eram mais tímidos, outros mais desconfiados, outros viviam no seu próprio mundo, limitando-se ao contato do “bom dia”, do “tudo bem?”, mas não apenas comigo, com os outros de modo geral. E eu respeitava isso, ia até onde eles permitissem que eu fosse. Teve um dia em que conquistei a simpatia de uma das trabalhadoras, que pouco conversava comigo, porque troquei com ela ideias sobre *reality shows* e sobre novelas. Depois disso, às vezes conversávamos sobre os acontecimentos, normalmente pautados pela agenda midiática. Ela me disse que os jornais e as novelas deveriam parar de mostrar a cultura de outros países e mostrar a realidade do povo brasileiro, da situação das vilas e favelas, lugar de onde ela vem.

Para me aproximar deles, precisei me aproximar do seu universo. Com o convívio aprendi a chegar cada vez mais perto do “Mundo ATUT” que eles habitam. Este convívio positivo rendeu boas histórias e também um bom contato com os interlocutores, como amiga e como pesquisadora.

3.2 IDAS A CAMPO: AS TÉCNICAS DE COLETA POSTAS EM PRÁTICA

“O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos” (MINAYO, 2007, p. 21).

As pesquisas qualitativas, em boa parte, estão baseadas em texto e escrita, desde as anotações de campo e transcrições de entrevistas, até as descrições e interpretações destes, chegando aos resultados da pesquisa como um todo. Ou seja, a transformação de situações sociais vivenciadas e observadas no campo em textos é uma das preocupações centrais destas pesquisas (FLICK, 2009). Segui este caminho, usando como principais textos de análise as anotações e lembranças de campo, assim como as transcrições das entrevistas realizadas e outros documentos complementares ao processo de contextualização.

Sendo assim, como técnicas de coleta de informações foram utilizadas a observação participante, as entrevistas qualitativas, além das fontes documentais como atas e materiais do Projeto de Extensão e da ATUT¹¹. Através destas técnicas foi possível interagir com os interlocutores, respeitando e priorizando seus pontos de vista (COULON, 1995). Estas técnicas permitiram flexibilizações e improvisações imprescindíveis, pois as abordagens dependiam das circunstâncias diversas, do interlocutor “abordado”, do “clima” do contexto. Estas remodelações são circunstâncias exigidas pela pesquisa que privilegiou formas espontâneas de interação e dialogicidade. Estas formas diferentes e complementares de coleta foram entrelaçadas, permitindo olhar o fenômeno pesquisado sob diferentes ângulos, capturando nuances, brechas, desvios.

3.2.1 A Observação Participante

A observação participante é uma técnica aberta que permite um registro escrito dos dados numa linguagem que é da vida cotidiana. De acordo com Lessard-Hérbert, Goyette, Boutin (2005), ela permite uma maior relação com os atores e um conhecimento mais detalhado de suas práticas. É uma participação ativa: “[...] na observação participante o investigador pode compreender o mundo social do interior, pois partilha a condição humana dos indivíduos que observa” (LESSARD-HÉRBERT, GOYETTE, BOUTIN, 2005, p. 155).

Esta técnica também foi usada por Denise Jodelet em seu estudo sobre Representações Sociais da Loucura. Dentre as fases e operações da pesquisa foi utilizada “[...] uma observação participante da vida comunitária [...], a fim de apreender as formas do contato estabelecido com os doentes mentais, em diferentes lugares e ocasiões [...]”. Esta imersão “[...] permitiu um levantamento exaustivo dos comportamentos, coletivos e individuais, reservados aos doentes mentais, em sua estabilidade ou variação, segundo as diferentes condições de contato.” (JODELET, 2005, p. 53). Assim como no trabalho de Denise Jodelet, esta técnica permitiu uma

¹¹ Não foram feitas análises destes documentos. Eles apenas foram utilizados para o processo de contextualização.

inserção e interação gradual, direta e espontânea. Este processo foi sofrendo adaptações e melhorias conforme o tempo que passei no campo e adentrei no mundo dos interlocutores, adaptando-me a determinadas rotinas e comportamentos, o que facilitou o processo de observação e de anotação no diário de campo.

Durante este processo de observação eu conversava com os interlocutores sobre assuntos diversos, onde vez ou outra surgiam comentários sobre o trabalho do Projeto de Extensão. Quando participei das palestras, das confraternizações, do passeio ao ônibus itinerante de Física da UFRGS, das gravações de vídeos, da oficina realizada no Salão de Extensão da UFRGS pelo Projeto de Extensão, fiquei atenta ao comportamento dos associados e às suas falas.

Com a coordenadora do Projeto de Extensão o procedimento de observação e entrevista aconteceu de forma um pouco diferente. Apesar de ter aguardado as aprovações dos Comitês para realizar as entrevistas, eu conversei muitas vezes com ela sobre o Projeto de Extensão antes mesmo destas aprovações. O acesso a alguns dos documentos do Projeto também aconteceram anteriormente, assim como uma conversa com o psicólogo da ATUT. Estas atividades foram realizadas mediante autorização destes interlocutores. Tive que fazer isso para obter maiores informações para a qualificação da dissertação. Quanto recebi as aprovações, passei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que ambos assinassem.

3.2.2 As Entrevistas Qualitativas

Entrelaçada à observação participante foi utilizada a técnica de entrevista. Elas acabaram ocorrendo de forma mais organizada e sistemática no final do processo de pesquisa, em função das aprovações dos Comitês, como já mencionado. Primeiramente, tive a enorme preocupação de que este formato prejudicaria o andamento da pesquisa. No final, percebi que primeiro observando e depois entrevistando, as técnicas se complementaram de forma satisfatória, pois as entrevistas confirmaram muitas das minhas impressões.

O interessante das entrevistas em pesquisas qualitativas é que elas podem ser formuladas para serem conversas o mais próximas de uma situação da vida diária, permitindo, também, que os ajustes sejam feitos conforme as características dos interlocutores. Conforme afirma Cáceres (1997, p.212):

O ofício do investigador como entrevistador é, em boa medida, a arte de perguntar, escutar e observar. [...] Escutar é atender, perceber, concentrar-se, reter na memória. O que escuta promove o diálogo, a expressão do outro, seus interesses em se comunicar. E finalmente, observar a entrevista é ficar atento à linguagem não verbal [tradução nossa].¹²

Devido à proposta desta pesquisa de flexibilizar as técnicas a fim de adaptar-se ao contexto e às características dos interlocutores, descrevemos a forma de entrevista que empregamos como qualitativa, seguindo os ensinamentos de Sierra (1998). A entrevista qualitativa é um tipo de entrevista aberta, pois se encontra a meio caminho entre a conversação cotidiana e a entrevista formal; é não diretiva, não estruturada, nem estandardizada; é uma forma de conversação, superando a perspectiva de perguntas e respostas. Ela procura simular um diálogo entre iguais, numa perspectiva sujeito-sujeito; é aberta. O autor distingue dois tipos de técnica de investigação quando se fala de entrevista qualitativa e/ou aberta: 1) a entrevista em profundidade, que tem caráter holístico, vista mais como uma arte do que como uma técnica; 2) a entrevista focada, onde tema ou foco de interesse é predeterminado de antemão. Ela é mais estruturada, vista como uma técnica do que como uma arte (SIERRA, 1998). Devido às diferentes características dos interlocutores estas duas técnicas foram entrelaçadas a fim de respeitar suas especificidades.

As pessoas, tanto entrevistador quanto entrevistados, representam papéis e produzem sentidos sobre estes momentos. Por isto é preciso que haja cooperação no momento da entrevista. Persegui com empenho esta relação com meus interlocutores. Em seu estudo, Denise Jodelet (2005, p. 53), afirmou que recolheu “[...] testemunhos de informantes detentores de posições-chave dentro e fora do perímetro de instalação dos

¹² Texto original em espanhol: “El oficio del investigador como entrevistador es, en buena medida, el arte de preguntar, escuchar y observar. [...] Escuchar es atender, percibir, concentrar-se, retener en la memoria. El que escucha promueve el diálogo, la expresión del otro, su interés en comunicarse. Y finalmente, observar en la entrevista es permanecer atento al lenguaje no verbal.”

doentes [...]”. Estes testemunhos seguiram características das entrevistas qualitativas, pois “[...] a técnica de conduta das entrevistas se inspirou no método etnográfico dos comportamentos culturais [...]” que constitui em “[...] ir do particular ao geral, em passar por descrições de doentes e relatos de vida diária para obter considerações sobre a doença mental.” (JODELET, 2005, p. 55).

Respeitando as especificidades e o tempo dos interlocutores, fui convidando-os a participar das entrevistas. Comecei pelos membros da equipe técnica, passando pelos coordenadores da Associação. Com os associados eu comecei, uma semana antes de realizar as entrevistas, a passar nas mesas de trabalho e “refrescar a memória” deles sobre a pesquisa. Passei de mesa em mesa convidando-os a participar das entrevistas. Em função da quantidade de associados, priorizei os mais antigos, que acompanharam por mais tempo as ações do Projeto de Extensão. A maioria do pessoal aceitou participar. Tiveram quatro ou cinco pessoas que não quiseram participar, eu não insisti, mas foram exatamente aquelas pessoas que eu imaginei anteriormente que não participariam, por timidez, por certa desconfiança ou mesmo por desinteresse. Nesse período em que estive na ATUT, pessoas entraram e saíram, mas nos últimos meses, com a grande quantidade de trabalho, havia muitos associados novos, que ainda não conheciam direito as ações do Projeto de Extensão. Com os associados com limitações psíquicas mais relevantes não realizei entrevistas, apenas conversas esporádicas e observações de comportamento, pois percebi que não haveria possibilidade de falar de forma objetiva com eles sobre o Projeto de Extensão.

Fui realizando as entrevistas conforme a disponibilidade dos associados, respeitando a quantidade de trabalho e o nível de concentração destes. Eles escolhiam o melhor momento para conversar. Em função disso, algumas conversas aconteceram atrás das mesas, em meio aos fardos e sacos de lixo. Comecei a realizar as entrevistas em um período de muito trabalho, final de ano, o que me impedia de tirá-los de traz das mesas e fardos para conversar em outro lugar. Alguns associados pediram para sair das mesas, para refrescar-se um pouco enquanto conversávamos, aliviando o calor intenso que fazia naqueles dias. Realizei entrevistas entre dezembro de 2009 e março de 2010,

respeitando as atividades e esperando o término do período de férias de alguns interlocutores.

No período em que realizei as entrevistas, haviam quarenta e seis (46) associados na ATUT. Destes, trinta e sete (37) são usuários do hospital e nove (9) são moradores da vila. Dentre os associados, entrevistei treze (13) pessoas. Destes dez (10) usuários do hospital – seguindo a regra dos mais antigos e menos “regressivos” – e três (3) moradores da Vila. Com os moradores da Vila encontrei mais dificuldades de falar porque dos nove associados, cinco eram novos e dos quatro que sobraram, uma não aceitou participar. Uma das associadas do grupo de cinco novos associados participou do Salão de Extensão com o pessoal do Projeto de Extensão. Conversei com ela sobre essa experiência. As demais falas ocorreram durante as observações e conversas esporádicas.

Eu não estruturei as entrevistas, mas segui um guia mental, conforme meus interesses de pesquisa. Eu pedi há quanto tempo trabalhavam na ATUT, como chegaram. Neste momento alguns se sentiram à vontade para falar um pouco sobre sua vida, seu trabalho, sobre a doença mental, sobre a vila, etc. Outros se limitaram a responder às perguntas de forma objetiva. Eu não os forçava a falar sobre assuntos que pudessem ser desconfortáveis; os que se sentiam bem para falar, naturalmente o fizeram. Depois seguiam as perguntas sobre o Projeto de Extensão. Solicitei que dessem sua opinião sobre as ações do projeto. A condução das conversas se deu conforme os interlocutores iam resgatando as significações na memória, ou seja, conforme iam mostrando interesse e lembranças sobre determinadas ações eu seguia a conversa nesse eixo determinado por eles.

As conversas com a equipe técnica e com a coordenadora do Projeto de Extensão aconteceram mais de uma vez e foram mais extensas, pois envolveram o processo de contextualização da ATUT e do Projeto de Extensão. Com os associados, algumas conversas não duraram mais do que dez minutos. Outras se estenderam por mais de meia hora, porque o interlocutor me levava por outras trilhas, contos sobre a vida, a doença, a família, o trabalho, etc. Eu não interrompia, respeitando as formas

particulares de realizar conexões, que contribuíram para eu conhecesse um pouco mais sobre a vida de alguns associados.

3.2.3 A Pesquisa Documental

A pesquisa documental foi utilizada, principalmente, com o objetivo de contextualizar as práticas da ATUT, do Projeto de Extensão, bem como o processo de interação entre ambos. Segundo Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (1999, p. 169) “[...] considera-se como documento qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação”. Resgatei a ATA de criação da ATUT e o Estatuto Social de criação legal da Associação. No Projeto de Extensão resgatei documentos de criação do Projeto, planejamentos de atividades, materiais midiáticos como *folders*, *banner*, *site*, cartazes das palestras e confraternizações, matérias jornalísticas sobre a relação entre ATUT e Projeto de Extensão, vídeos institucionais sobre a ATUT e sobre o Projeto de Extensão, imagens do Galpão, das mesas de triagem e das atividades realizadas pelo Projeto de Extensão. Todos estes materiais auxiliaram no processo de contextualização e para melhor compreensão das atividades de ambos.

Confirmando a importância do uso de documentos, reforço, mais uma vez, que eu seu estudo referencial, Denise Jodelet (2005) utilizou literatura referente à Colônia Familiar (lugar onde foi realizada a pesquisa) desde a sua criação e “[...] apuração sistemática de relatórios anuais dirigidos por médicos-diretores à administração de tutela, a Assistência Pública.” (JODELET, 2005, p. 53).

4 ANÁLISE DOS SENTIDOS PRODUZIDOS NO COTIDIANO: EM BUSCA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Vamos criando e dando sentido a um mundo que não tem realmente um sentido único, porque é um sentido de todos nós (SANTOS, 2007).

As escolhas analíticas feitas seguem a lógica da trama metodológica, corroborando com a máxima de que a pesquisa qualitativa requer um olhar multifacetado sobre os dados recolhidos (CAMPOS, 2004), a fim de adaptar-se ao campo de estudo e aos sentidos lá produzidos através das falas, das ações, das interações. Os sentidos foram buscados nos processos de observação, nas conversas, nas entrevistas com os associados, com a equipe técnica e com a coordenadora do Projeto de Extensão. O foco principal está situado nas vozes e ações dos associados, respeitando os objetivos da pesquisa. As falas dos membros da equipe técnica também contribuíram para compreender as condições de trabalho, as características dos associados, a história da ATUT. As falas da coordenadora do Projeto de Extensão foram imprescindíveis para compreender o processo de constituição do Projeto de Extensão, seu encontro com a ATUT, bem como as estratégias de trabalho no decorrer do planejamento e desenvolvimento ao longo de oito anos de inserção na Associação.

Não foram criadas categorias de análise pré-definidas, pois a pesquisa qualitativa permite que não tenhamos conceitos, hipóteses ou categorias definidas para depois testá-las (FLICK, 2009). Sendo assim, optei por compreender as representações sociais, bem como suas ancoragens e objetivações, no decorrer das descrições, análises e interpretações das experiências de campo, através das falas, das observações e dos documentos. Busquei com isso, dar o máximo de prioridade às falas e ações dos interlocutores, corroborando com o traçado etnográfico e o processo dialógico propostos.

Quando se está no campo do senso comum não cabe categorizar ou classificar elementos em busca do estável e do consensual, porque estes conteúdos são essencialmente heterogêneos. Não nos cabe, também, buscar as estruturas lógicas

subjacentes, porque elas não existem. Ou seja, ao aprofundar a análise do senso comum, não se encontra a lógica e a coerência, mas sim com a contradição (SPINK, 1993). Isto não significa falta de rigor, ao contrário, é uma forma de ser coerente com a proposta da pesquisa dialógica, interacionista, preocupada com o papel dos interlocutores como agentes ativos e interessada em descrever as vivências de campo como parte intrínseca do processo de interpretação. De acordo com Spink & Lima (2004), a interpretação também é um processo de produção de sentidos: “[...] o diálogo travado com as informações que elegemos como nossa matéria-prima de pesquisa nos impõe a necessidade de dar sentido: conversar, posicionar, buscar novas informações, priorizar, selecionar são todos decorrências de sentidos que atribuímos aos eventos que compõem o nosso percurso de pesquisa” (p. 105).

Mesmo que as representações sociais nasçam da incidência de interpretações comuns sobre determinado objeto, as formas de produzir estes sentidos são as mais variadas, pois cada pessoa possui suas gramáticas de produção e reconhecimento próprias (VERÓN, 1980). De acordo com Spink (1993, p. 306), “[...] parece lícito afirmar que, se de um lado buscamos os elementos mais estáveis, aqueles que permitem a emergência de identidades compartilhadas, de outro trabalhamos com o que há de diferente, diverso e contraditório no fluxo do discurso social.” E é em meio a este paradoxal movimento entre repetições e divergências, próprias das práticas cotidianas, que as representações sociais são buscadas. Isto exige a comparação de textos, obtidos através das observações e das falas, a verificação destas recorrências de palavras, de comportamentos e das relações entre eles, em meio à diversidade de sentidos postos em circulação no “Mundo ATUT”. Estes movimentos do que é ou não recorrente mostram onde estão ancoradas e objetivadas as representações sociais sobre as ações de comunicação do Projeto de Extensão. Esta busca também vai além do conteúdo dos textos, avançando na direção das tessituras do contexto.

Então, para analisar estes sentidos produzidos e ofertados nas interações sociais foi feito um entrelace entre as teorizações de alguns autores que utilizam a análise de sentidos para estudar as representações sociais, como Mary Jane Spink, Ângela Arruda, Sandra Jovchelovitch. Alguns traços da obra de Eliséo Verón complementam esta

urdidura. O que busco com isto é focar a ação como centro de análise e compreensão da vida social (CÁCERES, 1990). Acredito que esta técnica possui pitadas de criatividade, pois permite que o pesquisador desenvolva a interpretação a partir dos dados que tem em mãos, sem precisar construir esquemas analíticos estáticos.

Interesso-me pelos sentidos produzidos, ofertados, compartilhados nas interações e práticas da vida cotidiana. Segundo Verón (1980) toda produção de sentido é social, e todo fenômeno social é um processo de produção de sentido, que fundamenta as representações sociais. A análise das produções de sentido presente no processo comunicacional permite ir além da objetividade técnica das análises; possibilita compreender a rede complexa de interações comunicacionais onde os sentidos são expostos de forma constate. De acordo com Spink & Medrado (2004) o sentido é um empreendimento coletivo, interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica de suas relações sociais, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos e sua volta. Nessa perspectiva, dar sentido ao mundo é uma força poderosa e inevitável da vida em sociedade.

A produção de sentidos não é uma atividade cognitiva intra-individual, nem pura e simples reprodução de modelos predeterminados. Ela é uma prática social, dialógica, que implica a linguagem em uso. A produção de sentidos é tomada, portanto, como um fenômeno sociolinguístico – uma vez que o uso da linguagem sustenta as práticas sociais geradoras de sentido – e busca entender tanto as práticas discursivas que atravessam o cotidiano (narrativas, argumentações e conversas, por exemplo), como repertórios utilizados nessas produções discursivas (SPINK & MEDRADO, 2004, p. 42).

As pessoas envolvidas no processo de produção de sentidos são objeto de interpretações, são mediadoras e são interpretantes. Isto porque as representações sociais são interpretações baseadas em uma infinidade de apropriações e compreensões sobre o que está em volta e sendo percebido. O “Mundo ATUT” é visto aqui como um conjunto de interações e produções de sentido em que eu, como pesquisadora, também participo como agente produtora de sentidos, sendo também analisada e interpretada pelos interlocutores.

É a análise de sentido que pode esclarecer o fato de que diferentes pessoas, em diferentes contextos e tempos, produzem diferentes

visões, símbolos e narrativas sobre o real, e é apenas através da compreensão do sentido que podemos entender como diferentes representações se relacionam entre si e quais suas consequências no mundo social (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 37).

Sendo assim, as interações que ocorreram no campo geraram inúmeros sentidos que foram analisados com o intuito de atingir os objetivos propostos. De acordo com Spink & Medrado (2004) a compreensão dos sentidos é sempre um confronto entre inúmeras vozes, pois é um processo que envolve pessoas em interação. A busca pelas representações sociais através deste processo de interpretação se deu em forma de espiral, desde o processo de contextualização, passando pelos sentidos produzidos e ofertados até chegar às representações sociais, suas ancoragens e objetivizações. De acordo com Ângela Arruda a espiral permite um movimento múltiplo:

[...] horizontal, que avança ao lado de suas paredes, para frente ou para trás, e vertical, como uma mola, em que os anéis passam uns por sobre (ou por dentro) os outros, e os elementos dos diversos contextos se sobrepõem e se atravessam, estabelecendo a convivência de lógicas diferentes. [...] a espiral pode inclinar-se para um lado ou para outro, dando mais peso a um ou outro de seus componentes (ARRUDA, 2005, p. 236).

Para interpretar os sentidos a fim de encontrar as representações sociais dos associados da ATUT sobre as ações de comunicação do Projeto de Extensão, primeiramente, construí uma contextualização a partir de conversas, observações e pesquisa documental. Esta contextualização traça o surgimento da ATUT, sua evolução, características, espaços, seus modos de trabalho, assim como as características dos associados – moradores da vila e usuários do hospital – e, ainda, a criação do Projeto de Extensão, sua relação com a ATUT, sua evolução, ações, planejamento etc. Este contexto marcado pelos jeitos de fazer das pessoas, suas histórias, memórias, sua cultura constitui o “quem” das representações sociais (JOVCHELOVITCH, 2008). Estas identidades estão embutidas nas representações sociais. Este trabalho de contextualização permite identificar as condições de produção das representações sociais. Estas condições são um conjunto de pertencas, vivências e influências que incidem nesta produção das representações, indo dos valores adotados até a forma de comunicação à qual o pesquisador está exposto, a história, a cultura, a experiência as contingências. Estas condições constituem, segundo Arruda (2005), o chão das

representações sociais. No capítulo seguinte, dou continuidade à análise dos sentidos, indo ao encontro das representações sociais dos associados da ATUT.

4.1 CONTEXTUALIZANDO O “MUNDO ATUT”: A URDIDURA DAS PRÁTICAS COTIDIANAS

A Associação dos Trabalhadores da Unidade de Triagem do Hospital Psiquiátrico São Pedro (ATUT) está instalada em um pavilhão localizado dentro do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP). A instituição foi fundada 1884. Centralizou, historicamente, o atendimento em saúde mental no estado do Rio Grande do Sul. Abrigava os loucos, insanos ou alienados da província. Muitos eram oriundos da Santa Casa de Misericórdia, e outros tantos da Cadeia Pública, onde eram confinados.

Por volta de 1948/1949, conforme contam ex-funcionários do hospital e relatórios da administração, existiam trens que traziam uma quantidade grande de alienados mentais do interior para Porto Alegre e para o HPSP, no verão e no inverno. Esses doentes eram literalmente 'despejados' na viação férrea da capital e levados de ambulância para o hospício (SANTOS, 2008, p. 227).

Na divisão Esquirol, em que há 1.294 doentes, só existem 780 leitos, faltando, pois 514. E na divisão Pinel, há déficit de 200 leitos. Em suma, no HPSP 714 doentes não tem cama. Em salões constringidos para uma população crescente, de instalações tão precárias que chegam a usar garagens para dormitórios, apinham-se os doentes, empilham-se dois a dois em camas estreitas, espalham-se pelo chão enovelados em mulambos. É a promiscuidade com todo o seu cortejo de males em que sobressai, gritando, a dificuldade de recuperação e cura dos doentes (Reportagem do Diário de Notícias (Porto Alegre) de 1951 apud SANTOS, 2008, p. 228).

Ao circular pelo pátio arborizado do São Pedro ainda é possível ver, na imponência da construção do século XIX, os lugares minúsculos e inóspitos em que ficavam os doentes. Os nomes Esquirol e Pinel, assim como Freud e outras referências do campo de estudo da psiquiatria estampam as entradas das moradas, algumas reerguidas em prédios mais recentes, transformando o cenário do gigantesco São Pedro numa mistura arquitetônica. A instituição não recebe mais moradores. Segue os moldes contemporâneos, atendendo às diretrizes da Lei nº Lei nº 9716/92, da Reforma

Psiquiátrica, que, de acordo com Gastal et al (2007), regulamenta um novo modelo de assistência psiquiátrica, que deixa de ser predominantemente hospitalar e passa à atenção psiquiátrica extra-hospitalar, permitindo apenas internações quando indispensáveis e pelo menor prazo de tempo possível.¹³

Num enredo que envolve passado e presente, o Hospital Psiquiátrico São Pedro ainda abriga umas centenas de pessoas abandonadas, esquecidas, largadas no hospício há 30, 40, 50 anos atrás. No processo de desinstitucionalização sobraram estes, sem identidade, sem família, sem um lugar que não as moradas do Hospital; muitos, realmente, sem condições físicas e psíquicas de reingressar na sociedade; os que não entraram “loucos”, ao longo do tempo, do abandono e da clausura, tornaram-se. Estes excluídos se arrastam pelos pátios da casa, carregando nas costas uma média de idade de 83 anos, a maioria deles, vivida dentro do Hospital. Trazem as marcas e feridas nos rostos, na curvatura dos corpos, na saliva escorrendo pelos cantos da boca, o sofrimento histórico de um penoso tratamento psiquiátrico, que hoje é muito mais avançado, quase nulo de efeitos colaterais. Mas, os mais antigos, carregam as cicatrizes de um tempo, não muito distante, em que o tratamento maltratava psíquica e fisicamente. Conheci uma senhora, ex-moradora, que me contou que entrou aos 14 anos no São Pedro, permanecendo lá durante quarenta anos.

Atualmente, o São Pedro passa por um processo de revitalização e restauração, desenvolvendo uma nova proposta no tratamento dos portadores de sofrimento psíquico. Os moradores ainda recebem cuidados, mas ilustram marcas do passado. As antigas e belas árvores que se curvam diante de uma das estradas que circula as moradas, pela qual passei incontáveis vezes a caminho da ATUT, testemunham o interesse dos estagiários – dos quais muitos permanecem como voluntários, somando forças ao

¹³ Esta Lei, de 7 de agosto de 1992, dispõe sobre a Reforma Psiquiátrica no Rio Grande do Sul. Ela determina a substituição progressiva dos leitos nos hospitais psiquiátricos por rede de atenção integral em saúde mental, determina regras de proteção aos que padecem de sofrimento psíquico, especialmente quanto às internações psiquiátricas compulsórias. De acordo com o 2º artigo da Lei, “A reforma psiquiátrica consistirá na gradativa substituição do sistema hospitalocêntrico de cuidados às pessoas que padecem de sofrimento psíquico, por uma rede integrada e por variados serviços assistenciais de atenção sanitária e social, tais como: ambulatorios, emergências psiquiátricas em hospitais gerais, unidades de observação psiquiátrica em hospitais gerais, hospitais-dia, hospitais-noite, centros de convivência, centros comunitários, centros de atenção psicossocial, centros residenciais de cuidados intensivos, lares abrigados, pensões públicas e comunitárias, oficinas de atividades construtivas e similares.” Informações extraídas do *site*: <http://www.inverso.org.br/>. Acesso em fevereiro de 2010.

contingente reduzido de profissionais –, que auxiliam no trabalho dando atenção e afeto aos moradores, passeando, puxando pela mão, conversando, cantando, brincando, pedindo para não fazer as necessidades no pátio, pedindo para não tirar as roupas e os sapatos, ou mesmo pedindo para vesti-las, empurrando cadeiras de roda e até carregado no colo. Estes movimentos contínuos dissipam um pouco a névoa de sofrimento e solidão que paira pelo São Pedro.

O desafio, então, é aliar a história da Instituição ao cenário contemporâneo da sociedade, que demanda a criação de novas formas de atendimento e assistência no campo da saúde mental. A implantação da ATUT é uma destas ações, que faz parte do Projeto São Pedro Cidadão – criado em 1993, e assumido como prioritário pelo governo em 1999 – que, dentro das novas diretrizes da Reforma Psiquiátrica, visava reinserir o portador de sofrimento psiquiátrico gradativamente na sociedade. De acordo com Letícia, a terapeuta ocupacional, quando ela e o psicólogo Rodrigo foram aprovados em concurso público do Hospital São Pedro, a direção solicitou que fosse criada uma atividade terapêutica:

A direção na época solicitou que a gente fizesse um projeto, e deram três opções, reciclagem, cantina e brechó. Aí eu e o [psicólogo] conversamos, conversamos, aí veio dúvida do que trabalhar, bom, então vamos trabalhar com reciclagem. Vamos ver como é que é. Eu não sabia nada, nada de reciclagem, nunca tinha entrado numa, nem o [psicólogo]. Aí então a gente começou a visitar as reciclagens, conversamos com o pessoal, começamos a receber as dicas, achamos interessante, a Marli da Vila Pinto deu todas as dicas, assim como é que era, como é que não era, como é que eles desenvolviam o trabalho deles, aí a gente viu que tava no caminho certo. Mas, aí veio aquela dúvida assim de como é que vai ser trabalhar com pacientes psiquiátricos e lixo né, começamos a questionar essa coisa. Aí o [psicólogo] dizia, ah, mais o paciente psiquiátrico é uma sobra da sociedade e o lixo também é uma sobra da sociedade. Será que isso vai dar certo? Eu disse não sei, é meio complicado. Mas fomos indo (LETÍCIA – TERAPEUTA OCUPACIONAL).

Então, a ATUT surgiu em setembro de 2000 com este propósito da atividade terapêutica, somando-se aos trabalhos já desenvolvidos pela Supervisão dos Serviços de Atividades Terapêuticas do Hospital – Horta Comunitária, Salão de Beleza, Oficina de Criatividade e Reabilitação Profissional. O objetivo era proporcionar aos pacientes com

transtornos psiquiátricos, que não residiam mais nas unidades do Hospital, um recurso ocupacional para evitar que a doença se transformasse também em um problema social. A ATUT, portanto, é vista como uma forma de sobrevivência para os pacientes que saíram das dependências do HPSP.

A ATUT surgiu como uma oficina terapêutica. O que quer dizer isso? Quer dizer que na verdade era um trabalho com uma dimensão bem mais reduzida e com o objetivo, a princípio, de fazer um atendimento pontual ao paciente, que demandava esse tipo de atividade mais ocupacional. Aí, também vem a questão que é mais importante. Desde o início, na verdade, já havia uma ideia de transformar esse trabalho num trabalho que visasse à geração de renda efetiva. Criasse um recurso que não dependesse do custeio do Hospital, que a gente tivesse um custeio próprio. Então, na verdade, o trabalho já tinha surgido com essa ideia e foi essa ideia que sempre foi o fio condutor né. Como nós optamos por uma atividade que tinha um valor de mercado, que é a reciclagem, dali pra diante houve um crescimento contínuo e progressivo. Acabou se incluindo diversas empresas públicas e privadas no projeto, daí houve esse crescimento natural. Na verdade a gente nunca fez um planejamento estratégico, empresarial, foi se agregando valor a esse trabalho ao longo do tempo e ele foi tendo um crescimento de certa forma natural (RODRIGO – PSICÓLOGO).

A Associação recebeu apoio da Secretaria do Trabalho e Ação Social do Rio Grande do Sul, que realizou um treinamento gerencial, ofertando algumas ferramentas para que a ideia do projeto avançasse. Era um programa de governo chamado “Coletivos de Trabalho”, que oferecia uma bolsa auxílio às pessoas, que, em contrapartida participavam de um curso de formação. E então, ao final desse curso a ideia era que esse grupo de pessoas pudesse se formalizar e formar uma associação de trabalhadores. Foi o que aconteceu com a ATUT, que na verdade já tinha o projeto, mas precisava preparar os associados para o trabalho. Houve também uma parceria com o Departamento Municipal de Limpeza Urbana de Porto Alegre (DMLU), que realizou um treinamento de cerca de três meses para que os associados aprendessem a separar corretamente todos os tipos de materiais recicláveis. Foi então que a ATUT se tornou a 9ª Unidade de Triagem da cidade de Porto Alegre, passando a integrar o projeto de Coleta Seletiva e gerenciamento de resíduos sólidos coordenado pelo Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU).

Antes de receber os resíduos oriundos da coleta seletiva, os associados recolhiam os resíduos dentro do HPSP e nas proximidades. No entanto, estes resíduos não foram suficientes para manter a associação, além de sua má qualidade – misturado com material orgânico. Devido a isso, a coordenação técnica começou a buscar parcerias com organizações públicas e privadas – lugares onde há maior produção de material reciclável limpo – para que estes começassem a doar seus resíduos secos.

Aí fomos indo, fomos visitar outros setores. Tipo, quem seriam nossos fornecedores, da onde a gente ia conseguir esse material? Aí depois de fazer todo o projeto e ver quem poderiam ser nossos doadores, conversamos com várias pessoas dentro do Hospital, fora do Hospital, que nos davam uma dica, e aí nós fomos visitar nossos compradores [...] A gente começou muito aqui na Bento [Av. Bento Gonçalves, endereço do Hospital], um trabalho de visitar o comércio aqui por perto e dizer que a gente estava desenvolvendo um projeto que íamos trabalhar com pessoas com problemas de ordem psiquiátrica, e tal. E aí eles já foram apoiando, já gostaram da ideia. (LETÍCIA – TERAPEUTA OCUPACIONAL).

Na verdade, os resíduos sólidos coletados pela coleta seletiva, a gente sempre contou com pouca quantidade de material nesse sentido, porque a ideia era que, como a unidade de triagem ficava dentro do Hospital São Pedro, a ideia era a gente trabalhar com um resíduo com índice de insalubridade melhor. Então, foi o que fez a gente buscar material em empresas, ou em espaços administrativos em que os materiais são mais limpos (RODRIGO – PSICÓLOGO).

Em 18 de Setembro de 2002 foi criado o Estatuto Social e a ATA de fundação da ATUT em Porto Alegre, oficializando-a enquanto Associação. O Estatuto trata da constituição da Associação, sua denominação, seus fins, sua sede, sua duração, associados, coordenação, etc., declarando que a ATUT é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com o objetivo de promover a unidade de seus associados em torno da defesa dos direitos sociais e econômicos, sem distinção de raça, credo, cor e partido político. Consta no 2º artigo do Estatuto Social que,

[...] na perseguição de seus fins, a Associação trabalhará pela defesa dos interesses e da valorização profissional dos seus associados, tanto no que tange à assessoria que lhes prestará para o seu aprimoramento técnico, celebração de contratos, prestação de serviços, realização de cursos, desenvolvimento do espírito comunitário, como no que se refere à colaboração com entidades afins, inclusive públicas, com as quais celebrará convênios, além de representação junto à Federação

Antes da constituição formal da Unidade de Triagem como Associação, houve o interesse de desenvolver uma cooperativa de trabalho, que teve que ser revisto, buscando alternativas, em função das características dos trabalhadores.

Quando começou a gente tinha a ideia de desenvolver uma cooperativa. Só que pra cooperativa não dava, pra constituir como unidade física não tinha como. A pessoa pra fazer parte de uma cooperativa tinha que estar em seu pleno direito civil, e não era o caso aqui também. Entendeu? Então eles tinham que votar, eles tinham que considerar todas as assembleias, eles tinham que opinar. Então a gente sabia que nosso público inicial não tinha essas condições. Então fomos vendo as opções, com o pessoal aqui do Hospital mesmo, do assessoramento jurídico e fomos construindo caminhos, alguma coisa a gente vai fazer. Bom, então vai ter que ser uma associação, né, falamos com os advogados, aí foram se agregando mais pessoas, foi se construindo os caminhos, uma empresa nos ajudou as constituir essa associação perante a lei, porque tinha que ter um regimento interno, tem que ter um guia de leis e coisas que tu tem que seguir pra constituir uma entidade física. Então, a criação da associação foi a saída jurídica que nós encontramos para oficializar a ATUT. Para que os trabalhadores pudessem ter um vínculo legal com a unidade de triagem. Porque para ser cooperativa não podia porque nem todos os trabalhadores possuem seus direitos civis constituídos, e como empresa também não poderiam porque o pessoal da equipe técnica, sendo funcionários públicos não poderiam ter vínculo com outra empresa (LETÍCIA – TERAPEUTA OCUPACIONAL).

Sendo assim, após a sanção da Associação, desde 2002, a ATUT tem como proposta, além da inserção dos moradores e usuários¹⁴ do HPSP, a inserção da população residente na comunidade da Vila São Pedro no mercado de trabalho.¹⁵ O convívio dos moradores e usuários do HPSP com pessoas de fora do ambiente hospitalar propicia resultados positivos para sua recuperação. A entrada do pessoal da vila no São Pedro também está ligada ao fato do “Projeto Morada” – residências terapêuticas para ex-moradores do hospital – estar localizado dentro da Vila São Pedro.

¹⁴ De acordo com o psicólogo, “usuário” é uma das denominações empregadas pelos especialistas, terapeutas, psicólogos, psiquiatras, para denominar os portadores de sofrimento psíquico que utilizam os serviços do hospital (medicamentos e acompanhamento psicológico ou psiquiátrico). Este termo é utilizado em substituição ao termo paciente, que dá uma ideia de incapacidade e de passividade, “[...] de alguém que fica submetido ou esperando alguma coisa que deveria vir do outro e não de si próprio [...]” (RODRIGO - PSICÓLOGO).

¹⁵ Tudo que é arrecadado com a venda do material é dividido entre os trabalhadores. O valor oscila dependendo da quantidade de material triado.

Criado em 2002, este projeto faz parte do processo de desinstitucionalização e reinserção social dos portadores de sofrimento psíquico.

O Morada fez parte desse momento onde existia uma compreensão de que era necessária uma reabilitação psicossocial do morador do hospital, uma reabilitação mais efetiva, mais concreta. Que de fato se avançasse na ideia de criar recursos técnicos e recursos socioculturais que o paciente pudesse ter uma integração social efetiva, que não fosse só uma prática discursiva, que ela efetivamente avançasse para uma medida concreta. O Morada, na época, foi então a alternativa de criar residenciais, do ponto de vista técnico a gente chama de residenciais terapêuticos né, se criou esse recurso que era para moradores das unidades do hospital. Então quem mora no Morada anteriormente residia nas unidades do hospital e, uma parte desses moradores trabalha no hospital. Então o Morada, a ATUT, eram recursos multifacetados para tentar dar conta de maneira efetiva do problema do sujeito com transtorno psiquiátrico (RODRIGO – PSICÓLOGO).

Como o Morada é ali na Vila São Pedro então a ideia era criar algumas possibilidades de integração dessas comunidades, desses públicos, pra não haver um estranhamento de um público com outro. Então a ideia era criar recursos de integração entre essas populações, como de fato foi criado (RODRIGO – PSICÓLOGO).

Com o Projeto Morada, foi uma troca assim, o pessoal do Hospital foi lá pra vila e o pessoal da vila poderia entrar no Hospital, para multiplicar os cuidadores. A ideia de conhecer mais os nossos pacientes, e vissem que eles são gente como outras pessoas que tem problemas, né, mas são gente, para desmistificar aquela história de que o louco é louco assim né. Então, assim o pessoal da vila foi convidado, foi chamado, foi explicado, tiveram várias reuniões na vila avisando (LETÍCIA – TERAPEUTA OCUPACIONAL).

Os residenciais terapêuticos possibilitam aos portadores de sofrimento psíquico ser autônomos, cuidar de suas roupas, de seu dinheiro, de sua alimentação, da administração dos remédios, além de experimentar diariamente o convívio com outros. E, a reciclagem de resíduos sólidos, enquanto tarefa de reabilitação profissional desempenha um papel terapêutico importante junto aos portadores de sofrimento psíquico, contribuindo de forma decisiva para o resgate da sua credibilidade social. Da mesma forma representa uma possibilidade concreta de geração de trabalho e renda aos moradores da Vila São Pedro, uma população com histórica dificuldade de acessar o mercado de trabalho. Nesse sentido, a Associação se integra na perspectiva de uma nova

contextualização da forma de atendimento ao portador de sofrimento psíquico, numa tendência que aponta para a criação de formas efetivas de inclusão social do paciente psiquiátrico nos vários campos de convivência sócio-comunitária, cultural e no mundo do trabalho. Além da atividade terapêutica e de inclusão social, também existe a preocupação de aliar a geração de postos de trabalho à construção de uma consciência ecológica e cidadã, contribuindo no destino dos resíduos sólidos produzidos em grande quantidade pela sociedade.

Dentre os quarenta e seis associados da ATUT, três dos usuários do hospital são moradores da Unidade Dom Bosco de Viamão (Morada Viamão, ligada ao Hospital Psiquiátrico São Pedro) e o restante são pessoas que moram com suas famílias, nas Moradas localizadas na vila ou em casas de passagem e asilos para portadores de sofrimento psíquico. Estes usuários recebem medicação e atendimento psicológico ou psiquiátrico e participam de atividades dentro do Hospital como “Oficina de Criatividade” e “Clube da Amizade”.

4.1.1 A luta pela sobrevivência: a alternativa da triagem de resíduos sólidos

O problema dos resíduos sólidos domésticos, desde sua produção através do consumo, até seu armazenamento atinge todas as sociedades, em diferentes níveis, tornando-se, aparentemente um problema insolúvel. Isto porque vivemos em uma sociedade que estimula o consumo e a produção em grande escala. Há uma filosofia do descartável e do excesso de embalagens que predomina em diversos setores do mercado, significando a produção cada vez maior de lixo. O Brasil produz, em média, 240 mil toneladas de lixo por dia. Estima-se que há um crescimento em torno de 5% ao ano na quantidade de lixo gerado. A produção de lixo por pessoa gira em torno de 600 gramas por dia. Em São Paulo, por exemplo, estima-se que cada habitante produz 1 kg de lixo por dia. Este cenário torna a problemática do lixo inexorável e irreversível, legitimando a necessidade de alternativas eficazes e efetivas.¹⁶

¹⁶ Informações obtidas no *site*: http://infoener.iee.usp.br/scripts/biomassa/br_residuos.asp. Acesso em agosto de 2009.

Dentre as alternativas mais eficazes estão o processo de triagem e reciclagem dos resíduos sólidos. O Brasil possui hoje cerca de 200 mil catadores de lixo, homens, mulheres e crianças que dependem exclusivamente desta atividade para sobreviver. Deste total, 40 mil frequentam os ambientes insalubres e fora de controle dos chamados lixões, presentes em 65% dos municípios brasileiros, conforme pesquisas do Ministério das Cidades. Nos centros urbanos, a grande maioria, ou 88% destes trabalhadores, participa de cooperativas e associações de trabalhadores, segundo levantamento do Movimento Nacional de Catadores. Esta atividade é considerada atualmente como uma das que concentra maior potencial de absorção de mão-de-obra não qualificada.¹⁷

Em Porto Alegre, os catadores começaram a recolher resíduos na década de 70, e na década de 80 iniciaram as organizações em forma de galpões de triagem. A Igreja atuou como mediador inicial na organização dos papeleiros no Rio Grande do Sul. E as mulheres tiveram o papel de organizar esta nova fase do socioambientalismo. Em Porto Alegre a intervenção da Igreja Católica veio através dos Irmãos Maristas. O Irmão Marista Antônio Checcin e sua irmã, a professora e feminista Matilde Cecchin se engajaram no trabalho das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e começaram a pensar na organização dos papeleiros da Ilha Grande dos Marinheiros, onde umas das principais formas de sobrevivência era a catação de resíduos sólidos (MAZZARINO, 2005).

Atualmente Porto Alegre conta com 16 Unidades de Triagem conveniadas ao Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU). Os caminhões coletam os resíduos recicláveis nos bairros e os encaminham para estas unidades. Nestes locais, os trabalhadores fazem a separação (plásticos, papel, embalagens longa vida, vidro, isopor, garrafas plásticas), prensam, agrupam em fardos e negociam autonomamente a venda desses materiais a indústrias de reciclagem e/ou reaproveitamento. A Prefeitura de Porto Alegre fornece a infraestrutura para as unidades e garante o custeio de manutenção com

¹⁷ Informações obtidas no *site*: <http://www.consciencia.net/2006/0224-reciclagem.html>. Acesso em agosto de 2009.

R\$ 2.500,00 por mês¹⁸. O resultado bruto da comercialização dos resíduos é dividido entre os integrantes das associações ou cooperativas.¹⁹

Trata-se da alternativa encontrada por milhões de pessoas que vivem às margens da sociedade, sofrendo com o peso da desigualdade social, que tem seu efeito centralizado na tendência à efetiva exclusão de grandes setores da população do processo de acúmulo de capital. Ao mesmo tempo em que há um crescimento da economia global contemporânea há um aumento no número de pessoas condenadas a viver nas suas margens (RODRÍGUEZ, 2005). O autor salienta que “[...] do ponto de vista espacial, a exclusão de grandes setores da população é especialmente visível nas grandes cidades, divididas em zonas claramente demarcadas que separam ricos de pobres.” (RODRÍGUEZ, 2005, p. 333). Devido a este cenário, estas pessoas aguçam seu instinto de sobrevivência, encontrando formas alternativas de manter suas famílias, criar seus filhos, de resistir. Portanto, é em meio a este quadro assustador das contradições sociais que existem esforços para a sua superação ou pelo menos minimização.

Estes esforços são canalizados por forças renovadoras ou inovadoras de valores e práticas sociais, seja individualmente, seja através de organizações e movimentos sociais populares, setores de igrejas, organizações não-governamentais, escolas, setores de universidades, alguns órgãos públicos, empresas etc. (PERUZZO, 1999). No decorrer da vida, no desenrolar das práticas cotidianas as pessoas criam as mais diversas estratégias de sobrevivência, de ação e de atuação no mundo. Os grupos marginalizados não são diferentes; eles se organizam para seguir em frente mediante estratégias coletivas (RODRÍGUEZ, 2005). E, como já dito, a coleta de materiais recicláveis, seja informalmente, mediante coleta nas ruas ou através de cooperativas e associações acabou se tornando uma das formas mais visíveis de atuação, resistência e sobrevivência diária destas pessoas. É possível encontrar catadores, recicladores, separadores facilmente percorrendo todos os cantos das cidades em busca do material precioso: o lixo. Estes “trabalhadores do lixo”, juntamente com outros trabalhadores das classes populares – assalariados, trabalhadores informais, desempregados – como os

¹⁸ Mesmo que a ATUT não receba mais resíduos oriundos da coleta seletiva, continua recebendo este valor da Prefeitura para custeio.

¹⁹ Informações obtidas no *site*: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/dmlu>. Acesso em junho de 2009.

vendedores ambulantes, as empregadas domésticas, os flanelinhas, os indigentes de todas as idades que prestam todo tipo de serviço nas ruas, quer como compradores, quer como vendedores, estes membros da maioria da população, alimentam uma economia urbana de baixo custo que lhes permite acesso a bens indispensáveis à sobrevivência. Estas economias populares constituem uma forma de resistência, porque são mecanismos mediante os quais as classes populares criam e exploram um nicho econômico para sobreviverem (RODRÍGUEZ, 2005).

De acordo com Rodríguez (2005) estas economias estão longe de serem autônomas, por estarem articuladas a outras formas de economias formalizadas. Um exemplo são os recicladores de lixo independentes – as unidades de triagem como a ATUT – que vendem seu material a intermediários que pagam preços muito baixos. Mesmo assim, existe um processo de inclusão social, pois apesar desta dependência, estas formas populares de sobrevivência são como um sopro de vida àqueles que foram soterrados por um sistema que diariamente aumenta o fosso da desigualdade social. Estes que têm trabalho, agora podem se alimentar, ter acesso a produtos e serviços básicos, podem consumir, circular de forma mais digna, ao menos, menos indigna.

A inclusão social é, de acordo com Sasaki (1997), um processo pelo qual a sociedade se adapta para incluir pessoas marginalizadas e/ou com necessidades especiais, em seus sistemas sociais gerais. Estas pessoas se preparam de diferentes formas para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, “[...] um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar equiparação de oportunidades para todos.” (SASSAKI, 1997, p. 40). Porém, pensar a inclusão social, tema tão atual, vai mundo além desta simples conceituação. É um conceito caro, ambíguo, que demande a discussão de todo o processo de exclusão social. Como esboça Sawaia (2008) a sociedade exclui para incluir e, esta transmutação é a condição da ordem social desigual. Todos estão inseridos de alguma forma, nem sempre a mais digna ou decente, no circuito das atividades econômicas (SAWAIA, 2008). Os catadores e recicladores de lixo fazem parte desta massa inserida através de insuficiências e privações, mas que mesmo assim, possibilita novos acessos

econômicos, sociais e culturais através da renda fixa, dificultados àqueles que não fazem parte do mercado de trabalho, seja ele formal ou informal.

Então, esta é uma forma de inclusão social através do trabalho. Portanto, mesmo que não haja um processo igualitário, não previsto pelo sistema capitalista, é possível concordar que as economias populares, tal como as realizadas em Unidades de Triagem permitem que estas pessoas que muitas vezes tem acesso negado a outras formas de trabalho visualizem a possibilidade de melhorar suas formas de habitar o mundo, adquirindo o mínimo de dignidade e direitos através, por exemplo, da satisfação de necessidades básicas, como aquisição de alimentos e um lugar adequado para se instalar. Em função deste cenário, concordo com Sawaia (2008) quando esta afirma que existe uma dialética exclusão/inclusão no lugar do termo exclusão, e por que não do termo inclusão. Esta dialética gera subjetividades específicas que vão “[...] desde o sentir-se incluído até sentir-se discriminado ou revoltado.” A autora reforça que estas subjetividades não podem ser explicadas isoladamente, nem “[...] unicamente pela determinação econômica, elas determinam e são determinadas por formas diferenciadas de legitimação social e individual, e manifestam-se no cotidiano como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência.” (SAWAIA, 2008, p. 09).

É posto, e inclusive foi presenciado na ATUT, que o acesso ao trabalho, e consequentemente, a renda, permite que estas pessoas esmagadas pelo desnível social possam circular por espaços onde antes os portões estavam cerrados. Ouvi muitas vezes os agradecimentos dos associados – portadores de sofrimento psíquico ou moradores da vila – por ter um espaço como a ATUT para trabalhar, que, além da possibilidade financeira, permite o encontro com outros, a sociabilidade, novas interações sociais. As pessoas, com criatividade e vontade de vencer, encontram formas de superar as dificuldades, abrindo novos caminhos e novas perspectivas no convívio social. Sueli Maria Cabral em sua pesquisa com “trabalhadores do lixo” na Zona Norte da cidade de Porto Alegre, descobriu que estas pessoas, mesmo a partir de representações da desordem, como o lixo, a miséria, a loucura, subverteram o esperado e anunciado, explorando as possibilidades e se organizando a partir delas, mostrando que no âmago dessa sociabilidade estão presentes os princípios de participação, de cooperação, de

redimensionamento do espaço de ação da cidadania, do prazer, da emoção compartilhada, transformando o processo de estar-junto no cotidiano (CABRAL, 2001).

Nestes locais de trabalho, o lixo possui alto valor, enquanto que para o restante da sociedade é um material de descarte, sujo, que não serve para mais nada. Como caçadores de tesouro, os catadores vasculham as sacolas de lixo em busca do material valioso, papéis, plásticos, alumínio, papelão, misturados, muitas vezes, a restos resíduos orgânicos. Nas unidades de triagem estes caçadores abrem sacolas e separam minuciosamente o material, conforme sua qualidade, suas características. Mas nem mesmo nos galpões os trabalhadores estão livres do descaso das pessoas em relação ao lixo. Uma vez visitei uma das Unidades de Triagem de Porto Alegre e me assustei com um espaço destinado aos resíduos orgânicos. Apesar de receberem material oriundo da coleta seletiva da cidade, ele vinha todo misturado a outros tipos de lixo, tornando, muitas vezes, impraticável o processo de separação. Mas, independentemente disso, os trabalhadores catam em meio aos descartes sociais seu “ouro”, porque para sobreviver as pessoas realizam as mais diversas proezas; a de viver no meio do lixo é uma delas. Depois da “caçada” o lixo se transforma em sustento, em alimento, em vestimentas, melhorando a qualidade de vida daqueles que trabalham para transformá-lo em produto vendável: “[...] ao ser selecionado, separado e estando pronto para o consumo e para a produção de valor, o lixo deixa de ser lixo para tornar-se matéria-prima: plástico, papel, borracha. Assume um valor de troca, na medida em que se reverte em moeda [...]” (ENGELMAN, 2006, p. 51).

4.1.2 Vivendo do Lixo: os modos de trabalho no “Mundo ATUT”

“Ao ser selecionado, separado e estando pronto para o consumo e para a produção de valor, o lixo deixa de ser lixo para tornar-se matéria-prima: plástico, papel, borracha. Assume um valor de troca, na medida em que se reverte em moeda, e de uso, quando é utilizado em prol da preservação da natureza e de uma melhor qualidade de vida para quem o consome.” (ENGELMAN, 2006, p. 51).

O trabalho de Selda Engelman, de 2006, intitulado “Trabalho e loucura: uma biopolítica dos afetos”, realizado nas dependências da ATUT, compõe o Estado da Arte. Por ser uma pesquisa realizada na área da psicologia social, tornou-se referência consistente para interpretar as atividades realizadas dentro da ATUT. Para Engelman (2006) a ATUT é empresa social, pois não fixa modelos; é um projeto de organização que se desenvolve segundo princípios de cooperação e solidariedade. Ela observou que a ATUT é uma organização que não se sujeita as leis do mercado, sem, no entanto perder o olhar para elas.

A ATUT está em sintonia com uma empresa social por estar inserida em uma rede de serviços de atenção à saúde mental, em substituição ao aparato cientificista e reducionista manicomial e, também, por ser uma organização na qual portadores de sofrimento psíquico trabalham de forma cooperativa e solidária, em conjunto com sujeitos altamente vulneráveis social e economicamente. [...] Seu produto é o lixo, que deve ser reciclado para se tornar valor de troca, de mercado. A importância de empresas sociais, como a ATUT, está no trabalho que se insere dentro de um mundo produtivo, dentro de regras de mercado, com disponibilidade de salário, com um apelo à produção e que implica algo mais além do trabalhar, exige transformação social. [...] São modos de produção e distribuição alternativos ao sistema capitalista, criados e recriados, periodicamente, tanto pelos que buscam se potencializar como coletivo, [...] como pelos considerados desfiliaados do mercado de trabalho, o que abrange tanto sujeitos em estado de desemprego até marginalizados e estigmatizados – ex-detentos, deficientes físicos, ex-dependentes de drogas, moradores de rua, portadores de sofrimento psíquico [...] (ENGELMAN, 2006, p. 53-54).

A ATUT, com seus particulares modos de trabalho, demonstrou que uma organização pode se estabelecer de inúmeras formas. Mostrou que uma organização nasce da necessidade daqueles que a/se organizam e vai se metamorfoseando no desenrolar destas necessidades, acompanhando as muitas idas e vindas das pessoas que compõem o lugar. A estrutura física funciona como proteção às travessuras do tempo, ao clima, ao sol, as chuvas, ao frio, ao calor, apesar de que naquele pavilhão, faz muito calor no verão e muito frio no inverno. Mas o que caracteriza a ATUT, o que dá vida aquela organização são os associados, que no dia-a-dia do trabalho produzem histórias, fazendo com que a Associação se mova conforme suas composições. As tessituras da ATUT são peculiares, ricas experiências de um grupo diferenciado, um grupo de sobreviventes. O desacerto, a mudança e a exceção se movem com fluidez na ATUT. (ENGELMAN, 2006). Estas experiências na apresentam

[...] uma reversão no sentido do controle da fábrica. Ao invés de buscar como finalidade primeira a produção, procura olhar o trabalhador para posicioná-lo em um lugar em que o mesmo se encontre e goste de sua ocupação, que possa regulá-la de acordo com seu próprio jeito, seu modo de fazer, um uso de si que se expresse na alegria espontânea, no olhar brilhante e esperançoso (ENGELMAN, 2006, p. 90).

Na Associação o trabalho é aliado à atividade terapêutica, força motriz da criação da ATUT. Devido a isso, dentro das regras de horário, de postos de trabalho, de revezamento nas mesas, existe a possibilidade de flexibilizar as andanças, para fumar um cigarro, para dar uma espairecida. Os usuários do Hospital também podem sair para suas consultas, para cortar o cabelo e fazer a barba no Salão que fica dentro do Hospital, e até mesmo para dar uma volta. Todos na ATUT sabem das necessidades e limitações de cada um. Tem aqueles que são menos cobrados porque são mais “regressivos”, se concentram menos. Mas sempre há uma atividade a qual se adaptem; são chamados pelos demais para carregar sacos ou levar o lixo – material sem serventia – até as lixeiras. Sempre é possível ouvir alguém gritar: “Seu Fulano, leva o lixo pra mim”, e a pessoa aparece de algum lugar qualquer para realizar a tarefa. Havia um destes usuários do Hospital que às vezes era encontrado dormindo em meio ao papel picado. Claro que todos estão cientes de que estes associados recebem um valor específico, diferente da renda dos demais, pois sua estada na ATUT é exclusivamente terapêutica.

Então, se tem um dia que eles estão mais sonolentos, mas avoados, menos interessados, não são punidos ou maltratados por causa disso. Os que precisam faltar, resolver problemas particulares, sejam usuários do Hospital ou moradores da vila, podem fazê-lo, desde que tragam atestado e/ou compensem a falta em outro momento. Na ATUT as interações são baseadas nas diferenças. Há o que Engelman (2006) chama de controle flexível, pois ao mesmo tempo em que se “[...] controla e exige, o modo de trabalhar na ATUT aceita as dificuldades de quem chega mais tarde, as compensações de quem necessita faltar, as limitações de quem não produz em igualdade [...] na ATUT, predomina o interesse pela potencialização dos trabalhadores como sujeitos.” (p. 74).

[...] a inventividade na ATUT é desenhada nos próprios movimentos de seus agentes, que instituem um novo modo de trabalhar que foge ao planejado, que escapa ao convencional e que, não deixando de atender a objetivos calcados na geração de emprego e renda, se dirige principalmente a substanciar o valor à vida, como trabalhadores artistas, pois produzem 'esculturas de si'. A invenção, como conquista do real, do cotidiano apropriado gradativamente é uma composição de forças que se apropria de outras forças, se tornando capaz de reinventar a vida (ENGELMAN, 2006, p. 155).

O trabalho manual e minucioso de triagem de resíduos é feito em grupos – o do plástico, do papel sigiloso, das mesas da frente, etc. – o que permite que se estabeleçam conversas, trocas de vivências, casos de vida. Muitos se conhecem intimamente, sabem dos problemas uns dos outros e acompanham o andar da vida dos colegas com interesse e preocupação. Amizades se fortalecem diariamente na ATUT em meio aos montes de material, numa mistura de cooperação e solidariedade que permite a aproximação do diferente, a compreensão do outro. É uma forma de inserção que se dá pela construção de novas práticas. Estas interações permitem que o convívio social se estenda para outras esferas, facilitado pela experiência positiva recorrente na Associação. O convívio com diversas pessoas na ATUT, desde a equipe técnica até os diversos visitantes que frequentam o Galpão permite reconhecimento e familiaridade na relação com os outros. Pelas possibilidades de convívio que o “Mundo ATUT” proporciona, doentes mentais e favelados não precisam mais se esconder atrás dos muros do preconceito e do estigma, pois ao trabalharem na Associação ocupam um espaço importante no mundo.

[...] o trabalho que é realizado na ATUT possibilita várias entradas aos sujeitos nas vias da cidade. Suas experiências passam a irradiar-se, nos locais em que circulam, nos cursos, nos encontros e nas manifestações de que participam, pois os trabalhadores são frequentemente chamados para representar a ATUT em encontros, feiras, festividades [...] (ENGELMAN, 2006, p. 83).²⁰

Muitos associados, principalmente os usuários do Hospital, estão na ATUT desde sua criação e dizem não trocar esta experiência por nada, principalmente, pelos efeitos positivos em seus processos de recuperação, de convívio com outros, de inclusão social. Vi muitos associados aparecerem na ATUT em seus períodos de férias porque não conseguiam ficar longe da Associação e dos amigos que fizeram lá. Neste sentido a Associação se mostra como sinônimo de bem-estar.

[...] os efeitos da rede ATUT nos sujeitos trabalhadores podem ser percebidos, nos ditos e não-ditos [...] e nas transformações de suas vidas. Alguns se encontravam presos, tanto em suas patologias, quanto na instituição psiquiátrica, enclausurados e investidos de estratégias disciplinares manicomial. Outros, segregados devido à falta de trabalho e possibilidades de acesso às trocas e aos fluxos do sistema, se caracterizam como precarizados. O dispositivo ATUT operou e opera como um disruptor de linhas de fuga que leva a novos modos de subjetivação e de construção de si, expressos nos novos modos de agir dos sujeitos, seja em relação à reconstituição do laço social, seja na ampliação dos conhecimentos, na profissionalização, enfim, na recriação da própria vida cotidiana (ENGELMAN, 2006, p. 149).

Além das características de sociabilidade que marcam os dias de trabalho na ATUT, existe a simplicidade que marca o jeito de ser, a forma de vestir e de se expressar dos associados, típicas do mundo modesto destas pessoas. Suas vestes são simples, muitas oriundas de doações. Eu mesma doei muitas roupas para eles, recebidas com muita gratidão. Sempre via muitos deles usando as roupas. Quando precisavam alguns deles também se dirigiam a mim na esperança de que eu conseguisse o sapato, o casaco, a blusa que estava faltando. A ATUT concentra múltiplos níveis de precarização, marcados na superfície dos corpos, nos olhares e nos gestos, no vestir, no falar e também no modo de trabalhar na triagem de resíduos sólidos (ENGELMAN, 2006).

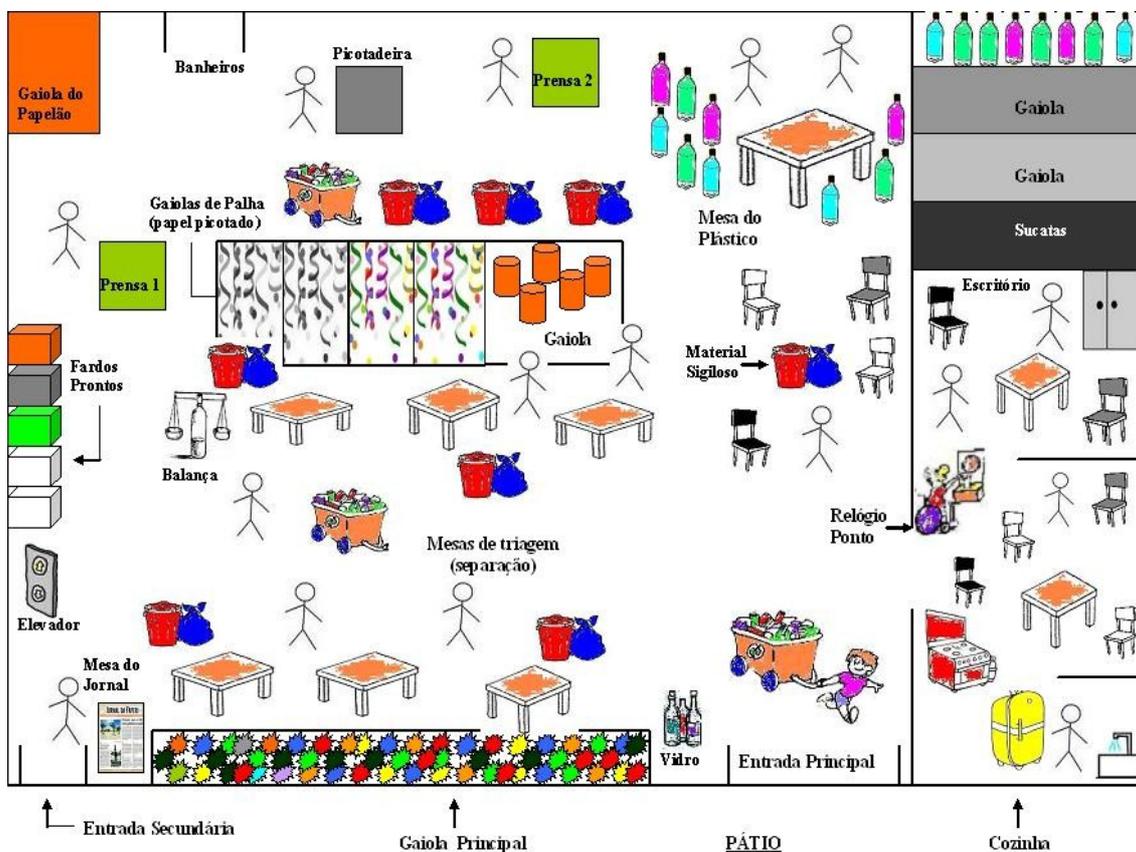
²⁰ Estas atividades também fazem parte da relação da ATUT com o Projeto de Extensão que serão detalhadas adiante.

Mas, mesmo com um jeito parco de viver estas pessoas não deixam a vaidade de lado, principalmente, as mulheres, com suas unhas pintadas, suas bijuterias, algumas delas encontradas no meio dos resíduos. A Dona Vera estava sempre bem arrumada, enfeitada com brincos e anéis. Um dia vi que ela tinha encontrado um anel no meio do lixo. Era ajustável, enfeitado com pedrinhas azuis, algumas estavam faltando. Falei que o anel era muito bonito, a fim de reconhecer sua forma de se cuidar, de se sentir bem, e, inesperadamente ela disse: “pega pra ti, eu já tenho muitos”. Fiquei encabulada, aceitei o anel, e vez ou outra vou para Associação usando o acessório.

As meninas da vila sempre conversavam comigo sobre produtos de beleza, estilos de roupas e cortes de cabelos que gostavam, mostrando preocupação com sua feminilidade. Muitos dos homens se preocupam em fazer a barba, aparar o cabelo, usavam acessórios como relógios e correntes. O Vinícius, por exemplo, sempre vinha acompanhado de sua *nécessaire* recheada, principalmente, de produtos para seu cabelo. Ele me falou de seu gosto por cremes para o cabelo, que gostava de se cuidar. Isso mostra que a simplicidade não impede o exercício da vaidade, na medida em que as condições sociais permitem. É uma forma de fugir dos estigmas da pobreza, da doença, do lugar social, cultural e econômico que ocupam.

A ATUT é composta de muitos lugares e espaços de circulação e trabalho. Em meio as minhas anotações e devaneios de campo, resolvi desenhar o Galpão de forma bastante simples, até rudimentar se comparada ao que a tecnologia propicia hoje em termos de ilustração. Este exercício serviu para comprovar que fixei na minha memória cada pedacinho do galpão, com detalhes. Esta ilustração trata-se do Mapa do Galpão da ATUT, onde foi possível mostrar os lugares de transição dos associados.

FIGURA 1 - MAPA DO GALPÃO DA ATUT



Fonte: da autora.

A entrada principal é um lugar de destaque, onde se concentram as andanças. São os coordenadores que circulam por ali, o material que chega da rua com a KOMBÍ, os visitantes que chegam para conhecer a ATUT, os parceiros que vem entregar pessoalmente o material, os moradores do Hospital que ficam circulando, pedindo cigarros e catando alguns materiais que ficam pelo chão. No lado direito fica a cozinha, onde é servido o café da manhã, às nove e meia, com duração de vinte minutos e o café da tarde, às quinze horas, também com duração de vinte minutos. A ATUT oferece o café preto, cada um traz o seu lanche e alguns trazem leite para tomar com o café. Na cozinha fica localizado o relógio ponto. Foi um pedido do pessoal da vila, a fim de evitar discussões em função dos atrasos e faltas, minimizando, também, as injustiças. O relógio é utilizado pelo pessoal da vila e pela maioria dos “pacientes”. Os associados que não recebem por horas trabalhadas e sim pela atividade terapêutica são dispensados dessa exigência, apesar de também terem seus cartões-ponto. O relógio antigo, não-

digital, de porte considerável, ocupa lugar de destaque e visibilidade na entrada da sala do café.

Ao lado da cozinha fica o escritório, lugar ocupado pelo pessoal da coordenação, composta por dois moradores da vila, que auxiliam os demais associados e orientam as atividades. Um caminha mais no galpão coordenando o trabalho e “pegando no pesado” quando necessário. A outra coordenadora cuida mais dos processos administrativos, contato com os parceiros, venda de materiais, lista de revezamento de trabalho aos sábados, lista de almoço, lista do pessoal que fica para trabalhar no turno da tarde, etc. Antes o pessoal da equipe técnica também ficava neste escritório, mas acerca de dois meses foi feito um novo espaço para eles, localizado ao lado no galpão, no prédio onde ficam as salas dos outros especialistas, responsáveis pelas atividades terapêuticas da costura e da lavagem dos carros e também o Museu da ATUT, montado pelo psicólogo Rodrigo a partir de materiais raros e antigos encontrados em meio aos resíduos.

No galpão o trabalho de triagem é dividido em várias etapas. Nas gaiolas principais são depositados os sacos de material que são separados nas mesas da frente entre papel branco, pardo, misto e mistão, latinhas e o plástico, vai todo junto para a mesa do plástico, que fica na parte de trás do galpão. Depois, nesta mesa do plástico, o material é separado em *pet*, manteiga, plástico mole, plástico duro, etc. São vários tipos, cada um com seu valor de mercado. As tampinhas das garrafas também são separadas para venda. Ao lado da mesa do plástico ficam as gaiolas onde os plásticos que foram e os que não foram triados ficam guardados. E um pouco mais ao lado, colada na parede do escritório fica a gaiola de sucatas. Os vidros são armazenados ao lado da entrada principal. No meio do Galpão ficam outras grandes gaiolas, que acabam dividindo-o em dois espaços: os que ficam atrás e os que ficam na frente. Mais adiante será possível perceber que isso influencia na forma como alguns associados representam as ações de comunicação do Projeto de Extensão. Nestas gaiolas ficam os papéis “palha” que passaram pela picotadeira e outros materiais diversos que aguardam para serem triados.

Atrás destas gaiolas fica uma das prensas e a picotadeira que faz um barulho ensurdecedor quando está ligada. A gente acaba acostumando, porém sente o alívio nos ouvidos quando ela está desligada. Ao lado da picotadeira ficam os banheiros, e ao lado esquerdo das gaiolas centrais fica a outra prensa. Ao lado dos banheiros fica a gaiola onde são armazenadas as caixas de papelão, utilizadas para embalar os fardos de material. Ali por perto fica o elevador usado para elevar os fardos de material, que pesam mais de trezentos quilos, até os caminhões que vem buscá-los. Até pouco tempo atrás os fardos eram carregados manualmente, exigindo a presença da maioria dos homens para fazê-lo. A balança também fica posicionada perto da prensa, porque logo depois de prensado o fardo é pesado. Estes fardos, depois de pesados, ficam esperando a venda, colados na parede lateral do galpão, lá atrás da prensa. Ao lado da porta secundária fica posicionado o Sérgio, usuário do Hospital responsável pela organização dos jornais.

Retornado à entrada principal, em frente ao escritório, fica a turma responsável pelo material sigiloso. São os usuários do Hospital considerados mais regressivos, que trabalham de forma mais lenta. Este material, normalmente papéis, documentos, livros oriundos, principalmente, de órgãos federais e estaduais, são divididos entre branco, pardo, misto e mistão. Depois de separados, estes materiais vão para a fila de picote para se transformar em palha, garantindo o sigilo das informações contidas. A ATUT acorda com órgãos que enviam materiais sigilosos como processos, fichas hospitalares, documentos de identidade, documentos bancários, mediante contrato, que os materiais recebidos serão picotados garantindo que as informações contidas nestes materiais serão transformadas em papel picado. Algumas instituições mantêm funcionários acompanhando o processo de picotagem, para garantir que o trabalho será realizado.

Normalmente os associados têm posições fixas de trabalho, mas conforme a demanda as posições são trocadas, para garantir o despacho rápido dos materiais. Por exemplo, quando uma empresa manda uma quantidade grande de papel branco, considerado o carro chefe da Associação, uma forma tarefa é destinada a dar conta da triagem desse material o mais rápido possível. Há, também, um parceiro que manda

todo mês um caminhão de material enfardado. Neste dia, todo o pessoal se reúne para desfazer os fardos e separar o material, que vem todo misturado.

Os turnos são divididos entre manhã e tarde. O combinado é que na parte da manhã todos trabalhem e no turno da tarde, quem trabalha recebe hora extra. A maioria dos usuários do Hospital não trabalha no turno das atividades terapêuticas, como Oficina de Criatividade e Clube da Amizade. Outros usuários trabalham algumas tardes e nas outras frequentam estas mesmas atividades. Os nove associados que moram na vila trabalham nos dois turnos. Aos sábados pela manhã sempre há expediente, e quem trabalha ganha hora extra. Quando há excesso de material são feitos mutirões de trabalho em feriados, ou então, o horário de trabalho é estendido em algumas horas. Para isso é feita uma lista de trabalhadores, não havendo obrigatoriedade. Quem trabalha ganha hora extra. O expediente inicia às oito da manhã, com intervalo para almoço ao meio dia e, o turno da tarde inicia às catorze horas da tarde e finaliza às cinco horas.

O Hospital oferece almoço aos associados. Todo dia é feita uma lista de quem vai almoçar. A comida é bastante simples, mas ninguém reclama. Nas vezes que almocei com eles fiquei um pouco incomodada com a forma como é servida a comida: o molho de salsicha, o refogado tipo “gororoba”, o feijão ou a lentilha, armazenados em um tipo de garrafa grande, que eu sempre via jogada no pátio do Hospital esperando a KOMBI que recolhe as sobras. Eu comia sem titubear para que os associados não me interpretassem mal. Mas confesso que não ficava a vontade com a aparência e o armazenamento da comida, apesar do gosto não ser ruim. Por último, mas não menos importante, está o pátio, localizado na frente no galpão. Este é o lugar onde as pessoas ficam nos horários de lanche e onde os associados que ficam para o almoço descansam antes de partir para o segundo turno de trabalho. Por ali também perambulam os moradores do Hospital, mendigando atenção, cigarros, catando bitucas de cigarros, passeando, observando, gritando, etc.

Todas as decisões da Associação, como problemas de relacionamento, resolução de atividades extras, aquisições de novos instrumentos de trabalho, etc., são

resolvidas em reuniões de grupo. Todos os associados são convidados a participar das decisões, muitos opinam, alguns discutem, e, quando o assunto é muito complicado, exaustivo, a equipe técnica interfere e acaba decidindo com base na opinião da maioria, ou naquilo que consideram mais sensato. De acordo com relatos da equipe técnica, antigamente, as reuniões eram feitas periodicamente, a cada semana, ou no máximo a cada vinte dias, nem que fosse para comentar sobre acontecimentos ordinários da rotina de trabalho. Atualmente, com a grande quantidade de trabalho, as reuniões acontecem apenas quando há um assunto pendente, quando surge um problema. A Letícia, terapeuta ocupacional, disse que sente a necessidade de voltar a realizar reuniões periódicas, porque isso é positivo para a Associação, para o bom relacionamento entre os associados e com a equipe técnica.

Nós estamos num momento de muito trabalho, de muita produção. Eu vejo que nesse momento a gente tá precisando de uma reciclagem em termos de organização para atender melhor. O nosso trabalho é de geração de renda, mas nesse momento ele cresceu tanto que a gente até perdeu um pouco desse trabalho mais terapêutico. Porque a gente só consegue atender as emergências. Eu acho que deveria ter uma rotina, uma assembleia pra se tratar do trabalho de quinze em quinze dias e outra pra tratar das relações de grupo, de respeito, de escalas de trabalho, de como fazer estes grupos de trabalho, então tá faltando esse momento (LETÍCIA – TERAPEUTA OCUPACIONAL).

O psicólogo e a terapeuta fundaram a Associação e a contadora entrou em 2002. A equipe técnica minimiza conflitos interpessoais e se preocupa em mostrar para os associados a importância do crescimento da ATUT em termos de geração de renda e integração dos associados. Ao intervir nas reuniões, por exemplo, eles demonstram as possibilidades de entendimento entre os associados, diminuindo as fraquezas e ameaças e ressaltando as oportunidades e forças deste grupo. Os associados sempre esboçaram seus sentimentos de respeito, gratidão e afeto pelos membros desta equipe. São especialistas que estão na equipe para reforçar e expor o potencial do coletivo de trabalho. Se não acreditassem nisso, não teriam levado as atividades adiante, apesar dos momentos turbulentos.

Sendo assim, apesar de ser uma organização em forma de associação, onde não existe um “dono”, um “patrão”, foi possível identificar as relações hierárquicas no

contexto organizacional. A equipe técnica desempenha o papel de referência e de tomada de decisões que dizem respeito à ATUT quando, por meio das reuniões, os associados não chegam a uma decisão concreta e/ou coerente, como demonstrado acima. A equipe técnica exerce a função de poder maior, apesar de não haver decisões individuais e isoladas. Os associados se dirigem a eles para pedir auxílio, para resolver determinados problemas, etc. Além deles, há uma referência mais direta nesta hierarquia: os coordenadores. Por estarem mais próximos dos associados, trabalhando diretamente com eles, servem de apoio às questões mais ordinárias, relacionadas ao trabalho, às funções, ao apoio para atividades extras, etc. Isto porque nem sempre há um membro da equipe técnica à disposição, como no período da tarde e aos sábados, por exemplo. É para isto que existem os coordenadores: muitas vezes eles atuam como mediadores entre associados e equipe técnica, representando os associados frente à equipe técnica.

Este formato hierárquico é comum às organizações, mesmo que sejam associações ou cooperativas. É preciso que haja algum referencial, uma pessoa ou grupo de pessoas a quem se remeter quando há necessidade, mesmo que esta pessoa ou este grupo não tome a decisão sozinho. Na ATUT, quando há um problema mais individual, alguma insatisfação ou problema pessoal, o associado se dirige à coordenação ou à equipe técnica para juntos tomarem a decisão a partir das regras formalizadas pelo grupo. Por exemplo, se algum associado precisa faltar, recupera as horas em outro momento ou recebe apenas pelas horas trabalhadas. Quando o assunto é de ordem mais coletiva, como uma discussão sobre trabalho extra, ou mesmo algum comportamento “desviante” que altera ou mesmo atrapalha o rendimento do grupo, é feita uma assembleia com todos para que tomem a decisão juntos. E, neste sentido, quando não é possível chegar a um acordo, um membro da equipe técnica intervém e decide a partir da opinião da maioria, quando esta existe, ou então a partir do que considera mais conveniente.

Em relação ao Projeto de Extensão, estes sempre se reportavam, primeiramente, a um membro da equipe técnica para atualizar o planejamento anual e/ou efetuar alguma alteração. A partir disto os demais associados eram consultados,

mas isto não era uma regra. Às vezes, como no caso dos materiais midiáticos, os associados não participavam das decisões de planejamento e criação; conheciam o material depois que este estava pronto. Participavam mais ativamente nas decisões sobre as atividades internas; aí a Martha e os bolsistas sempre conversavam pedindo opiniões e sugestões. Portanto, a equipe técnica e os coordenadores atuam como uma referência para os demais associados. E, assim, tornaram-se contato direto do grupo de extensão.

Toda a descrição deste contexto, mesmo que feita de forma geral, foi urdida nos muitos momentos de observação e conversação e revelou a complexidade das práticas que se desenrolam dentro da Associação. O “Mundo ATUT” é tramado a partir de interações sociais entre diferentes saberes, num processo que evolui conforme as especificidades dos associados, o entra e sai de material, o encher e esvaziar de gaiolas, os entendimentos e desentendimentos, as ordens e desordens, as tensões, os confrontos, os avanços e retrocessos, os fluxos e refluxos que são potencializados no cotidiano organizacional.

4.1.3 “Sem os pacientes a ATUT não existiria”: os motivadores da criação da Associação.

Dizem que sou louco por pensar assim, se eu sou muito louco por eu ser feliz, mas louco é quem me diz, e não é feliz, não é feliz (Arnaldo Baptista e Rita Lee).

“Sem os pacientes a ATUT não existiria”. Esta fala é da coordenadora da ATUT e representa a importância que estes têm na Associação. No dia-a-dia, estes usuários são chamados de pacientes pelo pessoal da ATUT. É uma forma de identificação, ligada ao fato destas pessoas receberem atendimento no Hospital São Pedro. Na realização das tarefas diárias, normalmente funciona assim: “os pacientes fazem isso”, o “pessoal da vila faz aquilo”. Estas nomenclaturas fazem parte da filosofia da vida cotidiana, da relação com o Hospital e seus especialistas; os próprios usuários do Hospital se autodenominam pacientes. Também uso esta expressão, trazida da vivência dentro da ATUT, mas prefiro fazê-la entre parênteses, pois apesar de ser usual,

pois remete a alguém que está doente, recebendo tratamento, reporta também a ideia de passividade, de inatividade, como bem ressaltou o psicólogo Rodrigo.

Essa divisão entre “pacientes” e “não pacientes” ocorre na divisão de algumas tarefas dentro da ATUT. Aquelas de maior periculosidade, que exigem um grau de atenção maior, como a picotadeira, a função de motorista e a coordenação, são realizadas por moradores da vila. De qualquer forma, se lá fora, no imaginário social, os “pacientes” são tachados de loucos, na Associação são tratados como trabalhadores. De acordo com o psicólogo Rodrigo, todos os associados apresentam sua condição peculiar, sejam ou não portadores de sofrimento psíquico.

Isso se a gente fosse abrir a discussão para uma dimensão técnica, discutir um diagnóstico, a condição emocional de cada um a partir desse diagnóstico, a gente iria ter que estabelecer essas semelhanças e diferenças nas condições de cada um. Mas na verdade a gente procura enquanto equipe técnica conhecer e observar e saber da condição de cada um né, mas a gente procura não se relaciona com essas pessoas exclusivamente ou a partir dessa condição, a gente procura incluir essa condição no relacionamento que vai se estabelecer com essa pessoa, que é diferente né (RODRIGO – PSICÓLOGO).

Isso mostra que na ATUT existe uma preocupação contra a classificação entre “loucos” e sãos, diferentemente do que acontecia, por exemplo, na comunidade pesquisada por Denise Jodelet (2005). Sua pesquisa mostrou que os loucos eram chamados de não-civis, cidadãos sem pleno direito e, que os moradores da comunidade que hospedavam estas pessoas sentiam a necessidade de demarcar diferenças entre quem era e quem não era louco. Nada os distinguiu dos demais, roupas, aparência. No entanto, eram mantidos à parte; dava-se um jeito para que não mantivessem contatos próximos, relações íntimas, para que não se misturassem. Os hospedeiros tomavam distância dos loucos, olhando-os como outro gênero de seres humanos, vindos de fora, como intrusos (JODELET, 2005).

Alguns depoimentos registrados na obra da autora demonstraram que as máscaras e as figuras da loucura povoam o imaginário social e que este conceito impõe representações históricas, fossilizadas, baseadas no medo, no estigma, no preconceito, causados pelo desconhecimento em relação à doença mental. De acordo com Jodelet

(2005) muitos dos testemunhos mostraram comportamentos que denunciam a ideia de uma possível contaminação pela loucura: “[...] Mas ter eles na mesa, isso não.” (p. 295); “A limpeza da roupa eu faço separado, por causa da doença ou outra coisa. A louça também lavo separado.” (p. 129); “A gente tem impressão que tem coisas que se transmitem micróbios. [...] é só uma apreensão que a gente tem. Essa transpiração, esse cheiro, está mais ou menos ligado a doença.” (p. 303); “É preciso manter um certo distanciamento. É preciso familiarizar-se um pouco com eles, mas não ficar perto demais... Deixamos que eles sejam o que são, nada mais. Fazemos a eles o que devemos fazer, mas é preciso ficar distante deles, apesar de tudo.” (p. 129).

Esses depoimentos caracterizam uma época, mas muitas destas representações continuam vivas no imaginário das pessoas, apesar das importantes mudanças que vem acontecendo nas instituições psiquiátricas. Eu pude perceber a vivacidade de representações estereotipadas e preconceituosas na apreensão de muitos amigos e familiares pelo fato de eu fazer pesquisa em um hospital psiquiátrico. Muitos pediam que eu contasse histórias, esperavam contos ficcionais, com requintes bizarros, como se eu estivesse trabalhando no “circo dos horrores”. De acordo com Frayse-Pereira (1985, p. 11), “[...] emprestar ao louco uma vestimenta que o transfigura em monstro não só tende a retirar-lhe o estatuto de humanidade, como também a nos fazer esquecer que algo se diz através da loucura.” Compreendi, então, que o medo, o desconhecimento e a curiosidade ancoravam as representações que eles tinham sobre portadores de sofrimento psíquico, objetivadas em figuras assustadoras, anormais.

Presenciei situações inusitadas pelas ruelas do São Pedro, como a cena de um morador nu carregando um monte de galhos e folhas verdes nos ombros, dos quais se alimentava, ou outro que defecava no pátio, ou mesmo a velhinha, corcunda, com uma coroa de galhos e folhas secas sobre a cabeça, catando bitucas de cigarro pelo chão. A mulher que gritava ininterruptamente, sendo alvo de protesto por parte dos outros moradores, até o homem da gaita de boca, que falei anteriormente. Outros tantos enfiados nos confins de seus pensamentos, rindo, chorando, reclamando, falando sozinhos. Julgá-los, repudiá-los seria uma visão míope, ofuscada pela cortina de fumaça do preconceito. Antonin Artaud em sua Carta aos Diretores de Asilos de Loucos, de

1979, disse que não se pode admitir que se impeça o livre desenvolvimento de um delírio, tão legítimo e lógico como qualquer outra série de ideias e atos humanos.

Dentro do Hospital Psiquiátrico São Pedro criam-se estratégias para se lidar com os moradores sem maltratá-los. Com o convívio fui aprendendo até onde poderia ir e como deveria me comportar. Muitos querem abraçar e beijar, com sua libido a flor da pele. Aprendi que deveria abraçá-los com os braços estendidos, marcado uma distância que impedisse um beijo roubado. Outros professores, incluindo até associados-usuários da ATUT, frequentadores assíduos do Hospital, ensinavam a não tocar os moradores, porque eles faziam suas necessidades em qualquer lugar e não faziam a devida higienização das mãos.

Desde sempre aprendemos a ver a doença mental sob a ótica do medo, da negatividade e da generalidade, acreditando que os “loucos” são perigosos e não podem viver em sociedade. Aprendi no contato com os especialistas, que os chamados pacientes, os loucos, são na verdade portadores de sofrimento psíquico, denominação que segundo o psicólogo da ATUT é uma forma de “re-situar”, humana e eticamente estas pessoas. Também, ao invés de tratá-los como pacientes, que traz a ideia de dependência, o psicólogo Rodrigo prefere se dirigir a eles como usuários do Hospital. Também adotei este saber.

Existe uma questão sociocultural atravessada nisso que remete ao fato de o paciente psiquiátrico, ele ter esse próprio nome que remete a um campo da medicina, e a história de atendimento dessas pessoas remete a uma história de exclusão social. A hospitalização dessas pessoas em ambientes fechados, de maneira permanente. Então, pessoas que ficaram anos internadas. São pessoas que a família abandonava e ficavam anos numa instituição psiquiátrica né. O que ocorre que as pessoas que compreenderam que estas formas de tratamento foram inadequadas de um ponto de vista técnico e até cruel de um ponto de vista humano, essas pessoas asiladas durante anos e ainda existe essa situação aqui no Hospital. Então o nome que se resolveu re-situar essas pessoas seria chamar essas pessoas como pessoas portadoras de sofrimento psíquico, seria uma forma mais ética e mais humana de definir essa situação né. Então, na verdade seria esse o nome melhor (RODRIGO – PSICÓLOGO).

Esta evolução se mostra bastante apropriada se consideramos o fato de que há muitos tipos de sofrimento psíquico, de diferentes níveis, com diversas características, diversas causas e diferentes tratamentos que nem sempre requerem internação. O contato com estes sofrimentos permitiu que eu comprovasse isso. Aliás, muitas pessoas vão desenvolvendo problemas emocionais em função de experiências vividas, como abusos sexuais, uso de drogas e, que vão se agravando com o abandono e com o preconceito. Têm associados na ATUT que foram separados dos filhos, que não tem mais contato com a família, que desde a juventude são jogados pra lá e pra cá em função do sofrimento psiquiátrico. O Paulo ficou na Fundação Casa - FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar ao Menor) até os 18 anos, depois disso foi encaminhado para as Moradas da Vila São Pedro. Teve outra associada e usuária do Hospital, que não trabalha mais na ATUT, que me contou que tomava 18 remédios por dia – o efeito da quantidade de medicamentos era visível em seu semblante. Ela foi separada dos filhos e, contra a sua vontade, foi desligada da ATUT e enviada para outro local, por ordem de seus responsáveis. Ela me disse que não queria sair da ATUT e nem de Porto Alegre. Ainda há outros que se apaixonaram por seus pares, mas permanecem condicionados as obrigações que regem o permanente acompanhamento de suas referências.

Então, compreendo, a partir destas experiências, destes aprendizados, que o termo loucura deva ser considerado como uma alegoria, uma metáfora. Esta nomeação está carregada de marcas que ilustram a estigmatização, o preconceito e o desconhecimento em relação ao sofrimento psíquico. Usá-la, em um tom diferente do alegórico, seria como compactuar com os significados de insanidade, insensatez e alienação que a palavra carrega. Tendo experimentado o gosto da convivência com portadores de sofrimento psíquico, ressalto e comprovo com mais ênfase essa ideia, pois eles mostraram que estas cicatrizes permanecem apenas no imaginário social das pessoas, o que claro, continua causando um sofrimento amargo a eles. O próprio psicólogo da ATUT confirmou que a “loucura” circula por todos os espaços sociais: “Todo o sujeito humano apresenta essa condição do sofrimento psíquico em maior ou menos grau”. Frayze-Pereira (1985, p. 08), corrobora esta ideia: “[...] não é um fenômeno fundamentalmente oposto ao da chamada racionalidade ou normalidade. A loucura é interior à razão – eis uma proposição notável muitas vezes posta sob suspeita,

tão espantosa que se resiste a aceitar.” De uma forma ou de outra a loucura está embutida em nossas personalidades, faz parte das alegrias e dramas da vida diária.

Diante de tudo isso, é fato que a diferença confronta os associados da ATUT, todos os dias. Mas também é fato que esta diferença não causa o estranhamento e até a repulsa apresentados no estudo referencial de Jodelet (2005). A diferença é amenizada e aceita na convivência, na rotina de trabalho, nas prosas. A maioria dos “pacientes” desenvolve suas atividades com a mesma habilidade, ou até mais, que os moradores da vila. São ativos, determinados, interessados pelo trabalho. Não querem e não aceitam o rótulo de incapazes ou ineficientes.

A convivência entre moradores da vila e portadores de sofrimento psíquico é um exemplo de que o convívio com a diferença é possível, benéfico e construtivo. Os moradores da vila convivem diariamente com os ex-moradores do Hospital, residentes nas Moradas localizadas dentro da vila, circulam dentro das dependências do Hospital, se relacionam com os moradores, dão cigarro, os acendem quando preciso, conversam, mantêm a boa convivência. Certo dia, presenciei Fernanda, moradora da vila, gesticulando com um morador do São Pedro que andava para cima e para baixo girando uma velha hélice de ventilador. Ele não fala, mas se comunica por gestos, e cigarro ele sabe pedir como ninguém. Fernanda e ele estavam sentados lado a lado, ele se mexendo freneticamente, pedindo um cigarro e ela, tratando a situação com uma normalidade surpreendente deu um cigarro para ele. Ele colocou o cigarro na boca, mas não tinha como acendê-lo. Ela pegou o cigarro novamente, colocou-o em sua boca e o acendeu, entregando novamente para o morador que ela chamava de Chiquinho.

Então esta diferença, tão marcante para a maioria da sociedade, que objetiva no louco a figura do Outro, se tornou familiar com o convívio, com a proximidade, com as interações. Até porque no nível da exclusão, da segregação, da falta de acesso a determinados lugares, todos se igualam na ATUT, cada qual com seus problemas específicos. Na ATUT alguns associados carregam o estigma da loucura, intensificado pelo fato de serem pessoas humildes, pobres, com nível de escolaridade baixa, com problemas na estrutura familiar. A Dona Sílvia, usuária do hospital, tinha pavor quando

alguém dizia que queria visitá-la: “Eu moro num barraco, sô pobre, pobre, pobre”. E os moradores da vila, carregam nas costas todos estes problemas sociais citados acima, sobrecarregados com o fato de morarem numa das favelas mais perigosas e precárias de Porto Alegre. Então há uma multiplicidade de exclusões na ATUT, amenizadas na afetividade das trocas, das amizades, das conversas e do trabalho.

Claro que para alguns “pacientes” da ATUT há certa dificuldade para enfrentar as situações do cotidiano, pois necessitam, às vezes, de um grande esforço para superar as limitações físicas e psicológicas impostas pela doença mental. A quantidade de medicação que alguns tomam prejudica a realização de determinadas atividades, deixando-os, muitas vezes sonolentos e “aéreos”. Mas, mesmo assim, o convívio social, cria possibilidades de ir além, de tentar alçar outros voos, de transcender, de assumir as características do transtorno, assumir o tratamento, em detrimento das perdas que causa a negação da doença. O comprometimento de algumas atividades rotineiras pode ser substituído por uma boa conversa, pela criação de um laço afetivo, por um gesto de atenção, que faz com que essas pessoas se sintam parte da sociedade, dispostas a enfrentar de frente seus problemas. Eles precisam sentir que estão no mundo, habitam o mundo, não como doentes, incapazes, mas como pessoas que tem direito a este espaço no mundo, como qualquer outro ser humano. Portanto, a sanidade e a loucura, presentes nos “pacientes” e nos moradores da vila, compõem a urdidura das práticas cotidianas no “Mundo ATUT”.

4.1.4 O outro lado da força de trabalho: o pessoal da Vila São Pedro

“Normalmente o conjunto de barracos são construídos com segmentos de materiais diversos recolhidos (catados) pelo próprio sujeito construtor, que recebe ajuda da família e dos vizinhos.” (ENGELMAN, 2006, p. 107).

O pessoal da vila chegou à ATUT dois anos após sua fundação para proporcionar novas formas de interação aos portadores de sofrimento psíquico, além de agilizar o processo de triagem.

A pesquisa da antropóloga Cláudia Fonseca, realizada na Vila São Pedro entre abril de 1981 e março de 1983, trouxe informações contextuais valiosas sobre algumas das práticas cotidianas da vila. A autora mostrou que a Vila São Pedro é resultado de invasão, uma favela ocupada oito anos antes de sua investigação. O terreno baldio ocupado está localizado em uma zona de classe média de Porto Alegre, nos fundos do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Os moradores são pessoas paupérrimas, que não possuem terras, nem bens, nem linhagens. Os homens ganham a vida como papeleiros, guardas-noturnos, biscateiros e operários intermitentes da construção civil. As mulheres, quando trabalham, na maioria das vezes são faxineiras. Alguns dos jovens completam suas rendas com o roubo e o tráfico de drogas e, as mulheres, de todas as idades, praticam a mendicância ou a prostituição (FONSECA, 2004). “Em termos teóricos, essa população representa o que chamamos sub-proletariado, essa parcela da classe operária que, num dado momento, não está apta para os empregos disponíveis ou constitui um excesso, em relação às demandas da produção industrial.” (FONSECA, 2004, p. 09).

A vila é popularmente chamada de “Cachorro Sentado”. Assim ela foi denominada no estudo de Cláudia Fonseca. Eu também a conheci, primeiramente, através desse nome e, nos meios de comunicação, igualmente: “BOE realiza operações na Vila Cachorro Sentado”; “SMIC interdita ferro-velho na Vila Cachorro Sentado”; “BOE prende oito pessoas na Vila Cachorro Sentado”.

Uns dizem que a origem do nome da vila 'Cachorro Sentado', como eu mesma conheci, foi dada por um 'burguês' que ao não conseguir recrutar trabalhadores entre os homens aparentemente ociosos, sentados à entrada da vila, teria dito: — 'O quê! Só tem cachorro sentado por aqui?'. Segundo outros, morreu um cachorro à entrada da vila e o pessoal foi tão negligente que 'o cadáver ficou sentado ali umas duas semanas' até ser removido (FONSECA, 2004, p. 11).

O nome Vila São Pedro surgiu quando um grupo de estudantes e militantes políticos ajudaram uma comerciante da vila a criar uma associação comunitária, em 1981, pois achavam o nome pejorativo (FONSECA, 2004). “Desde então os moradores da vila estão divididos entre os que apreciam o humor irônico do nome original e os que desejam ter um nome 'respeitável’.” (FONSECA, 2004, p. 12). Eu, realmente, nunca

ouvi o pessoal da vila chamá-la de Cachorro Sentado, talvez não gostem mesmo desse nome.

Na ATUT, eles se esforçam muito. Estão sempre prontos para o trabalho, querendo dar conta das atividades, nem que para isso tenham que trabalhar nos finais de semana. Reconhecem a importância da oportunidade de trabalhar na Associação, considerando as dificuldades de conseguir emprego. Reconhecem, também, a importância dos “pacientes”, bem como os moldes em que a ATUT foi criada. Eles não maltratam nem ofendem os usuários do Hospital. Nas rotinas de trabalho ambos se ajudam, trocam favores, respeitam uns as habilidades e dificuldades dos outros, se preocupam uns com os outros. Teve um dia que uma associada me contou que a colega tinha recebido um “gancho” porque faltava muito, e ela estava preocupada, tinha medo que ela perdesse o emprego: “[...] coitada, paga aluguel.”

Lembro-me também do dia em que tive uma palestra sobre respeito e Dona Sílvia, “paciente”, pediu a palavra e disse ao grupo que queria aproveitar o momento para agradecer a presteza com que Leandro, morador da vila, sempre atendia a seus pedidos. Disse que ele sempre estava pronto para ajudar: “é só chamar que ele logo vem”. E ele, um menino de poucas palavras, agradeceu com o sorriso no rosto e disse que se sentia muito feliz por ter sido reconhecido: “ninguém tinha dito isso antes”. O coletivo se une para o bom funcionamento e andamento das atividades.

Os “pacientes”, principalmente, os mais “regressivos”, mostravam um carinho especial pelo coordenador (morador da vila), porque ele estava sempre brincando com eles, fazendo piadas, em torno deles, às vezes ficava ali junto, rasgando papel. Uma delas repetia insistentemente que Rafael era seu amigo, seu namorado, numa intenção afetiva nítida. Rafael voltou para sua cidade natal em dezembro de 2009, para abrir negócio próprio com a família. Sua saída causou grande mal-estar na Associação, em especial entre os “pacientes”, que gostavam muito dele. Muitos me disseram que ele era sempre prestativo, ouvia o que eles diziam, respeitava suas necessidades. No período de sua despedida, e ainda alguns dias depois, era notável o sentimento de tristeza em função da partida.

Presenciei apenas um caso de desentendimento mais intenso. Foi numa reunião em que estavam discutindo se trabalhariam nas vésperas do Natal e do Ano Novo, porque havia uma grande quantidade de material acumulado. Uma das “pacientes”, atordoada, xingava todos com palavrões, dizendo que não trabalharia: “eu já tenho outras coisas pra fazer”. E, então, um dos moradores da vila, que tinha dado a ideia de trabalhar se exaltou e revidou as ofensas recebidas, dizendo que ela não queria trabalhar porque ganhava outros benefícios: “nós só temos o dinheiro que ganhamos aqui”. A “paciente” ficou muito exaltada, reclamou mais outro tanto, foi repreendida pelo psicólogo Rodrigo, que encerrou aquela discussão dizendo que quem quisesse trabalhar era para avisar a coordenadora para que uma lista fosse montada.

O pessoal da vila prima muito pelo trabalho, provavelmente por reconhecerem a dificuldade de conseguir emprego fora dali. Dos que saíram, neste tempo em que estive lá, alguns estão sem emprego e outros vivem de trabalho informal dentro da vila. O estudo de Fonseca (2004) revelou que os moradores da vila estavam perfeitamente conscientes de que só poderiam aspirar aos trabalhos manuais mais baixos na escala convencional de prestígio. Por terem que se sujeitar, normalmente, a ser comandados por chefes mais jovens e quase sempre pertencentes a uma camada social superior, tendo que viver de oito a dez horas por dia evocando sua inferioridade com salários baixíssimos, entendiam que isso não compensava a falta de satisfação pessoal. A resposta a essa situação foi a de “[...] denegrir os empregos denegridores e valorizar qualquer ganha-pão, desde que não apoie a hierarquia social convencional subordinando um membro da vila a alguém das classes dominantes.” (p. 12).

A ATUT, em um formato em que todos são “donos”, onde ninguém manda em ninguém, proporciona essa liberdade que eles buscam. O trabalho é feito com afinco porque quanto mais eles trabalharem, mais dinheiro receberão no final do mês; e o lucro é deles e não do “patrão”. Ou seja, o esforço é recompensador por receberem pelo que trabalham e por não terem que se submeter às leis e discriminações de pessoas de outras camadas sociais. O trabalho na ATUT é uma exceção e uma possibilidade na vida destas pessoas, moradores de uma comunidade social e economicamente discriminada

pelos grupos dominantes (FONSECA, 2004). Sem falar que trabalhar ao lado da vila permite que eles mantenham a convivências com seus pares, dentro das fronteiras da sua camada social. Ao se relacionarem com a semelhança eles evitam contato com o constrangimento do preconceito e das discriminações. De acordo com Fonseca (2004, p. 13) “[...] os moradores da vila mantêm estreitos laços com uma dezena de favelas mais ou menos semelhantes na região urbana. Os representantes do mundo 'burguês', pelo contrário, penetram raramente nas suas vidas.”

Várias pessoas da vila me falaram que seus parentes ou conhecidos 'mais bem de vida' recusam pôr os pés na vila. Aliás, raramente emitem convites, justamente por ter "vergonha" de receber visitas ali. [...] Assim, esse grupo de indivíduos, apesar da sua imbricação na sociedade circundante, permanece, sob muitos pontos de vista, isolado. Tal exclusão reforça o sentimento de 'nós, os pobres' (FONSECA, 2004, p. 13).

Esta vida de favela é específica, com filosofias diferentes das práticas predominantes na ponta da pirâmide social. Ouvi suas histórias sobre o crime, uso e tráfico de drogas, brigas, desentendimentos resolvidos “no soco”, de marido preso, de irmão foragido, de nora “louca”, de jovens meninas com muitos filhos. Estas histórias foram a mim reveladas na medida em que fui me aproximando do pessoal da vila. É bem verdade que alguns foram mais arredios que os usuários do Hospital. O coordenador me chamava de “burguesinha”, de “patricinha”. Ele não tinha a intenção de me ofender, porque nos dávamos muito bem. Um dia ele me disse que mesmo eu sendo uma “patricinha” eu era uma pessoa legal, que me preocupava com a ATUT.

Com as mulheres foi mais difícil. Elas me olhavam desconfiadas. Era o receio marcado por uma história de discriminação por parte de “pessoas como eu”, pertencentes à classe média. Mas eu nunca desisti. Eu parava nos cantos das mesas de trabalho e puxava conversa, entrava no papo delas. Fui mostrando que apesar de ser diferente, eu compreendia o mundo delas, e estava pedindo que compreendessem o meu. Reconhecer o outro implica momentos tensos e até conflituosos. E então, com o tempo, entre uma piadinha e outra a respeito do meu tipo físico “light”, do meu jeito de “princesinha”, das maçãs que eu levava para o lanche “para não engordar”, fui me aproximando delas. Conversávamos sobre suas histórias de vida, seus filhos, a vida na

vila, mas, também, sobre novelas, *reality shows*, artistas, celebridades, etc., como já contei anteriormente. Compartilhei com elas o medo, o sofrimento e a preocupação com os filhos quando a vila foi invadida por um grupo de traficantes rivais. Estreitamos os laços trocando seriedades e futilidades.

Na última festa de final de ano, tirei fotos com elas e dancei *funk*, como que num ritual de passagem, uma confirmação de que havia sido aceita. Estas relações exemplificaram o processo de reconhecimento e aceitação do outro, processo pelo qual todos passam, para que o exótico seja transformado em algo familiar. Para eles eu estava ancorada na ideia de “classe burguesa”, de superioridade. O processo de tomada de perspectiva é normal no encontro entre mundos diferentes. E já que dentro da ATUT diferentes mundos se encontram, eu precisei batalhar para criar laços, para me tornar agente do processo; parte integrante do “Mundo ATUT”.

4.2 CONTEXTUALIZANDO O PROJETO DE EXTENSÃO: AÇÕES E ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO

O Projeto de Extensão “ATUT: reciclando vidas com inclusão social” (PE) foi criado em 2002 pela Prof.^a Ana Maria da Eiroa Fonseca como parte das atividades da disciplina “Agência Experimental de Relações Públicas” (AGERP) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (FABICO). A ideia era desenvolver um Projeto de Extensão direcionado à comunidade. Como estava crescendo o discurso e a prática em relação à reciclagem e a coleta seletiva, os membros acharam interessante trabalhar com uma associação de triagem de resíduos sólidos.

Buscou-se informação sobre as associações existentes, e algumas delas foram visitadas. Com estas visitas os membros do grupo perceberam que dentre as unidades, a ATUT era uma que necessitava de ações de comunicação para alavancar seu trabalho, que havia iniciado há dois anos. A questão do acesso às unidades – muitas eram distantes – influenciou, mas a especificidade da ATUT foi fundamental à tomada de decisão. A partir disto, o grupo procurou os coordenadores da ATUT, expuseram suas

intenções, e, após este contato formaram a parceria. A professora Ana Fonseca coordenou o Projeto de Extensão de 2002 a 2003, vindo a se aposentar. Depois disso Martha (bióloga com cargo técnico-administrativo na UFRGS), que integrava o Projeto de Extensão desde o início, passou a coordenar as atividades.

No princípio o grupo visitava periodicamente a ATUT para buscar informações, conversar com equipe técnica e com os associados, participar de reuniões para saber quais eram as necessidades e prioridades em relação às ações de comunicação: “[...] a professora Ana Fonseca me disse, sempre vai lá e busca o que eles querem.” (MARTHA). Na época, de acordo com Fonseca (2003) através das conversas e observações o grupo constatou que o principal problema da ATUT era “[...] a limitação da capacidade operacional devido à falta de material para reciclagem e à estrutura de funcionamento.” (p. 09). Eles também detectaram a deficiência da comunicação interna entre os membros da ATUT.

A partir disto, a primeira ação foi o desenvolvimento de um “*kit* de captação de parcerias”, contendo um logotipo para a ATUT, apresentação em *Power Point* e um *folder* informativo com a nova logomarca. O objetivo era captar mais parceiros e melhorar a imagem da ATUT perante estes públicos através de ações organizadas e padronizadas. No início os membros do Projeto de Extensão acompanhavam o pessoal da ATUT nestas apresentações, mas com o tempo, foram repassando as técnicas de utilização do material, para que os associados se tornassem independentes para utilizá-lo. De acordo com a Martha, “[...] a captação de parcerias se mantém. Com o *kit* de captação eles se independizaram”. Desde então este *kit* vem sendo aperfeiçoado, atualizado, de acordo com as necessidades da ATUT. Além deste material foram desenvolvidos ao longo do tempo um novo *folder*, um vídeo institucional, um vídeo jornalístico, um *banner* e um *site*, destinados aos parceiros, colaboradores e comunidade em geral. Todo este material é fornecido gratuitamente à ATUT. Por isto, desde o início o Projeto de Extensão procura usar os meios disponíveis na FABICO, onde busca instrumentos técnicos e compartilhamento de conhecimentos para a elaboração dos materiais midiáticos. Quando necessário solicitam patrocínio fora da UFRGS.

O Projeto de Extensão sempre teve uma face multidisciplinar, coordenado por uma professora de Relações Públicas e por uma bióloga, que reúnem nas atividades, comunicação e questões socioambientais. De acordo com a Martha, “[...] esta interdisciplinaridade, esta multiplicidade dos saberes tem que existir.” Desde que a professora Ana Fonseca se aposentou a Martha mantém, atualiza e desenvolve as relações com os demais setores, professores, alunos e funcionários da FABICO para desenvolver as ações de comunicação na ATUT: “[...]a gente procura usar todos os meios aqui da faculdade, tanto de comunicação como de biblioteconomia.”

Eu não sou RP [Relações Públicas], não sou formada nessa área, mas aprendi com a professora Ana Fonseca e com todos daqui que trabalham nessa área. A gente sempre ta aprendendo, e não é uma área difícil de se aprender (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Esta linha de trabalho, também é desenvolvida numa perspectiva de não se envolver com as questões relacionadas à reforma psiquiátrica e ao tratamento dos pacientes, pois, segundo a Martha, não diz respeito ao trabalho de comunicação.

Eu aprendi com a professora Ana Fonseca que a gente faz o trabalho pra ATUT sem se intrometer na questão da reforma psiquiátrica. Se ta certo, se ta errado, se a sociedade aceitou, se os governos estão errados não vem ao caso pra nós, não entramos nesse mérito. Não questionamos o trabalho com os pacientes. Pra não criar caso com ninguém, pois nós somos de uma outra instituição. O que eu aprendi com a professora Ana Fonseca eu passo para os alunos. E eles questionam algumas coisas, mas eu digo que isso não é da nossa alçada (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Quando a coordenação do Projeto de Extensão passou para a Martha, as questões relacionadas ao meio ambiente, às práticas socioambientais ganharam mais força. O nome também foi evoluindo, até o atual, na medida em que o projeto foi ganhando espaço dentro da ATUT, da FABICO e da Universidade. Segundo a Martha, o nome atual é um entrelace de tudo que foi feito até hoje em relação à ATUT.

Em 2003, uma professora do Curso de Relações Públicas assumiu a coordenação da AGERP e resolveu investir na implementação da coleta seletiva dentro da FABICO. A partir disto, Martha, coordenando o Projeto de Extensão e esta

professora, na coordenação da AGERP, se uniram para implantar este projeto de coleta seletiva, com o objetivo de encaminhar o material para a ATUT. Primeiramente, elas realizaram uma pesquisa empírica sobre tipo e quantidade de resíduos gerados dentro da FABICO. Após, foi implantado um sistema de lixeiras coletoras nos corredores e salas de aula de cada andar do prédio. Esta ação reforçou os laços entre ATUT e Projeto de Extensão, que além de desenvolver as ações de comunicação, tornou-se parceiro no encaminhamento de seus resíduos secos. A AGERP deixou de ser uma disciplina para se tornar um laboratório de ensino, no qual os estudantes de relações públicas da FABICO têm a oportunidade de colocar em prática projetos de comunicação e, o Projeto de Extensão que se independizou apesar de manter o vínculo com a Agência (o Projeto de Extensão continua dentro da sala da AGERP e utiliza bolsistas do curso de Relações Públicas e, às vezes, de Publicidade e Propaganda).

Qualquer aluno daqui pode fazer, e vai tirar algum proveito disso. O aluno que depois quiser continuar nessa área já vai ter um ensinamento. Todos bolsistas que passaram gostam, tem uns que ficam, voltam depois de formados para ajudar. Isso mexe com eles, até depois de formados. Isso é bom por que é uma consciência social e ambiental (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

O Projeto de Extensão é, portanto, um projeto permanente na FABICO, vinculado à direção, também em função das questões ambientais que são de interesse da Universidade.

Em 2006, por necessidade, a universidade resolveu implementar uma gestão ambiental, e através de cursos fazer os multiplicadores. A universidade indicou professores e técnicos. Eu fui da primeira turma de agente ambiental. Este é responsável por todas as questões ambientais dentro da unidade. Neste curso tivemos uma visão geral do que se produzia de resíduo na universidade. Depois que me formei nós fizemos uma força tarefa aqui no Campus da Saúde, em 2006. Nós fizemos todas as mudanças nas unidades, pra padronizar. Resíduo reciclável saco azul e não reciclável saco preto. Criamos dentro das normas do CONAMA [Conselho Nacional do Meio Ambiente], uma maneira fácil de assimilar, entender. Até porque temos que enviar pros galpões em função do decreto²¹, e estes galpões fazem a separação dos

²¹ O Decreto Nº 5.940, de 25 de Outubro de 2006, institui a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis, e dá outras providências. Dentre as considerações dispostas no Decreto estão a coleta seletiva solidária, que se trata

resíduos recicláveis. O projeto faz parte da UFRGS e ela tem um padrão que está acima do meu projeto. Fizemos um grande trabalho. Tudo serve pra conscientizar e mobilizar o pessoal da FABICO. A partir daí fizemos em todo o Campus da Saúde. A ATUT é a receptora dos resíduos do campus da saúde (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Então, a partir da implantação da coleta seletiva dentro da FABICO, o Projeto de Extensão estendeu suas ações para dentro da Universidade, onde é chamado de Projeto de Extensão “Reciclando Vidas” – de acordo com a Martha, o Projeto é chamado de “Reciclando Vidas” porque trabalha com comunicação, sensibilização ambiental, coleta seletiva, motivação e inclusão social. Após a implementação da coleta seletiva, muitas ações foram sendo desenvolvidas dentro da FABICO, e sempre relacionadas à ATUT, como a participação no Salão de Extensão da UFRGS, no Programa Portas Abertas (ação realizada pela UFRGS no dia 15/05/2009 para receber a comunidade, convidando-a a conhecer as atividades realizadas dentro da Universidade) e na recepção dos calouros da FABICO para falar das ações do Projeto de Extensão, na faculdade e dentro da ATUT.

Portanto, o Projeto de Extensão tem dois braços interligados, na ATUT e na FABICO/Universidade: dentro da FABICO ele é chamado de “Reciclando Vidas” e na ATUT se estende para “ATUT: reciclando vidas com inclusão social”. Quando questionei a Martha sobre o nome do projeto ela me disse: “[...] na verdade reciclando veio de lá, e eles acham que é daqui. É uma chamada que funciona. A ideia veio da ATUT.”

Neste entrelace, a AGERP contribui com as questões relacionadas à assessoria de comunicação, em relação aos dois braços do Projeto de Extensão. E ainda, toda a parte de meio ambiente da FABICO, cada ação que se queira realizar nesse sentido, passa pelo Projeto “Reciclando Vidas”. Quando há alguma atividade relacionada à questão dos resíduos sólidos o grupo chama o pessoal da ATUT para colaborar, como, por exemplo, uma exposição sobre os tipos de resíduos existentes e uma oficina sobre a coleta dos resíduos recicláveis descartados, separados na fonte geradora, para destinação às associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis e os resíduos recicláveis descartados, que são os materiais passíveis de retorno ao seu ciclo produtivo, rejeitados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta. Informações extraídas do Decreto, no *site*: www.planalto.gov.br. Acesso em novembro de 2009.

coleta seletiva que foi realizada na FABICO em 2009. Há sempre esta parceria que possibilita visibilizar as atividades da ATUT através destes eventos: “[...] a ATUT atua como parceira nas atividades relacionadas a gestão ambiental na FABICO; Semana do Meio Ambiente, Salão de Extensão, é uma troca. Se trabalha numa relação de parceria. Comunicação é isso aí. Eu aprendi isso.” (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Desde 2006 foram intensificadas as ações de comunicação direcionadas ao público interno, através da criação do “Ciclo de Palestras”. Juntamente com a coordenação e com a equipe técnica da ATUT, o grupo de extensão busca informações sobre problemas que estejam afetando a Associação; questões que necessitem de maiores informações, esclarecimentos, conhecimento. Em 2006 houve reuniões sobre a reforma dos banheiros e a forma correta de utilização e manutenção de sua limpeza. Ocorreram, também, encontros para discutir o respeito aos colegas na hora do intervalo, em relação à refeição de cada um, na formação da fila para tomar o café na hora do lanche; palestras sobre respeito, higiene pessoal e com o galpão; sobre a dengue – após a exposição teórica os trabalhadores foram para o pátio conhecer os focos e colher amostras de larvas para analisar se eram do mosquito transmissor da doença; drogas – segundo a Martha foi uma palestra muito participativa, pois no contexto da ATUT há muitos casos de consumo de drogas, tanto dos moradores da vila como dos “pacientes” –; cigarro e seu consumo no horário de trabalho, etc.

No ano de 2009 foi realizada uma palestra feita pela Martha sobre a relação da ATUT com a crise econômica mundial, outra palestra sobre respeito, ministrada por um assistente social e uma sobre drogas com uma enfermeira do Hospital Mãe de Deus, de Porto Alegre. Estava no planejamento do ano uma palestra sobre Segurança no Trabalho, que não foi realizada, pois não conseguiram um palestrante. Segundo a Martha, a palestra foi recolocada no planejamento de 2010, por ser um assunto de interesse do pessoal da Associação. As palestras vão sendo pensadas e organizadas de acordo com os pedidos que vem da Associação e das possibilidades do Projeto de Extensão.

O Ciclo de Palestras funciona de acordo com as necessidades deles e com nossas possibilidades. Teve épocas em que não consegui palestrantes. Nem todos querem palestrar de graça, tem pessoas que não se dispõem, mas tem pessoas que vão, depois querem voltar (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Dentro deste ciclo foi implantado o “Programa Vivências”, onde são realizados passeios, visitas a outras Usinas de Triagem e beneficiamento de material reciclável; exibição de filmes, em locais fora do ambiente de trabalho, como FABICO e Planetário da UFRGS, a fim de proporcionar novas experiências ao grupo. Em julho de 2009 os associados visitaram o Laboratório Itinerante de Física da UFRGS, localizado no Planetário: “levamos eles pra conhecer a FABICO, o Campos da Saúde, o Planetário. Assistir filmes. Ah, a Marthinha da UFRGS, mas o que é essa UFRGS? Trouxemos eles pra conhecer a UFRGS” (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO). Estes eventos acontecem conforme a disponibilidade, as necessidades e interesses da ATUT e também conforme a disponibilidade do Projeto de Extensão e dos parceiros/colaboradores (o Projeto de Extensão procura palestrantes nos diversos cursos da Universidade, expandido os contatos para o projeto).

O Projeto de Extensão também desenvolveu um Mural que foi colocado na sala do café, onde os associados podem colocar as informações que desejarem.

[...] outra coisa que tem permanente é o mural. Antes ele ficava na entrada do Galpão, só que daí começaram a colocar um monte de resíduos aí ficou meio difícil, aí diminuimos, o Hospital providenciou e colocamos na sala do café. Ficou bem boa, eles escolhem o que querem colocar, sobre o hospital, palestras, fotos. Um meio de comunicação entre eles, comunicação interna, de recados (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

O mural contém o calendário mensal de aniversariantes, fotos de visitas e participação em eventos, calendário de limpeza do banheiro (cada semana um grupo de associados fica responsável pela limpeza), mensagens deixadas pelos associados sobre meio ambiente, experiências de trabalho na ATUT e até dedicatórias para a “Dona Marthinha”, como ela é chamada pelos associados. Outras informações relevantes sobre o mosquito da dengue, formas de contágio e sintomas da “Gripe Influenza A”, repassados pelo Projeto de Extensão, são expostas. As programações de palestras e

confraternizações também são fixadas no mural, através de cartazes confeccionados pelos bolsistas do Projeto.

Além destas ações o Projeto de Extensão realiza atividades lúdicas, como festas comemorativas no Natal, na Páscoa, no Dia das Crianças proporcionando momentos de confraternização. Nestes, o pessoal da AGERP participa na busca de parceiros para doação de comida, bebida, presentes, agasalhos, calçados, etc. Neste sentido o grupo também realiza na FABICO a Campanha do Agasalho e a campanha de apadrinhamento dos filhos dos trabalhadores para que sejam presenteados nestas datas.

As principais festas são na Páscoa, Dia das Crianças, Natal. Teve um Natal experimental. Cada um apadrinhou, professores, alunos e funcionários. Ficou muito variantes os presentes, teve gente que ganhou cinco presentes, teve gente que ganhou um só. Ficou muita diferença. Na Páscoa eu vi um ovo tamanho x, que era razoável de preço e cada um doou um ovo. Dia das crianças vamos apadrinhar, mas daí eu vou padronizar o valor (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Dentro das atividades de 2009 foi desenvolvido um *folder* sobre o Museu da ATUT, montado pelo coordenador técnico, a partir de materiais antigos e raros encontrados nos resíduos (livros, revistas, cartazes, discos de vinil, produtos de beleza, objetos decorativos, etc.). Este material é destinado à comunidade em geral e também tem a função de buscar parcerias e doações para o museu e para a ATUT.

O *site* está sendo reestruturado e atualizado, com o objetivo de transformá-lo, também, em um *link* de acesso aos *sites* dos parceiros da ATUT, como mais uma forma de contato. Em outubro de 2009 foi produzido um novo vídeo institucional sobre a ATUT que foi apresentado no Salão de Extensão da UFRGS. Neste evento, foi realizada uma oficina prática de separação de resíduos, da qual também participei. Os participantes da oficina foram convidados a lidar com os resíduos recolhidos nas lixeiras da Universidade, para que soubessem quais resíduos podiam ou não ser reciclados. Uma das colaboradoras da ATUT foi convidada para falar sobre os tipos de resíduos para os participantes da oficina. Durante o evento ela me disse que gostou muito de participar e

disse também que não imaginava que o pessoal da faculdade sabia tão pouco sobre o que podia e não podia ser reciclado.

Além das ações já descritas, o Projeto de Extensão ainda desenvolveu dentro da FABICO e na/com a ATUT as seguintes atividades: Participação no XXI Seurs (Seminário de Extensão Universitária da Região Sul), em novembro de 2003, onde a Prof.^a Ana Fonseca apresentou o trabalho “Intervenção na ATUT – Associação dos Trabalhadores da Unidade de Triagem do Hospital Psiquiátrico São Pedro”; Projeto de valorização das funcionárias da limpeza da FABICO, onde foram entregues cestas básicas, em datas comemorativas como Natal, Dia do Trabalho e Páscoa; Projeto “Semana do Meio Ambiente”, em 2004, onde ocorreram atividades como exposição de fotos, feira de artesanato com material reciclado, palestras, debates de vídeos, oficina de reciclagem, esquete teatral, etc., com o objetivo de despertar a consciência ecológica e social da comunidade “Fabicana”; Campanha de Conscientização onde, através do boletim eletrônico “FABICANO NA REDE” foram divulgadas as ações deste projeto; Campanha de conscientização e coleta de resíduos sólidos na Escola Municipal de Ensino João Antônio Satte, em 2004. O material reciclável arrecadado por eles foi doado para a ATUT; os “Bixos” da FABICO de 2005 receberam um *folder* informativo/explicativo; foram elaborados cartazes informativos para serem colocados junto às lixeiras nas salas da FABICO; foram organizadas visitas de alunos e funcionários da limpeza à ATUT, onde puderam conhecer os associados e saber mais sobre seu trabalho; em 2005 iniciou a campanha de coleta/recolhimento de pilhas usadas para destinação adequada.

Eu e a Martha conversamos sobre tudo que envolvia a relação do Projeto de Extensão com a ATUT, a forma como ela visualizava o trabalho, suas opiniões, suas atividades dentro do Projeto de Extensão, desde as ações de comunicação realizadas dentro da ATUT e da FABICO, até suas atividades como agente ambiental, atividades relacionadas às ações do Projeto como um todo. Trata-se de um emaranhado de atividades que se entrelaçam numa teia complexa; está tudo interligado; uma ação leva a outra, mas, no final, elas beneficiar a ATUT. Em uma de nossas conversas, reforcei meu interesse em saber como surgiu a preocupação ambiental, como ela se desenvolveu de

fato, em relação à ATUT. Não apenas a questão do meio ambiente, mas também a questão dos problemas socioambientais que existem dentro da Associação, que incidem na preocupação com a inclusão social; como isso foi interpretado pelo Projeto de Extensão, que, também, traz um nome que engloba estas questões.

Ah, a parte da ATUT, acho que na capacitação deles próprios, no projeto original deles lá, foi desenvolvido lá, quando eu cheguei lá, isso foi aflorando nas pessoas, as pessoas que são permanentes, foi aflorando, foi ensinado pra eles, os cuidados, que isso ali não é um lixo, que é um resíduo, que vai dar um dinheiro no final do mês, que aquilo é a matéria prima do salário deles, isso aí foi desde que eu sempre tive lá, isso já tinha, uns tem mais e outros tem menos. E eu acho que com a evolução da situação ambiental no mundo. Isso é uma coisa que em menos de dez anos tem um poder muito grande. Tudo ta girando em volta disso, faz parte do nosso cotidiano. E eles foram percebendo, foram vendo aos poucos. Já nasceu lá, tava lá dentro eu acho, uns mais outros menos. O nome do projeto também surgiu de acordo com isso. É um projeto da faculdade, dentro da universidade. O nome foi surgindo, foi nascendo e nós chegamos a essa conclusão. Agora tem um nome definitivo. O nome é um *mix* de tudo que foi feito na ATUT. Acho que ele engloba todas estas questões. Divulgação da ATUT dentro da faculdade (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Reforcei o questionamento, direcionando-o mais para o trabalho do Projeto de Extensão, perguntando se desde o momento em que resolveram criar o projeto, já existia a preocupação ambiental, ou se ela foi se desenvolvendo ao longo do trabalho.

Não. Foi mais a termos de juntar a inclusão social. Uma comunidade em inclusão social. Naquela época não se tinha tanto, mas ele foi por aí, também porque minha formação é mais disso, não é da área da comunicação. É mais educação ambiental e teve uma visibilidade na universidade, uma necessidade. Por causa do projeto de gestão ambiental na UFRGS, ele foi pra frente. Ele já faz parte da instituição (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Então, o foco principal está na questão da inclusão social, do trabalho com a comunidade, porém questão ambiental ficou embutida nas ações de comunicação. A própria Martha confirmou o direcionamento mais ambiental, após tornada coordenadora do Projeto de Extensão, reforçando que a questão ambiental e a inclusão social andam juntas.

E também pela própria questão ambiental, do surgimento, mas não deixando aquela parte da inclusão social, da comunidade. Trabalha a comunidade, uma coisa ta ligada à outra, mas ela tem uma participação importante, a educação ambiental, principalmente para mostrar aos alunos aqui da faculdade esse projeto lá fora, essa comunidade. O que essas pessoas fazem, o interesse deles que o lixo não é lixo é uma matéria prima. Isso pra Universidade é muito importante, em termos de conhecimento. Em qualquer faculdade, tanto que agora, a partir desse ano, todas as unidades devem falar alguma coisa de coleta seletiva, de gestão ambiental. Vai fazer parte do processo, principalmente dos calouros, para os calouros. Que existe coleta seletiva, gestão ambiental nos laboratórios em andamento. Na verdade elas andam juntas (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Em relação à questão comunitária, da inclusão social, que de acordo com a Martha, é a força motriz que rege o Projeto de Extensão, suas intenções e ações, perguntei diretamente a ela, por entender que as atividades que o projeto desenvolve contribuíam para a inclusão social dos associados. Foi possível perceber em suas falas, que a inclusão social não é mérito apenas das ações de comunicação, mas sim do trabalho como um todo, e que as atividades do Projeto vem para agregar valor a este trabalho. Há um reconhecimento de sua parte em relação à importância da atividade de triagem para a inclusão social dos associados. Mas foca, principalmente, o fato do trabalho com os parceiros ter aumentado significativamente a quantidade de material.

Acho. [...] Porque, melhora a qualidade de vida deles, a auto estima deles, eles se organizam, esse sistema de parcerias foi muito importante, trouxe uma continuidade e uma estabilidade de entrega de materiais. Eu acho que nas entrevistas com eles tu pode perceber isso. E a evolução deles em relação a isso. Hoje eles são uma associação mesmo, de direito e de trabalho, uma força de trabalho muito importante, até pela evolução que o pessoal de recicladores tomou. [...] Por isso que eles devem servir de modelo para todo o Brasil. Porque nós temos uma matéria-prima infundável, e com isso nós diminuimos a carga nos aterros sanitários, estamos fazendo uma coleta mais limpa, estamos produzindo um ar mais limpo. [...] tem a matéria-prima deles que é dada pelos parceiros. Todo esse ensinamento, todo esse cotidiano deles, buscar parcerias, buscar resíduos, trazer, picotar, essa responsabilidade deles vai aparecer no valor do salário deles que praticamente é estável nos últimos anos. De quatro anos pra cá nunca vi aquelas gaiolas vazias. Muito pelo contrário, sempre cheias. [...] Mas eu já vi elas limpas, uma coisa angustiante, mas lá em 2002, 2003. Depois eles tiveram que mudar o sistema; passaram da coleta seletiva do município para a captação de parcerias. E com isso acredito que a inclusão social deles se dá no momento em que eles podem ser autônomos, podem viver numa casa com suas famílias.

Receber seu salário, eles se independizaram como pessoas, como indivíduos, tem o ir e vi deles, eles conseguem com isso, com esta estabilidade financeira e emocional também através do trabalho, das tarefas que cada um tem (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Então eu disse à Martha, que fiz esta pergunta, a fim de identificar o papel do Projeto de Extensão nessa evolução, nesse crescimento que aconteceu na ATUT. Ela ressaltou o trabalho de divulgação e a possibilidade de levar novas formas de conhecimento aos associados.

Na verdade o que aconteceu foi uma intervenção, a universidade, os alunos, seu trabalho, conhecimentos que ajudou muito, deu uma visão pra eles. [...] E tem, assim como o processo externo, a divulgação, também tem, é lógico, quem não é visto não é lembrado, a gente sabe que é por aí. E isso é importante, quer a gente queira quer não, mostra, dá visibilidade ao projeto. Tantos outros, alguns parceiros também fizeram algumas divulgações deles, fazem e isso é importante. E, a gente ta sempre mudando, tem que ter um outro olhar, uma nova visão. O foco esse ano, a palestra sobre drogas foi sobre o *crack*, então demos este enfoque. Então a gente vai trabalhando assim (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

No momento de captação de parceiros nós tivemos muita influência porque nós ensinamos como fazer, se ajudou muito, mas depois eles se independizaram, que era nosso objetivo. Eles têm uma equipe técnica, uma coordenação, e acho que eles tinham condições de fazer isso, e eles se independizaram. Ao longo de 2002 a 2010, são oito anos. Eles estão bem independentes, estão com uma quantidade boa de resíduos, às vezes mais resíduos do que pessoas pra manipular. Eu acho que eles evoluíram muito bem. Até passaram por momentos de crise e conseguiram, com as parcerias, dar a volta por cima, deram a volta por cima na crise econômica, que foi um momento muito difícil, porque pra eles diminuiu o preço. Agora o preço está voltando ao normal. Então, eles vão indo sempre com esses problemas externos. Que são problemas da economia, mas que mexe muito com eles. E eles não têm esse entendimento crítico sobre isso. Então o projeto leva bastante em termo de palestras, de conhecimento, de tirar essas dúvidas, é uma assessoria também. Fui falar com eles sobre a crise porque eles não entendiam porque estavam trabalhando muito e ganhando pouco. Alguns até achavam que estavam sendo enganados, então fui lá pra tirar dúvidas. Então, é reforçar o trabalho da equipe técnica através das palestras e atividades lúdicas sem interferir na forma como eles trabalham. Se agregou valores, se promoveu algumas atividades que eu acho que melhorou a situação deles. Trazer eles pra universidade porque eles não tinham entendimento de onde nós vínhamos, eles não têm uma visão concreta do que é a universidade, então se trouxe muitas vezes eles na FABICO pra conhecer, assistir filmes. Todos os eventos sobre meio ambiente que envolve o galpão a

gente traz eles aqui na faculdade, no Salão de Extensão, algum evento aqui na faculdade (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

A Martha enfatizou em nossas conversas sua percepção sobre a melhora na condição dos associados da ATUT durante este tempo em que ela está trabalhando lá. E nesse processo de evolução, ressaltou o papel das ações de comunicação. Há uma visão de complementaridade nas falas da coordenadora, cada um exercendo seu papel para melhoria das atividades e das relações na ATUT.

Eu acho que nesses anos eles melhoraram, eles têm um discernimento em torno do trabalho deles. Sobre o que eles fazem, da atividade em si. Também dentro da sociedade, economicamente e do meio ambiente, se perguntar pra eles, eles sabem, eu chamo eles de saneadores, saneadores básicos. Qualquer reciclador pra mim tem um importante papel, porque o meio ambiente, porque se nós não sanarmos o nosso básico, não adianta créditos de carbono, não vamos chegar nos créditos de carbono, nós temos um planeta muito grande, muito problemático, muito defasado, muito em crise (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Nosso papel está nas palestras motivadoras, explicativas, sensibilizadoras. Alguma coisa que a gente traz da universidade, conhecimentos gerais [...] Ampliar os conhecimentos. Até num conjunto de música que vai lá pra tocar pra eles, eles gostam dum banda, eles veem que isso existe, que faz parte do cotidiano das pessoas. Tudo isso vai agregar na alma, no conhecimento, coisas que eles não teriam se estivessem excluídos. E o material de divulgação faz parte daquele trabalho de captação de parcerias. Nós precisávamos ter um material, porque não tinha, não tinha nada como é que tu vai chegar numa empresa, olha eu to divulgando uma Associação, a ta mais e daí, eu quero ver o que é, tem que levar um material, isso faz parte da comunicação, dum processo de comunicação. Tu vai chegar numa empresa mostrar um serviço proposto sem nada, não! Aí se ensinou a equipe técnica e a coordenação como chegar nessas empresas, se apresentar, com um *folder*. As palestras, eles fazem palestras nas empresas, sobre coleta seletiva. Isso tudo faz parte, ensinar as pessoas dos setores das empresas o que se faz com os resíduos, como se separa, se dá pra reciclar, se não dá. No início nós íamos junto, agora eles se independizaram. Os documentos, se é material sigiloso, a ATUT é a única unidade de triagem de Porto Alegre que faz o picote. A pessoa da própria instituição pode acompanhar. Eles fazem convênio com as empresas, eles se responsabilizam. Se mantém o sigilo da empresa. Outra atividade que eles oferecem é a busca desse material que é muito importante, é um diferencial. Isso a gente ensinou eles a vender esse peixe, oferecer isso aí, e isso é um trabalho de comunicação. Os alunos, eu, a gente sempre enfatizou isso. E *folder*, vídeo institucional, vídeo jornalístico,

qualquer coisa é material que tu pode utilizar para captação de parcerias, um evento público, às vezes tem uns eventos que eles têm que se apresentar, eles sempre levam. São todas coisas que são diferenciais. A gente sabe que isso tem um valor. Isso é uma coisa bem interessante: no início, bem no início, o psicólogo não conhecia a área da comunicação, não valorizava, achava que era meio uma bobagem, uma firula, uma coisa desnecessária. Depois, com o passar do tempo, ele viu que era uma coisa bem interessante, bem importante e bem cara. Uma vez ele precisou imprimir uns *folders* e cobraram uma fortuna dele, aí ele ficou pasmo. Porque uma coisa que os alunos da comunicação faziam de graça, ele teria que pagar bem caro, aí a partir daí ele começou a levar a sério (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

A Martha também enfatizou o trabalho permanente que precisa ser feito com os associados, em função, muitas vezes, do sofrimento psíquico. É preciso retomar alguns assuntos que estão ligados a questões que sempre circulam na ATUT, como o uso de drogas e a questão do respeito. Sobre estes temas foi feita mais de uma palestra, e há a intenção de fazer mais, pois, segundo a Martha, e pelo que pude observar nas duas palestras, sobre respeito e sobre drogas que participei, há interesse por parte dos associados, porque eles questionam, dão opinião, se posicionam.

Sempre tem que ser lembrado. É da doença. Eu não sei te dizer, porque cada um tem um nível de problema, tem nível de concentração, de memória, memória longa, curta. Mas assim, eles já têm uma memória melhor de que eu trouxe isso pra eles, eles falam olha ela trouxe palestras pra nós. É o trabalho repetitivo, a repetição, porque com estas pessoas precisa. Eles precisam que fique lembrando as coisas, os assuntos, sobre cigarro, o café, drogas, sexualidade (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

E, também, perguntei a ela o que achava que sua figura representava na ATUT, já que todos sempre falaram da Marthinha, do projeto da Marthinha, do trabalho da Marthinha. Percebi que há muita afetividade em relação à Martha, sua presença na ATUT. Os associados, principalmente os mais antigos, ficavam sempre muito felizes quando ela chegava: “a Dona Marthinha chegou!”, diziam com o sorriso no rosto. Muitos iam ao seu encontro, abraçavam-na. A recíproca era sempre verdadeira, eu via que ela se relacionava muito bem com os associados, sabia seus nomes, dava abraços, tirava fotos com eles, se apresentava aos novos, circulava por toda a Associação, passava de mesa em mesa, perguntava como estavam, queria saber das novidades.

Havia uma relação muito próxima. Martha ressaltou que as atividades de extensão devem ser baseadas na criação e manutenção dos vínculos.

Sim, porque a coordenação foi sempre a mesma, se mudasse a cada ano eles ficariam meio perdidos, porque eu chego lá realizo o meu trabalho, faço as palestras. Eu faço eles dizerem o que eles estão fazendo, que tipo de material é esse, eu faço eles se interessarem pelo trabalho deles e eles me dizem, e eu aprendo, sempre tem novidade, cada ano muda, às vezes os valores do material, o papel tá mais barato, o outro tá mais caro, tudo isso, eu tô mostrando interesse, mas eu quero que eles me falem, do conhecimento deles. Eu tô aprendendo. O pior, negativo, é alguns indivíduos da universidade terem ido lá, criado vínculos, depois não voltam, não voltam mesmo, olham aquilo apenas como um trabalho científico. E o trabalho de extensão não é isso, o trabalho de extensão está trabalhando com aquela comunidade (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Quando perguntei que me falasse sobre uma situação marcante, ela frisou o fato de ser sempre bem recebida pelos associados quando vai à ATUT, que isso é um reconhecimento do trabalho do Projeto de Extensão.

Oi Dona Marthinha, tudo bom! Todos sempre dizem isso. Eu cumprimento os mais íntimos, os mais chegados, que procuram e tal. Mas indiscriminadamente todos falam comigo, uns são mais retraídos, outros não, mas me conhecem. Então é isso aí. Na verdade eu já faço parte daquele galpão de alguma maneira. Dentro das possibilidades a gente vai melhorando, algumas coisas já seguem certas, definitivas. Se estou fazendo um trabalho, quero entrevistar, tirar uma foto, eu sempre pergunto, tem gente que não quer, nunca quer. Não tem problema, não se cria caso (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Ao finalizar uma de nossas conversas, perguntei para a Martha se havia a intenção do Projeto de Extensão de continuar trabalhando com a ATUT, seguindo essa evolução de que ela tanto falou, já que no início o trabalho do projeto foi decisivo e agora me parece que eles vêm numa marcha de acompanhamento, de complementação. Ela disse que sempre há algo a ser feito, a ser melhorado.

Sim, sim, ele sempre tá complementando alguma coisa. E eu que tenho uma visão de fora, eu vejo isso, os parceiros veem isso. Agora no final do ano nós utilizamos o *mailing* dos parceiros. Eu fui procurar patrocínios, doações de comidas, de bebidas, de presentes, para o Natal e eles foram muito receptivos. Aceitaram prontamente, isso é

muito importante. Na verdade foi o *feedback* do trabalho da ATUT (MARTHA – COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO).

Conversamos também sobre as estratégias usadas no planejamento das ações de comunicação, onde eram balizadas, quais materiais da área da comunicação eram usados, etc. Ela me disse que as estratégias sempre seguiram as apostilas sobre planejamento de relações públicas desenvolvidas pela Prof.^a Ana Fonseca. Este planejamento, de forma geral, envolve reuniões entre o grupo de extensão, entre estes com a equipe técnica e a coordenação da ATUT, para discutir as necessidades da Associação quanto a palestras, manual gráfico, campanhas internas ou externas.

Para complementar as falas da coordenadora Martha, utilizei um artigo escrito pela Prof.^a Ana Fonseca, em 2003, sobre a intervenção do Projeto de Extensão na ATUT. A autora enfatizou que após um processo de pesquisa no contexto da ATUT, realizado pelos membros do Projeto de Extensão, foi elaborado um Plano Estratégico de Comunicação, que passou a nortear todas as demais atividades, como programas e projetos (FONSECA, 2003). O objetivo geral do plano estratégico de comunicação é “[...] desenvolver um processo de comunicação entre os membros da ATUT e a comunidade, visando implementar recursos sócio-culturais e financeiros de outras instituições que representem apoio e benefícios para a Associação.” (FONSECA, 2003, p. 08). Os objetivos específicos são:

(a) incentivar contatos com organizações, buscando o estabelecimento de convênios e parcerias para a captação de materiais recicláveis e recursos financeiros; (b) aprimorar o processo de comunicação interna da ATUT; (c) estabelecer redes e fluxos de comunicação entre a ATUT e a comunidade porto-alegrense em geral; (d) divulgar atividades e necessidades do grupo para a comunidade porto-alegrense em geral (FONSECA, 2003, p. 08).

As metodologias utilizadas foram embasadas nas relações comunitárias – relações públicas e comunicação comunitária – e na comunicação como prática libertadora, desenvolvida por Paulo Freire (FONSECA, 2003).

Como estratégias principais, foram estabelecidas: (a) que todas as atividades planejadas fossem sempre antecedidas de uma investigação sobre necessidades, interesses e sugestões dos trabalhadores e

orientadas pelo psicólogo responsável pelo grupo; (b) que a ATUT fosse divulgada através de contatos pessoais e em sala de aula, buscando a adesão de professores e alunos voluntários; (c) que se desenvolvesse o trabalho através de uma abordagem multidisciplinar em relação ao Curso de Comunicação da FABICO, envolvendo diversos professores, alunos e disciplinas; (d) que houvesse uma difusão permanente de informações entre os membros universitários envolvidos no Projeto de Extensão; (e) que todo trabalho fosse pautado pelo diálogo permanente entre todos, em todas as etapas (FONSECA, 2003).

De acordo com Fonseca (2003) o grupo buscou uma política de atuação na comunidade, almejando o autoconhecimento e a emancipação comunitária.

Essa pressupõe que o processo de abordagem da situação, feito pelos universitários envolvidos, deve sempre ocorrer através de uma perspectiva libertadora da comunicação, buscando informações e fundamentando a prática na realidade dos principais envolvidos (membros da ATUT), atuando “com estes” e “não para estes”. Com isso, os conhecimentos e técnicas de comunicação são oferecidos aos envolvidos, como principais participantes deste processo, para que estes tenham condições de estabelecer decisões concernentes à comunicação, à coleta, seleção e difusão de informações, bem como condições para desenvolver a imagem institucional da Associação (FONSECA, 2003, p. 05-06).

As falas da atual coordenadora do Projeto de Extensão, bem como as teorizações da Prof.^a Ana Fonseca contribuíram para conhecer melhor as ações de comunicação e corroborar com muitos dos sentidos produzidos pelos Associados, evidenciando os laços firmados entre ATUT e Projeto de Extensão.

5 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ASSOCIADOS SOBRE AS AÇÕES DE COMUNICAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO: ENCONTRO ENTRE SABERES

Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço (CERTEAU, 1994).

É chegado, depois de envolver-me com/entre os muitos saberes vividos, experienciados, trocados no “Mundo ATUT”, o momento de colocar em pauta estes sentidos produzidos, ofertados e compartilhados pelos associados sobre as ações de comunicação do Projeto de Extensão “ATUT: Reciclando Vidas com Inclusão Social”. Estes sentidos percorreram uma viagem: desde o meu olhar, passando pelas anotações de campo, pelas conversas, pelas interações, até se transformar em uma tradução que toma conta do papel. Sentidos trocados nas inter-relações, a partir de relatos cotidianos, considerados por Certeau (1994) como os transportes coletivos do pesquisador, que os utiliza para dar vida à pesquisa. Estes transportes têm como destino as representações sociais.

Estes sentidos revelaram uma tessitura de saberes: os meus e os deles, os deles entre eles, os deles com o grupo de extensão. O eu e o outro interagem, se encontram, sem perder cada um a ancoragem em si mesmos. Como água e óleo, se unem, sem fundir-se totalmente, pois nas interações cada um possui componentes próprios, únicos, que não permitem a complexa mistura. Para Melucci (2004), estes encontros possibilitam a aproximação de regiões de significados, de campos de energias em frequências diferentes, que os fazem vibrarem juntos. “O encontro é sim-patia, é compaixão, sentir-com-o-outro. É a possibilidade de descobrir que o sentido não nos pertence e surge no encontro, mas ao mesmo tempo, que nós podemos produzi-lo. Por isso o encontro com o outro é uma viagem vertiginosa dentro do sentido.” (p. 128).

Os sentidos postos em circulação é que evidenciam as representações sociais dos associados da ATUT sobre as ações do Projeto de Extensão. Demarco esta techedura entre as representações sociais sobre as ações de Comunicação do Projeto de Extensão da equipe técnica, dos coordenadores e dos demais associados. Optei por esta separação

sem o intuito de quantificar, mas de sistematizar os diversos e diferentes sentidos, que inevitavelmente se entrelaçam, pois fazem parte da mesma e complexa tapeçaria. Devido ao fato das conversas serem abertas, não há uma linearidade nos sentidos circulantes. Os interlocutores foram discorrendo conforme suas lembranças, preferências, entendimentos, e eu, como mediadora, fiz alguns questionamentos a partir de suas falas e, também, do que percebi no campo. Apenas destaco os trechos que considero mais importantes para pensar e evidenciar as representações sociais. A partir desta multiplicidade de fios, vou formando o tecido, aproximando os sentidos recorrentes nas diferentes falas, bem como ressaltando as sinuosidades e mudanças que apareceram, dando vivacidade ao “quem” do processo representacional.

5.1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA EQUIPE TÉCNICA SOBRE AS AÇÕES DE COMUNICAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO

Os membros da equipe técnica possuem uma forma um pouco diferente de expor seus sentidos. São conversas mais extensas, mais minuciosas, com uma linguagem mais técnica, especializada, resultado de suas práticas profissionais. Pelo fato do psicólogo e da terapeuta ocupacional terem fundado a ATUT e de a contadora fazer parte da Associação há 8 anos, suas falas se misturam à história da Associação, envolvem a situação dos trabalhadores, suas características, o trato especial (terapêutico) com os portadores de sofrimento psíquico, que também se estende aos moradores da vila. Esta trajetória é marcada por momentos difíceis, por reviravoltas, processos de melhoria que em sua base, sempre envolveram a participação do Projeto de Extensão. Ao solicitar à equipe que falasse sobre a participação do Projeto de Extensão na órbita percorrida pela Associação, não foi difícil perceber o reconhecimento destes interlocutores em relação à participação do grupo no processo de evolução da ATUT.

Letícia, terapeuta ocupacional, iniciou seu depoimento falando de um momento difícil pelo qual a ATUT estava passando, com muitos associados e pouco material, que coincidiu com a entrada do Projeto de Extensão na Associação.

Nós passamos momentos em que não tínhamos nada pra fazer, porque nós tínhamos muitas pessoas, umas 60, 70 pessoas, então era muita gente, metade pessoal da vila, metade pacientes aqui do Hospital, muita gente e não tinha material suficiente, chegava dez horas da manhã, já tinham feito tudo que tinham que fazer, aí sentavam numa roda, ficavam um olhado pra cara do outro, e agora o que vamos fazer? Foi onde começou a se juntar também com a **Marthinha**, a **divulgação do trabalho**, aí foi pra UFRGS, então isso foi muito importante, porque a gente conseguiu através desse projeto dela **mais espaço, mais conhecimento, mais busca, mais divulgação do trabalho**. E foi assim que foi se constituindo como uma rede, um pouco daqui, um pouco dali, a divulgação é muito importante pro trabalho, porque **se tu não divulgar as pessoas não sabem que existe**. Foi indo, foi indo e quando tu vê, ta lotado né, hoje em dia ta bom de material, ta ótimo. E eu acho que isso da divulgação, da presença da Marthinha, bah, **foi muito importante**. O pessoal também fez o **site** né, que é **uma forma de acesso**, muitas pessoas acessam e buscam e sabem que tem uma Associação. Então, eu acho que isso é fundamental, é muito bom pra nós e pra sociedade. **Então eu acho que o trabalho, a partir daí, a partir dessa divulgação, andou muito mais**. Porque assim, o trabalho já andava de boca a boca, né, já andava, mas assim, tu vai numa faculdade, tu vai numa turma e explica o projeto né, que a Elaine (nome fictício) ia, o [Rodrigo-psicólogo] vai muito né, **então isso foi o que gerou bastante material pra gente e credibilidade também né**. Bom, então, eu acho que **desde que a Martha nos procurou aqui**, e fez essa **parceria** com a ATUT, **só acrescentou, só aumentou a visibilidade** do nosso trabalho, aumentou a **quantidade de material**. **Isso veio beneficiar todo mundo**. Tanto nossos associados, quanto nós técnicos aqui, porque material hoje em dia, **graças a Deus**, estamos bem. E com isso **pudemos aumentar o número de associados**, porque hoje em dia tem tanta gente que precisa e não tem onde trabalhar. Então só a possibilidade de aumentar as vagas já é uma coisa muito boa. Então foi **excelente a participação da Martha** e os estagiários que estiveram com ela participando. **Só acrescentou, só divulgou, só fez crescer** (LETÍCIA – TERAPEUTA OCUPACIONAL, grifos meus).

Nas palavras da terapeuta ocupacional o Projeto de Extensão é objetivado na figura da coordenadora Martha, chamada por ela de “Marthinha”, ou “Dona Marthinha”. Então, foi a junção “com a Marthinha”, que possibilitou a divulgação do trabalho, aumentando a quantidade de material e, conseqüentemente, de trabalho. Esta divulgação permite que a sociedade conheça o trabalho realizado na Associação. A terapeuta ocupacional citou o *site* como sinônimo de acesso, uma forma das pessoas conhecerem a ATUT. Reforçou que a partir desta divulgação o trabalho “andou mais”, gerando mais material e credibilidade, o que é muito importante para que mais parceiros juntem-se à Associação, dando continuidade ao trabalho. Ao resumir a importância do Projeto de

Extensão na ATUT, Letícia enfatizou que desde que foi feita a parceria, só houve benefícios como aumento do material, do número de associados e da visibilidade.

Ao conversar com Rodrigo, o psicólogo da ATUT, foi possível perceber uma forma particular de expor os sentidos, fruto da sua formação em projetos culturais e sociais, que ele fez questão de ressaltar. De acordo com Rodrigo o contexto da Associação atrai os olhares de pessoas que se interessam pelo engajamento social. Ele enquadra o Projeto de Extensão neste grupo de engajados. Em seu discurso se reporta à FABICO, referindo-se a Faculdade onde o Projeto se localiza. Rodrigo enfatizou que a FABICO viu que poderia colaborar com ações de comunicação. Ele também agradeceu o fato de o projeto não ter se encerrado depois que sua criadora se aposentou.

Pois é, eu acabei fazendo uma formação em projetos culturais e sociais. Existe uma disponibilidade das pessoas, em geral, em procurar, que é importante elas participarem de uma atividade que seja um núcleo de responsabilidade social. A maioria das pessoas que tem engajamento social elas deveriam participar de uma atividade efetiva. Na verdade esse projeto da ATUT que tem vários indicadores, do público que participa, a condição social deste público. Tem vários indicadores que acabam por criar um interesse nas pessoas que entram em contato com a ideia. Então, ao longo do tempo foi se agregando, as pessoas foram se integrando das mais variadas formas. Uma destas formas foi a FABICO né, que na verdade a FABICO, anterior a Martha ainda, havia uma professora da **FABICO, que achou que a Faculdade poderia colaborar de maneira efetiva com o projeto através de ações de recursos de assessoria de comunicação**. Foi o que aconteceu, aí depois essa pessoa se aposentou, aí então a Martha deu prosseguimento a atividade, **foi uma coisa muito importante porque normalmente acontece, não normalmente, muitas vezes acontece de tu ter uma parceria e aí a pessoa que tava na coordenação acaba se aposentando, ou por algum motivo não pode mais permanecer e aí a atividade acaba se encerrando. Mas não foi o que aconteceu com a FABICO, graças a Deus** (RODRIGO – PSICÓLOGO, grifos meus).

Rodrigo agradeceu a Deus – assim como a terapeuta – a permanência do Projeto de Extensão na ATUT. Demonstrou em suas falas o quanto a FABICO é importante para a Associação. Quando usei a palavra ajuda, ao perguntar de que forma o Projeto ajuda a Associação, o psicólogo me corrigiu, enfatizando que o que existe entre ATUT e FABICO é uma parceria efetiva:

Eu nem diria que é uma ajuda, por ajuda dá ideia de que é uma caridade. Na verdade não é propriamente uma ajuda, é uma **parceria efetiva entre um projeto social estabelecido que é a ATUT e a Faculdade, a FABICO**, através da FABICO. Essa parceria sempre foi efetiva e de **grande importância**, porque sempre se criou através dos recursos ofertados pela FABICO, sempre se conseguiu uma **grande visibilidade** para o trabalho da Associação. **Nós** conseguimos desenvolver um *folder*, uma **página na Internet**, **contato com diversas empresas para doação** de resíduos sólidos que é nossa matéria-prima, se conseguiu também outras parcerias com empresas através dos **contatos que a FABICO efetuou**, então é uma **situação absolutamente importante** e efetiva né (RODRIGO – PSICÓLOGO, grifos meus).

Assim como a terapeuta Letícia, Rodrigo também citou a grande importância do trabalho realizado pelo Projeto de Extensão, que ele denominou como uma parceria efetiva entre a Faculdade e um projeto social. Corroborando com as falas da terapeuta, Rodrigo enfatizou que a ATUT conseguiu uma grande visibilidade com as ações do Projeto de Extensão e, que através dos materiais de divulgação como o *folder* e o *site* – também citado por Letícia – conseguiram novos parceiros. Rodrigo também se lembrou dos contatos com empresas efetuados diretamente pelos membros do Projeto de Extensão, que resultaram em parcerias. Rodrigo utilizou o pronome “nós” ao citar o desenvolvimento dos materiais de divulgação, reforçando que as ações de comunicação não são um favor, algo de que não se espera contribuição, mas sim uma relação que supre os interesses e as necessidades de ambos.

Ao solicitar a opinião da contadora Juliana sobre a atuação do Projeto de Extensão na ATUT, ela olhou bem para mim, e após um momento de reflexão, como que para organizar as ideias e as palavras, demonstrando que tinha algo importante a dizer, respondeu:

Eu acho que **a UFRGS foi o primeiro órgão que deu para a ATUT o valor que ATUT tem** porque o trabalho que é feito com essas pessoas que tem necessidades especiais eu acho que é uma coisa muito grande pra não ser divulgada mais né. E a UFRGS fez com que isso aparecesse. Por exemplo, **a UFRGS apareceu aqui num momento em que nós não tínhamos dinheiro pra fazer essas coisas, fazer folder, fazer banner**, é nos não tínhamos dinheiro na época, porque o dinheiro era muito pouquinho e tinha que dividir tudo. E a UFRGS apareceu bem nessa hora em que a gente precisava de uma **divulgação** e não tínhamos como. Hoje a gente já teria como

fazer. **Então a UFRGS surgiu num momento necessário** pra ATUT mesmo. **Outra coisa é essa ajuda que eles nos dão do material**, também é muito importante, por exemplo, **eles entram em contato com quem nos doa pra agradecer**. Eles fazem esse trabalho que a gente não tem tempo de fazer (JULIANA – CONTADORA, grifos meus).

Sua opinião fortaleceu as dos demais membros da equipe técnica, pois como eles, Juliana citou as ações de divulgação e a busca de parceiros para trazer mais material à ATUT. Ela também citou outra atividade realizada pelo grupo de extensão: o retorno dado aos parceiros para agradecer o material doado. A contadora ligou o Projeto de Extensão à UFRGS. Ao contrário psicólogo Rodrigo, Juliana utilizou o termo ajuda. Este termo foi utilizado no sentido de auxílio, de realizar tarefas que eles não poderiam realizar por falta de tempo. Essa diferenciação na forma de nomear a atuação do Projeto de Extensão dentro da ATUT está ligada às diferentes especializações e às diferentes formas de contato com o Projeto de Extensão. O psicólogo participa mais diretamente do desenvolvimento das ações, assim como a terapeuta ocupacional. Já a contadora, é coadjuvante na solicitação, no planejamento e na aprovação das ações. Os três membros da equipe técnica lembraram todos os envolvidos no Projeto de Extensão: Martha, FABICO, UFRGS e, o psicólogo Rodrigo ainda lembrou-se da Prof.^a Ana Fonseca.

As ações de divulgação da ATUT, que trouxeram mais visibilidade e a busca de parcerias, que aumentaram a quantidade de material a ser triado, foram as primeiras atividades a serem lembradas/citadas pelos membros da equipe técnica. Mas, ao pedir que falassem sobre as atividades internas, direcionadas aos associados, estas também foram encaradas como ações importantes, com fins recreativos, que possibilitam novos conhecimentos, novas interações e, também, atividades terapêuticas, dando uma pausa ao árduo e repetitivo trabalho de triagem de resíduos.

Ao conversar com o psicólogo Rodrigo sobre estas atividades, ele manteve o discurso da parceria efetiva, da importância desta relação e destas ações. Ressaltou as diversas repercussões desta parceria, que englobam as ações internas e externas e, novamente, citou as atividades de divulgação.

Isso é mais uma das questões que eu to me referindo. **Todas essas ações são de extrema importância, de focar o público-alvo que é o público interno da ATUT.** Então, esta **parceria**, que já existe há bastante tempo né, tem várias repercussões. Desde trabalhos internos com o próprio grupo né, trabalho de dinâmica de grupo, de palestras, de **estímulo para o grupo se entender, se relacionar melhor.** Até outras ações que seriam mais de mediação entre a Associação e os parceiros de fora, instrumentos de mídia, o nosso *folder*, a página na internet. **São diversas ações que trouxeram um resultado concreto para a Associação** (RODRIGO – PSICÓLOGO, grifos meus).

Rodrigo mostrou em seus discursos um interesse marcante pelas ações de divulgação. Inclusive, ao falarmos sobre as ações internas, ele foi sucinto e, acabou finalizando sua fala focando as ações externas. Ele foi tocado pela eficácia destas ações a partir do momento que estas começaram a surtir efeito. Em suas falas a Martha lembrou que no início das atividades do Projeto de Extensão, o psicólogo não achava que as ações poderiam ser relevantes, achou que era desnecessário. A repercussão que a ATUT teve, os novos parceiros e, também, o fato das ações serem disponibilizadas gratuitamente pelo Projeto de Extensão fizeram Rodrigo mudar de ideia.

Outra situação que corrobora com esta posição do psicólogo, é que ele tem seu olhar, seus interesses, mais voltados para o trabalho, para a geração de renda, para aquisição de novos parceiros. Para ele a ATUT é um negócio social, diferentemente da terapeuta ocupacional, que tem uma visão mais terapêutica do processo. Ela manteve sua posição em suas falas, bem como no contato direto com os associados, preocupando-se com seus problemas dentro e fora da Associação. São diferentes feixes de sentidos sobre a ATUT que se estendem às interpretações sobre as interações com o grupo de extensão.

Apesar destas visões complementares serem importantes para o percurso do “Mundo ATUT”, o foco no trabalho está sufocando o foco terapêutico, devido a grande quantidade de material que chega diariamente, que não permite que os associados desviem seus olhares das mesas de trabalho. Este “desvio” e/ou mudança de foco, que não é de todo ruim, pois aumentou a renda dos associados e possibilitou a contratação de novos trabalhadores, como bem enfatizou a terapeuta ocupacional, ao mesmo tempo, não é visto por ela como bons olhos. E, ao falar das ações internas ela aproveitou para

destacar a situação atual da Associação, enfatizando os dois lados do crescimento do trabalho: o benefício do aumento de vagas, de geração de renda e de material, e, conseqüentemente, o excesso de trabalho que inibe o foco terapêutico, necessário ao bem-estar e a qualidade de vida tanto dos usuários do Hospital, quanto dos moradores da vila.

Nós estamos num momento de muito trabalho, de muita produção. Então **temos muito mais vagas de trabalho**. Mas, **justamente em função de todo esse material adquirido, de toda essa colaboração**. Eu vejo que nesse momento a gente tá precisando de uma reciclagem em termos de organização para atender melhor. O nosso trabalho é de geração de renda, mas nesse momento ele cresceu tanto que **a gente até perdeu um pouco desse trabalho mais terapêutico**. Porque a gente só consegue atender as emergências. Eu acho que deveria ter uma rotina, uma assembleia pra se tratar do trabalho de quinze em quinze dias e outra para tratar das relações de grupo, de respeito, de escalas de trabalho, de como fazer estes grupos de trabalho, então tá faltando esse momento (LETÍCIA – TERAPEUTA OCUPACIONAL, grifos meus).

Letícia confirmou que as confraternizações quebram esta rotina de trabalho, mas, também enfatizou que no ano de 2010 será preciso reformular as atividades dentro da ATUT, voltando a se preocupar com a qualidade de vida dos associados e não somente com o trabalho e com a geração de renda. Inclusive, a Martha comentou comigo que “[...] mudou muito a forma como eles trabalham, menos reuniões. Isso interfere no nosso trabalho. Eu acho que as reuniões semanais deveriam continuar, mas não interfiro na forma como eles querem levar as atividades.” Nestas reuniões os associados discutiam todas as questões de interesse do grupo, incluindo as ações do Projeto de Extensão. Em muitas delas os membros do Projeto de Extensão participavam.

Eu acho que é bom [as confraternizações], que eles gostam e **se ela não fizer a gente não vai fazer**, por causa dessa correria, desse roldão que a gente vê, que tem que trabalhar que tem que fazer. Então eu acho que nesse ano a gente tem que ver uma maneira de sim, do trabalho andar e de sim, todos dentro do possível se sentirem bem, entendeu. É a velha reprodução do trabalho, os que são bons estão lá atrás [referindo-se às atividades mais pesadas, que exigem força, rendimento e maior nível de concentração como prensas, picotadeira, colocar o material picotado dentro das gaiolas, etc.], se reproduz o mercado de trabalho aqui e eu acho que nesse ponto de uma certa

forma a gente tem que mudar. É geração de renda, tudo bem, geração de renda, mas também **não se pode perder a qualidade de vida dos associados**. Eu acho que em matéria de grupo nós já estivemos muito mais concisos em tomar decisões de grupo, mas como o grupo foi mudando, mudando, cresceu bastante e de certa forma o trabalho cresceu e diminuíram muito essas reuniões, só se faz quando não tem outra saída, quando tem que fazer, e antes não, era de quinze em quinze dias, uma vez por semana, quando o grupo era menor, tinha uma rotina de assembleia, uma rotina de botar os pingos nos is, de as pessoas falarem o que estão pensando. **E agora com essa explosão de trabalho, de associados que se amontoaram, tudo é muito, às vezes gera muito conflito** (LETÍCIA – TERAPEUTA OCUPACIONAL, grifos meus).

Então, a terapeuta ocupacional também fez essa ligação das ações do Projeto de Extensão com os associados, por que o grupo esteve presente nesta época que ela quer que seja retomada. Ela confirmou que o grupo de extensão poderia contribuir de alguma forma para reformular este cenário de intenso trabalho e poucas atividades terapêuticas. Letícia não indicou nenhuma atividade específica, pois ainda não sabe exatamente como realizar estas mudanças, já que muitos trabalhadores, principalmente, os moradores da vila, estão muito imbuídos na questão do trabalho, da renda, pois esta é sua única fonte de sobrevivência.

Eu acredito que sim, porque eu vejo nesse momento que **é tanto trabalho**, tanto trabalho, tanta qualificação que se **perde alguma coisa mais terapêutica, mais de ir no museu, que ela convida**. Porque às vezes alguns não vão porque não podem sair, não podem deixar o trabalho, atrasa o trabalho, acumula o trabalho. Então eu acho que a gente tem que encontrar, e talvez ela consiga nos ajudar a encontrar uma maneira, também não deixando o trabalho de lado, mas também, priorizando estas outras atividades mais culturais. Porque eu particularmente acho que nosso trabalho tá muito pautando naquela coisa de trabalho mesmo sabe, claro tem que ter a geração de renda, mas pra mim não é o suficiente só gerar renda, a pessoa ter seu salário, pra mim a pessoa tem que ter qualidade de vida. O trabalho é super importante, mas essa rotina às vezes se torna massacrante para alguns pacientes. Então eu acho que isso tem que mudar. De que maneira eu ainda não sei, mas vou pensar numa forma de melhorar. Tem pessoas que aguentam, mas tem alguns que não aguentam e eu acho que a gente tem que ter aquele olhar né, não aquela coisa tem que vir, tem que vir, se não vem tem isso, tem aquilo. Isso pra mim não serve, é ruim isso, **não é terapêutico** (LETÍCIA – TERAPEUTA OCUPACIONAL, grifos meus).

Apesar disto, Letícia não poupou o uso de adjetivos para descrever a importância da Martha e das atividades do Projeto de Extensão dentro da ATUT. Como era época de Natal, a terapeuta ocupacional aproveitou o espírito natalino para comparar a Martha a um Papai Noel, uma personagem afetiva no imaginário social das pessoas, figura lendária que traz presentes às crianças no Natal.

Acho que ela é tipo um **Papai Noel, ela sempre traz coisas boas, presentes, coisas diferentes do dia-a-dia**. Eu acho assim que **é tudo de bom**. E as **palestras**, por exemplo, esse último senhor que esteve aqui, que era assistente social, eu acho que ele teve uma **habilidade muito grande** para falar de um tema que fica difícil a gente falar no dia-a-dia com eles sobre isso, respeito, foi à palestra. Eu acho que na hora da palestra eles entendem e como consequência dessa, especificamente, eu vi assim que **realmente ajuda** (LETÍCIA – TERAPEUTA OCUPACIONAL, grifos meus).

Letícia se lembrou da habilidade de um dos palestrantes em falar sobre um tema difícil de ser abordado no dia-a-dia. Segundo ela isso facilita o processo de entendimento dos assuntos. A contadora também ressaltou a importância das palestras e lembrou que o grupo de extensão trouxe pessoas que falavam a língua dos associados. A Martha sempre falou que não adiantaria levar qualquer pessoa só para dar conta do planejamento; que era preciso levar pessoas dispostas a falar com um público particular e que estivessem preparadas para fazê-lo. A contadora Juliana lembrou-se das pesquisas feitas pelo grupo de Extensão, com a equipe técnica e com os associados para saber quais os assuntos a serem trabalhados. Juliana também se recordou das confraternizações e ressaltou um ponto importante: o momento de interação entre associados e membros do Projeto de Extensão que facilita o processo de reconhecimento e tomada de perspectiva do outro, de encontro com alteridade. Ela entende que este processo é demasiado importante, que deve acontecer mais vezes, pois os associados esperam muito pelas confraternizações.

E as **palestras** eu acho **muito importantes mesmo**, e eles trazem pessoas que **falam a língua deles**, não é aquela cheio de termos técnicos. Eles vão direto ao ponto, bem como eles entendem. Sobre drogas que é uma coisa muito importante e que tem muito aqui. Já fizeram sobre o álcool, eles já fizeram sobre o INSS, da necessidade que eles têm de ter uma previdência. E até eles **fazem uma pesquisa para saber** o que seria mais importante, perguntam para [Letícia], para o [Rodrigo], para os próprios associados o que eles gostariam de

ter. Eu acho muito importante. **As confraternizações são ótimas**, porque faz com que o pessoal da **UFRGS** fique mais perto né. Eu acho que as confraternizações fazem com que **eles se sintam iguais a nós**, porque no dia-a-dia parece que a gente ta num patamar acima né, até por que eles têm que ter alguma coisa em que eles tenham um respeito maior. To até pensando até em fazer mais por ano. **Eles esperam o ano inteiro para ter** (JULIANA – CONTADORA, grifos meus).

Ao conversar com o psicólogo sobre a importância das atividades do Projeto de Extensão, entramos em um ponto que eu já havia observado, e questionei se ele também percebia: o fato dos moradores da vila terem foco no trabalho, por isso nem sempre se interessavam pelas atividades, para não comprometer o rendimento; os “pacientes”, por sua vez, se interessavam mais pelas atividades do projeto. Mesmo gostando das atividades muitos associados se preocupavam mais com a geração de renda. Mesmo assim, alguns moradores da vila participaram diretamente das ações que o grupo de extensão desenvolvia fora da Universidade. A Tânia participava de palestras na FABICO e nas empresas com o psicólogo Rodrigo para divulgar a Associação e as formas corretas de triagem de resíduos; a Renata participou de oficina prática sobre triagem de resíduos sólidos no Salão de Extensão, a pedido da Martha. Ambas disseram gostar das experiências como oportunidade de mostrar seu trabalho para outras pessoas. Rodrigo corroborou com as observações sobre esta divisão de percepções. De qualquer modo, reafirmou a importância das atividades para a ATUT.

Eu concordo, nem teria como discordar, porque isso é bem evidente. A verdade mais concreta, mais crua é de fato essa, **o grupo da comunidade muitas vezes está atravessado pela questão da sobrevivência**, não que os usuários do Hospital não estejam né. Mas aí entram outras questões, são as diferenças naturais pela condição de cada um que faça com que cada grupo vivencie estas atividades de maneira diferente. Mas é redundante falar, porque as atividades da **FABICO** são absolutamente importantes, **importância plena total** (RODRIGO – PSICÓLOGO, grifos meus).

A contadora Juliana, ao falar da participação dos associados nas atividades, confirmou que eles gostam e mostram isso nas formas de participação, mas também ressaltou o motivo pelo qual alguns moradores da vila nem sempre se interessam. Ressaltou, também, que a renda é questão de sobrevivência. A contadora também citou uma questão importante que as possibilidades afetivas e recreativas proporcionam, coisa que eles normalmente não têm em outro lugar.

Sim, sim, porque tu pode ver, tu já participou de algumas **palestras**, porque **eles participam**, eles fazem pergunta. Claro, **tu tira alguns que acham que no horário de serviço não deveria ser**. Mas, é mais o pessoal, eu acho, que **o pessoal da vila** de repente porque ta aqui porque **precisa do dinheiro** né. **Os pacientes** não né, os pacientes aqui eles têm tudo, aqui pra eles tudo que tiver que acontecer vai ser aqui, os amigos estão aqui, o abraço que eles ganham é aqui, **uma palestra é só aqui**, então pra eles não é só o dinheiro. Eles preferem um passeio, uma confraternização (JULIANA – CONTADORA, grifos meus).

Então, mesmo com as opiniões divergentes por parte de alguns moradores da vila, o psicólogo Rodrigo não negou a importância das atividades do Projeto de Extensão, pois a maioria dos associados gosta e participa. Eu também pude perceber, e as conversas com eles vão confirmar isso, que os associados gostam muito das atividades e da Martha. Estas sinuosidades também podem acontecer em função do grupo da vila ser menor e de terem entrado pessoas novas nos últimos tempos que ainda não dimensionam o papel do Projeto de Extensão na ATUT. Ao reforçar o gosto dos associados pelas atividades e seus modos de participar delas o psicólogo Rodrigo ressaltou o contexto sociocultural dos associados, suas características pessoais e particulares, que influenciam em suas formas de interpretar.

A gente sempre tem que **dimensionar**, assim, **a condição sociocultural das pessoas** e, a partir dessa condição, a forma que essas metodologias de conhecimento e informação vão afetar esse grupo né. Então é evidente que **o grupo da Associação é um grupo com uma multiplicidade de limitações** das mais diversas ordens né, então é evidente que com um grupo que apresenta esse tipo de caracterização **não é muito fácil a acessibilidade da informação efetiva até essas pessoas** né. Mas o que a gente observa assim é que em todos os momentos que teve palestras, por exemplo, **esse interesse se mostrou de forma clara e efetiva no momento dos questionamentos**, porque da forma que é possível eles formularem esses questionamentos, eles sempre efetuaram, **manifestaram interesse através de uma pergunta ou de um comentário**. Então a gente sempre percebe que **o grupo gosta dessas atividades**, além das atividades de **comemoração, festivas** que daí é mais claro ainda (RODRIGO – PSICÓLOGO, grifos meus).

A contadora Juliana percebeu um processo de mudança, de reflexão crítica por parte dos associados. Mas, afirmou que para que haja uma continuidade, é preciso que os assuntos sejam sempre reforçados, pois se não há periodicidade, os associados

acabam esquecendo. Porém, diferentemente do psicólogo Rodrigo, Juliana entende que este é um processo de esquecimento próprio do ser humano, não relacionado às características sociais, culturais e/ou psíquicas dos associados. Porém, Juliana não deixou de citar o fato de muitos “pacientes” utilizarem vários tipos de remédios que prejudicam a atenção. Também citou a “lei da sobrevivência”, que pode influenciar na forma como os associados interpretam os assuntos abordados. Mas, mesmo assim, afirmou que as palestras fazem bem para os associados, pois eles refletem sobre as questões levantadas, que sempre estão ligadas a contextura da Associação.

Eu acho que **existe mudança, reflexão**. Existe. A gente nota diferença, só que aquilo né, tu **tem que estar sempre reforçando**. Por um tempo tu vê que existe a mudança que eles fazem de acordo com o que eles aprenderam. Mas daí com o tempo aquilo vai se indo, aí tem que se dar uma reforçada. [E esse esquecimento, tu acha que acontece em função das características específicas dos associados?] Não, **eu acho que é do ser humano** né, porque eu me lembro que no serviço também se fazia cursos e era assim com pessoas com estudo, profissionais e às vezes tinha que fazer uma vez por semana, dizendo sempre as mesmas coisas. Então eu acho que isso é do ser humano. E tu imagina com eles aqui ainda, **tomando um monte de remédios e uma cultura diferente**, onde o respeito, onde tudo é mais a **lei da sobrevivência** né, é muito complicado. Por isso que eu acho que **faz bem**, cada vez que tem uma **palestra** eles dão uma sentada. [...] Por isso eu acho que **o projeto da Martha só acrescenta**. Eu acho que a Martha hoje ela não pode, claro que uma hora ela vai se aposentar, ela vai sair, alguém vai entrar no lugar dela, **eu acho que ela não pode sair da ATUT**, acho que ela tem que ficar na ATUT porque **não temos ninguém que faria isso**, entendeu. Eu penso que tem outras universidades, mas eu acho que não é isso, porque eu acho que **o nome da UFRGS faz muita diferença. A gente precisa deles**. Qualquer problema, ó deu um problema aqui da parte sexual, vamos ligar para a Martha e ela arranja alguém para falar sobre o assunto. Às vezes até nem está ao alcance deles né, mas a gente sempre comunica, porque **de alguma maneira eles ajudam**, nem se for mandando *e-mail* para algumas pessoas que eles acham, e às vezes quando tu vê, vem de onde a gente não espera. **Aí tem o nome da UFRGS né** (JULIANA – CONTADORA, grifos meus).

A contadora Juliana reforçou que o Projeto de Extensão complementa as atividades da ATUT, e que a Martha não pode deixar a Associação, devido a essa participação tão importante. Ao falar que a ATUT precisa do Projeto de Extensão, reforçou a relevância desta relação. Ela, como os outros, citou frequentemente o nome da Martha, ligando as ações do Projeto de Extensão à figura da coordenadora.

Reconheceu que a ATUT precisa das ações do Projeto. Disse que o nome da UFRGS faz a diferença, pois é uma instituição conhecida por todos.

O psicólogo Rodrigo destacou pontos de melhoria na ATUT desde a entrada do Projeto de Extensão. E, ao indicar o que considerava mais importante, citou, mais uma vez, as atividades de divulgação, de convênio com parceiros, que são as formas de sustentar a Associação. Para ele, este processo de divulgação é um diferencial em relação às outras unidades de triagem. Rodrigo também citou a parceria firmada com a FABICO no recebimento de materiais da Faculdade. Porém, ressaltou que a relação é muito mais importante na medida em que o Projeto de Extensão proporciona uma melhor relação com os parceiros.

Nós temos estruturadas diversas parcerias né, diversos convênios, relações com conveniados, então a maior parte desses conveniados nos trazem a **doação do material**, que é a **forma de sustentação da Associação**. Apesar que a gente coleta material na FABICO, a relação com é outra de outra ordem, que é **muito mais importante na medida que nos trouxe esses meios de mediação**, por exemplo, a questão do *folder* é fundamental na apresentação da Associação, instrumento escrito que tu pode entregar para os parceiros, é **bem importante**. E a diferença está nesses exemplos que ficam bastante claros assim. É um **diferencial**, uma diferença concreta importante (RODRIGO – PSICÓLOGO, grifos meus).

Juliana olhou com bons olhos a relação com pessoas vindas “de fora”. Ela reforçou a representatividade do nome da UFRGS, como uma instituição de credibilidade e, também, a afetividade que os associados demonstravam pela Martha e pela forma de trabalho do grupo que sempre procura um processo de troca, de trabalho em conjunto. Portanto, a UFRGS tem um importante papel na ATUT pela dupla atuação: através do grupo de extensão e na doação de resíduos sólidos, que abrange todo o Campus da Saúde da Universidade.

Foi **muito boa a relação**. Até, eu acho também que o nome da UFRGS representa muito, por ser UFRGS. E também tem a Martha, bá, **eles têm adoração pela Martha**, a Martha chega aqui e, e isso que o grupo já trocou bastante, muita gente já saiu, já entraram, novos desde o início. Eles falam em **parceria**, o primeiro nome é o DMLU né, mas o segundo nome que eles falam é UFRGS, sempre, eles lembram sempre que existe esta parceria. **Os bolsistas deixam eles**

muito a vontade, porque tem gente que vem aqui, porque a gente recebe muita visita, que eles ficam assim, olhando de longe, mas os bolsistas da UFRGS não, **eles sabem que é pra fazer coisa junto**, que **os bolsistas querem que eles participem**, então **eles ficam bem à vontade** (JULIANA – CONTADORA, grifos meus).

Quando Juliana afirma que os bolsistas do Projeto de Extensão querem que os associados participem, fiquem à vontade, é possível perceber a preocupação do grupo com as práticas dialógicas. Eu disse à Juliana que senti que parte da receptividade positiva de deveu ao fato de eu ter chegado à ATUT com a Martha, e que, inclusive, tinha ouvido isso da associada Ângela. Ela disse que isso funciona assim mesmo, que os associados confiam muito na Martha e confirmou: “Quem ela trouxe é de confiança; a Martha apresentou, é gente que se pode confiar.” Isto demonstra que os associados transformaram o exótico em familiar. Fizeram isso com grupo do Projeto de Extensão, que troca seus bolsistas anualmente, fizeram isso comigo, enquanto pesquisadora. O processo de reconhecimento e tomada de perspectiva do outro já faz parte da rotina deles. Muitas pessoas visitam a ATUT. São pessoas fazendo reportagens, filmagens; visitas de estagiários, estudantes, etc. Pela frequente circulação de pessoas “de fora”, esse processo de entendimento e aceitação foi se tornando mais natural. Uma caixinha de classificação foi encontrada para acomodar estes “estranhos”, já não tão ameaçadores.

Inclusive, havia uma avaliação crítica do pessoal que vinha de fora. Houve um parceiro da ATUT que realizou um filme institucional enquanto estive lá, e, quando o vídeo foi ao ar na televisão, muitos associados comentaram que os produtores descaracterizaram as atividades da Associação: “Eles limparam tudo, a reciclagem não é assim”, me disse uma das associadas. No dia da filmagem os produtores organizam tudo como se a ATUT fosse um escritório, limparam minuciosamente as mesas, maquiaram e arrumaram os cabelos das associadas, ajeitaram as roupas dos associados. Algumas delas não aceitaram a transformação, reclamaram, e, uma disse: “Ninguém mexe no meu cabelo.” Os associados questionaram o fato de o parceiro ter realizado um discurso que fazia acreditar que a Associação era uma iniciativa dele, que na verdade, apenas doa material à ATUT.

Quando a terapeuta Letícia falou sobre os projetos de melhoria que tinha para a Associação, perguntei a ela o que achava que poderia melhorar em relação às atividades do Projeto de Extensão, e ela enfatizou que as informações precisarem ser mais reforçadas, para não serem esquecidas. A necessidade de repetição é uma característica do grupo. Os especialistas evidenciaram as características particulares dos associados que demandam atividades específicas.

Só que **teria que ser uma coisa mais batida**, mais frequente. Porque eles, nos dois, três primeiros dias funciona muito bem, aí daqui a pouquinho para. Então eu acho que isso, **tem temas que precisam ser repetidos** pelo menos uma vez por mês. Como tudo, tudo aqui na Associação, **é uma característica do nosso grupo** assim, se começar alguma coisa, se combinar alguma coisa e funciona muito bem nos dois primeiros dias, depois se perde. Eu acho que a gente tá precisando de mais técnicos que possam trocar ideias que possam cada um pegar de um lado. Para poder dar continuidade as coisas, porque tudo que começa, começa por dois três dias e fica ali. Então tinha que ter alguém que ficasse encarregado. Aqui é muita coisa pipocando ao mesmo tempo, aí tu não consegue realmente fazer um começo, meio e fim (LETÍCIA – TERAPEUTA OCUPACIONAL, grifos meus).

Letícia disse que em 2009 esteve mais distante da ATUT em função de atividades extras dentro do Hospital, que tinha que cumprir por ser funcionária da instituição. Lamentou o fato de estas atividades exigirem muito tempo de sua carga horária, impedindo um contato mais direto com a Associação. Comentou que esta ausência influenciou no planejamento das atividades do Projeto de Extensão, porque ela teve pouco tempo de se reunir com o grupo para discutir o desenvolvimento das ações.

A contadora Juliana corroborou as ideias de Letícia ao ressaltar a necessidade de realizar mais destas ações. Neste ano que estive na ATUT, foram feitas três palestras, sobre a crise mundial, sobre respeito e solidariedade e sobre drogas e, ainda, três confraternizações, em comemoração ao Dia das Crianças, a Páscoa e ao Natal. Além disso, foi feito um passeio ao ônibus tecnológico do Instituto de Física da UFRGS. Juliana falou com empolgação das idas ao cinema, atividade que seria difícil ou mesmo impossível de ser realizada se não fosse pela intervenção do grupo de extensão.

Eu acho que **teve pouca palestra**, eu acho que tem muito tema que pode ser abordado né, até o **cinema**, por exemplo, que eles já foram lá,

esse eu acho **muito importante**, porque quando é que eles iriam no cinema, quem é que aqui vai no **cinema**, é muito difícil para quem ganha duzentos pila por mês. Então eu acho muito bons aqueles filmes que eles foram ver, **eles têm adoração**. E a gente vai também, a gente vai junto e aí eu acho que se torna uma **confraternização**, porque eles estão fazendo uma coisa diferente que vai trazer coisas que eles gostam nos filmes, porque **tem bastante conteúdo**. **Eu acho que cinema poderia ter mais. E as palestras ótimas, todas elas eu acho boas** (JULIANA – CONTADORA, grifos meus).

Após estas conversas com a equipe técnica, ficou evidente sua visão positiva em relação às ações do Projeto de Extensão, ligada a sentimentos afetuosos. Os técnicos se preocuparam em citar exemplos concretos para confirmar o interesse dos associados pelas atividades, demonstrando que se preocupam com a opinião destes. Ressaltaram o efeito positivo das ações dentro da Associação. O psicólogo Rodrigo com seu olhar mais “empresarial”, a terapeuta ocupacional Letícia, com sua preocupação permanente com as atividades terapêuticas e a contadora Juliana com uma visão menos especializada, mas não menos importante, mostraram nas conversas que as ações de comunicação do Projeto de Extensão são de extrema importância para a Associação e que devem ter continuidade, pois já são parte intrínseca do “Mundo ATUT”.

O grupo de Extensão entrou na ATUT em um momento difícil para a Associação, contribuíram para o processo de evolução, participaram de mudanças, e agora, num momento de muito trabalho, sua participação efetiva continua sendo valorizada. As representações sociais da equipe técnica foram ancoradas em diferentes formas de interpretar a ATUT e sua relação com o grupo de extensão. São saberes diferentes que se entrelaçam na percepção sobre o importante papel da universidade dentro da Associação. A visão de parceria demonstra uma forma de interação baseada na troca de saberes. É uma relação de extensão que vai além da ideia de estender os saberes a um grupo de pessoas.

5.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS COORDENADORES SOBRE AS AÇÕES DE COMUNICAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO

Assim como a equipe técnica, os coordenadores também teceram agradecimentos ao Projeto de Extensão, salientaram sua importância dentro da ATUT e apontaram os que mais gostavam, suas lembranças e experiências em relação ao Projeto. Eles também ligaram o Projeto à figura da Martha reforçando o componente afetivo que há nas representações sociais. Conversei primeiramente com Rafael, coordenador até dezembro de 2009. Ele coordenava o galpão, trabalhando diretamente com os trabalhadores, auxiliando nas atividades de triagem.

Rafael logo disse que os associados gostavam de participar das atividades. Citou como exemplo a visita ao ônibus tecnológico da UFRGS. Realmente nos divertimos bastante neste dia, descobrindo e participando das experiências propostas como telefone sem fio, sentar numa cadeira de pregos, ouvir as notas musicais no vento através de canos de PVC, etc. Os associados que participaram ficaram muito empolgados com as experiências, faziam perguntas, se surpreendiam com as respostas teóricas e práticas do instrutor. Ao citar a Martha e a UFRGS em seu primeiro comentário, destacou sua consideração pelo grupo de extensão.

Na verdade eu considero que a **Martha** e o **grupo da UFRGS** que nos apoia eu considero como padrinho nosso. Porque além de ta nos **doando papel, eles tão sempre se relacionando, fazem palestra, festinha de final de ano**, no caso, eles são **padrinhos da reciclagem** e dos associados. Todos, só vem a **nos beneficiar essas palestras** porque, na verdade é a única **parceira** nossa é a UFRGS que faz essas outras coisas além de fornecer o material né (RAFAEL – COORDENADOR, grifos meus).

Como a UFRGS também doa os resíduos, os associados lembram-se desta parceria em “dose dupla”. Rafael destacou que esta relação é constante em função da doação de papel e das ações de extensão. Devido a isso a UFRGS possui uma presença marcante na ATUT, como parceira na doação de materiais e através do grupo de extensão. Então, a instituição é vista por Rafael como “a única” que realiza outras atividades além do fornecimento de matéria-prima. Para ele estas “outras coisas” como

palestras e festas de final de ano beneficiam a Associação, porque proporcionam outras atividades além do trabalho. O coordenador objetivou a Martha e a UFRGS na figura de um “padrinho”, aquele que protege, que apoia, que auxilia, evidenciando, mais uma vez, que para eles as interações também têm base afetiva.

A coordenadora Tânia, que faz parte da Associação desde 2001 e atua como coordenadora desde 2002, agradeceu a presença da “Marthinha” dentro da ATUT.

Só tenho a agradecer né, só tenho a agradecer. Uma coisa muito **ideal, muito boa** que ela fez, que eu acho, do início, de lá pra cá, ela **sempre ajudou nós**. Aquela **página na Internet** que nós temo é uma coisa muito interessante pra contribuir com mais **parceria pra nós**. E a **Dona Marthinha** o que eu posso dizer é que **ela sempre só colaborou**, se eu te dizer que ela não colaborou eu vô ta te mentindo. O ideal né, na posição que ela se coloca ela só colaborou, desde lá pra cá. Pra ti ter uma ideia era só a **FABICO** que mandava material pra nós, e agora tem mais ou menos uns doze setor que mandam material pra nós, isso só do campo da saúde né. E ela colaborou (TÂNIA – COORDENADORA, grifos meus).

A coordenadora citou o *site* feito pelo Projeto de Extensão e o fato de ter aumentado muito o número de faculdades dentro do Campus da Saúde que doam materiais. Seguiu a linha de agradecer pela divulgação e pelo material, focada pelos demais interlocutores. Também afirmou ser uma relação de parceria, pois a “Dona Marthinha” sempre colaborou. A objetivação do Projeto de Extensão na figura da Martha também aparece aqui. Evidencia uma relação familiar e de intimidade ao chamá-la de “Marthinha”. Inclusive, a própria coordenadora assumiu esta nomeação em suas falas. Como Tânia participava das atividades do Projeto de Extensão que aconteciam dentro da FABICO, perguntei sobre esta experiência. Ela comentou, que apesar do receio e da timidez inicial, gostou muito de participar das atividades, pois as pessoas saberiam melhor o que fazer com os resíduos sólidos.

Eu ia nas reuniões né, nas palestras, **pra colaborar**, pra conversar com o pessoal, pro pessoal saber pra onde que vinha o material, pra ficarem a par, o pessoal da limpeza, pra eles saber o destino que dava, aquela vinda do material pra onde era destinado, que fim que era dado, **era muito bom** (TÂNIA – COORDENADORA, grifos meus).

Esta experiência com os alunos da UFRGS possibilitou novas interações com pessoas ligadas a outros contextos de saber. Seguindo sua metodologia de participação da comunidade nas ações do Projeto de Extensão, a Martha convidou Tânia para falar sobre resíduos sólidos com os alunos. Tânia afirmou que foi até a UFRGS para colaborar, o que evidencia uma relação dialógica, pois o grupo de extensão “só colaborou” dentro da ATUT. Quando perguntei a ela sobre as mudanças mais significativas que ocorreram desde a entrada do grupo de extensão na ATUT, ela voltou a citar o *site*, os *folders*, as palestras e a importância da divulgação. A coordenadora reforçou seu afeto pela “Marthinha”, sentimento comum entre os associados.

No primeiro instante foi aquela **página na Internet** né, depois aquelas idas e vindas de palestras que a gente teve várias e várias palestras, dentro do campo da UFRGS a gente também teve com a Dona Marthinha e alguns bolsistas e professores e outras pessoas da mesma área da saúde. **E de lá pra cá ela vindo nos visitar pra ver o que realmente a gente precisa.** Ela também é uma pessoa que sempre se dedicou pra fazer os *folder* também da ATUT. E isso é uma coisa muito, muito interessante, porque é uma **divulgação** a mais né. **Só coisas boas.** Então é isso que eu digo, que **a ATUT tem muita sorte.** **Nas reunião que eu vô eu nem comento muito porque as pessoas são muito invejosas (risos), são capaz de tirar a Dona Marthinha de nós.** Bah, **estamos tri acostumados com ela, ela é uma pessoa muito querida** (TÂNIA – COORDENADORA, grifos meus).

Tânia também reforçou que a Martha está sempre presente na Associação, procurando saber quais as necessidades de grupo. Enfatizou que nesta relação há “só coisas boas” e por isso a Associação tem “muita sorte”. Como sua forma particular de demonstrar afeto pela Martha, Tânia disse que não fala muito sobre a presença dela na ATUT, pois ela pode ser “tirada” da Associação. Esta fala demonstra que a coordenadora quer que as atividades sejam mantidas. Ela enfatizou, mais uma vez, a relação familiar e afetiva quando disse que os associados estão acostumados com a presença da Martha e, que ela é uma pessoa “muito querida”.

Assim como Tânia, o coordenador Rafael ressaltou que todo o trabalho do Projeto de Extensão, desde as ações de comunicação até a doação de material tem valor para a Associação. Ele também demonstrou gratidão por todas as atividades realizadas pelo grupo, e ressaltou que seria difícil se a Marthinha não estivesse na Associação “[...]”

porque é a única que nos auxilia trazendo esse tipo de palestra e que nos divulgue fora também né.” Ele deixa evidente que a visibilidade é muito importante para a ATUT. É em função disto que a Associação se diferencia das demais, pois através das parcerias recebe matéria-prima de excelente qualidade, pois a maioria são papéis oriundos de atividades administrativas, e muito mais limpos se comparados as demais unidades de triagem que recebem material oriundo da coleta seletiva, dependendo exclusivamente da consciência dos moradores da cidade, no que tange a separação correta dos resíduos. Um exemplo disto é a experiência que contei anteriormente sobre a visita que fiz a outro galpão repleto de material contaminado por resíduos orgânicos, onde o cheiro era insuportável.

Ao conversar com Tânia sobre as atividades realizadas para os associados, ela ressaltou a importância das ações para os associados. Lembrou das atividades para a festa de final de ano, em que a Martha solicitou apoio dos parceiros, que auxiliaram com a compra de produtos para montar as cestas de Natal.

Tem as palestras que é uma coisa muito interessante. [Porque tu acha isso?] As assim, ó, eu não sei te dizer individualmente da cabeça de cada um né, porque eu converso muito pouco individual, **mais no coletivo, as palestras é muito bom, porque tem muitas pessoas que não sabem né e ficam sabendo, muitas pessoas que não tem aquele conhecimento né. As festinha também já tamo acostumado** né, já por três ano seguido que ela faz, então não é só as criança, mas os adulto que gostam, claro já tamo acostumado, é aquele vínculo, **criamos vínculo.** O melhor ainda agora esse ano que foi pedido uma ajuda, uma colaboração para cada colaborador, eu nem sabia, foi uma surpresa né, umas quantas pessoas ligaram pra cá pra saber né. Foi muito interessante (TÂNIA – COORDENADORA, grifos meus).

Tânia ressaltou que não poderia falar sobre cada um dos associados, mas a nível coletivo, as palestras eram importantes como uma forma de trazer novos conhecimentos para eles. Ela enfatizou a familiaridade com as festas que são do gosto das crianças e dos adultos. Neste sentido, Tânia lembrou a festa do Dia das Crianças onde foi contada uma história às crianças, mas que os adultos participaram e gostaram muito. Apontando, mais uma vez, os laços de afeição entre ATUT e o grupo de extensão, Tânia afirmou que um “vínculo” foi criado.

Quando conversei com a Martha, ela me falou que procurava mostrar o material de divulgação aos associados, pelo menos, para os coordenadores. Conversando com Rafael, ele confirmou o procedimento dizendo que a Martha os deixa a par de todas as atividades; disse, também, que os associados participam e opinam. Para exemplificar sua afirmação, Rafael lembrou o dia – em que eu também estive lá – em que as bolsistas e a Martha levaram o vídeo institucional que tinham feito para apresentar no Salão de Extensão da UFRGS, para mostrar o resultado aos associados. Eles formaram grupos e foram, pouco a pouco, assistir o vídeo na sala do café. Pude sentir a empolgação deles, principalmente, daqueles que participaram das filmagens, que deram depoimentos. Os comentários e sorrisos de empolgação eram contagiantes. Eles se sentiram importantes, valorizados. Avaliaram suas performances como se fossem celebridades. Este tipo de ação trabalha com a auto-estima dos associados, que acreditam mais em seu potencial para realizar outras atividades, inclusive a de aparecer “bem no vídeo”.

Todo o trabalho que a Marthinha vem fazendo fora aí nos divulgando ela procura sempre trazer um exemplar do que ela ta fazendo, como, por exemplo, esse CD né, que é o projeto da ATUT, ela gravou aqui e nos **trouxe um pra gente vê como ficou**, entendeu. **A Martha deixa a gente a par de todas as reuniões, palestras, as coisas que vão acontecer**, e a gente, claro, aceita, além deles **divulgar nosso trabalho** eles tão nos apoiando nessa outra parte, fazendo palestras e algumas reunião pra **conscientizar o pessoal** de alguma coisa que precisa. [E os associados participam das escolhas das palestras?] Sim. **Eles participam e opinam também**, o pessoal pede a opinião, entendeu, pras palestras que acontecem. Em geral o pessoal traz ideias, colocam situações e a gente discute essas situações conforme aquilo que a gente ta vivendo, **a gente traz um pouco da nossa vida para participar dessas reuniões** (RAFAEL – COORDENADOR, grifos meus).

Durante nossa conversa Rafael citou outras atividades fora da Associação, como as palestras em que a Tânia participou na UFRGS. Estas atividades expandiram as ações de comunicação para além das paredes do galpão, proporcionando novas formas de conhecimento além da apropriação de outros espaços públicos como a universidade, local de difícil acesso para a maioria dos associados. Segundo o coordenador, as atividades em que a Tânia participou na UFRGS contribuem à sensibilização da comunidade sobre a correta separação dos resíduos.

E também ela leva a gente daqui pra fazer uma palestra fora, lá na UFRGS, lá, como é que faz a reciclagem do material, então **ela ta procurando melhorar até a separação do material** pra trazer (RAFAEL – COORDENADOR, grifos meus).

Ao pedir para o Rafael se havia algo que poderia ser aprimorado nas ações do grupo de extensão, ele disse que não há o que melhorar, porque eles estão sempre buscando estas melhorias: “Então, foi isso que eu disse né, o trabalho dela ta sempre tentando melhorar, não tem nem por que a gente pedir pra melhorar, porque eles sabem o que estão fazendo.”

Eu, na verdade, acho que **ta ótimo**, do jeito que acontece, porque **eles não pararam, eles continuam**, eles mesmo sabem, eles estão sempre procurando melhorar, então acho que a gente não precisa ta dizendo pra eles o que eles precisam fazer porque eles tão sempre procurando melhorar (RAFAEL – COORDENADOR, grifos meus).

O coordenador também citou o esforço do grupo de extensão para desenvolver atividades com um público complicado para se trabalhar. Esta questão das características dos associados ancora muitas das representações sociais sobre o próprio grupo e sobre as relações com os membros do Projeto de Extensão, que são desenvolvidas especificamente para abarcar estas particularidades. Apesar destas questões, os associados gostam das atividades porque há continuidade no trabalho do Projeto de Extensão, o que demonstra que o grupo se preocupa em desenvolver ações que estejam em sintonia com as características das pessoas que compõem o “Mundo ATUT”. Este esforço do grupo de extensão é enfatizado pelo coordenador que diz que mesmo com as dificuldades as melhoras vêm, porque o trabalho vem sendo realizado ao longo dos anos. Rafael reforçou que as atividades de extensão melhoram o relacionamento entre os associados.

Eles gostam, mas eu acho que o grupo, por ser **um grupo especial**, ele é um pouco complicado de lidar né. Mas, **mesmo que seja pequena a melhora, essa melhora vem né**, porque não é fácil assim de melhorar uma coisa com um grupo complicado assim como esse pessoal com quem a gente trabalha, de uma hora pra outra né, **isso tem que vim sendo trabalhado e é o que a Marthinha faz né. O grupo de pacientes demora um pouco mais para diluir essas coisas né, mas eles vão conseguindo com o tempo**, e como eles não pararam,

conforme vai acontecendo eles vão percebendo. Ela não fez uma palestra pra melhorar, ela vem fazendo no decorrer do tempo, **já é um tempo bem grande que eles são nossos parceiros**, desde que começou ela sempre tentando trabalhar o pessoal, **além de trazer o material ela ta sempre trazendo palestras**, sobre drogas, relacionamento. **Isso vem a acrescentar e a melhorar o relacionamento do pessoal** (RAFAEL – COORDENADOR, grifos meus).

As representações sobre o Projeto de Extensão se mostraram bastante focadas na figura da Martha, na UFRGS, na FABICO. A relação mais forte, de proximidade, de afetividade é com a “Marthinha”, pois ela é a representante do grupo de extensão, é a pessoa com quem os associados têm mais contato. É uma forma de comunicação direta, face a face, que faz com que a coordenadora seja sempre lembrada como figura representativa do grupo de extensão. Com exceção do psicólogo Alexandre, não houve comentários quanto à palavra comunicação e o que ela significa. Então entre uma conversa e outra, perguntei para os associados se eles sabiam que o projeto era da área da comunicação. Tânia prontamente respondeu que a Martha sempre fala da comunicação, que era um projeto da comunicação. Perguntei a ela se os demais associados entendiam-no como um projeto da comunicação e, ela enfaticamente respondeu:

É mais com o trabalho da Marthinha, porque ela sempre ta a frente. **Ela sempre se dirige a área da comunicação, mas até hoje nenhum daqui chegou e pediu pra ela o que quer dizer a comunicação né.** Isso, aquilo, aquilo outro. Eu nunca cheguei a perceber né. Mas ela se dedica realmente como a área da comunicação, mas o pessoal se dedica mais como a Dona Marthinha, porque ela que inciou, aí muda de bolsista, muda de ajudante e é sempre a Dona Marthinha. **A Dona Marthinha anda sempre na frente, nunca deixou nós né.** É que nem eu digo, vamos supor que um dia ela muda de setor ela **vai continuar sendo sempre a mesma Marthinha pra nós** (TÂNIA – COORDENADORA, grifos meus).

Estas objetivações na figura da Martha mostram que o conceito de comunicação é menos importante para os associados que estão focados nas questões práticas do cotidiano e nas relações firmadas na comunicação face a face. A preocupação com as conceituações é mais universitária, acadêmica, já que a universidade é formada por setores, departamentos, unidades, campos de estudo que fragmentam o conhecimento. Nas invenções e saberes cotidianos o que tem valor são as

relações diretas, as atividades concretas que são representadas a partir da filosofia da vida cotidiana e não conceituadas tecnicamente. Portanto, o vínculo pessoal e afetivo se sobrepõe na construção das representações sociais sobre o Projeto de Extensão.

Sendo assim, as representações sociais da equipe técnica e dos coordenadores vêm confirmando uma visão positiva sobre o Projeto de Extensão, marcados pela afetividade, gratidão, carinho, acolhimento, reconhecimento. Quando se trata do grupo de extensão, a Martha continua sendo a figura mais presente no imaginário dos interlocutores. Isto acontece porque, como a coordenadora Tânia mesmo disse, a Martha sempre esteve à frente das ações; entraram e saíram bolsistas, estudantes, professores, e a Martha continuou coordenando as atividades, mantendo um contato direto com os associados. De acordo com Tânia, esta relação já vem de longa data, criou-se um vínculo, uma proximidade, uma relação familiar, principalmente com a “Marthinha”.

5.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS DEMAIS ASSOCIADOS SOBRE AS AÇÕES DE COMUNICAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO

Em meio aos sacos de lixo, ao redor das mesas, na sala de café, muitas vezes, abafados pelo som ensurdecedor da picotadeira, fomos conversando, da forma como os trabalhadores mais se sentiam à vontade. Descreverei cada conversa, uma a uma, enfatizando algumas características dos associados e a forma como se portaram ao representar as ações de comunicação do Projeto de Extensão. Esta postura segue a proposta de levar em conta as características do contexto e dos interlocutores. Foram vários encontros e conversas, algumas mais extensas, outras que se resumiram a alguns comentários, algumas frases durante as atividades. São todos fios que compõem a tapeçaria das representações sociais sobre as ações de comunicação do Projeto de Extensão.

No princípio me surpreendi com a concisão das respostas, muitas resumidas a “é bom”, “ótimo”, “gosto muito”, “não sei te dizer”, etc. Ao refletir melhor sobre a situação, enleada aos outros fios da tecedura, compreendi que esta é a forma de

expressarem seus sentidos; suas expressões sucintas foram suficientes para representar o Projeto de Extensão. Alguns falaram mais, outros menos. Estas manifestações também estavam ligadas às suas personalidades, uns mais acanhados, outros mais extrovertidos. O fato de serem convidados a refletir sobre práticas da vida cotidiana nem sempre pode ser uma tarefa fácil, pois envolve lidar com as palavras, com as lembranças, com as particularidades, com o outro, etc. Às vezes é complicado transformar sentimentos em palavras, em frases objetivas.

Foi preciso, para que os associados protagonizassem o processo, que eu compreendesse e respeitasse as formas de relatar, de representar, que eu respeitasse também os tempos e espaços específicos num processo de troca em que cada um entra no jogo de compreender as formas de ver do outro. É necessário respeitar os saberes da vida cotidiana bem como a forma como são produzidos. Certeau (1994) ao descrever os relatos, disse que na Atenas contemporânea os transportes coletivos são chamados de *metaphorai*. Então, circular, ir para o trabalho, voltar para casa, se torna uma metáfora. “Os relatos poderiam igualmente ter esse belo nome: todo dia, eles atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços.” (p. 199). As representações sociais surgem através dos relatos, a pesquisa surge através deste emaranhado de relatos descritos pelo pesquisador. Ao relatar as pessoas selecionam memórias, lembranças, palavras, traduzem um momento já vivido ou sonham com outras vivências. Neste processo de relembrar, de sonhar, elas usam metáforas, comparações, figuras afetivas que indicam como estas pessoas representam o mundo a sua volta. Portanto, as metáforas e comparações devem ser perseguidas como indícios das ancoragens e objetivações.

Então, conforme citei anteriormente, a respeito das atividades de extensão serem objetivadas na figura da coordenadora, precisei citar o nome dela algumas vezes na pergunta inicial sobre o projeto, para que os sentidos ascendessem nas memórias dos associados. Quando não usei o nome da Martha eles se mostraram confusos, atrapalhados com o nome “Projeto de Extensão”. As frases que considero mais relevantes estão destacadas, assim como foi feito nas falas da equipe técnica e dos coordenadores.

Jane, uma senhora simpática, sempre sorridente, amiga de todos, era chamada carinhosamente de “delegada”, pois estava sempre organizando, comandando a turma, a sala de café, as reuniões, observando as atividades, sempre preocupada com o rendimento do trabalho. Ela sempre me dizia que eu era muito “queridinha”, parecia uma “princesinha”, uma “atriz de cinema”. Eu sempre comentava com meus amigos que os associados da ATUT elevavam minha auto-estima, sempre tecendo elogios sobre minha aparência e sobre minha personalidade, num sinal de valorização de nossas relações afetivas.

Jane é usuária do Hospital e trabalha na ATUT há 9 anos, praticamente desde a fundação. Conversei com ela na mesa de trabalho, porque ela estava muito envolvida em suas tarefas. Enquanto ela colocava cada tipo de material dentro dos sacos e bombonas certas, mostrou de imediato, seu **gosto pelas ações**, principalmente, pelas **palestras**, que ela disse serem “**educacionais**”, dando a ideia de que elas agregam novos conhecimentos. Enfatizou, também, que o pessoal sempre fazia comentários. Lembrou da palestra sobre drogas, onde o pessoal participou bastante. Neste dia o psicólogo Rodrigo precisou pedir para encerrar as perguntas, porque já era quase meio-dia. Prometeu um novo encontro para continuar o bate-papo. Jane disse que **o trabalho era legal**, “**interessante para a divulgação da ATUT**”. Disse, também, que **o pessoal ficava mais unido** com as palestras e festas. Este comentário remete ao fato das interações reforçarem os laços tanto com os “de fora”, quanto entre os associados. Quando perguntei se a Martha falava que era um projeto da comunicação, **Jane me disse que ela comentou isso várias vezes**, mas meio sem graça, disse que **não sabia explicar o que era “a comunicação”**.

Ismael, usuário do Hospital, um homem inteligente e tímido, concentrado no trabalho, com a fala um pouco truncada, atrapalhada, num primeiro momento não quis conversar, mas acabou dando sua opinião enquanto eu e Jane conversávamos. Concentrando-se para acertar as palavras ele me disse que gostou dos **presentes que deram no Natal**, do **passeio ao ônibus tecnológico**, das **palestras** e de todos os “**passeios fora**”. Disse que estas atividades eram boas para os pacientes, reforçando a

necessidade do trabalho terapêutico. Continuei conversando com ele, que me disse que **“o trabalho é ótimo, tem que continuar”**; **“veio mais papel, porque eles divulgam o trabalho né”**. Assim, como muitos associados, Rafael enfatizou a questão da visibilidade e da divulgação que aumentaram a quantidade de matéria-prima. Quando perguntei a ele se sentia alguma melhora na ATUT, nem precisei terminar a pergunta: **“houve uma mudança muito boa depois da entrada da Marthinha”**. Usando o nome da “Marthinha” para falar do projeto, corroborando com os laços afetivos, Ismael seguiu o fio da meada de minha conversa com a Jane, criando coragem, se sentindo à vontade para dar sua opinião e, depois que percebeu que o bate-papo não tinha nada de dolorido, e que tinha conseguido se expressar, aceitou fazer parte do conjunto de interlocutores.

Diferentemente de Ismael, Ângela é uma pessoa extrovertida, a mais faladeira de todos, conhecida no grupo por sua “língua comprida”. Construí com ela uma relação muito afetuosa, cheia de brincadeiras, conversas, festas. Era com Ângela que eu ia às festas do São Pedro; sempre que tinha uma festa ela me avisava. Com ela também conheci o Clube da Amizade. Usuária do Hospital e trabalhadora da ATUT há nove anos, chegou através do Clube da Amizade, e hoje não consegue mais ficar sem o trabalho na Associação. Até nas férias ela passeava na ATUT, porque não conseguia ficar longe. Disse-me que sua mãe complicava quando ela chegava cansada em casa, com dor nas costas e nas pernas. Pedia que ela parasse de trabalhar, já que recebia a aposentadoria. E ela me disse: “nem pensar, me sinto útil aqui, não gosto de ficar parada, e tem os amigos também.”

Quando eu chegava à ATUT, ela era uma das mais receptivas. Com a Martha não era diferente. Ela sempre demonstrou carinho pela “Dona Marthinha”. Quando começamos a conversar sobre o projeto na sala do café, enquanto ela lavava as xícaras e copos utilizados no intervalo, se empolgou com a conversa sobre o Projeto, principalmente ao lembrar-se da Martha: **“tão boa, tão maravilhosa, não tem como falar, rica pessoa [...] a Marthinha é um anjo pra nós, tudo ela dá um jeito”**. A metáfora do anjo expressa o sentimento por alguém que protege, que auxilia, que está próximo. Ao identificar a “Marthinha” como uma pessoa “maravilhosa”, “rica pessoa”, “anjo”, Ângela confirmou a relação direta com uma pessoa querida por ela, alguém com

valor especial. É mais um exemplo de uma relação de familiaridade, de intimidade, baseada no afeto. Ângela ressaltou que o mais importante era o material, não se esquecendo de frisar o papel de destaque da “Marthinha”; **“muita gente traz material e diz que foi a Marthinha que falou”**. Também citou o apoio e a parceria: **“quando precisamos de algo ela sempre socorre”**. A ideia de socorro também remete a ajuda, auxílio, assistência, com alguém que se pode contar sempre.

Quando perguntei se ela sabia o nome do projeto, se era um projeto da comunicação, porque ela só falava no nome da Marthinha, ela disse dando risada: **“ela costuma falar seguido que é um projeto da comunicação”**; **“ela disse o nome do projeto mais eu esqueci.”** Apesar da nossa proximidade, Ângela nunca conseguiu gravar meu nome, sempre me chamava de estagiária ou trocava com outros nomes. Seu sorriso e seu bom humor eram empolgantes, poucas vezes a vi quieta, calada. Quando isso acontecia, todo mundo estranhava, aí Ângela se queixava: “quando eu falo demais vocês reclamam, quando falo de menos, reclamam também.”. Ela estendeu sua animação e afetividade à Martha: **“ela passa paz pra gente”**.

Ângela também tocou em um ponto caro à maioria dos portadores de sofrimento psíquico: o preconceito, a relação com pessoas de outras classes sociais e o tratamento que alguns especialistas estendem aos “pacientes”. Fiquei comovida, porém, infelizmente, não surpresa: **“difícil ver uma pessoa que tem dinheiro e se preocupa com a gente”**; **“tem muito médico que acha que paciente é bicho”**; **“a Marthinha beija todo mundo, abraça todo mundo, gosta de todo mundo”**. Isto mostra que as representações sociais fossilizadas sobre o “louco” ainda persistem no imaginário das pessoas, e de acordo com Ângela são reforçadas pelas diferenças sociais. Assim como Cláudia Fonseca (2004) ressaltou em seu estudo sobre a Vila São Pedro, que os favelados são ignorados e humilhados pelas classes superiores, a Ângela demonstrou e exemplificou esta segregação em suas falas, ao se surpreender com o fato de que a Martha, vindo de uma classe social com maiores condições, se importasse com o pessoal da ATUT, e mais, mantivesse uma relação tão próxima e afetiva, com beijos e abraços.

A associada Bruna, segue outro ritmo, mais tranquilo, às vezes, mais ausente. Tinha dias em que eu chegava ao galpão e ela me cumprimentava, me chamava pelo nome, pedia se estava tudo bem. Já em outros, olhava para mim como se não me conhecesse, como se eu fosse uma estranha. Esta é uma característica de alguns deles. Quando eu chegava mais perto de Bruna e iniciava uma conversa, parecia que ela resgatava meu rosto na memória, lembrando-se de quem eu era. Quando pedi se ela queria conversar, ela aceitou, mas pediu se não poderia ser no pátio, porque queria fumar um cigarro. Sentamos no pátio e enquanto ela acendia seu cigarro me contou que chegou à ATUT há nove anos, através de uma assistente social do Hospital: “eu estava muito doente”. Bruna disse que o trabalho do Projeto de Extensão era importante para a Associação: **“a Marthinha ajuda as pessoas”**. Ao falarem de ajuda, socorro, auxílio, os associados remetem também a uma ideia assistencialista de atuação. Os associados pedem ajuda, pedem doações e não só ao grupo de extensão. No período em que estive lá muitos me pediam roupas, calçados, presentes de aniversário, pediam se eu não tinha nada sobrando em casa, etc. Normalmente, estas pessoas marginalizadas costumam receber doações de pessoas e instituições, o que intensifica o caráter assistencialista em suas falas. Eles esperam de nós, da universidade, dos parceiros, auxílio, ajuda, colaboração para contribuir com sua sobrevivência.

Bruna também se lembrou do **tratamento odontológico** na Faculdade de Odontologia da UFRGS que foi feito numa iniciativa do Projeto de Extensão, e emendou dizendo que **vieram vários profissionais para fazer palestras**. Quando falei das festas ela disse: **“as festas são muito boas. A diversão faz parte da vida do ser humano”**. Isto mostra a importância dada às atividades extras ao trabalho, como forma de entretenimento. Atividades que muitos não têm em outro lugar, como ressaltou a contadora Juliana.

Eu perguntei à Bruna qual a importância das ações do Projeto de Extensão dentro da ATUT: **“o trabalho é muito rico, todo mundo gosta. Seria pior se ela não estivesse aqui.”** Bruna remeteu ao coletivo quando afirmou que todos gostam das atividades. Ela também ressaltou que o pessoal do projeto sempre traz ideias novas: **“estão sempre procurando ajudar o máximo possível.”** Eu também perguntei se ela

sabia que era um projeto da comunicação, se a Martha havia falado o nome do projeto. Bruna disse que **não lembrava nada sobre comunicação**, que **ela não tinha falado o nome do projeto**, mas ela fez questão de destacar o que sabia: **“o trabalho da Marthinha é da UFRGS e da FABICO.”** Então, Bruna não se lembrou do termo comunicação, mas tinha em sua memória a instituição a qual o Projeto de Extensão está ligado. Consegui conversar com a Bruna, mas houve certa dificuldade por parte dela de lembrar-se das atividades. Ela foi desenvolvendo as falas conforme eu ia lembrando dos passeios, das palestras, das festas. Mesmo que eu não tivesse a intenção de estruturar as conversas, em alguns casos precisei fazer isso para dar continuidade ao assunto. Às vezes as pessoas precisam de um “empurrãozinho” para abrir as gavetas da memória.

Assim como Bruna, a usuária do Hospital Sílvia, associada da ATUT há dois anos e meio, também teve um pouco de dificuldade para lembrar-se das ações do projeto. Sílvia tinha um olhar distante, passava a impressão de andar com seus pensamentos por outros lugares. Também me relacionava muito bem com ela, que sempre se mostrava interessada com o andamento da pesquisa. Ela se interessava muito “pela faculdade”, porque queria que seus filhos estudassem, tivessem bons empregos. Apesar de ser grata pela oportunidade de trabalho, não queria que seus filhos trabalhassem no lixo. Sílvia dizia que eu tinha uma “alma boa” por me preocupar com o pessoal da ATUT. Esta fala remete às representações de Ângela sobre a relação com pessoas de outras esferas sociais. Conversávamos muito sobre família, trabalho, amizades, sobre assuntos banais do dia-a-dia. Muitas vezes ela usava um vocabulário rebuscado, porém naquele dia, senti dificuldade em falar. Lembrava mais da Marthinha, aí sim, com muita afetividade. Inclusive, quando a Martha chegava à ATUT ela era uma das mais receptivas. Porém, quando precisou objetivar este sentimento em palavras, esbarrou nas falhas da memória, da concentração, da organização das ideias. Ela me disse que estava “meio atrapalhada” naquele dia, mas que se lembrava das **“festinhas”** e das **palestras feitas pela “Marthinha”**.

Sílvia, a fim de suprir sua falta de memória, citou várias vezes a importância da presença da Marthinha. Assim como Jane, disse que as **palestras eram “educativas”**, mas que **dependia do pessoal assimilar as informações**. Aqui pode entrar tanto a

questão da característica do público quanto o valor dado às atividades de extensão. Sílvia se lembrou das palestras sobre a Dengue e sobre a Gripe A. De modo geral, disse gostar das atividades: **“Acho gratificante. Eu fico feliz, sinto como se fossem pequenos prêmios. Presentes.”** A ideia de “prêmios”, “presentes” também remete a algo bom, positivo e, também engloba o caráter assistencialista de ganhar algo. Quando perguntei sobre as festas, ela logo se lembrou da festa do Dia das Crianças do ano de 2008: “tinham tortas deliciosas, foi no pátio, atrás do pavilhão da costura.” Assim como a maioria dos associados, que se referiram mais a “Marthinha”, Sílvia também não se lembrava do nome do projeto, mas lembrou da **FABICO** e da **UFRGS**, assim como Bruna. Quando perguntei se existia algo mais que a Martha poderia fazer ela foi enfática: **“Poderia ter assistência odontológica para o grupo, e para o povo em geral...”**, mas, assim como deu a ideia, logo emendou: **“a, mas isso não é da área da Marthinha, acho que aqui ela já faz muito.”** Sílvia citou o tratamento odontológico porque gasta boa parte de seu salário com tratamento odontológico para ela e para a filha, um problema no orçamento mensal da família.

Ademar, usuário do Hospital e associado da ATUT há dois anos, chegou à Associação através do projeto de geração de renda. Ele faz parte do grupo que coleta o material nos parceiros. Quase nunca está na ATUT, só passa para descarregar o material. Tive pouco contato com ele. Quando conversamos sobre o Projeto de Extensão, ele ligou suas falas às tarefas do dia-a-dia na Associação: carregar e descarregar sacos de material, ir de parceiro em parceiro recolher material. Ele reclamou do convênio com os parceiros, disse que poderia ser melhor: **“acho um pouco fraco, não vejo muito incentivo.”** Ele me disse, um tanto desapontado que **“[...] a divulgação do lixo não agrada muito as pessoas, elas poderiam ser mais conscientizadas, inclusive os parceiros.”** Disse-me que a princípio não era uma queixa, porque **as parcerias eram muito importantes.** A reclamação era destinada a alguns parceiros que mandavam o material todo misturado, com cheiro ruim, ratos mortos, lixo podre. Em relação a isso o grupo de Extensão poderia **“[...] trabalhar melhor a conscientização das pessoas e dos parceiros.”** Ele não resumiu sua preocupação apenas aos resíduos que vão para a ATUT, salientou que falta conscientização da sociedade como um todo. Mostrou certa indignação em relação a isso. Devido à função dentro da Associação não

participava muito das palestras e dos passeios. Mas comentou que **gostava das festas de final de ano**. Quando perguntei **se ele já havia ouvido falar que era um projeto da área da comunicação ele disse que sim**. Assim como os demais associados, Ademar mostrou-se preocupado com seu trabalho diário. Sua atenção esteve voltada à qualidade da matéria-prima da ATUT: os resíduos sólidos.

Vera, associada há 3 anos, contou que já morou no Hospital São Pedro, que já trabalhou na reabilitação fazendo crochê e que chegou à ATUT através de uma terapeuta do Hospital. Em nossa conversa, ela também se mostrou uma entusiasta das ações do Projeto de Extensão. Falou que **o trabalho é maravilhoso**, porque **“a Martha consegue muitas coletas.”** Assim como os demais, sua primeira lembrança foi em relação ao material, que gera mais trabalho à Associação. Vera também sempre demonstrou muita satisfação quando a Martha ia à ATUT, participando com entusiasmo das atividades. Ela sempre se mostrou preocupada com as questões ambientais. Disse-me uma vez que sabia da importância da ATUT para o meio ambiente e, que lá aprendeu a separar o lixo e começou a separar em casa e ensinar aos seus vizinhos e amigos. Lembrou do **filme sobre aquecimento global** que foi assistir na UFRGS. Ela mostrou interesse e conhecimento sobre as questões ambientais, que, segundo ela aprendeu na ATUT e com o filme: “Agora vejo na TV e é a mesma coisa, as geleiras derretendo, os animais morrendo, a poluição do ar, o problema do lixo, é tudo como eu vi no filme.” O conhecimento demonstrado por Vera sobre as questões ambientais mostra que as ações do grupo de extensão possibilitam que os associados acessem novas formas de comunicação e informação contribuindo à construção de novos saberes.

Quando perguntei o que achava das palestras, Vera disse: **“[...] a Marthinha traz pessoas maravilhosas para fazerem palestras, com assuntos do dia-a-dia.”** Ela lembrou-se da palestra sobre respeito com o assistente social e a sobre drogas, que segundo ela **“[...] foi muito instrutiva”**, onde eles falaram do álcool e do perigo de quem toma remédios ingerir bebida alcoólica: **“[...] até a cerveja sem álcool tem álcool.”** Aqui Vera reforça a importância das palestras como forma de adquirir novos conhecimentos a partir de assuntos do cotidiano dos associados, o que segue a lógica da comunicação como prática dialógica, pois valoriza as práticas cotidianas. Vera reforçou

que todos gostam das palestras. Quando perguntei se ela percebia se havia mudanças dentro da Associação ela confirmou: **“houve mudanças depois das palestras porque a gente para e pensa no que ouviu.”** A possibilidade de adquirir novos saberes gera um processo reflexivo nos associados que pode auxiliar na melhoria das relações e dos comportamentos.

Estas falas em que os associados reforçam que as palestras são “educativas”, “instrutivas”, “fazem pensar”, demonstram que a inclusão a partir da possibilidade de aquisição e troca de saberes, e mesmo a circulação por outros espaços sociais através dos passeios e atividades na UFRGS, é tão importante quanto pensar na inclusão social a partir do trabalho e da geração de renda. Inclusive, Vera afirmou querer mais palestras, sobre outros assuntos também, porque acha importante saber sobre outras coisas. Portanto, a inclusão social de que se fala no Projeto de Extensão está ligada à colaboração para geração de renda, mas também a intenção de possibilitar que pessoas marginalizadas vivenciem novas experiências, circulem por outros espaços, troquem saberes com pessoas de outras esferas sociais, o que permite a reflexão crítica sobre sua “realidade”, bem como sobre a “realidade” vivida em outros contextos. Esta também pode ser uma estratégia interessante para subverter as visões fossilizadas, pois esferas sociais diferentes podem se encontrar e reconhecer os modos de viver e pensar do outro. É um encontro com a alteridade que permite a tomada de perspectiva do diferente.

Ao conversarmos sobre as festas, Vera foi enfática: **“eu adoro”**. Ela também me disse que sabia que era um projeto da comunicação, mas sempre enfatizou a figura da “Marthinha”. Ressaltou que o que existe é uma parceria, porque **“[...] se tem alguma coisa errada só liga pra ela que ela resolve.”** Percebi nas falas que há confiança e credibilidade em relação ao trabalho do grupo de extensão e, que muitos sentem que podem contar com eles sempre que precisarem. Isto expressa confiança em relação ao grupo, refletida na ideia de parceria, de colaboração, de troca.

Afonso, usuário do Hospital e associado da ATUT há oito anos, contou que soube da ATUT através do programa “Coletivos de Trabalho” e do Clube da Amizade. Nossa conversa foi uma das mais longas. Ele estava na correria do trabalho, todo suado,

mas como gostava de conversar, acabamos nos estendendo e ele me falou um pouco sobre sua vida, sobre o fato de ter “ficado doente” no Quartel, sobre o relacionamento com sua namorada, com quem está há dois anos, etc. Afonso é tesoureiro da ATUT. Muito vaidoso, como ele mesmo se autodenominou, vinha sempre “na beca” nos dias de pagamento, para ajudar a contadora. Como estava exausto por carregar vários fardos de papel, pedi para sentarmos um pouco e, logo que pedi que falasse sobre o projeto, Afonso manifestou sua afeição pela “Marthinha”: “[...] **a presença da Marthinha é muito importante, ela é nossa amiga, nossa parceira.**”; “[...] **a Marthinha é uma pessoa gente fina, pra cima, dá coragem pra nós.**” Afonso demonstra que além da afetividade ele compreende que há a valorização dos associados, a preocupação com a auto-estima, ao enfatizar que a Martha “dá coragem”, acreditando no potencial do grupo de trabalho. Disse que o trabalho é “**importante**”, “**ótimo**”.

Quando perguntei o que ele achava mais importante, ele citou o *site*, que foi feito para a ATUT gratuitamente e, lembrou que é uma ótima forma de **divulgação**. Quando perguntei qual a importância desta divulgação para a Associação, Afonso foi direto: “**sem a divulgação não seríamos o que somos hoje.**” Muitos associados conhecem a realidade de outros galpões de triagem, alguns têm parentes trabalhando em outras unidades. Então, eles reconhecem o diferencial do trabalho na ATUT, a possibilidade de trabalhar com um material mais limpo, de melhor qualidade.

Afonso me disse que “**as palestras são esclarecedoras**” e que “**os filmes fora foram muito legais**”. Afonso segue a lógica da possibilidade de adquirir novos conhecimentos. Porém, ressaltou uma questão que já foi apresentada aqui: as diferentes formas de interpretar estas ações em função da quantidade de trabalho. Segundo ele, “[...] **as atividades fora não são bem compreendidas por todos, porque tem que sair do trabalho, ta ganhando, mas não ta trabalhando.**” Para Afonso, “**isso divide o grupo em dois**”. Receoso, como quem não quer arrumar confusão, ele citou o nome de um morador da vila: “nesse sentido há muita pressão nos associados, por parte do [Ênio].” Me pareceu que seu desabafo não se resumiu apenas às atividades do Projeto de Extensão, porque ele me disse que o Ênio cobrava muito trabalho, ficava

pressionando quando eles iam fazer coleta, não deixa descansar: “isso embaralha as ideias, sabe”.

Ênio é o motorista da KOMBI. Não consegui conversar com ele, porque estava sempre “funcionando”, sempre pedindo para apressar o trabalho, não parava nunca. Foi nele que vi o foco mais forte no trabalho e na geração de renda. Ele se mostrava bastante intolerante com quem não seguia seu ritmo. Um exemplo disso foi a discussão que teve com uma associada por causa das horas extras de trabalho, fato que contei anteriormente. Percebi que isso incomodava alguns associados. Compreendo a preocupação dele, seu “instinto” de sobrevivência. Estava sempre fumando e trabalhando. Morador da vila, Ênio faz parte do grupo que tem na ATUT sua única fonte de renda, que não vê no trabalho a possibilidade de lazer e entretenimento, mas sim de sobrevivência. Voltando à conversa com Afonso, este disse que, apesar das pressões de Ênio, sempre participava das atividades realizadas pelo grupo de extensão. Quando falamos da comunicação, Afonso disse que **se lembrava de a Marthinha ter falado sobre comunicação**, sobre extensão, sobre “o social”, porém não soube especificar objetivamente.

Neli, usuária do Hospital e associada da ATUT há três anos, me contou que chegou à Associação através de uma pensão para portadores de sofrimento psíquico. Ela disse que gosta muito de trabalhar na ATUT, onde conheceu seu marido, o Ismael. Dona Neli sempre foi muito receptiva comigo, costumava dizer: “Oi queridinha”. Mas, também mostrou certa dificuldade para organizar as ideias, apesar de mostrar satisfação ao falar das ações do Projeto de Extensão, que para ela são “**sensacionais**” e “**maravilhosas**”. Ao falarmos sobre as palestras, ela disse que **gostava de participar** e lembrou-se das **palestras** sobre a Dengue e sobre o meio ambiente. Apesar da dificuldade de se lembrar, Neli falou muito bem daquilo de que lembrou, usou bem as palavras, expressou-se com destreza. Percebi nela, assim como na Sílvia, um entrelace de atenção e desatenção, organização e desorganização de ideias, uma instabilidade da memória que, ao mesmo tempo, não impedia que produzisse sentidos sobre o que lembravam.

Assim como muitos associados que viram nas palestras a possibilidade de adquirir novos conhecimentos, Neli também enfatizou que **aprende com as palestras**, que como ela todos gostavam: **“são boas essas atividades, fazem a gente recordar, fazer memória.”** Pediu que a palestra sobre a Dengue, com a atividade prática, fosse realizada novamente. Sobre a comunicação Neli lembrou-se que a Marthinha era “bióloga, comunicóloga”. Ela me surpreendeu com essa colocação, que mais nenhum associado fez. Perguntei sobre as festas e ela disse: **“as festas são muito boas, tem que repetir.”**

As festas sempre foram lembradas com satisfação pelos associados, o que mostra a importância de atividades lúdicas em um contexto marcado pela grande quantidade de trabalho e por problemas socioambientais. Como disse a contadora Juliana, os associados esperam o ano todo pela confraternização de final de ano, que sempre é a mais “pomposa”. Bruna disse que a diversão faz parte da vida do ser humano, o que demonstra que eles sentem a necessidade de participar de atividades extras, de “festinhas” que a maioria não tem a possibilidade de participar em outro lugar, por condições econômicas e sociais. As confraternizações permitem que os associados se relacionem de uma forma diferente, fiquem mais relaxados, conversem sobre assuntos alheios ao trabalho, além de possibilitar que se relacionem com pessoas “de fora”, com os membros do Projeto de Extensão e demais pessoas que eles trazem para fazer *shows*, contar histórias, fazer apresentações variadas, etc. A própria contadora Juliana disse que as confraternizações são um importante momento de interação.

Quando perguntei a Neli se havia algo que poderia melhorar, ela me disse que seria importante ter um trabalho mais constante: **“Fazem dois meses que eles não vem. É melhor pra nós, porque aprendemos mais.”** Isto demonstra a importância que os associados dão ao grupo de extensão, a necessidade de haver maior periodicidade nas atividades, bem como o interesse de Neli em “aprender mais”.

Júlio, o “associado poeta”, é usuário do Hospital, associado da ATUT há cinco anos. Contou-me que chegou à ATUT através do Clube da Amizade, que ele frequenta até hoje, assim como Ângela, Sílvia e Afonso, que participam das atividades do clube

duas vezes por semana, no período da tarde. No final de 2009, Júlio me surpreendeu mais uma vez. Ele ganhou o 1º lugar em um concurso de pinturas, com uma das obras que produziu na Oficina de Criatividade do São Pedro. Estava muito feliz com o reconhecimento e com prêmio de R\$ 800,00. Júlio é mais um dos associados que surpreendeu pelo afeto pela “Marthinha”: **“Tenho simpatia pela Marthinha e mais pessoas sentem isso.”**; **“ela se preocupa com a ATUT.”** Sempre que ela chegava e ele estava lá, ia correndo lhe dar um abraço. E, quando estava na coleta e voltava à Associação e ficava sabendo que tinha perdido a visita da Martha, sempre lamentava.

Júlio me falou que achava **“muito bom”** o trabalho do **“grupo da UFRGS”**, principalmente, porque **“eles doam material”** e, porque eles **“procuram saber como a gente tá.”** Júlio demonstra o quanto acha importante o fato de serem valorizados pelo grupo de extensão. Conversamos sobre as atividades dentro da Associação e ele comentou que **gostava dos passeios** e que as **palestras eram boas**: **“gostei da sobre drogas.”** Perguntei se ele achava as palestras importantes para os associados: **“as palestras ajudam. Só não ajudam mais porque o pessoal não leva adiante.”** Aqui ele também entra no ponto de que nem todos se importam com as atividades lúdicas ou então não assimilam as informações.

Júlio disse que as festas eram boas, mas, comentou, meio sem graça, que não achou correto o sorteio das cestas que fizeram no Natal de 2008: **“esse ano deram pra todo mundo. Ano passado tinha gente que ganhou dois Panetones, duas compotas; é mais correto dividir, como foi esse ano.”** Disse não conhecer mais detalhes sobre o trabalho, por estar sempre na rua, fazendo coleta. Mas, ressaltou que achava bom quando as pessoas de fora iam à ATUT: **“é bom, reconhecem nosso trabalho.”** Assim como outros associados, Júlio ressaltou a importância de terem o trabalho reconhecido por um grupo **“de fora”** da Associação. Isto mostra que estas pessoas sentem a necessidade de serem reconhecidas, valorizadas pelo trabalho que exercem.

Júlio aproveitou para comentar, com certo tom de indignação, que o Ênio e o Ademar disseram que a Martha não se preocupa com o pessoal da ATUT: **“eles disseram que as palestras atrapalham.”** A opinião do Ênio não foi surpresa para mim,

porém, o Ademar não fez nenhum comentário deste tipo em nossa conversa. Provavelmente não se sentiu a vontade. Estas divergências ocorrem em função deles não trabalharem dentro do galpão. Eles passam muito tempo trabalhando na coleta e se preocupam mais com o trabalho. Eu diria que há uma questão de gênero nas formas distintas de valorizar as atividades lúdicas. Em geral as mulheres entrevistadas valorizaram mais estas ações. Os que não se mostraram tão interessados foram os homens, mais envolvidos com o trabalho, com a preocupação com a geração de renda, sustento da família, onde não cabe a realização de outras atividades no horário de trabalho. Quando perguntei se Júlio sabia que o projeto era da área da comunicação, ele disse que não, mas ao saber disso falou: **“Sendo da comunicação, poderiam fazer um trabalho para que as pessoas de modo geral separem melhor o lixo.”** Assim como Ademar, Júlio sente os problemas na separação incorreta dos resíduos que vão para a ATUT.

Quando pedi para conversar com Seu José, usuário do Hospital, ele me disse, com certo tom de desaprovação, que não queria falar, porque não sabia muita coisa sobre o trabalho: **“fica tudo muito lá na frente, na diretoria. Só sei disso.”** A partir deste comentário pude perceber que os sentidos produzidos pelos associados também dependem do lugar que ocupam fisicamente dentro da ATUT. De fato o pessoal que trabalha e circula nas mesas da frente, foram os que mais falaram sobre o projeto, que mostraram mais afetividade em relação à Martha. Eu mesma, quando parei para pensar nisso, percebi que circulava mais nestes espaços. Quando chegava à ATUT, seguia o mesmo trajeto que fiz da primeira vez com a Martha. Dava a volta no galpão para cumprimentar todos. Mas, como a picotadeira e as prensas estavam sempre ligadas, o trabalho sempre a todo vapor, ficava difícil manter contato com o pessoal dos fundos. Quase sempre era um abano de longe. Sem falar que muitas vezes eles estavam escondidos em meio às pilhas de material que bloqueavam a passagem.

Quando desligavam a picotadeira, eu aproveitava para ir bater um papo com o pessoal lá atrás. Ao conversar sobre isso com a Martha ela também confirmou que circulava menos “nos fundos”: “O pessoal da frente a gente vê mais, o pessoal que tá lá atrás na picotadeira, poucas vezes eu vejo eles.” Então percebi: a menina, moradora da

vila, que não quis falar, normalmente fica na picotadeira, o Seu José estava sempre na palha ou na prensa, outro “paciente” que não quis falar também sempre ficava ajudando na segunda prensa ou na palha. Então, os que trabalham “nos fundos”, separados do pessoal “da frente” por uma coluna de gaiolas lotadas de material e papel picado, participam menos das atividades, das decisões e circulações de um modo geral.

Fernanda, moradora da vila, trabalha na ATUT há três anos. Ela chegou através do Ênio, seu marido. Conquistei a confiança dela aos poucos, como aconteceu com a maioria das pessoas da vila. No começo ela quase não falava comigo, mas, aos poucos, foi se abrindo. Ela mesma disse que era uma pessoa quieta, que não gostava muito de falar enquanto trabalhava. Assim como era calada, foi sucinta em nossa conversa sobre o Projeto de Extensão. Conversamos no horário do intervalo, após várias tentativas. Ela acendeu seu cigarro, uma prática comum a quase todos os associados, e disse que achava o trabalho “**muito bom**”, “**ótimo**”; “**através dele ganhamos material**”. Assim como seu marido Ênio, Fernanda tem seu foco voltado para o trabalho, para a geração de renda.

Fernanda sofreu um acidente de trabalho na picotadeira. Neste acidente ela mutilou três dedos da mão direita, perdendo o movimento de dois deles. Lembro que ela fazia sessões de fisioterapia, mas sempre dizia que não adiantava, que o médico tinha dito que precisaria operar primeiro. Ela ficou dois anos na fila do SUS (Sistema Único de Saúde) esperando por uma cirurgia e, quando recebeu a notícia de que havia chegado sua vez, estava receosa de que teria que ficar muito tempo afastada, sem trabalhar, portanto, sem receber. Disse-me que se tivesse que ficar três, quatro meses fora, como foi na época do acidente, não faria a cirurgia. Ao mesmo tempo, tinha medo, porque não recuperaria os movimentos dos dedos, apesar de não ter certeza se com a cirurgia isso de fato aconteceria. Enfim, sua preocupação mostra que a necessidade de trabalhar e receber o salário é maior que a de resolver um problema de saúde.

Sobre as palestras, Fernanda disse que **muita coisa que se fala ajuda o pessoal**. Porém, na palestra sobre respeito e solidariedade ela me disse que **já fizeram outras palestras sobre esse assunto, mas não adiantou**. Portanto, apesar de ter dito

que as palestras ajudam o pessoal, ressaltou que determinados assuntos foram abordados diversas vezes, sem surtir o efeito esperado. Quando perguntei se ela achava que algo poderia melhorar, ela disse que o trabalho era suficiente: **“mais do que ela faz não pode fazer.”** Fernanda disse que sabia que se tratava de um trabalho da área da comunicação. A conversa durou o tempo de ela fumar seu cigarro. Quando jogou a bituca no chão, nossa conversa já havia se encerrado. Mantendo sua postura séria, de mulher de poucas palavras, Fernanda se levantou e foi para sua mesa de triagem, iniciar mais um turno de trabalho.

Na comemoração do Dia das Crianças de 2009, houve uma falha na divulgação por parte da coordenadora. A festa era para as crianças, filhos dos associados. Na manhã da comemoração, as mães, moradoras da vila, comentaram que não sabiam da atividade e que não poderiam tirar os filhos da creche naquele horário. Elas reclamaram que não foram avisadas: “não avisaram, e tinha reunião ontem.” No final foram até a vila para buscar seus filhos. Duas alunas da UFRGS, componentes de um grupo de “contadores de histórias”, contaram a fábula do Flautista de Hamelin. Trouxeram gravuras e cartazes para ilustrar a história. As crianças participaram e se divertiram. As mães ouviram atentas à história. Depois que as meninas foram embora, a rotina seguiu seu ritmo normal.

Na palestra sobre respeito e solidariedade, apesar da resistência de alguns, que murmuravam que havia muito trabalho, confirmando o momento de excesso de labuta pela qual estavam passando, o palestrante conseguiu prender a atenção dos associados e fazer com que muitos participassem da atividade manifestando suas opiniões, fazendo perguntas, mostrando atenção ao fazerem gestos de aprovação com a cabeça. Alguns, ao contrário, cochilaram, utilizando aquele momento como uma pausa para descansar do trabalho desgastante. Ao final da palestra a maioria dos associados rapidamente se levantou de seus assentos, apressados para retornar ao trabalho.

As confraternizações, como dito, são sempre muito esperadas, motivo de alegria garantida. Os associados aguardavam ansiosos os comes, os bebes, os presentes. As festas aproximam os associados, a equipe técnica, o grupo de extensão, todos em

uma única teia de felicidade e afeto. Muitos associados, em épocas de Páscoa e Natal, resumem suas comemorações às que acontecem dentro do São Pedro. Muitos não têm família ou então, os que deveriam estar próximos estão distantes, espalhados pelo mundo; outros não têm condições financeiras de festejar. Os ovos de Páscoa e as Cestas de Natal foram, para muitos, os únicos presentes destas datas comemorativas. Aqueles que podiam dar presentes aos seus filhos, disseram que iriam comprar roupas, calçados, coisas úteis, necessárias, pois não poderiam se dar ao luxo de comprar um brinquedo ou qualquer outro objeto de divertimento. Em primeiro lugar as necessidades básicas e, muitas vezes não havia dinheiro nem para estas.

5.4 REENCONTRANDO AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: SUAS ANCORAGENS E OBJETIVAÇÕES

A ordem das coisas vivas não é simples, nem diz respeito à lógica aplicada a todas as coisas mecânicas, mas postula uma lógica da complexidade (MORIN, 2006).

Durante todo o processo de pesquisa estive imersa em um processo de interpretação. Este é o momento de (re)interpretação dos sentidos em busca das representações sociais, de suas ancoragens e objetivações. As representações sociais são, portanto, sentidos entrelaçados, pois ao interpretar os sentidos produzidos e ofertados pelos interlocutores, atuo, também, como produtora de sentidos, como agente do processo comunicacional que se desenrola no “Mundo ATUT”.

Ao estudar a teoria das representações sociais compreendi que interpretar o mundo vai muito além do que gostar ou não de determinado objeto. Os sentidos e a forma como são expressos sempre tem uma razão de ser. A razão da representação, o “por que” do processo representacional, que inclui a função simbólica que envolve a subjetividade e a intersubjetividade na produção dos sentidos, expressa os motivos, intenções e afetos envolvidos no processo representacional (JOVCHELOVITCH, 2008). Esta dinâmica simbólica de pessoas em interação evidencia que cada um joga

com uma subjetividade particular, expressa nos diversos simbolismos que constroem o processo representacional.

Sendo assim, o fato de gostar ou não de algo tem um motivo específico. A forma como se expressam estes sentimentos, o lugar social e até mesmo o espaço físico dizem muito sobre a forma como as pessoas olham, sentem, simbolizam, se apropriam de determinados objetos. Por este motivo me envolvi no emaranhado de fios de sentidos que alicerçam o processo constitutivo das representações sociais. Existem ainda muitos outros fios que compõem a tapeçaria das representações sociais, como por exemplo, as representações de si, como estas pessoas atuam no mundo, como se posicionam, as representações imagéticas, etc. Aqui escolhi alguns destes fios que compõem o complexo tecido das representações sociais. O processo de análise é como um caminhar que inscreve seus passos, regulares ou ziguezagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo (CERTEAU, 1994). São maneiras particulares de caminhar e de fazer. Cada ser vê de uma forma, de um ângulo, prioriza um lado, ou alguns lados, compondo um conjunto singular, único, próprio a esta forma de admirar e de trajar a veste de pesquisador.

O campo de ação é aleatório, incerto. Ele impõe uma consciência bastante aguda dos acasos, derivas, bifurcações, obrigando a aceitar a reflexão sobre sua própria complexidade (MORIN, 2006). Estou ciente de que alguns fios escapam à compreensão, ficam soltos, pendurados, reforçando a ideia de que as representações sociais expostas aqui são uma tradução da realidade, pois meu olhar é como um filtro dos processos sociais. Ao estudar as representações sociais lido com as maneiras como os grupos dão sentido ao mundo. Este estudo confirmou que as representações sociais têm pertença, ao evidenciar que toda representação é uma representação de alguém e de alguma coisa. Como pesquisadora, precisei reunir os sentidos e, a partir da minha forma de traduzir a realidade, reproduzir o processo representacional. É preciso remendar os retalhos para dar forma ao *patchwork*. Assim como as representações sociais medeiam a ação comunicativa, minhas interpretações enquanto pesquisadora medeiam o processo de construção da realidade.

Ao me deparar com o processo de análise dos sentidos para encontrar as representações sociais, percebi o quanto esta atividade é complexa. É um emaranhado de questões envolvidas que se confundem e se mesclam no processo de classificação. Devido a isso, é válido destacar que as representações sociais não são como fórmulas prontas, estáticas. Elas constituem-se de um conjunto de sentidos recorrentes, semelhantes, mas não idênticos. As representações sociais vão sendo desvendadas ao longo do trajeto. Assim aconteceu no estudo clássico de Jodelet (2005), que ao descrever em sua obra a convivência entre hospedeiros (donos das residências) e pensionistas (os loucos), relatando minuciosamente suas práticas, deixou evidente que as representações sociais vão ficando mais e mais evidentes ao longo da narrativa, revelando-se não estanques, mas sim um conjunto de significados, de sentidos, de símbolos produzidos no âmago das interações cotidianas. Isto ficou claro no processo de pesquisa dentro da ATUT. As andanças, a circulação pelos espaços da Associação, as observações e conversas ao longo de mais de um ano foram dando vida, objetivando as representações sociais sobre as ações do Projeto de Extensão.

Em todos os níveis da Associação – equipe técnica, coordenadores, demais trabalhadores – foi possível reconhecer as recorrências nas interpretações sobre as ações de comunicação. As formas de falar, de agir, de se expressar mudam conforme os valores, crenças e aprendizados anteriores e/ou paralelos à Associação. Mas, mesmo com diferentes conhecimentos, foi possível perceber uma “teoria” cotidiana sobre as ações de comunicação do Projeto de Extensão, com seus desvios, mudanças, nuances próprios do processo representacional. Estas representações sociais são construídas através das ancoragens e objetivações que constituem o “que” do processo representacional. Referem-se diretamente à construção e interpretação do objeto, aos seus conteúdos e temas abordados neste estudo (sofrimento psíquico, a inclusão social, pobreza, trabalho, comunicação, etc.). Os objetos ganham forma e sentido através deste processo constitutivo das representações sociais.

Os sentidos revelaram as duas principais perspectivas em que foram ancoradas as representações sociais sobre as ações de comunicação do Projeto de Extensão: a) o trabalho de divulgação da Associação, que trouxe mais parceiros e conseqüentemente

mais material e trabalho; b) as atividades recreativas, direcionadas aos associados, que proporcionaram entretenimento, conhecimento e interação. É nelas que me apoio para discorrer sobre os demais pontos, bem como sobre as objetivações.

É importante frisar que as ancoragens e objetivações, enquanto processos constitutivos das representações sociais, não se dissociam das demais razões e funções do processo representacional. Ou seja, a construção destas representações sociais foi mediada pela cultura organizacional, permeada pelo movimento que originou a Associação – reabilitação social e atividade terapêutica destinadas aos portadores de sofrimento psíquico –, as características dos associados – situação social, econômica, cultural –, as relações que se estabelecem entre eles, o processo de interação com o grupo de extensão, os sentidos produzidos pela coordenadora do Projeto de Extensão, etc., todos influenciam neste processo de ancorar e objetivar as representações sociais.

A importância das ações de comunicação foi muito focada na questão do material recebido, em função das parcerias firmadas com o apoio do grupo de extensão. Esta ancoragem se deve ao fato da Associação ter passado por momentos difíceis em relação ao material, situação marcada na memória dos associados. Neste período crítico, dois anos depois da fundação da ATUT, o grupo de extensão foi até a Associação para propor a realização das ações de comunicação. Foi uma coincidência muito produtiva para ambos, pois a Associação precisava de um apoio para manter as atividades e o Projeto de Extensão buscava uma Unidade de Triagem de Resíduos Sólidos que necessitasse de ações de comunicação. Dentre os meios de divulgação os interlocutores citaram, principalmente, os *folders* e o *site*, como meios de divulgar e conseqüentemente contar com a colaboração de novos parceiros. Então, se a ancoragem é um processo de resgate da memória, os associados demonstraram em suas falas que as lembranças de um passado menos produtivo foram superadas graças à parceria firmada com o Projeto de Extensão.

Os interlocutores falaram que a partir da divulgação da Associação “andou mais”, foram criadas mais vagas de trabalho, aumentou a quantidade de material. A importância das ações do Projeto de Extensão, ancoradas em sentimentos como a

gratidão, foi ressaltada em uma frase que merece destaque: “sem a divulgação não seríamos o que somos hoje.” Quando conversei com os interlocutores e solicitei que dessem sua opinião sobre as ações do Projeto de Extensão, de modo geral, a primeira lembrança que apareceu nas falas foi a questão do aumento da quantidade de material. Esta lembrança, principalmente, nos mais antigos, remete ao tempo das “vacas magras”. A questão da divulgação foi enfatizada com mais força, em todas as nossas conversas, pelo psicólogo Rodrigo, que definiu a relação como uma parceria efetiva entre um projeto social e a Universidade. Como já dito, o psicólogo tem possui um olhar mais voltado para o trabalho, para a geração de renda, por entender que a ATUT é um “negócio social”.

A segunda perspectiva em que as representações sociais estiveram ancoradas, principalmente, nas falas dos “pacientes” e da terapeuta ocupacional Letícia, foram as ações internas, direcionadas aos associados. As falas foram ancoradas na perspectiva das atividades recreativas, que possibilitam o entretenimento, a interação entre os associados e com os membros do grupo de extensão. Além disso, tornam possível a aquisição e troca de conhecimentos, como já citado. O gosto pelas atividades foi perceptível na medida em que os associados disseram que eram “ótimas”, que “gostam muito”, que “aguardam o ano inteiro pela festa de final de ano”. As possibilidades de interação aparecem em falas como “o pessoal fica mais unido”, “melhora o relacionamento”, “eles gostam” e “participam”, “fazem perguntas”. Há também as interações com os bolsistas do Projeto, que foram mostradas como dialógicas, de troca, pois estes se esforçavam para que os associados participassem ativamente das ações.

A possibilidade de adquirir novos conhecimentos apareceu quando associados disseram que as palestras eram “educativas”, “instrutivas”. Outros disseram que “o pessoal pensa no que ouviu”, “são assuntos do dia-a-dia”, “as pessoas não sabem e ficam sabendo”. Para alguns associados as ações internas precisaram ser lembradas, assim como para outros todas as ações precisaram ser resgatadas da memória através de perguntas mais estruturadas. Mas, de qualquer forma, assim que lembravam, as opiniões, em sua grande maioria eram positivas, afetivas, apareciam de imediato. Neste ponto cabe ressaltar muitos dos comentários sobre as características dos associados,

pois a maioria toma medicamentos fortes e, as próprias especificidades dos tipos e graus de sofrimento psíquico influenciaram no momento das falas. Apesar destas dificuldades, não foi difícil perceber a afetividade envolvida no processo comunicacional.

Estas ancoragens produziram outros focos de discussão dentro da Associação que foram ligados a participação do grupo de Extensão dentro da ATUT. O primeiro diz respeito ao foco no trabalho terapêutico, enfatizado, principalmente, pela terapeuta ocupacional Letícia. De acordo com ela, a grande quantidade de material é positiva para a Associação no momento em que permite a contratação de novos associados e o aumento da renda. Porém, o foco excessivo no trabalho fez com que se perdesse o trabalho terapêutico, que no princípio, era a principal função da ATUT. De acordo com Letícia, o grupo de extensão pode contribuir no planejamento focado num aumento das ações de comunicação, que a terapeuta considerou como atividades terapêuticas: ir ao museu, ao cinema, assistir às palestras, participar de confraternizações. Esta questão foi levantada, pois neste ano que se passou o excesso de trabalho foi um dos motivos do prejuízo ao andamento das atividades direcionadas aos associados da ATUT. Estas atividades podem gerar um processo de mudança de representação em relação aos portadores de sofrimentos psíquico e mesmo em relação aos moradores de vila, pois permitem a participação social, evitam o isolamento, inserem estas pessoas em outros espaços sociais. Esta é uma forma contemporânea de representar estas pessoas marginalizadas, baseada na comunicação direta, face a face, da qual fala Wolton (2006) e nas práticas dialógicas que buscam a interação entre saberes que dão origem a novas formas de conhecer e habitar o mundo. Ou seja, apesar das representações fossilizadas que ainda existem sobre o “louco”, sobre o “favelado”, existem ações que buscam uma reflexão crítica sobre estas representações, principalmente, a partir da comunicação, da reinserção social, de experiências de troca, de vivência prática.

A questão do foco direto no trabalho, por parte dos moradores da vila, também foi motivo de discussão. As falas e observações revelaram que o grupo da vila está mais preocupado com a questão da renda, pois quanto mais trabalham, mais ganham. Isto se deve ao fato de que a ATUT é o único meio de sobrevivência deles, enquanto que muitos usuários do Hospital ganham outros benefícios. Este foco criou determinados

sentidos, divergentes da maioria do grupo, como o fato de alguns moradores não se interessarem pelas atividades direcionadas aos associados por acreditarem que atrapalham o trabalho.

Ao falar desta parceria de anos, alguns associados frisaram que a Martha nunca abandonou a ATUT, que sempre esteve presente, atuante. Estes sentidos revelaram uma das características mais marcantes da relação entre ATUT e Projeto de Extensão: a objetivação dos sentimentos, das interpretações, dos afetos na figura da coordenadora do projeto, Martha, carinhosamente conhecida por todos como “Marthinha” ou “Dona Marthinha”. Objetivar é dar nome as coisas, nomes familiares. É comparar algo a outras categorias já existentes no imaginário. O Projeto de Extensão foi projetado, objetivado na figura da Martha em função de sua constante presença, de sua relação de proximidade com os associados. Esta presença era mais familiar do que o nome formal “Projeto de Extensão”, ou mesmo ações de comunicação. Os associados sabiam que se tratava de um projeto de comunicação, ligado à FABICO e a UFRGS. Mas o que importava para eles era que o projeto era da “Marthinha”, as ações eram realizadas pela “Marthinha”. Quem trazia as “coisas boas”, “ótimas” era a “Marthinha”. A afetividade normalmente é direcionada a alguém, neste caso, o gosto, a gratidão, a parceria foram objetivadas na figura da coordenadora do Projeto de Extensão.

Ao ancorar e objetivar, as pessoas utilizam suas crenças e valores para comparar representações de objetos novos, desconhecidos, a representações de objetos já existentes. Então, o foco é comparar, usar o que já se conhece, bom ou ruim, deus ou diabo, para dar nome àquilo que as pessoas gostam ou odeiam. Então, as representações sociais sobre o Projeto de Extensão estão associadas à Martha, objetivadas na comunicação face a face. O contato direto e duradouro com a Martha produziu afetos. Os associados citavam constantemente as ações e atividades que ela realizou, a sua preocupação com os associados, a sua colaboração, etc. Ela foi comparada a figuras afetivas conhecidas no imaginário popular como “Papai Noel”, “Anjo”, “Madrinha”. Assim como Deus foi comparado a um pai para tornar sua imagem objetiva (MOSCOVICI, 2007), a Martha foi comparada a figuras que traziam boas recordações aos associados. O Papai Noel é quem traz presentes, Anjo é aquele que ajuda, protege,

acompanha, Madrinha é quem auxilia, presenteia, participa. Foram os atributos de sentidos dados à “Marthinha”, como uma forma de reconhecimento pelo seu trabalho e dedicação.

A Martha foi interpretada como alguém por quem os associados têm adoração, que dá coragem, que se preocupa com a Associação, que causa simpatia nos associados. Estas representações mostraram o quanto a comunicação e a relação direta e afetiva com a Martha é fundamental para os associados. Este reconhecimento valoriza a oralidade, as relações face a face. Uma interação “positiva”, “gratificante”, “harmoniosa”. Uma associada disse que “entram e saem pessoas e a Marthinha continua”, por isso que a comunicação ou o Projeto de Extensão são menos importantes do que a figura da “Marthinha”. Como já dito, a comunicação e o Projeto de Extensão são linguagens burocratizadas, são formas de ancorar os saberes científicos. A comunicação que acontece nas práticas cotidianas não utiliza estes saberes, esta não é a linguagem dos associados. Portanto, ao dar nome para o Projeto de Extensão, os associados o nomearam como o “Projeto da Marthinha”, pois seus saberes estão ligados à comunicação direta, dialógica, face a face. Estas relações, inclusive, favoreceram minhas abordagens no momento das entrevistas.

As recorrências e semelhanças que denunciam a existência de saberes comuns sobre determinado objeto, demonstraram que as ancoragens sobre o Projeto de Extensão estão baseadas em interações afetivas, na amizade, no carinho, na parceria, na gratidão, na colaboração, na troca, próprias de uma interação dialógica. As primeiras interpretações do psicólogo Rodrigo sobre as ações de comunicação, quando disse que não via necessidade, relevância, mudaram conforme as relações foram evoluindo. É uma demonstração de que o que é “estranho” e recusado em um momento pode ser importante e necessário em outro.

Estas ancoragens e objetivações mostram que as representações sociais nascem na vida social, no contexto das organizações, se diferenciam umas das outras em função dos valores, dos significados que determinam as formas de interação entre os membros do grupo e destes com outros públicos. Ou seja, a cultura organizacional determina o

processo representacional. Esta particularidade é percebida na ATUT, principalmente, focada na questão do sofrimento psíquico. O fato de estar dentro uma instituição psiquiátrica direciona o foco para os “pacientes”, motivo de fundação da Associação. Cria-se uma “aura” de interesse e preocupação em relação aos portadores de sofrimento psíquico. Os moradores da vila compartilham estas formas de agir e pensar. Como minoria reconhecem a importância dos “pacientes” para a Associação. Os moradores do Hospital que circulam pelo pátio da ATUT “refrescam” a memória dos que esquecem que estão trabalhando dentro de uma instituição psiquiátrica. O interesse pela particularidade nas atividades da Associação gira em torno do fato de ser a única Unidade de Triagem do Brasil que trabalha com portadores de sofrimento psíquico.

O contexto estudado mostrou que os protagonistas do “Mundo ATUT” são os portadores de sofrimento psíquico e, os moradores da vila, apesar de sua extrema importância na realização de atividades, atuam como coadjuvantes, principalmente, aos que olham de fora. A denominação da Associação que leva o nome do Hospital Psiquiátrico São Pedro, faz com que as pessoas que olham de fora estabeleçam esta relação. O trabalho de Selda Engelmann (2003) dentro da ATUT é um exemplo de que a questão da doença mental chamou atenção. Eu mesma fui atraída para a Associação em função desta característica peculiar. O número de usuários do Hospital é bem maior que o de moradores da vila, o que inevitavelmente privilegiou as falas e ações dos primeiros. Os “pacientes” costumam ficar mais tempo dentro da Associação do que os moradores da vila. Vários dos interlocutores trabalham na ATUT desde meados de sua fundação. Isto mostra o quanto o trabalho é importante à reinserção social dos portadores de sofrimento psíquico e, provavelmente, um dos poucos meios de reinserção, já que a forma das representações instituídas sobre eles dificulta a ruptura, o processo de mudança que permita que eles circulem em outros espaços, trabalhem em outros lugares. O trabalho na ATUT e as ações do Projeto de Extensão proporcionam novos percursos, mas não há como negar que a segregação em relação ao doente mental ainda é marcante.

Este ano foi difícil para realizar atividades extras, pois a Associação estava com excesso de trabalho e os técnicos com falta de tempo para direcionar melhor as

prioridades terapêuticas e lúdicas. A terapeuta ocupacional queixou-se do fato de não conseguir dar mais atenção aos acontecimentos ligados à Associação, por ter sido designada para coordenar outras atividades dentro do Hospital. De acordo com a coordenadora do Projeto de Extensão, o grupo enfrentou problemas de planejamento e logística devido à falta de profissionais dispostos a palestrar gratuitamente. A epidemia de Gripe A também afastou algumas das possibilidades de encontro. Houve também problemas com os bolsistas que não realizaram adequadamente suas atividades, sobrecarregando a coordenadora. Estas questões atrapalharam o andamento do planejamento anual. Isto demonstra que o planejamento é importante, mas é preciso ter consciência que as práticas cotidianas exigem flexibilizações.

Alguns associados, inclusive, comentaram que as atividades poderiam ter acontecido com mais frequência, fazendo com que o pessoal as tivesse “mais frescas” na memória. Como não é possível estar presente no passado, que só é lembrado nas falas dos interlocutores, me permiti dissertar sobre o que vi neste tempo em que estive no campo. As observações que faço não desmerecem ou diminuem as atividades realizadas ao longo de 8 anos de interação extremamente valorizadas pelo pessoal da ATUT. O período em que estive no campo, é apenas um fragmento de um trabalho maior que tem sua própria história, com anos mais ou menos “rentáveis” no que tange as ações de comunicação.

A função de tornar o não-familiar familiar, o mais importante exercício de constituição das representações sociais, o seu “para que”, foi evidenciada no processo de reconhecimento e tomada de perspectiva do outro e, facilitada pela convivência com a diferença dentro da ATUT. As relações próximas com pessoas “de fora” facilitaram o processo de transformar o exótico em familiar. A rotina marcada pelos encontros com os “de fora” – estudantes, especialistas, estagiários, pesquisadores – e, com os “de dentro” – moradores da vila, portadores de sofrimento psíquico, especialistas – resultou em encontros diários com a alteridade. O fato de eu ter vindo da UFRGS, uma instituição familiar, através da Martha, uma figura afetiva para os associados, também facilitou minha entrada no campo. Há neste processo uma negociação dos sentidos, já que as representações sociais medeiam formas diferentes de saber que entram em

contato. Ao encontrar o outro é preciso ajustar os sentidos para que haja reconhecimento e compreensão mútuos.

O “quem” da representação, como já dito, foi explicitado no perfil dos associados e na contextualização da Associação. Suas identidades marcadas pela luta pela sobrevivência, pelo sofrimento psíquico e por outros problemas socioambientais evidenciados neste estudo, foram projetadas na constituição das representações sociais sobre as ações do Projeto de Extensão. O “como” da representação, ou seja, os processos de comunicação e interação contornaram as produções de sentido, demonstrando os diferentes modos de agir, de comunicar, de interagir. As representações sociais são produzidas na comunicação; suas modalidades são definidas no processo de interação.

Todo o processo descrito aqui é comunicacional, baseado em interações sociais, permeado pela subjetividade e pela intersubjetividade – o “porque” das representações. Este percurso foi essencial à modelagem do tecido representacional. Este “como”, esta comunicação, esteve baseada na cooperação e no diálogo, processos inerentes ao reconhecimento e tomada de perspectiva do outro. As representações sociais surgiram através da interação, da comunicação entre diferentes pessoas envolvidas no processo comunicacional – pesquisadora, associados, grupo de extensão. Em função disto, considero ser importante resgatar algumas reflexões teóricas sobre comunicação e extensão a partir do que foi vivido e experienciado na ATUT, como uma forma de corroborar com as metodologias de ação do Projeto de Extensão.

6 COMUNICAÇÃO E EXTENSÃO: REFLEXÕES SOBRE O VIVIDO E O EXPERIENCIADO

“Somos somente uma parte de uma ecologia de saberes, cada uma das quais partindo de um ponto distinto e pensando que tem algo a contribuir.”
(SPINK, 2008, p. 76).

Ao procurar a comunicação e um lugar diferente, conheci seus traços através dos sentidos produzidos, ofertados e compartilhados pelas pessoas que produzem estas ações e pelos seus receptores. Esta relação entre produtores/receptores e receptores/produtores deu vida a um complexo e intenso processo comunicacional, do qual fiz parte durante o trajeto de pesquisa. Em função disso, achei importante refletir, a partir do vivido e do experienciado, complementado com revisão bibliográfica, sobre que comunicação é desenvolvida pelo Projeto de Extensão “ATUT: Reciclando Vidas com Inclusão Social”. Busquei uma revisão de conceitos que não foram abordados na trama teórica. Trata-se, portanto, de um entrelace entre os saberes reificado e consensual.

No âmago das interações entre o grupo de extensão e a ATUT encontrei um processo comunicacional que me surpreendeu pela simplicidade e complexidade concomitantes e complementares. Este contato com diferentes formas de fazer e pensar a comunicação expande seus significados e minhas interpretações; dá margem a novas discussões sobre o papel da comunicação na vida cotidiana. Seja esta comunicação uma ação planejada, seja presente nas inter-relações entre as pessoas, ela se mostrou tecida conforme a realidade e as necessidades do grupo que constrói diariamente o “Mundo ATUT”.

Foi possível visualizar ações de comunicação maleáveis, com vários nomes, vários formatos e símbolos; uma proposta multidisciplinar envolvendo diferentes áreas. Os comunicadores, planejadores do Projeto de Extensão, se mostraram tolerantes e dispostos a adaptar-se às necessidades daqueles que escolheram para contribuir com

ações de comunicação. Organizar a fila do café se tornou uma ação de comunicação, assim como ensinar a utilizar corretamente os banheiros, organizar palestras sobre respeito, drogas, meio ambiente, realizar festas de final de ano, até desenvolver murais e materiais midiáticos. As ações de comunicação desenvolvidas pelo Projeto de Extensão a um grupo particular de pessoas mostrou o quanto pode ser complexo pensar a comunicação em um contexto organizacional como a ATUT – um lugar ancorado nas marcas do preconceito, do estigma, da exclusão/inclusão, da sobrevivência.

Então, ao me questionar sobre que comunicação se desenrola na ATUT, inclusive, teoricamente falando – comunitária, popular, alternativa –, cheguei à conclusão de que se tratava de uma tecedura formada por fios de comunicação informal e formal, popular e comunitária, uma comunicação maleável, uma miscelânea em movimento em que as definições teóricas e técnicas importam mesmo aos “especialistas”, não ganhando grande relevância no contexto da ação e da interação. Esta comunicação, portanto, fugiu a conceitos prontos ou lineares.

Muitos foram os caminhos que percorri buscando a comunicação. Com o tempo, com os vai e vens, com as descobertas, fui recortando, fazendo e refazendo, enredando, entrelaçando e desmanchando o tecido, para chegar a uma tapeçaria complexa, uma comunicação tecida nas práticas cotidianas. Conheci um processo iniciado de fora para dentro, de uma Universidade para um projeto social; um grupo que se inspirou na comunicação comunitária, para desenvolver ações participativas, interativas, de inclusão e não apenas de extensão do conhecimento científico, tradicionalmente conhecido como superior. De acordo com Tarizzo (2007), nossa existência é sempre uma coexistência e o sentido do ser é o simples “com” existência: “[...] o ser-uns-com-os-outros, que é o sentido, cada vez singular e diferente, plural, da nossa “comum” existência.” (p. 36). É o outro que dá sentido a nossa existência e às nossas ações, pois não existimos, não agimos sozinhos. Foi o Outro que deu sentido às ações do grupo de extensão.

Ana Fonseca, uma das precursoras do Projeto de Extensão, escreveu em seu artigo sobre a intervenção do Projeto de Extensão na ATUT (2003), que as

metodologias utilizadas estavam embasadas nas relações comunitárias, relações públicas e comunicação comunitárias, seguindo os preceitos da comunicação como prática libertadora de Paulo Freire. A partir deste posicionamento, resolvi rever algumas discussões e apontamos sobre comunicação comunitária e sobre as visões de comunicação e extensão de Paulo Freire (1983), complementando com as teorizações de Boaventura de Sousa Santos (2004), que traz o conceito de ecologia dos saberes. Procurei entrelaçar estes apontamentos às minhas observações sobre a atuação do grupo de extensão dentro da ATUT. Fiz esta escolha, com o objetivo de fazer um retorno ao geral da teoria, com novas abordagens, para entrelaçá-lo ao particular das práticas cotidianas na Associação, com o intuito de demonstrar a comunicação comunitária em ato; uma aplicação prática, um exemplo, a partir dos preceitos teóricos que tratam da comunicação como uma prática cotidiana, da relação com o outro.

De acordo com Cogo (1998), a comunicação comunitária, assim como a alternativa, a dialógica, a participativa, a libertadora, a comunicação de resistência, etc., é uma das denominações dadas ao conceito de comunicação popular. Este é um modelo que contrapõe o antecessor, modelo linear emissor – mensagem – receptor, em que este último era interpretado com um ser passivo, submetido à mensagem, ao emissor. Dentro desse modelo de comunicação popular, proposto por latino-americanos, o receptor deixa de ser visto como um ser passivo e começa a atuar como emissor e vice-versa. Este modelo é, portanto, mais democrático, mais humanizado e menos elitista (COGO, 1998).

Ao solicitar a participação de trabalhadores da ATUT para tomar decisões, ao levá-los para participar de palestras dentro da UFRGS e para oficinas de triagem de resíduos, ao solicitar informações sobre separação de materiais dentro do Galpão, nas mesas de triagem, como a Martha fazia, são exemplos de interação e troca com o receptor, que é visto com um agente do processo, e não alguém que precisa de correção e transformação. O grupo de extensão observou através de pesquisas que poderia auxiliar a ATUT com ações de comunicação, mas a evolução, a melhoria, foi construída em conjunto.

Compreendi, então, que as ações de comunicação do Projeto de Extensão realmente corroboram com a proposta da comunicação comunitária, popular, de interação comunicacional baseada na ruptura da relação passiva e linear entre emissor e receptor, instaurando um processo comunicacional mais dialógico e crítico, que favorece a reciprocidade e a relativização (COGO, 2007). Ao citar Mario Kaplún (2002), um dos propositores da comunicação popular, Denise Cogo enfatizou esse processo recíproco que deve haver na proposta de comunicação comunitária.

A verdadeira comunicação, dizem, não está dada por um emissor que fala e um receptor que escuta, mas por dois ou mais seres ou comunidades que intercambiam e compartilham experiências, conhecimentos, sentimentos. [...] Através desse processo de intercâmbio, os seres humanos estabelecem relações entre si e passam da existência individual isolada à existência social comunitária (COGO, 2007, p. 152).

A comunicação comunitária prioriza a pluralidade de vozes, busca democratizar o diálogo e reduzir visões preconcebidas e preconceituosas sobre os mais diversos grupos atuando na direção de uma estrutura polifônica (PAIVA, 2007). Ao trabalhar com um grupo formado por portadores de sofrimento psíquico e moradores de uma das vilas mais precárias de Porto Alegre, colaborando na divulgação de seu trabalho e no desenvolvimento de atividades que proporcionam entretenimento, informação, troca de saberes, o grupo de extensão elevou a ATUT a um lugar de destaque, a um lugar de visibilidade, de resgate da credibilidade do grupo. A quantidade de parceiros, pequenas, grandes e médias empresas, instituições federais e municipais, até pessoas físicas, que trazem, de toneladas de material até unidades de sacos plásticos que lotam os porta-malas dos automóveis destes colaboradores, mostram quão importante foram as atividades ações de comunicação.

Para Paiva (2007), a comunicação comunitária constitui-se como uma forma contra-hegemônica no campo comunicacional. Este aspecto é mais explorado no que tange à prática. Além disso, este tipo de comunicação produz novas formas de linguagem, de expressão, onde as pessoas se percebem como participantes do processo, no decurso das trocas de saberes, em que elas adquirem novas formas de conhecimento e expressam as suas. Sendo assim, a comunicação comunitária atua “[...] como lugar

propiciador de novas formas de reflexão sobre a comunicação.” (PAIVA, 2007, p. 145).

De acordo com Cogo (1998), na maior parte dos países latino-americanos a comunicação popular emerge no interior de movimentos e organizações populares. Esta inserção, de acordo com a autora, atribui sentido político à comunicação popular, pois as práticas e experiências comunicativas cumprem um papel na defesa dos interesses e na expressão das reivindicações destes grupos. “A comunicação comunitária está, assim, relacionada com as necessidades dos movimentos de resistência e reivindicação e, em cada um deles, vai ganhando significado e identidade próprios.” (COGO, 1998, p. 39). Na ATUT, a comunicação comunitária ganhou significado próprio na medida em que o Projeto de Extensão desenvolveu ações de divulgação e inclusão social para um grupo particular de trabalho, que de acordo com a coordenadora do Projeto de Extensão, deve servir como de modelo de reinserção social de grupos marginalizados, principalmente, em relação aos portadores de sofrimento psíquico. Esta singularidade demonstra que as especificidades do contexto remodelam o conceito de comunicação comunitária, ao mesmo tempo em que o avivam numa lógica própria da comunicação em ato, recebendo um contorno especial nas práticas cotidianas. Para Denise Cogo,

[...] por essa perspectiva, o contexto torna-se essencial, gerando e fornecendo lógica à comunicação popular, ou seja, o conceito “popular” passa a dizer respeito muito mais a uma inserção num contexto alternativo de luta, atribuindo, assim, uma nova definição à comunicação comunitária, que também passa a ser entendida, segundo Pedro Gilberto Gomes “como aquela que se insere num contexto alternativo, que é o do enfrentamento com o projeto de dominação capitalista e nele define-se como agente de definição do projeto popular.” (COGO, 1998, p. 40).

A autora ainda complementa que o movimento popular não faz comunicação por comunicação (COGO, 1998). Isto foi possível perceber na ATUT, onde o grupo de extensão busca através de suas ações, contribuir para a inclusão social dos trabalhadores. Portanto, além das ações de comunicação propriamente ditas, busca-se “[...] um processo transformador no qual o componente comunicacional se une ao pedagógico e organizativo.” (COGO, 1998, p. 40). No caso da ATUT se une também ao componente terapêutico.

Raquel Paiva (2007) ressalta a existência de uma intensa atividade de setores universitários, professores e alunos desenvolvendo trabalhos no âmbito da comunicação comunitária: “No Brasil inteiro, florescem projetos que trazem esta marca. São todos muito ativos, obtém vitórias pelo fato de se incrustarem nos imensos vácuos deixados pelo poder público [...]” (PAIVA, 2007, p. 137). Isto é o que acontece na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FABICO/UFRGS. O Projeto de Extensão iniciou em uma disciplina do Curso de Relações Públicas da Faculdade, foi ganhando força e atualmente é vinculado à direção e ao projeto de gestão ambiental; trouxe o trabalho da ATUT para dentro da Universidade, com o intuito de sensibilizar as pessoas sobre os problemas ambientais e, principalmente, sobre a produção e o descarte dos resíduos sólidos. O desenvolvimento de ações de comunicação do Projeto de Extensão proporciona aos alunos, professores e funcionários envolvidos, uma atividade eminentemente prática, o reconhecimento de ações sociais, o envolvimento com um grupo particular de pessoas, normalmente alheias ao universo em que vivem os universitários, uma experiência prática que os faz enxergar que as ações de comunicação não requerem uma receita pronta e sim uma constante adaptabilidade.

A comunicação comunitária trata-se de informar os estudantes sobre as experiências de comunicação nos movimentos sociais, organizações governamentais e não-governamentais nas áreas de educação, saúde, meio ambiente, entre outras. Ou seja, espaços que buscam profissionais para atuar na perspectiva transdisciplinar, com criatividade e habilidade para estimular processos em prol de mudanças. Qualificações que exigem muito mais do que o uso instrumental da mídia (RABELO, 2007, p. 122).

Fonseca (2003) também enfatizou, como já citado, os preceitos da comunicação como prática libertadora, de Paulo Freire. De acordo com Cogo (2008), Paulo Freire é o grande inspirador da corrente latino-americana que promove e pensa criticamente a comunicação: “a teoria da comunicação dialógica e libertadora proposta pelo educador brasileiro como superação de um modelo de 'educação bancária' se coloca como a grande chave para o entendimento e a construção de uma proposta de comunicação.” (COGO, 1998, p. 29). De acordo com Freire (1983, p. 44) “[...] o mundo social e humano, não existiria como tal se não fosse um mundo de comunicabilidade

fora do qual é impossível dar-se o conhecimento humano. A intersubjetividade ou a intercomunicação é a característica primordial deste mundo cultural e histórico.”

Em sua obra, Paulo Freire (1983) afirma que o mundo é um mundo da comunicação, pois não há pensamento isolado, já que não há homem isolado: “[...] o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário.” (FREIRE, 1983, p. 45). De acordo com o autor, é nesta coparticipação das pessoas no ato de pensar que se dá a comunicação. E nesta interação a base da relação é o diálogo: “[...] o que caracteriza a comunicação enquanto este ato de comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo.” Devido a isso, o autor reforça que a comunicação implica numa reciprocidade que não pode ser rompida; por isso que na comunicação não há sujeitos passivos (FREIRE, 1983, p. 45).

Paulo Freire (1983), nega o termo extensão, pois acredita que ele possui um caráter anti-dialógico. Em sua obra “Extensão ou Comunicação?” o autor faz uma análise semântica do termo extensão e discute seu equívoco gnosiológico, ou seja, numa perspectiva mais filosófica, a validade deste termo a partir do que se conhece sobre ele, na prática, na relação homem-mundo. Esta reflexão é feita a partir e sobre o discurso dos agrônomos extensionistas em relação às suas ações e relações com os agricultores camponeses²². Dentre as características da teoria anti-dialógica da ação está a invasão cultural, onde o invasor impõe suas visões de mundo, reduz as pessoas do espaço invadido a meros objetos da ação. As relações entre invasor e invadido são autoritárias, situam-se em posições antagônicas. Seu intuito é de manipular e conquistar (FREIRE, 1983).

A manipulação e a conquista, expressões da invasão cultural, são caminhos da “domesticação” e não da libertação. As relações “homem-mundo”, não podem ser pensadas como práticas estáticas, passivas, onde há um sujeito passivo, são práticas

²² “O que busca o extensionista não é estender suas mãos, mas seus conhecimentos e suas técnicas. [...] a ação extensionista envolve, qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aqueles que a fazem, de ir até a ‘outra parte do mundo’, considerada inferior, para, à sua maneira, ‘normalizá-la’. Para fazê-la mais ou menos semelhante a seu mundo.” (FREIRE, 1983, p. 11-13).

humanas, que envolvem o ato de comunicar e comunicar-se (FREIRE, 1983).²³ E é por isso que “[...] o humanismo verdadeiro não pode aceitá-las em nome de coisa alguma. [...] daí que, para este humanismo, não haja outro caminho senão a dialogicidade. Para ser autêntico, só pode ser dialógico.” (FREIRE, 1983, p. 28). Para o autor ser dialógico

[...] é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. [...] o diálogo não pode travar-se numa relação antagônica. [...] o diálogo é o encontro amoroso entre os homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos. [...] Este encontro amoroso não pode ser, por isto mesmo, um encontro de inconciliáveis. Não há nem pode haver invasão cultural dialógica; não há manipulação nem conquista dialógicas: estes são termos que se excluem (FREIRE, 1983, p. 28).

Este diálogo requer que os envolvidos conversem, troquem experiências, se reconheçam, tomem a perspectiva do outro, encontrem a alteridade, que cada um compreenda o ponto de vista do outro e ao entrelaçarem seus saberes, produzam novas formas de conhecimento, sem que um soterre o saber do outro. Para isso é preciso o entendimento, por mais difícil, tenso, complexo e lento que ele possa parecer. Porque é nesta experiência de troca que as pessoas evoluem, que descubrem coisas novas sobre o mundo que representam. Para Freire (1983, p. 45), “[...] é então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito.”

Freire (1983) reconhece que a extensão poderia não ser isto que ele está afirmando, que ela poderia ser educativa. Mas, mesmo assim, o autor acredita que este termo nega a função “educador-educando” do agrônomo.²⁴ Ele acredita que os

²³ “Precisamente porque a ação extensionista se dá no domínio do humano e não do natural, o que equivale dizer que a extensão de seus conhecimentos e de suas técnicas se faz aos homens para que possam transformar melhor o mundo em que estão, o conceito de extensão também não tem sentido do ponto de vista humanista. E não um humanismo abstrato, mas concreto, científico.” (FREIRE, 1983, p. 12-13).

²⁴ “Desta análise se depreende, claramente, que o conceito de extensão não corresponde a um que-fazer educativo libertador. Com isto não queremos negar ao agrônomo, que atua neste setor, o direito de ser um educador-educando, com os camponeses, educandos-educadores. Pelo contrário, precisamente porque estamos convencidos de que este é o seu dever, de que esta é a sua tarefa de educar e de educar-se não podemos aceitar que seu trabalho seja rotulado por um conceito que o nega.” (FREIRE, 1983, p. 13).

agrônomos devem atuar como “educadores-educandos” e os camponeses da mesma forma como “educandos-educadores”. E, como educador, o agrônomo “[...] se recusa a ‘domesticação’ dos homens, sua tarefa corresponde ao conceito de comunicação e não de extensão.” (FREIRE, 1983, p. 14). Então, ainda que reconheçamos que nem todos os extensionistas façam invasão cultural, não é possível ignorar a conotação ostensiva desta invasão que há no termo extensão (FREIRE, 1983).

O Projeto de Extensão não atua do modo citado e exemplificado por Paulo Freire. Ao contrário, segue os seus preceitos de dialogicidade, da comunicação como prática libertadora, inversos às práticas extensionistas por ele citadas. As palavras da coordenadora confirmaram o interesse em dar autonomia à Associação, a partir, inclusive, do que eles consideram importante; saberes estes balizados pelos saberes especializados em práticas de assessoria de comunicação. “Eles tomaram o rumo deles. Quem resolve sobre o que fazer não é a gente, a gente faz o que eles pedem.” (MARTHA).

Ana Fonseca (2003), salientou que foram priorizadas atividades voltadas à comunicação, conscientização comunitária e ecológica, auto-valorização, integração, sociabilização dos associados e da imagem da ATUT. Martha continua seguindo à risca os ensinamentos da antiga coordenadora do Projeto de Extensão, Professora Ana Fonseca, que escreveu em seu artigo que é importante salientar que o processo vivencial de trocas fica enriquecido com a aprendizagem que ocorre através das relações entre acadêmicos e membros do grupo ATUT (FONSECA, 2003). E, ainda, que “[...] a dimensão do conhecimento da realidade, por parte dos trabalhadores, vai, então, depender mais do envolvimento, das vivências e participação desses sujeitos na ação.” (FONSECA, 2003, p. 09).

Portanto, percebe-se que o nome “Projeto de Extensão” está mais adequado a lógica da Universidade, que norteia suas atividades e cumpre suas funções por meio de Ensino, Pesquisa e Extensão, para receber apoio, subsídios, verbas para bolsistas e participar do calendário acadêmico, do que uma prática extensionista propriamente dita – nos moldes denunciados por Paulo Freire. Inclusive, Fonseca (2003), citou em seu

trabalho que o grupo precisava se adequar ao calendário da Pró-Reitoria de Extensão para realização dos projetos. E, isto foi visto pela autora como uma das principais dificuldades: “[...] a defasagem entre os calendários letivos da extensão e da graduação da UFRGS, greve dos funcionários federais nesta universidade.” (p. 13).

As práticas universitárias influenciaram no desenvolvimento das ações do Projeto de Extensão. Por exemplo, no período de férias não há bolsistas, praticamente não há atividade na Universidade, o que faz com que o projeto fique “parado” neste prazo de três meses. Eu fiquei da metade do mês de dezembro de 2008, após a festa de final de ano, até início de março de 2009 na ATUT, sem ver a presença do grupo de Extensão. E, a falta de engajamento de muitos profissionais da área acadêmica também dificultou o desenvolvimento de algumas ações – a própria coordenadora do projeto relatou o desinteresse de muitos em trabalhar “de graça”.

Existem muitos profissionais qualificados, das mais diversas áreas dentro da instituição, mas nem sempre estão disponíveis e/ou interessados em colaborar com as atividades. A Martha me contou que tentou realizar uma palestra sobre segurança no trabalho, mas não encontrou ninguém que se animasse a realizá-la. As duas palestras que vi, além da ministrada pela Martha, foram realizadas, gratuitamente, por pessoas de fora da Universidade.

De qualquer forma, por ser um projeto da área da comunicação, as práticas alicerçadas em perspectivas de troca saberes, de interação, de evoluir juntos, valem mais do que o próprio nome “Projeto de Extensão”. Então, aqui a Extensão e a Comunicação se entrelaçam, favorecendo a visão comunitária, democrática e libertadora da comunicação, que afastam a sombra da prática extensionista.

Sendo assim, Santos (2004), reflete sobre as atividades de extensão como prática universitária, sob o viés democrático, da comunicação, do diálogo, mandamentos, inclusive, da comunicação comunitária e, não no sentido de estender um conhecimento superior a outros inferiores. De acordo com o autor, as atividades de extensão devem ter como objetivo prioritário o apoio solidário na resolução dos

problemas da exclusão e da discriminação, dando voz aos grupos excluídos e discriminados (SANTOS, 2004). Para que haja esta relação de apoio, de parceria, Santos (2004) traz o conceito da ecologia dos saberes que está situado na procura de uma reorientação solidária da relação universidade-sociedade. De acordo com o autor,

[...] a ecologia de saberes são conjuntos de práticas que promovem uma nova convivência ativa de saberes no pressuposto que todos eles, incluindo o saber científico, se podem enriquecer nesse diálogo. Implica uma vasta gama de ações de valorização, tanto do conhecimento científico, como de outros conhecimentos práticos, considerados úteis, cuja partilha por pesquisadores, estudantes e grupos de cidadãos, serve de base à criação de comunidades epistêmicas mais amplas que convertem a universidade num espaço público de inter-conhecimento onde os cidadãos e os grupos sociais podem intervir sem ser exclusivamente não posição de aprendizes (SANTOS, 2004, p. 57).

A ecologia dos saberes, assim como a teoria das representações sociais, problematiza a pesquisa como prática dialógica, não dicotomiza os saberes, muito menos vangloria um em detrimento do outro. Tanto o saber científico, quando o saber comum tem valor legítimo, de troca, no escambo das práticas cotidianas. Santos (2004), não abandona o termo extensão, amplamente utilizado nas universidades. Apenas o renova, reinventa-o, dando espaço para o que há e o que pode ser feito de positivo no âmbito dos trabalhos de extensão.

A ecologia dos saberes é, por assim dizer, uma extensão ao contrário, de fora da universidade para dentro da universidade. Consiste na promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental, etc.) que circulam na sociedade (SANTOS, 2004, p. 56).

Inclui-se neste grupo de saberes leigos, comuns, aqueles produzidos na cultura ocidental, em um sistema capitalista. A partir da união de saberes a ATUT foi criada e chegou onde está mantendo esta tessitura, entrelaçando vários saberes. O “Mundo ATUT”, que sobreviveu a tempos difíceis, contornou momentos instáveis, sobrevive a dez anos em um sistema preconceituoso e excludente do qual depende, mostrando que a união e a troca de diferentes saberes é uma forma positiva de alcançar os objetivos.

A proposta multidisciplinar do Projeto de Extensão já é um dos eixos que sustentam a proposta dialógica, que foi dividida, multiplicada, ampliada nas interações com os associados da ATUT. Claro que nem sempre as ações funcionam exatamente dentro desta lógica, ou como os membros do Projeto de Extensão gostariam que fosse. Justamente por ser um projeto ligado à Universidade, segue regras próprias deste campo. E também, porque se adapta as regras do “Mundo ATUT”, que também se transformam com o tempo.

Também é importante salientar que as ações do Projeto de Extensão também atraem a atenção de pesquisadores – eu conheci a ATUT através do Projeto de Extensão –, estudantes, jornalistas, que através de seus estudos, de suas publicações, podem contribuir de alguma forma com a Associação.

7 TECIDO FEITO E INACABADO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A um primeiro olhar a complexidade é um tecido *complexus* – o que é tecido junto. Neste tecido está o paradoxo do uno e do múltiplo. Em um segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico (MORIN, 2006).

O tecido feito e inacabado trata-se de uma retomada dos sentidos e interpretações feitos ao longo da pesquisa, a fim de observar se os objetivos foram alcançados, ou seja, retorno a alguns pontos que considero importantes e destaco outros novos. É, também, o momento de corroborar ou não com a teoria, vê-la na prática. Tecido feito porque se trata de um esforço para realizar um trabalho extenso, repleto de sinuosidades, expectativas, descobertas, sentimentos próprios de uma pesquisadora aprendiz, que deram vida a uma pesquisa realizada no contexto da interação, da participação, da afeição. Inacabado porque nunca é o fim. A tapeçaria foi confeccionada com vários fios, vários sentidos, várias mãos. Porém, o último nó não é dado, permitindo uma brecha, uma possibilidade de novas e outras interpretações. Também porque, em uma pesquisa nunca se alcança a totalidade do objeto, que escapa das mãos com o andar dos acontecimentos. Logo o hoje se torna o ontem e, o amanhã já está aqui, escorrendo entre os dedos, com um formato diferente ao do desenho do dia anterior. Metamorfoses que permitem que se encontrem as representações sociais sobre os outros e sobre o mundo, porque estas não significam rupturas. São transformações que carregam os traços do passado, assim como a borboleta mantém traços do período em que foi lagarta. Como visto, estas metáforas fazem parte da constituição das representações sociais.

O objetivo geral foi o de compreender quais as representações sociais dos associados da ATUT sobre as ações de comunicação do Projeto de Extensão. Estas representações surgiram envoltas em muitos feixes de sentidos produzidos, ofertados e compartilhados num complexo processo comunicacional. Para cumprir este objetivo,

percorri muitos caminhos, que evidenciaram que as representações sociais foram constituídas com base na afetividade, no diálogo, na relação de parceria, de troca. Interações que na prática remeteram aos conceitos sobre a Teoria das Representações Sociais desenvolvidos teoricamente nesta pesquisa. As representações sociais surgiram com traços multifacetados, se movendo incessantemente do individual ao social e vice-versa (JOVCHELOVITCH, 2008). Evidenciaram a força dos elementos afetivos dos quais falou Spink (1993). Ela foram apresentadas como um sistema complexo de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes, processo mencionado por Moscovici (2007). Estes traços, dentre outros, confirmaram as representações sociais como estruturas mediadoras e comunicativas (JOVCHELOVITCH, 2008), pois se dão no processo de comunicação e medeiam as relações das pessoas entre elas e com os objetos que representam.

Estas representações sociais surgiram das costuras que fiz. Mas, ao fazê-lo encontrei um complexo processo comunicacional urdido em diferentes formas de inventar o cotidiano. Esta busca abriu espaço aos saberes esquecidos, guardados na memória, muitas vezes mascarados pelo véu do hábito (JODELET, 2005). O contexto onde as representações foram tramadas se mostrou igualmente complexo, recheado de experiências ordinárias, onde produtores desconhecidos produzem suas práticas significantes (CERTEAU, 1994). Estas trilhas coloriram a tapeçaria representacional.

O objetivo geral foi desmembrado em objetivos específicos que aprimoraram e complementaram o processo de encontro das representações sociais. No primeiro objetivo específico buscou-se detalhar o contexto, descrevê-lo, interpretá-lo a partir das experiências de campo, das trocas com os interlocutores. Estas tessituras evidenciaram a riqueza das trocas materiais e simbólicas que se entrelaçam e refinam as práticas cotidianas. Em meio à luta pela sobrevivência, os associados fizeram da ATUT um lugar de vida, de encontro, de trabalho, permeado por situações de harmonia e conflito, num processo fluido de ordem e desordem, abordado por Rudimar Baldissera (2008), em suas teorizações sobre a comunicação no contexto das organizações.

As narrativas individuais dos associados foram entrelaçadas às narrativas do grupo, onde foi possível estabelecer relações comunicativas que permitiram o desenvolvimento de laços de solidariedade, cooperação e pertença entre os membros do grupo e com pessoas “de fora” (JOVCHELOVITCH, 2008). O viés terapêutico, por exemplo, evidenciou a importância da cultura organizacional na constituição das representações sociais. As diferentes opiniões demonstradas nas falas dos membros da equipe técnica, bem como as diferentes formas de produzir sentidos sobre as ações do Projeto de Extensão entre os moradores da vila e os “pacientes” ressaltaram que mesmo sendo diferentes e com opiniões diferentes, os associados se aproximaram em função das características e das necessidades da ATUT (WAGNER, 2007). Ou seja, de modo geral todos concordaram que as ações de divulgação do Projeto de Extensão eram positivas para a Associação, pois proporcionavam atração de novos parceiros e consequentemente de matéria-prima. E, também, que as ações internas proporcionavam momentos de interação, de troca de saberes e de aquisição de novos conhecimentos.

O processo constitutivo das representações sociais – segundo objetivo específico – demonstrou que estas estavam ancoradas em um processo interativo de trocas mútuas, alicerçadas no diálogo, na participação, na cooperação. Algumas sinuosidades e mudanças ressaltaram as condições sociais, econômicas e culturais em que vivem os associados, fazendo com que uns estejam mais focados na geração de renda, na sobrevivência, e menos nas atividades recreativas. Estes trajetos mostram que as representações sociais se transformam, se modificam e, estão ligadas aos modos de vida de cada pessoa. As objetivações ganharam concretude através das falas, dos gestos, dos atos, ganharam vida nas interações, no encontro afetivo com o outro. O Projeto de Extensão ganhou um nome mais familiar: “o projeto da Marthinha”.

Ao refletir sobre as ações e estratégias de comunicação do Projeto de Extensão, a partir das falas da coordenadora Martha e do resgate dos conceitos de comunicação comunitária e de extensão, entrelaçados às observações e experiências de campo, atingiu-se o terceiro objetivo específico. Esta ação oportunizou o reconhecimento do “outro lado” das interações que envolvem ATUT e Projeto de Extensão, além da compreensão sobre quais são os sentidos produzidos neste universo. Este exercício

comprovou a reciprocidade das trocas e não da extensão de um conhecimento sobre o outro. Foi possível reconhecer práticas em que os diferentes contextos de saber se entrelaçaram em busca do benefício do diálogo que gera novos conhecimentos, indispensáveis à evolução das atividades. O entrelace de sentidos demonstrou que o grupo de extensão, ao longo de oito anos, se integrou no “Mundo ATUT” de forma satisfatória e benéfica para ambos. Ao buscar compreender sobre que tipo de comunicação estava-se falando, encontrei os princípios comunitários, democráticos, libertadores, dialógicos expostos nas teorizações de Paulo Freire e Denise Cogo, entre outros.

A evolução na dimensão do trabalho material e também do imaterial – dos afetos, dos encontros, das interações – ficou evidente nas falas dos interlocutores que não titubearam em revelar que o grupo de extensão foi peça determinante neste processo evolutivo. Suas memórias retornaram a momentos difíceis, viagens do tempo que trouxeram de volta situações pelas quais não querem passar novamente: a falta de material, dias inteiros sem trabalho, sem a renda que sustenta no final do mês. As lembranças de um período onde se visava o trabalho mais terapêutico também retornaram, em expressões que defendiam o retorno destes moldes, com a parceria efetiva do grupo de extensão.

Ao procurar a comunicação nas atividades ordinárias da vida cotidiana, corroborou-se com as teorizações de Dominique Wolton de que estes processos comunicacionais face a face, locais, diretos, dialógicos devem ser evidenciados como os lugares de efervescência de complexas interações comunicacionais, sejam ou não substancializadas por ações de comunicação planejadas. Encontrei o que Wolton (2004) chama de “comunicação normativa”, que é a vontade de intercambiar para compartilhar algo em comum e compreender-se. Estes intercâmbios de sentidos e o compartilhamento de afetos se deu entre os associados da ATUT e os membros do grupo de Extensão. Ou seja, eles compartilharam sentimentos comuns a fim de compreender-se e manter a “parceria”. Mas esta comunicação normativa também evidenciou os mal-entendidos, as ambiguidades, as traduções, adaptações, o surgimento

de significados inesperados demonstradas por Wolton (2004; 2006; 2009), como parte do processo comunicacional/representacional.

Os sentidos postos em circulação nesta pesquisa evidenciaram a importância das ações de comunicação comunitária em um grupo onde aparentemente elas poderiam ser dispensáveis. Isto por que o planejamento foi moldado às especificidades do contexto, abandonando o caráter puramente formal e estratégico para abrir caminho às ações de envolvimento, de contato, que requereram improvisações, (re)adaptações próprias da fluidez das práticas cotidianas. Neste processo de reorganização das ações, de se adaptar aos contextos, de buscar uma relação dialógica, todos saem ganhando, pois compartilham sentidos, abrindo caminho a novas formas de conhecimento e reconhecimento do outro. Não apenas eu, como pesquisadora, encontrei a alteridade; os envolvidos nas interações entre ATUT e Projeto de Extensão cruzaram com o diferente, participando juntos de um processo de tomada de perspectiva do outro.

A importância das ações de comunicação, além do reconhecimento quanto à divulgação, visibilidade, credibilidade que gerou mais parceiras, mais matéria-prima e, conseqüentemente, aumento de trabalho, também se deu no momento em que os associados expressaram sua vontade de ver o grupo de extensão mais presente no dia-a-dia. Pediram mais palestras, mais reuniões, mais atividades envolvendo o grupo, tanto para estreitar ainda mais os laços quando para facilitar o processo de memorização de novos saberes. Este processo evidenciou a importância ações de extensão universitárias em comunidades carentes. Estas atividades demonstram que é possível entrelaçar os conhecimentos especializados, científicos, próprios do universo reificado, aos saberes comuns, ordinários, cotidianos, próprios do universo reificado. Este entrelace de saberes produz novos conhecimentos sobre o grupo “atingido”, bem como sobre os referenciais teórico-metodológicos adotados pelo grupo de extensão, além de aproximar a universidade da comunidade.

É importante ressaltar que esta pesquisa suscitou duas grandes curiosidades um tanto distintas, mas que pretendo desenvolver durante minha vida acadêmica. A primeira, e que pretendo desenvolver em um projeto de tese de doutoramento, diz

respeito às atividades de relações públicas comunitárias. Considerando o fato de que sou graduada em Relações Públicas, interessei-me em revisar este conceito e buscá-lo na prática, entrelaçado à comunicação comunitária. Então, trata-se de adentrar mais profundamente na prática de relações públicas comunitárias. A segunda curiosidade, que pretendo problematizar posteriormente, diz respeito à inserção de portadores de sofrimento psíquico na sociedade, e como estes se representam e representam a multiplicidade de interações sociais mediadas ou não por meios de comunicação. Ou seja, algo como discutir comunicação e sofrimento psíquico a partir da visão do doente mental (re)inserido socialmente.

A partir dos fios expostos, misturados, entrelaçados, remendados numa trama bastante laboriosa, acredito que esta pesquisa evidenciou saberes cotidianos, ordinários, urdidos na ação comunicativa. Demonstrou também a importância de ações de comunicação e de extensão dialógicas, em um contexto organizacional marcado pela exclusão, pela segregação e, também pela inclusão através do trabalho e da circulação por outros espaços sociais e afetivos. Estas ações de caráter comunitário permitiram que os associados ampliassem seus horizontes, trocando saberes com outros grupos sociais, marcando presença na sociedade. As atividades do grupo de extensão contribuíram à inclusão social dos associados na medida em que ofereceram novos pontos de referência, novas formas de olhar o mundo e se relacionar com ele, sem perder as raízes, sem abandonar os espaços já demarcados. As ações de comunicação e extensão realizadas na ATUT podem contribuir à reflexão sobre um projeto mais coletivo, democrático e diversificado de comunicação comunitária que vai além da discussão que envolve meios de comunicação como rádio e jornal, por exemplo.

Espero que a partir desta experiência, o Outro seja encarado de forma diferente, como portador de saberes legítimos e, que as práticas comunitárias e dialógicas continuem recebendo injeções de ânimo no campo da comunicação. E, ainda, espero que os pesquisadores da comunicação se interessem pelas atividades de campo, de ação direta para que possam descobrir os outros fios que compõem a teia da vida, marcando um encontro direto com a alteridade.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- ARRUDA, Ângela. Despertando do pesadelo: a interpretação. IN: MOREIRA, Antonia Silva Paredes (org.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB: Editora Universitária, 2005.
- ARTAUD, Antonin. Carta aos Diretores de Asilos de Loucos. IN: ARTAUD, Antonin. **Cartas aos Poderes**. Rio Grande do Sul: Editorial Villa Martha, 1979. Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/cl/cl05/cl051015.htm>. Acesso em dezembro de 2009.
- BALADA DO LOUCO**. Composição de Arnaldo Baptista e Rita Lee. Disponível em: <http://letras.terra.com.br>. Acesso em janeiro de 2010.
- BALDISSERA, Rudimar. Por uma compreensão da comunicação organizacional. IN: SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade (org.). **O diálogo possível: comunicação organizacional e paradigma da complexidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- BAPTISTA, Maria Luiza. **Comunicação: trama de desejos e espelhos**. Canoas: Ed. Ulbra, 1996.
- BECKER, Howard S., **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado da sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism: perspective and method**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall: 1986.
- BRAGA, José Luiz. CALAZANS, Maria Regina Zamith. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.
- CABRAL, Sueli Maria. **Trabalhadores do lixo: o relato de uma pedagogia da desordem**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: 2001.
- CÁCERES. Luis Jesús Galindo. **Sabor a ti: metodologia cualitativa em investigación social**. Xalapa: Universidad de Vera Cruz. 1997.

CÁCERES, Luis Jesús Galindo. La Etnografía: hacia un modelo general de método y teoría. IN: CÁCERES, Luis Jesús Galindo. **La Mirada en el Centro: Vida urbana en movimiento**. Guadalajara: ITESO: Huela, 1990.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Método de análise de conteúdo**: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Revista Brasileira de Enfermagem. set/out, 611-4. Brasília, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1**. Artes de Fazer. 10ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

COGO, Denise. Repensando a Ciência Participativa na Pesquisa em Comunicação. IN: PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. **No ar... uma rádio comunitária**. São Paulo: Paulinas, 1998.

COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1987.

DENZIN, Norman K. LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

DMLU - Departamento Municipal de Limpeza Urbana. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/dmlu>. Acesso em junho de 2009.

DUVEEN, Gerard. INTRODUÇÃO: o poder das idéias. IN: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ENGELMAN, Selda. **Reciclando modos de trabalhar, modos de subjetivar no Hospital Psiquiátrico São Pedro**: cartografia de uma nova suavidade. Porto Alegre: dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

ESTATUTO Social da Associação dos Trabalhadores da Unidade de Triagem do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Porto Alegre, 18 de setembro de 2002.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOSENCA, Ana Maria Eiroa da. **Intervenção na Associação dos Trabalhadores da Unidade de Triagem do Hospital Psiquiátrico São Pedro**: Assessoria de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS. Seminário de Extensão Universitária da Região Sul. Revista Expressa Extensão – Vol. 8 nº. 1 e 2 – julho/dezembro/2003. Gramado – RS

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra**: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. IN: PEREIRA, Miguel, GOMES, Renato Cordeiro, FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de (org.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

_____. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? IN: MOTTA, Luiz Gonzaga. WEBER, Maria Helena. FRANÇA, Vera. PAIVA, Raquel. **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

FRAYZE-PEREIRA, João A. **O que é loucura**. 4 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Texto em formato pdf: disponível em www.bonato.kit.net/Extensao_ou_Comunicacao.pdf. Acesso em janeiro de 2010.

GASTAL, Fábio Leite. et al. **Reforma Psiquiátrica no RS**. Revista Psiquiátrica. Rio Grande do Sul, 2007.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Trad. Vera Mello Joscelyne. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.

GOMÉZ, Guillermo Orozco. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata/IMDEC, 2000.

GUARESCHI, Pedrinho A. Psicologia social e representações sociais: avanços e novas articulações. IN: VERONESE, Marília Veríssimo. GUARESCHI, Pedrinho (org.). **Psicologia do cotidiano**: representações sociais em ação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

JODELET, Denise. **Loucuras e Representações Sociais**. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis, RJ, Vozes, 2008.

LEI Nº 9716, de 7 de agosto de 1992. **Reforma Psiquiátrica**. Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.inverso.org.br/>. Acesso em fevereiro de 2010.

LESSARD-HÉRBERT, Michelle, GOYETTE, Gabriel, BOUTIN, Gérard. **Investigação Qualitativa: fundamentos e práticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

LIMA, Fábila. Possíveis contribuições do paradigma relacional para o estudo da comunicação no contexto organizacional. IN: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes. SOARES, Ana Thereza Nogueira Soares (org.). **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008.

MAZZARINO, Jane. **A cidadania na tecelagem das interações comunicacionais -mediatizadas do movimento socioambiental**: um estudo de caso do Centro de Educação Ambiental Vila Pinto em Porto Alegre. São Leopoldo: tese de doutorado defendida no PPG Ciência da Comunicação da Unisinos, 2005.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**: mudança de si em uma sociedade global.

MINAYO, Marília Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. IN: DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. MINAYO, Cecília de Souza (organizadora). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2006.

_____. **O método 6**: a ética. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. Prefácio. IN: JODELET, Denise. **Loucura e representações sociais**. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes. PAULA, Carine F. Caetano de. Comunicação no contexto das organizações: produtora ou ordenadora de sentidos? IN: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes. SOARES, Ana Thereza Nogueira Soares (org.). **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008.

PAIVA, Raquel. Para reinterpretar a comunicação comunitária. IN: PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da etnografia**. Série Antropologia. Brasília, 1992.

PERUZZO, Cicília M. K. **Relações públicas com a comunidade**: uma agenda para o século XXI. *Comunicação & Sociedade*, n. 32. São Paulo: UMESP, 1999.

POZZOBON, Camille. BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha. A Comunicação Informal como traço da Cultura Organizacional. IN: BARICHELLO, Eugênia Mariano da Rocha (org.). **Visibilidade midiática, legitimação e responsabilidade social:** dez estudos sobre as práticas de comunicação na Universidade. Santa Maria: FACOS/UFSM; Brasília: CNPQ, 2004.

RABELO, Desirée Cipriano. Comunicação Comunitária se aprende na Escola? Relatos de uma aprendiz. IN: PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade:** os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

RADDATZ, Vera Lúcia Spacil. MORIGI, Valdir José. Mídia e representações sociais: estratégias de comunicação sobre a infância. IN: MORIGI, Valdir. ROSA, Rosane. MEURER, Flávio (org.). **Mídia e representações da infância:** narrativas contemporâneas. Curitiba: Champagnat; Porto Alegre: UFRGS, 2007.

RECICLAGEM de resíduos sólidos gera emprego e renda. Fonte: Fundação Avina. Disponível em <http://www.consciencia.net/2006/0224-reciclagem.html>. Acesso em agosto de 2009.

RESOLUÇÃO nº 196/96. **PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS.** disponível em: <http://www.propesq.ufrgs.br/comissoes/comitedeetica.php>. Acesso em Fevereiro de 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRÍGUEZ, César. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Produzir para viver:** os caminhos da produção não capitalista. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa:** projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI.** Para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Nádia Maria Weber. Memórias de um velho hospício: práticas de exclusão versus histórias de vida – narrativas em conflito. IN: PESAVENTO, Sandra Jatthy. GAYOL, Sandra (org.). **Sociabilidades, justiça e violências:** práticas e representações culturais no Cone Sul (séculos XIX e XX). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SAWAIA, Bader. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? IN: SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2006a.

SCHULER, Maria. Excelência humana nas comunicações organizacionais. IN: **Estudos de Jornalismo e Relações Públicas**. Universidade Metodista de São Paulo. Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas. Vol. 1, n. 1 (jun. 2003). São Bernardo do Campo: UMESP, 2003.

SILVA, Juremir Machado da. APRESENTAÇÃO. IN: SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade (org.). **O diálogo possível: comunicação organizacional e paradigma da complexidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SIERRA, Francisco. La pesquisa cualitativa. IN: CÁCERES, Luis Jesús Galindo. REYES, M.A. Calderon. **Técnicas de Investigación en sociedad, cultura y comunicación**. México: Pearson Educacion, 1998.

SITE: http://infoener.iee.usp.br/scripts/biomassa/br_residuos.asp. **Informações sobre resíduos sólidos domésticos**. Acesso em agosto de 2009.

SPINK, Mari Jane. **O conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial**. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/set., 1993.

SPINK, Mary Jane P. LIMA, Helena. Rigor e Visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. IN: SPINK, Mary Jane P. (org.). **Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SPINK, Mary Jane P. MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane P. (org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SPINK, Peter Kevin. **O pesquisador conversador no cotidiano**. Psicologia & Sociedade; 20. Edição Especial, 2008.

TARIZZO, Davide. Filósofos em comunidade. Nancy, Esposito, Agamben. IN: PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. IN: DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

VERÓN, Eliséo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

VERONESE, Marília Veríssimo. GUARESCHI, Pedrinho. INTRODUÇÃO: Articulando representações sociais e cotidiano. IN: VERONESE, Marília Veríssimo. GUARESCHI, Pedrinho (org.). **Psicologia do cotidiano: representações sociais em ação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

WAGNER, Wolfgang. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. IN: GUARESCHI, Pedrinho. JOVCHELOVITCH, Sandra (org.). **Textos em representações sociais**. 9. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2007.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1998.

WOLTON, Dominique. Conferência Inaugural – **Comunicação, Educação e Cultura na Era Digital**. XXXII Congresso da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba: Universidade Positivo, 2009.

_____. **É preciso salvar a comunicação**. Trad. Vanise Pereira Dresch. São Paulo: Summus, 2006.

_____. **Pensar a Comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

ANEXOS

ANEXO 1: Documento de Aprovação do Comissão de Pesquisa da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação FABICO/UFRGS

----- Original Message ----- From: <ilza.girardi@ufrgs.br>

To: <valdir.morigi@ufrgs.br>

Sent: Wednesday, April 29, 2009 11:55 AM

Subject: Projeto de pesquisa na Comissão de Pesquisa de Biblioteconomia e Comunicação

Prezado Pesquisador VALDIR JOSE MORIGI,

Informamos que o projeto de pesquisa As tessituras da cidadania, práticas de comunicação e redes socioambientais: um estudo de caso na Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem do Hospital Psiquiátrico São Pedro (ATUT) encaminhado para análise em 31/03/2009 foi aprovado pela Comissão de Pesquisa de Biblioteconomia e Comunicação com o seguinte parecer:

Dada a intervenção que a UFRGS já realiza na instituição em que a pesquisa vai ser realizada, o objetivo de melhor compreender as estratégias de comunicação e o seu papel na construção da cidadania torna-se ainda mais relevante por ensejar, ao final da pesquisa, possíveis ajustes no projeto de extensão desenvolvido pela Fabico. A noção de comunicação com que a pesquisa trabalha é atualizada, transcendendo o lugar-comum da comunicação como fenômeno midiático. O pluralismo metodológico proposto pelo projeto é adequado à realidade complexa a ser examinada na pesquisa.

Atenciosamente

Comissão de Pesquisa de Biblioteconomia e Comunicação

ANEXO 2: Documento de Aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
CARTA DE APROVAÇÃO

pro.pesq

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul analisou o projeto:

Número : 2008078

Título : As tessituras da cidadania, práticas de comunicação e redes socioambientais: um estudo de caso na Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem do Hospital Psiquiátrico São Pedro (ATUT)

Pesquisador (es) :

<u>NOME</u>	<u>PARTICIPAÇÃO</u>	<u>EMAIL</u>	<u>FONE</u>
VALDIR JOSE MORIGI	PESQ RESPONSÁVEL	valdir.morigi@ufrgs.br	33085146
CRISTINE KAUFMANN	PESQUISADOR	cristine.kaufmann@gmail.com	

O mesmo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, reunião nº 53 , ata nº 133 , de 13/8/2009 , por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde.

Porto Alegre, segunda-feira, 17 de agosto de 2009


LIMA SIMONI BRUM DA SILVA
Coordenador do CEP-UFRGS

ANEXO 3: Documento de Aprovação do Comitê de Ética do Hospital Psiquiátrico São Pedro



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SAÚDE E DO MEIO AMBIENTE
HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

RESOLUÇÃO

A Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Psiquiátrico São Pedro da Secretaria da Saúde e do Meio Ambiente do Estado do Rio Grande do Sul, no uso de suas atribuições, informa que o projeto:

Número:08-035

Título: As tessituras da cidadania, práticas de comunicação e redes socioambientais:um estudo na Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Autor: Cristine Kaufmann

Foi avaliado, em reunião conjunta de seus membros. Este projeto **foi aprovado**, estando adequado ética e metodologicamente, de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde) e às Resoluções Normativas do Comitê de Ética em Pesquisa do HPSP.

Porto Alegre, 12 de novembro de 2009

Dra. Maria Helena Itaquí Lopes
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa do
Hospital Psiquiátrico São Pedro

ANEXO 4: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Grupo: Associados da ATUT



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
Grupo: Associados da ATUT**

Você está sendo convidado(a) a participar como colaborador(a) do Projeto de Pesquisa **“As tessituras da cidadania, práticas de comunicação e redes socioambientais: um estudo de caso na Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem do Hospital Psiquiátrico São Pedro (ATUT)”**.

Pesquisador Responsável (orientador): Prof. Dr. Valdir José Morigi
Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Telefones para contato: (51) 9942-7726 - (51) 3308-5067
Pesquisadora participante (orientanda): Cristine Kaufmann - mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.
Telefones para contato: (51) 8469-4836 - (51) 3391-5957
Telefone do Comitê de Ética da UFRGS: (51) 3308.4085
Telefone do Comitê de Ética do Hospital Psiquiátrico São Pedro:

- Com esta pesquisa temos o interesse de conhecer um pouco mais das atividades do Projeto de Extensão “Reciclando Vidas” e das atividades e relações dentro da ATUT. O objetivo geral do projeto de pesquisa é “Compreender de que forma as ações e atividades de comunicação que acontecem dentro ATUT contribuem para a cidadania dos trabalhadores”;
- As informações desta conversa serão publicadas na pesquisa que será defendida como Dissertação de Mestrado na UFRGS, mas seu nome não será identificado, pois utilizaremos nomes fictícios (outros nomes);
- A participação é voluntária, e você poderá desistir da pesquisa a hora que quiser sem nenhum prejuízo;
- Nós faremos entrevistas com Gravador de Voz para que não seja necessário interromper a conversa para fazer anotações;
- As gravações serão destruídas após o término da pesquisa;
- As entrevistas serão realizadas no seu local de trabalho;
- Pode ser que haja a necessidade de uma nova conversa para esclarecer alguma dúvida;

- Eu peço a você se autoriza que sejam tiradas fotos do seu local de trabalho, sem que você apareça. Caso autorize, assine no local indicado no final deste termo;
- A pesquisa não apresenta nenhum risco a você. Você apenas terá que falar, numa boa conversa, sobre as atividades na ATUT e sobre o trabalho do Projeto de Extensão “Reciclando Vidas” na Associação;
- Não há nenhum benefício direto e imediato para você. Apenas esperamos que com os resultados da pesquisa a gente consiga fazer algumas considerações que possam ajudar a aprimorar as atividades do Projeto de Extensão “Reciclando Vidas” e as relações dentro da Associação;
- Não haverá nenhum gasto financeiro para você. Todos os custos da pesquisa ficam por conta dos pesquisadores.
- Caso você tenha alguma dúvida pode falar pessoalmente com os pesquisadores ou ligar para os telefones que constam neste Termo;

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____,
RG/CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo acima descrito, como sujeito colaborador. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Cristine Kaufmann sobre a pesquisa, seus procedimentos e benefícios. Ela me garantiu que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Recebi uma cópia do termo.

Local e data

Nome e Assinatura do sujeito:

Prof. Dr. Valdir José Morigi – pesquisador responsável

Cristine Kaufmann – mestranda do PPGCOM/UFRGS

Autorizo que sejam tiradas fotos das atividades, sem que eu apareça.

ANEXO 5: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Grupo: Participantes do Projeto de Extensão “ATUT: Reciclando Vidas com Inclusão Social” e Equipe Técnica da ATUT



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
Grupo: Participantes do Projeto de Extensão “ATUT: Reciclando Vidas com
Inclusão Social” e Equipe Técnica da ATUT.**

Você está sendo convidado(a) a participar como colaborador(a) do Projeto de Pesquisa “**As tessituras da cidadania, práticas de comunicação e redes socioambientais: um estudo de caso na Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem do Hospital Psiquiátrico São Pedro (ATUT)**”.

Pesquisador Responsável (orientador): Prof. Dr. Valdir José Morigi
Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Telefones para contato: (51) 9942-7726 - (51) 3308-5067
Pesquisadora participante (orientanda): Cristine Kaufmann - mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.
Telefones para contato: (51) 8469-4836 - (51) 3391-5957
Telefone do Comitê de Ética da UFRGS: (51) 3308.4085
Telefone do Comitê de Ética do Hospital Psiquiátrico São Pedro:

- O Objetivo Geral desta pesquisa é “Compreender de que forma as práticas de comunicação produzidas nas inter-relações que formam a rede social da ATUT contribuem para a construção da cidadania dos trabalhadores”. Portanto, com esta pesquisa temos o interesse de conhecer um pouco sobre as relações que se formam nos processos comunicacionais entre neste contexto;
- As informações desta conversa serão publicadas na pesquisa que será defendida como Dissertação de Mestrado na UFRGS, porém, seu nome não será identificado, pois utilizaremos nomes fictícios;
- A participação é voluntária, podendo haver desistência a qualquer hora sem nenhum prejuízo;
- As entrevistas serão realizadas com Gravador de Voz, para facilitar o arquivamento das informações;
- As gravações serão destruídas após o término da pesquisa;
- As entrevistas serão realizadas no seu local de trabalho;

- Pode ser que haja a necessidade de uma nova conversa para esclarecer alguma uma eventual dúvida;
- A pesquisa não apresenta nenhum risco. Apenas será solicitado que, em uma boa conversa, você fale sobre as relações com a ATUT e os trabalhos realizados pelo Projeto de Extensão “Reciclando Vidas” na Associação;
- Não há nenhum benefício direto e imediato a você. Apenas esperamos que com os resultados da pesquisa consigamos fazer algumas considerações que possam ajudar a aprimorar as atividades do Projeto de Extensão “Reciclando Vidas” e as relações dentro da Associação;
- Não haverá nenhum gasto financeiro para você. Todos os custos da pesquisa ficam por conta dos pesquisadores.
- Caso você tenha alguma dúvida pode falar pessoalmente com os pesquisadores ou ligar para os telefones que constam neste Termo;

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____,
RG/CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo acima descrito, como sujeito colaborador. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Cristine Kaufmann sobre a pesquisa, seus procedimentos e benefícios. Ela me garantiu que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Recebi uma cópia do termo.

Local e data

Nome e Assinatura do sujeito:

Prof. Dr. Valdir José Morigi – pesquisador responsável

Cristine Kaufmann – mestranda do PPGCOM/UFRGS